

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARINA BERTANI GAZOLA

**DE PROSTITUTA A ESCRITORA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA GERAÇÃO BEAT A PARTIR DAS
MEMÓRIAS DE BONNIE BREMSER**

CURITIBA

2017

MARINA BERTANI GAZOLA

**DE PROSTITUTA A ESCRITORA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA GERAÇÃO BEAT A PARTIR DAS
MEMÓRIAS DE BONNIE BREMSER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Literários. Linha de Pesquisa: Alteridade, Mobilidade e Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Gazola, Marina Bertani

De prostituta a escritora: considerações sobre a participação das mulheres na geração Beat a partir das memórias de Bonnie Bremser / Marina Bertani Gazola – Curitiba, 2017.

176 f.; 29 cm.

Orientador: Rodrigo Tadeu Gonçalves

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Bremser, Bonnie, 1939-. 2. Geração Beat. 3. Contracultura.
4. Escritoras – Memórias. I. Título.

CDD 306.1



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS

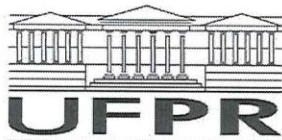
No dia dezoito de Agosto de dois mil e dezessete às 14:30 horas, na sala Anfi 1100, Prédio Dom Pedro I - 11º andar, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **MARINA BERTANI GAZOLA** para a Defesa Pública de sua dissertação intitulada **DE PROSTITUTA A ESCRITORA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA GERAÇÃO BEAT A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE BONNIE BREMSER**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: **RODRIGO TADEU GONÇALVES (UFPR)**, **GUILHERME GONTIJO FLORES (UFPR)**, **GISELE GIANDONI WOLKOFF (UFF)**. Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela aprovação da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, **RODRIGO TADEU GONÇALVES**, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 18 de Agosto de 2017.

RODRIGO TADEU GONÇALVES
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

GUILHERME GONTIJO FLORES
Avaliador Interno (UFPR)

GISELE GIANDONI WOLKOFF
Avaliador Externo (UFF)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARINA BERTANI GAZOLA** intitulada: **DE PROSTITUTA A ESCRITORA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA GERAÇÃO BEAT A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE BONNIE BREMSER**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 18 de Agosto de 2017.

RODRIGO TADEU GONÇALVES
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

GUILHERME CONTIJO FLORES
Avaliador Interno (UFPR)

GISELE GIANDONI WOLKOFF
Avaliador Externo (UFF)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar, de alguma forma, presente em cada etapa da construção dessa dissertação.

Agradeço à minha mãe pelo apoio, pela paciência e por acreditar que eu era capaz de finalizar o texto mesmo quando eu insistia em criar barreiras.

Agradeço ao meu irmão por me apoiar e me incentivar no processo de escrita.

Agradeço ao professor Rodrigo Tadeu Gonçalves por acreditar no meu projeto e encarar as dificuldades em me orientar com paciência e bom humor.

Agradeço à professora Gisele Giandoni Wolkoff por ter me incentivado à continuar meus estudos, por ter me ajudado/aconselhado durante esses anos de vida acadêmica e por aceitar compor a banca.

Agradeço ao professor Caetano Galindo, que aceitou participar da banca de qualificação/defesa e pelas dicas de tradução.

Agradeço à professora Miriam Aldeman por “apresentar”-me às escritoras da Geração Beat.

Agradeço aos meus familiares, amigos e colegas por me lembrarem em diversas situações de que era preciso escrever e pelo apoio e incentivo.

Agradeço, ainda, aos amigos que compreenderam que eu precisava ficar em casa estudando e não me convidaram para sair.

Agradeço à CAPES pela bolsa de estudos.

*And first we fucked, and I reserved this
here out of respect mainly for girls who
might get envious and discontented, and
say to someone: if they went through that,
and the result was that she achieved such
a perfect fuck, just that one time (but it
didn't stop! oh, be cool) then I say it's
worth it. It was.*

(BREMSER, 2007, p.213)

RESUMO

A Geração Beat surgiu no final dos anos 1950 como movimento de contracultura a fim de questionar os valores políticos e sociais da época. Seus precursores – Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs – são até hoje estudados e traduzidos. Eles são os responsáveis pela propagação da vida em comunidade, do sexo sem compromisso e acima de tudo, de textos literários que questionavam a sociedade pós-guerra. Apesar de seu discurso voltado para a liberdade de expressão, os reflexos da sociedade tradicional e opressora em que viviam estavam presentes nas suas comunidades, pois as mulheres que escolhiam percorrer a estrada com os homens Beat se deparavam com os mesmos papéis sociais desempenhados por elas na sociedade tradicional. As mulheres escolheram participar do movimento Beat por se identificarem com os ideais desse movimento, contudo, esperava-se que elas ficassem nas comunidades cuidando dos afazeres domésticos. Contrariando essas expectativas, as mulheres Beat começaram a escrever textos que criticavam essa sociedade e narravam como era ser mulher, mãe, esposa e escritora em uma geração marcada por produções literárias masculinas. As escritoras da segunda onda da Geração Beat optaram por narrar suas histórias por meio de memórias, pois esse gênero mescla ficção e não-ficção. Entre essas escritoras está Brenda Frazer, que após casar-se com o poeta Beat Ray Bremser passa a se chamar Bonnie Bremser e foge com ele e com a filha Rachel para o México porque Ray era procurado pela polícia. O livro de memórias de Bonnie – *Troia. Mexican Memoirs* – narra o ano em que ela e sua família ficaram no México. Como Ray era procurado pela polícia, Bonnie precisa prostituir-se para conseguir sustentar sua família. Enquanto narra suas memórias, Bonnie (re)escreve o discurso doméstico presente nos textos Beat. Ela demonstra como a maternidade interfere na vida das mulheres que estão na estrada e como a sexualidade permitiu que ela encontrasse autonomia sobre seu corpo e sua escrita. Essa dissertação objetiva contribuir para a propagação dos estudos sobre a Geração Beat a partir da análise e da tradução do primeiro capítulo do livro de memórias de Bonnie Bremser/Brenda Frazer *Troia. Mexican Memoirs* visando o rompimento do silenciamento enfrentado pelas mulheres, desde a Geração Beat até os dias de hoje. Assim, o primeiro capítulo/livro das memórias de Bonnie foi traduzido e analisado a partir do discurso doméstico. No decorrer do processo de tradução das memórias de Bonnie foram encontradas muitas dificuldades, principalmente com a tradução da oralidade presente na obra. Estudos sobre a participação das mulheres na produção literária Beat se fazem necessários, pois elas demonstram através do seu olhar as características dessa geração. Traduzir e estudar suas produções literárias permite que as suas histórias cheguem até os países de língua portuguesa e continuem inspirando as mulheres.

Palavras-chave: Geração Beat. Escritoras. Memórias. Bonnie Bremser. Tradução.

ABSTRACT

The Beat Generation emerged at the end of the 1950s as a counterculture movement aiming at questioning political and social values of that time. The precursors of this movement – Jack Kerouac, Allen Ginsberg and William Burroughs – have been studied and translated until today. They are the ones who are responsible for community life propagation as well as free love and above all, literary texts that question the post-war society. Although the Beat discourse was directed to freedom of expression, the reflections of traditional and oppressing society in which they were living are present in their communities because women who chose to go through the road with Beat men faced the same social roles performed by them in the traditional society. Women chose to participate in the Beat movement for their identification with the ideals of the movement; however, it was expected that they stayed in the communities taking care of the domestic issues. Contradicting these expectations, Beat women started to write texts that criticized this society and narrated how it was like to be woman, mother, wife and writer in a generation marked by male literary productions. The second Beat women writers chose to narrate their stories through their memories because this genre blends fiction and non-fiction. Bonnie Bremser is among these writers. After getting married to the Beat poet Ray Bremser, she changes her name to Bonnie Bremser and runs away with him and their daughter Rachel to Mexico because Ray was being chased by the police. Bonnie's memoirs – *Troia. Mexican Memoirs* - narrates the year in which she and her family stayed in Mexico. As Ray was being chased by the police, Bonnie needed to get into prostitution to support her family. While she narrates her memories, Bonnie (re)writes the domestic discourse present in Beat texts. She demonstrates how maternity interferes in the lives of women who are on the road and how that allowed her to find autonomy with her body and her writing. This dissertation aims at contributing in the propagation of Beat Generation studies from the analysis and the translation of the first book of Bonnie Bremser/Brenda Frazer's memoir *Troia. Mexican Memoirs* aiming at the disruption of the silencing faced by women since the Beat Generation until today. Therefore, the first book of Bonnie's memories was translated and analysed with a focus on domestic discourse. During the translation process of Bonnie's memories, some difficulties were found, mainly with the translation of the work's orality. Studies about the women participation in the Beat literary production are necessary because they demonstrate through their view the characteristics of this generation. Translating and studying their literary production allows for their stories to reach Portuguese-speaking countries and keep inspiring women.

Keywords: Beat Generation. Women writers. Memoirs. Bonnie Bremser. Translation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
 CAPÍTULO 1 – ‘BEAT’, ‘BEATNIK’, ‘COOL’, ‘HIPSTER’, ‘OUTSIDER’, ‘ANGEL’, ‘CHICK’: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ‘BEAT GANG’	16
1.1. MULHERES, MUSAS, ARTISTAS: ESCRITORAS DA GERAÇÃO BEAT ..	20
 CAPÍTULO 2 – A DESCRIÇÃO DA ESTRADA PERCORRIDA PELAS ESCRITORAS BEAT NO DECORRER DE SUAS MEMÓRIAS.....	27
2.1. DIFERENCIANDO MEMÓRIAS DE AUTOBIOGRAFIAS	27
2.2. MEMÓRIAS DAS ESCRITORAS BEAT	30
2.3. PANORAMA DAS MEMÓRIAS DAS ESCRITORAS BEAT	34
 CAPÍTULO 3 – A ESTRADA DE BONNIE BREMSER.....	38
3.1. SUAS MEMÓRIAS MEXICANAS	40
 CAPÍTULO 4 – TROIA. MEXICAN MEMOIRS / TROIA. MEMÓRIAS MEXICANAS	55
 CAPÍTULO 5: A GERAÇÃO BEAT NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DAS MEMÓRIAS DE BONNIE.....	153
5.1. A GERAÇÃO BEAT NO BRASIL.....	153
5.2. A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES BEAT A PARTIR DO DISCURSO DOMÉSTICO E DE OUTRAS CARACTERÍSTICAS EM TROIA. MEXICAN MEMOIRS.....	155
5.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO DAS MEMÓRIAS DE BONNIE	163
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: retrato de Bonnie Bremser feito por Alice Neel em 1963.....	44
Figura 2: Bonnie Bremser fotografada por Bernard McCaffrey.....	45

INTRODUÇÃO

No final dos anos 1950, após a Segunda Guerra Mundial surge, nos Estados Unidos, a Geração Beat, que ficou conhecida como movimento de contracultura. Por meio de encontros em lugares públicos, como cafés, com o intuito de falar sobre suas aventuras, criticar a política, comentar alguns acontecimentos de suas vidas e ler suas produções, como a “histórica leitura de poesia na Six Gallery de San Francisco em 1955, com a apresentação de “Howl” (Uivo), de Ginsberg [...]” (Willer, 2010, p. 8), amigos, como os precursores Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs, escrevem sobre os prazeres da vida e a sociedade da época. O principal objetivo desse movimento era a liberdade em suas diversas formas, como a liberdade sexual e de expressão. São amigos que se apóiam mutuamente e têm a estrada como aliada, para viajar pelo mundo gozando a vida.

A Geração Beat surgiu “refletindo o ambiente histórico que formou a personalidade da juventude da época” com o intuito de “representar o mundo moderno e divulgar as convicções dos escritores que vivenciaram todas essas transformações. (Bizello, 2006, p. 14).

Os anos 1950 foram marcados por mudanças de “produção para consumo, de economia para gastos, da cidade para o subúrbio, de operário para colarinho branco e da cultura adulta para uma jovem”¹(Mlakar, 2007, p.04)².

A sociedade tradicional dos anos 1950 defendia a “família nuclear”; assim, a sociedade era composta por mulheres e mães devotas aos maridos e filhos e maridos que sustentavam a casa. Uma das formas utilizadas pelos Beats para se opor aos valores conservadores dessa época foi “a oposição aos padrões morais estabelecidos para o sexo”. (Bizello, 2006, p. 15).

Embalados pelo som do jazz e focados no Zen-Budismo, os Beats escreviam para manifestar sua liberdade e sua posição contrária à cultura da época. Bizello (2006, p. 23) explica que:

O jazz era o elemento musical que proporcionava uma forma diferente aos textos, ao mesmo tempo em que revelava a aproximação com a cultura popular. Se o jazz imprimia um sentido com o movimento do corpo, o movimento com a mente foi encontrado no Zen-Budismo: o silêncio, a meditação, a calma, a noção da vacuidade do ego, o desapego material, a iluminação.

¹The fifties are characterized by changes from production to consumption, from saving to spend, from city to suburb, from the blue to white-collar jobs, and from an adult to a youth culture.

² Todas as traduções são minhas exceto onde indicado.

As cidades permitiam que os Beats espalhassem os seus manifestos. Assim, foram formados três grupos Beats: o Grupo de Nova York, na Costa Leste, composto por Allen Ginsberg, Jack Kerouac, Gregory Corso, William Burroughs, Carl Solomon; o Grupo de São Francisco, na Costa Oeste, composto por Gary Snyder, Philip Lamantia, Michael McClure, Philip Whalen; e o Grupo da Carolina do Norte, responsáveis pela revista *Black Mountain*, composto por Robert Creeley, Robert Duncan, Charles Olson. (BIZELLO, 2006)

O círculo Beat tem vários membros das mais variadas artes. Suas qualidades intelectuais chamavam a atenção das mulheres que os conheciam: elas ficavam admiradas com a manifestação literária deles e decidiam largar suas famílias para se juntar a eles na vida em comunidade e, em alguns casos, na estrada.

A “Beat Gang” era, na verdade, uma “Boy Gang”. Apesar de pregarem a liberdade de expressão, apenas os homens Beat ganhavam destaque. Eles eram os escritores, os mentores, os talentosos enquanto as mulheres cuidavam dos trabalhos domésticos nas comunidades.

Essas mulheres também possuíam interesse nesse movimento literário, contudo, por muito tempo seus textos não foram tão estudados e/ou valorizados. Muitos escritores são conhecidos: Jack Kerouac, Allen Ginsberg, William Burroughs, Gregory Corso, Neal Cassady, entre outros. Porém, as mulheres, que eram tão numerosas e produtivas quanto os homens são mencionadas raramente, sendo que o nome mais frequente é o de Diane di Prima.

As mulheres Beat são retratadas nas obras dos escritores Beat, mas como reflexo da sociedade tradicional e focada no núcleo familiar; elas são musas e objeto de desejo e inspiração e, também, responsáveis por ficar em casa cuidando dos filhos enquanto os homens viajam e produzem literatura. Percebe-se isso, no clássico *On the Road* de Jack Kerouac, no qual Camille, a personagem de Carolyn Cassady, fica em casa cuidando dos filhos enquanto Dean Moriarty (Neal Cassady) sai em busca de aventuras com seu amigo Sal Paradise (Jack Kerouac).

Com o intuito de modificar esse discurso doméstico presente nas narrativas de estrada masculinas e a fim de recontar o passado, demonstrando a participação delas no movimento Beat, algumas mulheres Beat escreveram suas memórias. Por meio desse gênero literário, por muito tempo, considerado marginal, elas reconstroem os discursos que envolvem a estrada, destacando como maternidade, sexualidade, casamento, etc. interferem em sua escrita e produção literária.

Por meio das memórias, as escritoras Beat deixam de ser objeto de desejo e de escrita masculina para tornarem-se sujeitos das suas próprias histórias, mesclando elementos ficcionais e não ficcionais.

Entre as memorialistas Beat mais estudadas estão Bonnie Bremser, Carolyn Cassady, Diane di Prima, Joyce Johnson e Hettie Jones. Ainda há outras como Joan Haverty, Edie Parker e Helen Weaver. Todas elas se relacionaram com os homens Beat, sendo amantes, namoradas, esposas, musas ou amigas.

Dentre as diversas memórias escritas por elas, esta pesquisa optou por analisar o livro de memórias *Troia. Mexican Memoirs* de Bonnie Bremser/Brenda Frazer por ela demonstrar como a sociedade e os homens Beat oprimiam as mulheres e como ela, por meio da escrita, demonstra como a maternidade, a sexualidade e os papéis sociais das mulheres interferem na vida das mulheres que, como ela, estão na estrada em busca de autoconhecimento e autonomia.

As memórias de Bonnie Bremser já foram estudadas e/ou comentadas por diversos pesquisadores como Brenda Knight (1996), Nancy Grace e Ronna Johnson (2002; 2004), Heike Mlakar (2007), Estíbaliz Encarnación-Pinedo (2016), sendo essas as mais relevantes para este estudo.

A antologia *Women of the Beat Generation: the writers, artists and muses at the heart of a revolution*, organizada por Brenda Knight (1996), divide as mulheres Beat em precursoras, musas, escritoras e artistas. Além de falar sobre a vida de cada uma delas, Knight selecionou trechos de alguns textos das Beats para serem publicados. No final da antologia, há uma lista com as publicações de todas elas.

No capítulo "Snapshots, Sand, Painting and Celluloid" do livro *Girls who wore black* (2002) Nancy Grace analisa e compara o estilo e a técnica utilizados pelas memorialistas. Ela argumenta que as memórias representam, para as mulheres Beat, subjetividade.

No capítulo "Mapping women writers of the Beat Generation", publicado no livro *Breaking the Rule of Cool* (2004), Ronna C. Johnson explica os processos literários e estéticos utilizado pelas mulheres Beat para romper com o silenciamento sofrido por elas ao serem consideradas "chicks". Johnson diferencia as três gerações de escritoras Beat e esclarece como as memórias Beat modificaram o discurso doméstico das narrativas de estrada.

Também no livro *Breaking the Rule of Cool* (2004) há várias entrevistas feitas com as escritoras Beat. Bonnie Bremser/Brenda Frazer, nas respostas da sua entrevista

feita por Nancy Grace (1999), esclarece algumas dúvidas sobre a influência de Kerouac em sua escrita, seu processo de escrita e sua participação na Geração Beat.

Heike Mlakar (2007), em sua dissertação *Merely being there is not enough* analisa a escrita de quatro memórias das escritoras Beat destacando maternidade, sexualidade e outros elementos.

A dissertação *Beat & Beyond: Memoir, Myth and Visual Arts in Women of the Beat Generation* de Estíbaliz Encarnación-Pinedo (2016) retrata as mulheres Beat em diferentes formas de arte. No capítulo 2, "The memoir as a feminine genre to re-write the past", a autora analisa os elementos envolvidos no processo de escrita de onze memórias Beat, explicando como as escritoras reescrevem o passado e inserem subjetividade e autonomia à sua escrita.

O foco dessa pesquisa é a análise do primeiro capítulo do livro *Troia. Mexican Memoirs* de Bonnie Bremser. Para isso, essa dissertação está dividida em cinco capítulos.

O capítulo 1 inicia com algumas considerações acerca dos precursores da Geração Beat e os termos utilizados para designar os participantes (homens e mulheres) dessa geração. Em seguida, as mulheres/escritoras Beat terão destaque, demonstrando seus papéis nas comunidades, suas produções e a relevância de conhecê-las e estudá-las. Portanto, o objetivo desse capítulo é avaliar como os precursores da Geração Beat oprimiam as mulheres que participavam da comunidade Beat. Após essa avaliação, será possível identificar e caracterizar as escritoras Beat e a sua escrita literária.

O capítulo 2 inicia com uma breve distinção entre os gêneros memórias e autobiografias. Em seguida, as memórias das escritoras Beat são caracterizadas e é apontado como essas mulheres, ao escreverem suas memórias, deixaram de serem objetos e musas e se tornaram sujeitos e escritoras na Geração Beat. Assim, no capítulo 2 objetiva-se diferenciar esses dois gêneros – memórias e autobiografias – para que, após a compreensão conceitual de *memoirs*, as características e a relevância das memórias escritas pelas mulheres Beat sejam destacadas.

O capítulo 3 apresenta um breve relato sobre a vida de Bonnie Bremser/Brenda Frazer e uma análise das características gerais encontradas nas suas memórias. Esse capítulo tem por objetivo comentar sobre as memórias de Bonnie e analisar algumas características do seu texto.

Em seguida, no capítulo 4 está o primeiro capítulo/livro de *Troia. Mexican Memoirs* traduzido. Essa tradução pretende contribuir nas pesquisas sobre as mulheres Beat no Brasil.

O capítulo 5 foca na presença da Geração Beat no Brasil, como eles chegaram e foram traduzidos. Ainda, esclarece a relevância da tradução de textos das escritoras Beat. E, por fim, são apontadas algumas dificuldades encontradas e escolhas feitas no decorrer da tradução da oralidade de Bonnie.

No decorrer desta pesquisa será explicado como as mulheres Beat sofreram e lidaram com o silenciamento que a sociedade dos anos 1950s impôs a elas. A sua escrita representou um papel importante na busca de autonomia e subjetividade; assim, estudar seus textos permite começar a identificar o papel das mulheres na Geração Beat. Esta pesquisa objetiva contribuir para a propagação dos estudos sobre a Geração Beat a partir da análise e da tradução do primeiro capítulo do livro de memórias de Bonnie Bremser/Brenda Frazer *Troia. Mexican Memoirs* visando o rompimento do silenciamento enfrentado pelas mulheres, desde a Geração Beat até os dias de hoje.

CAPÍTULO 1 – ‘BEAT’, ‘BEATNIK’, ‘COOL’, ‘HIPSTER’, ‘OUTSIDER’, ‘ANGEL’, ‘CHICK’: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ‘BEAT GANG’

Não há dúvidas de que a Geração Beat surgiu por meio das intervenções literárias e políticas de Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs. Esses três amigos iniciaram o movimento Beat com leituras públicas, indagações e manifestações políticas. Claudio Willer, no livro *Geração Beat* (2010, p.30), demonstra o papel de cada um deles no surgimento dos Beats:

Burroughs foi um mentor, fonte de informação e ideias na formação do movimento, além de ampliar fronteiras da narrativa em prosa. Kerouac se destaca pela criação literária e por ter sido o personagem beat por excelência, responsável direto por sua popularização. [...] Mas Ginsberg foi o ideólogo, o pensador da beat em palestras, manifestos e ensaios, ao longo de toda a sua vida. E seu grande agitador.

Com o advento dessas três figuras marcantes, os termos para designá-los começam a aparecer. Eles podem ser chamados de *Beat*, *Beatnik*, *Hipster*, *Outsider*. Mas o que de fato significam esses termos?

O termo *Beat* surge devido à batida do jazz, que era o gênero musical que acompanhava essa geração. A partir disso, surge o termo irônico *Beatnik*, criado pela mídia, que “referia-se ao fenômeno coletivo, o grande número de jovens que vinham adotando a vestimenta e atitudes dos beats”. (Willer, 2010, p. 9)

Assim, *Beat* era um termo positivo (*insider*), enquanto que *Beatnik* seria negativo e representaria os *outsiders*. Essa diferenciação é explicada por Hunt (2002, p. 252):

“Beat” para as próprias representações positivas dos trabalhos dos escritores e de sua comunidade literária, enquanto que o acúmulo de rejeições de suas vidas e de seu trabalho nas imprensas populares e acadêmicas tinha o título de “Beatnik”. [...] *Beat* como um termo honorífico e *Beatnik* como o rótulo para inculto.³

A sociedade conservadora da época via os integrantes do movimento de contracultura como *outsiders* e marginais, portanto, *hipsters*. (WILLER, 2010). Destaca-se que os Beats aproveitaram o termo *Beatnik* para chamar a atenção para suas obras e ironizar, mais ainda, a ideia de excluídos. Um dos livros de memórias de Diane

³ 'Beat' for the writers' own positive representations of their work and their literary community, while gathering the dismissals of their lives and work in the popular and academic presses under heading “Beatnik”. [...] *Beat* as an honorific term and *Beatnik* as the label for uninformed.

di Prima é intitulado *Memoirs of a Beatnik* (1969). A utilização do termo *Beatnik* “reflete as formas pelas quais a cultura americana dominante, em particular as representações da mídia popular, construiu a vanguarda Beat como o paradoxo degenerado/perigoso e infantil/inconsequente”⁴. (Grace, 2002, p. 162).

Ser Beat era viver em comunidade e se relacionar de maneira “social, artística, pessoal, geográfica” (Johnson e Grace, 2002, p. 3). Por meio dessas ligações, eles denunciaram o materialismo e o conformismo americanos (KNIGHT, 1996). Os Beats eram parceiros de escrita e de crime, uns defendiam os outros e se apoiavam mutuamente. A estrada deles permitia que eles vivessem no limite e gozassem a vida.

Na introdução do livro *The Beat Generation Writers*, Robert Lee (1996, p. 2) lista algumas características presentes nas atitudes e no pensamento Beat:

Se a vida importava, ela deveria ser vivida no limite; com confronto e obscenidade, choques-táticos quando necessário, uma política não-ideológica de cair fora ou de troca, sexo e maconha praticamente em demanda, leituras intermináveis, Love-ins, acontecimentos, mudanças de estilo e fala, estas seriam todas as formas de luta e mudança⁵.

Essas atitudes impulsivas de aproveitar ao máximo a vida também refletem nas produções dos Beats. No artigo *Visions and Revisions on the Beat Generation*, Ronna Johnson e Nancy Grace (2002, p. 2) explicam o que é ser Beat:

Beat é composição espontânea, expressão direta da mente, nenhuma revisão motivada pela censura, improvisação baseada no jazz; ou factualismo, rompimento, surrealismo; ou o melhor pensamento é o primeiro pensamento, catalogar imagens empilhadas, seguir a linha da respiração, expressão profética.⁶

Contudo, toda essa liberdade e espontaneidade em viver e escrever era permitida apenas aos homens. Ironicamente, a “Beat Gang” era, na verdade, uma “Boy Gang”. Essa “Boy Gang” dos Beats era composta pelos amigos Kerouac (1922-1969), Ginsberg (1926-1997), Burroughs (1914-1997) e Neal Cassady (1926-1968). Além deles, que foram os nomes que possuíram maior destaque, havia Gregory Corso (1930-2000), John

⁴ reflects the ways in which mainstream American culture, particularly popular media representations, constructed Beat avant-gardism as paradoxically degenerate/dangerous and infantile/inconsequential.

⁵ Life, if it were to matter, would be lived existentially at the edge; confrontation, shock-tactic obscenity when needed, a non-ideological politics of drop-out or commune, sex or marijuana virtually on demand, endless reading, love-ins, happenings, changes of fashion and talk, these would all be the means of assault and change.

⁶ Beat is spontaneous composition, direct expression of mind, no censorious revision, jazz-based improvisation; or factualism, cut-up, surrealism; or first-thought-best-thought, cataloguing piled-up images, following breath line, prophetic utterance.

Clellon Holmes (1926-1988), Charles Bukowski (1920-1994), Lawrence Ferlinghetti (1919-), Gary Snyder (1930-), Philip Whalen (1923-2002), Lew Welch (1926-1971), Robert Duncan (1964-) e Jack Spicer (1925-1965) (McNeil, 1996).

E as mulheres que os acompanharam? Onde estão aquelas que também foram precursoras e que participaram do círculo Beat? Elas eram conhecidas como as meninas de preto (MLAKAR, 2007) ou, como os homens Beat as denominaram, elas eram as *chicks*.

Em sua tese *Merely Being there is not enough*, Heike Mlakar (2007, p. 15) descreve que:

As “bad girls” dos anos 1950s vestiam preto – jaquetas de couro, botas e meias pretas. Em comparação com as adolescentes suburbanas inocentes, elas eram representadas como mais sombrias [...] vestir preto ou ter pele escura significava ser diferente na sociedade pós-guerra.⁷

A sociedade estereotipava as mulheres Beat como sombrias, garotas más, revoltadas e uma péssima influência. Para uma sociedade patriarcal, o diferente assustava, incomodava. Para os homens Beat, elas eram as *chicks*: mulheres que gostavam da estrada, de sexo e de drogas tanto quanto eles.

As garotas que andavam com os Beats aproveitavam a boemia e todos os elementos envolvidos com ela, como sexo sem compromisso e drogas; por isso, era complicado denominá-las, elas não eram meninas “normais”, comuns, mas também não eram prostitutas, pois faziam sexo pelo prazer e não por dinheiro. Portanto, uma mulher que andava com os Beat era ‘chick’, “a mulher atraente, jovem, sexualmente disponível e acima de tudo silenciosa (‘muda’)”. Estar com elas significava “sexo sem custo financeiro (porque a chick não é uma prostituta profissional). E é sexo com aquelas que não vão – na maioria das vezes – contar o seu lado da história”⁸. (McNeil, 1996, p. 189).

E perante a sociedade? O que acontecia com essas mulheres que eram diferentes e sombrias? Que gostavam de escrever e curtir a vida? A opressão e o silenciamento vivenciados por elas fizeram com que muitas fossem internadas como loucas e cometessem suicídio.

⁷ In general, 1950s “bad girls” wore black – black leather jackets, boots, and stockings. In comparison to innocent suburban teens, they were represented as darker. [...] wearing dark or having dark skin signified difference in postwar society.

⁸ ‘chick’, the attractive, young, sexually available and above all silent (‘dumb’) female. [...] It is sex without financial cost (because the chick is not a professional prostitute). And it is sex with those who will – mostly – not tell their side of the story.

Hope Savage e Elise Cowen são exemplos de mulheres que sofreram internações em hospícios por terem sido consideradas loucas por suas famílias. Hope Savage era poeta Beat, namorada e musa de Gregory Corso. Passou alguns anos na Índia escrevendo e convivendo com Beats como Ginsberg. Elise Cowen foi inserida na cena Beat quando conheceu Joyce Johnson em 1951. Em 1953 ela conheceu Ginsberg e eles tiveram um relacionamento amoroso curto e depois foram grandes amigos. Savage torna-se uma mulher indiferente ao mundo e Cowen comete suicídio. De acordo com Willer (2010, p. 68) “Hope Savage [...] que por escrever poesia e proteger os animais selvagens de caçadores, havia sido internada pela família e tratada com sessões de eletrochoque; em consequência, tornara-se frígida e não conseguia mais escrever poesia”.

O capítulo sobre Elise Cowen no livro *Women of the Beat Generation* escrito por Brenda Knight inicia com uma declaração de Gregory Corso sobre as mulheres nos anos 1950:

Houve mulheres, estiveram lá, eu as conheci, suas famílias as internaram, elas receberam choques elétricos. Nos anos de 1950, se você era homem, podia ser um rebelde, mas se fosse mulher, sua família mandava trancá-la. Houve casos, eu as conheci, algum dia alguém escreverá a respeito⁹. (Willer, 2010, p.68)

Demorou muito tempo para que se começasse a escrever sobre elas e ainda hoje, não há muito sobre a colaboração e a participação dessas mulheres como sujeitos da Geração Beat. A ausência das mulheres Beat nos estudos e a falta de reconhecimento delas deve-se, na sua maioria, aos homens precursores do movimento Beat, pois eles as consideravam objeto de seus desejos e de sua produção literária. Além deles, a crítica e o público têm papel importante nessa ausência das mulheres, pois normalmente interessavam-se mais por leituras e estudos relacionados aos textos dos homens Beat.

No artigo *Memoir as the reconstruction of history: women of the Beat Generation*, Estíbaliz Encarnación-Pinedo (2015, p. 150) lembra que no cânone Beat de Kerouac *On the Road*, as mulheres são personagens omissos, objetos do prazer dos homens na estrada: “um exemplo já citado e notório é *On the Road* de Kerouac, no qual os homens são os criadores da ação – aqueles por trás das rodas – e as mulheres são

⁹Declaração de Corso traduzida e publicada por Cláudio Willer no livro *Geração Beat* (2010, p. 68)

retratadas como objetos ou espectadores que participam da experiência apenas como agentes passivos”¹⁰.

As mulheres Beat, ao contrário do que Kerouac retratou, eram ativas. Elas produziam, participavam das discussões políticas e da vida em comunidade. Porém, seus amigos e companheiros, apesar de criticarem a sociedade da época, ainda possuíam características daquela sociedade patriarcal e não permitiam que elas aparecessem como motoristas na estrada percorrida por eles.

Amy Friedman (1996, p. 201) lembra que “enquanto homens e mulheres estavam escrevendo, lendo em voz alta, editando e publicando, o ambiente Beat era dominado por homens com atitudes patriarcais e uma orientação masculina esmagadora”¹¹.

É preciso falar, pesquisar e escrever sobre as mulheres da Geração Beat, pois suas contribuições para a formação e consolidação dessa geração são inúmeras e muitas vezes desconhecidas. Elas também foram precursoras e sujeitos ativos desse movimento. Assim, a próxima seção foca nas produções das mulheres Beat, no rompimento do silêncio forçado e no deslocamento de musas/objetos para escritoras/sujeitos da Geração Beat.

1.1. MULHERES, MUSAS, ARTISTAS: ESCRITORAS DA GERAÇÃO BEAT

As mulheres participaram da Geração Beat de forma ativa. Elas conviviam com os homens Beat em comunidades, percorriam as estradas com eles, escreviam e criticavam a sociedade da época assim como eles. Contudo, elas não tinham o apoio deles nem da sociedade e, por isso, durante muito tempo foram silenciadas e invisíveis, vivendo à sombra dos escritores Beat.

Enquanto os homens possuíam apoio dos amigos e da comunidade, as mulheres escreviam sozinhas, sem apoio nenhum, nem da comunidade, nem de amigos. (JOHNSON e GRACE, 2002)

Para a sociedade e os homens Beat, as mulheres deveriam desempenhar papéis submissos, elas deveriam ser objeto de inspiração e desejo e cuidar dos homens, dos

¹⁰ An oft-mentioned and notorious example is Kerouac's *On the Road*, in which men are the originators of action – the ones behind the wheel – and women are portrayed as objects or bystander who participate in the experience only as passive agents.

¹¹ But while both men and women were writing, reading aloud, editing and publishing, the Beat milieu was male-dominated, with patriarchal attitudes and an overwhelmingly male orientation.

filhos e da comunidade Beat. A representação mais conhecida das mulheres naquela época era “uma representação das mulheres como mães, namoradas, musas, “silent chicks”, entre outras, mas nunca como seres humanos independentes e intelectuais ou artistas criativos e capazes”.¹² (Encarnación-Pinedo, 2015, p. 150).

Como exigir que a sociedade as reconhecessem como escritoras se nem seus companheiros de estrada as viam como mulheres capazes? Com exceção de Diane di Prima, nenhuma das outras escritoras Beat foi reconhecida pelos escritores Beat como habilitadas de acompanhá-los no movimento literário.

Allen Ginsberg é categórico ao afirmar que “onde houver uma escritora forte que possa manter-se a si mesma, como Diane di Prima, com certeza nós vamos trabalhar com ela e a reconhecer”.¹³ (Peabody, 1997, p. 1)

Ao afirmar que apenas di Prima era capaz de acompanhá-los, Ginsberg exclui todas as outras escritoras Beat que vieram antes, durante e depois de Diane, demonstrando a marginalização dessas mulheres.

As afirmações de Ginsberg e as atitudes da sociedade e dos Beat perante as mulheres sugerem que a sociedade patriarcal ainda reinava entre os precursores da liberdade, conforme destacado por Hunt (2002, p. 253):

E estas considerações nos lembram que até mesmo no mundo Beat, com toda a sua rejeição dos valores e normas da classe média, com toda a sua ênfase no indivíduo transcendental, os papéis das mulheres eram daquelas que apoiavam a escrita dos homens e que se moldavam como figuras periféricas.¹⁴

Johnson (2004, p. 5) afirma que “a marginalização das mulheres enfraquece os mitos de rebelião da Geração Beat, a sua amada auto-imagem de “matadores de dragões da hipocrisia”, contradiz suas reivindicações pelo status anti-hegemônico”.¹⁵

Portanto, é necessário que as escritoras da Geração Beat, assim como suas produções, sejam estudadas e reconhecidas. É a partir do foco nas escritoras dessa geração que o silenciamento e a invisibilidade sofridos por elas serão rompidos. Destaca-se que os homens Beat eram rebeldes com as imposições da sociedade pós-

¹²[...] a representation of women as mothers, girlfriends, muses, “silent chicks”, among others, but never as independent and intellectual human beings or as creative and capable artists.

¹³Where there was a strong writer who could hold her own, like Diane di Prima, we would certainly work with her and recognize her.

¹⁴ And these accounts remind us that even in the Beat world, for all its rejection of middle-class values and norms, for all its emphasis on the transcendent individual, the roles for women were ones that supported the writing of men and cast women as peripheral figures.

¹⁵The marginalization of women undermines the Beat generation’s myths of rebellion, its cherished self-image as “dragons layers of hypocrisy”, contradicting its claims to antihegemonic status.

guerra, contudo, eles não conseguiram se desvencilhar de uma atitude patriarcal e misógina, ainda que talvez imaginassem que sim.

Mas quem eram/são essas mulheres que precisam ser estudadas, pesquisadas e reconhecidas? O movimento Beat possui três gerações de mulheres/escritoras Beat. Cada uma delas contribuiu para a atual visibilidade das escritoras Beat bem como o atual interesse por estudá-las. Essas mulheres conviviam com homens e outras mulheres Beat nas comunidades e foram surgindo enquanto a Geração Beat se manifestava e aumentava.

Na primeira geração de escritoras Beat estão Madeline Gleason (1903-1979), Helen Adam (1909-1992), Sheri Martinelli (1918-1996), Ruth Weiss (1928-), e Carol Bergé (1928-2006). Conforme Johnson (2004, p. 8) elas

eram contemporâneas de Kerouac, Ginsberg e Burroughs e, assim como eles, faziam parte da geração cujas vidas abrangeram os traumas da Segunda Guerra Mundial. Como artistas, elas trabalharam para revisar e escapar de modelos literários acadêmicos e tradicionais.¹⁶

As primeira e segunda gerações ocorreram quase ao mesmo tempo, contudo, o marco inicial da segunda ocorre em 1955 após Diane di Prima encontrar com Sheri Martinelli. A segunda geração é composta por Joanna McClure (1930-2013), Lenore Kandel (1932-2009), Elise Cowen (1933-1962), Diane di Prima (1934-), Hettie Jones (1934-), Joanne Kyger (1934-), Joyce Johnson (1935-), Ann Charters (1935-), e Brenda Frazer (Bonnie Bremser; 1939-), essas mulheres frequentaram a faculdade, mas muitas desistiram dos estudos para seguir o movimento Beat. De acordo com Johnson (2004, p. 14):

O trabalho da segunda geração de escritoras Beat é marcado pela crítica radical às formas e gêneros literários tradicionais que foram baseados na subordinação das mulheres, como a reformulação da narrativa de estrada feita por Johnson e Frazer ou a revisão do mito clássico realizada por Kyger e Di Prima ou a aplicação de discursos acadêmicos credenciados e metodologias para estudar os escritores precursores de Charter. [...] As mulheres Beat da segunda geração são escritoras protofeministas, artistas cujas antecipações do feminismo dos anos 1960 esclarecem a intervalo no século XX entre a primeira e a segunda onda de movimentos feministas.¹⁷

¹⁶ These writers were contemporaneous with Jack Kerouac (1922-1969), Ginsberg (1926-1997) and William S. Burroughs (1914-1997), and, like them, part of the generation whose lives encompassed the traumas of World War II. As artists they worked to revise or escape academic and traditional literary models.

¹⁷ The work of second-generation women Beat writers is marked by a radical critique of traditional literary genres and forms that have been based on women's subordination, such as the reformulation of the road tale effected by Johnson and Frazer, or the revision of classical myth undertaken by Kyger and di Prima, or Charter's application of credentialed academic discourses and methodologies to the study of

Sobre a terceira geração, Johnson (2004, p. 17) explica que:

A terceira geração esclarece a continuidade do movimento Beat com a contracultura hippie e movimentos ativistas progressivos e torna reais as inclinações feministas. Em contraste com a primeira e a segunda gerações Beat, a terceira geração de escritores Beat evidencia uma ótima igualdade entre os sexos, é um grupo misto e pode-se dizer que inclui Ed Sanders (1939-), Bob Dylan (1941-), Jerry Garcia (1942-1995), Lou Reed (1944-2013), Patti Smith (1946-), Lester Bangs (1948-1982), Laurie Anderson (1950-), Janine Pommy Vega (1942-2010) e Anne Waldman (1945-). [...] a escrita da terceira geração considera a liberdade e a autonomia femininas como necessidades, mas representam e falam do meio da luta feminista ao invés de além ou depois dela.¹⁸

Visando o reconhecimento dessas escritoras, Ronna Johnson (2004, p. 3-5) no artigo *Mapping Women Writers of the Beat Generation* lista as razões pelas quais as escritoras Beat devem ser reconhecidas:

Primeiro, as escritoras Beat estão na situação incomum e provocativa de serem as agentes de sua própria recuperação, escrevendo elas mesmas na história literária Beat e pós-guerra através de várias memórias que registram suas reivindicações contra a cultura, a escrita e a ética Beat. [...] Segundo, as escritoras Beat produziram um corpo de trabalho maior e mais coerente que o aparente. Grande parte dessa literatura está esgotada ou é difícil de achar. [...] Portanto, estudar as escritoras Beat tem o significado de buscar recursos dispersos, não coletados e, às vezes, não publicados, um corpo de trabalho que nesta desordem não se apresenta como um campo de escrita coerente. [...] Por fim, escritoras Beat perturbam as categorias de escrita e cultura Beat. Elas entraram no movimento Beat e caracterizaram o *beat* nos seus próprios termos, aumentando instrumentalmente e, em outras formas, modificando os discursos de assinatura e tropos a partir das linhas mais familiares seguidas pelos exemplares masculinos.¹⁹

outrider writers. [...] second-generation women Beats are protofeminist writers, artist whose anticipations of sixties feminism clarify the luminal interval in the twentieth century between first- and second-wave women's movements.

¹⁸ The third generation clarifies the Beat movement's continuity with the hippie counterculture and progressive activist movements, and realizes its feminist inclinations. In contrast to the first and second Beat generations, third-generation Beat writers, evincing greater equality between the sexes, are a mixed group, and can be said to include Ed Sanders (1939-), Bob Dylan (1941-), Jerry Garcia (1942-1995), Lou Reed (1944, -), Patti Smith (1946-), Lester Bangs (1948-1982), Laurie Anderson (1950-), Janine Pommy Vega (1942-) e Anne Waldman (1945-). [...] the writing of the third generation takes women's freedom and autonomy as necessities, but represents and speaks from the midst of the feminist struggle, rather than beyond or after it.

¹⁹ First, women Beat writers have been in the unusual and provocative situation of being the agents of their own recovery, writing themselves into Beat and postwar literary history through a spate of memoirs that records their claims to Beat culture, writing, and ethics. [...] Second, women Beat writers produced a larger and more coherent body of work than is readily apparent. Much of this literature is out of print and difficult to find. [...] Thus, to study women Beat writers has meant to track dispersed, uncollected, and sometimes unpublished sources, and a body of work that in this disarray does not readily present itself as a coherent field of writing. [...] Finally, women Beat writers unsettle the categories of Beat writing and culture. They entered the Beat movement and deployed *beat* on their own terms, instrumentally augmenting and in other ways modifying signature discourses and tropes from the more familiar lines pursued by the male exemplars.

A primeira razão pela qual as escritoras Beat devem ser reconhecidas está relacionada com a forma de publicação escolhida pela maioria delas: as memórias. Entre as memórias mais conhecidas estão: *Troia: Mexican Memoirs* (1969) de Bonnie Bremser; *Memoirs of a Beatnik* (1969) e *Recollections of my Life as a Woman* (2002) de Diane di Prima; *Minor Characters* (1983) e *Missing Men* (2004) de Joyce Johnson; *How I Became Hettie Jones* (1990) de Hettie Jones; *Off the Road* (1990) e *Heartbeat* (1976) de Carolyn Cassady; *Nobody's Wife: the Smart Aleck and the King of the Beats* (2000) de Joan Haverty; *You'll Be Okay: My Life with Jack Kerouac* (2007) de Edie Parker; e *The Awakener: A Memoir of Kerouac and the Fifties* (2009) de Helen Weaver.

Em suas memórias, as escritoras Beat relatam a convivência com os homens Beat, as dificuldades enfrentadas por elas devido a sua escolha pela estrada e suas aventuras. A partir de suas memórias, elas adquiriram voz e marcaram sua participação na história Beat.

Grande parte das produções das escritoras Beat está esgotada ou não foi publicada, como por exemplo, os textos de Bonnie Bremser que são listados na próxima seção. Portanto, a segunda razão alerta para a escassez de estudos e publicações dessas escritoras e a dificuldade em encontrar recursos para estudá-las. No Brasil, por exemplo, os estudos sobre as escritoras Beat iniciaram há pouco tempo em pesquisas de mestrandos ou doutorandos de programas de pós-graduação como na Universidade Federal do Paraná, na Universidade Federal de Santa Catarina e na Universidade de São Paulo. Contudo, não há trabalhos significativos publicados, ainda, sobre as escritoras Beat.

A terceira razão e, talvez, a mais forte, é que elas possuíam um estilo próprio. Ao buscarem seu espaço na Geração Beat, as mulheres demonstraram como era gozar a vida e a estrada a partir dos seus olhares e da sua experiência, modificando a forma como as mulheres eram retratadas.

Ao mencionar a terceira razão pela qual as escritoras Beat devem ser estudadas, Johnson alerta para o estilo próprio de escrita que elas utilizavam. Conforme a mesma autora (2004, p. 8) a escrita das mulheres Beat:

Tende a ser pessoal e confessional, recontando experiências e paixões vividas. Tende a hibridizar e modificar formas e gêneros tradicionais, reescrevendo mitos e histórias tradicionais. Tende a desafiar e interrogar

Por meio da escrita, elas contam suas experiências com os homens Beat demonstrando que elas eram ativas em produção, companheirismo e criatividade. Elas questionam a posição de garotas silenciadas que viviam para servir aos homens como inspiração. Elas contam suas próprias histórias com os meninos da “boy gang”, destacando atitudes e participações.

Johnson (2004, p.20) lembra ainda que “as produções das mulheres Beat contestam tanto o estereótipo de mulher branca nos anos 1950 – que eram dedicadas ao lar e aos maridos – quanto daquelas mulheres boêmias – que eram mulheres de preto caladas”²¹. Ao escreverem, as Beats desejavam colocar a sua subjetividade e autonomia no papel.

Conforme comentado na seção anterior, as mulheres Beat eram vistas como sombrias, sempre vestindo preto e em silêncio. Ser rebelde para uma mulher significava calar-se e mergulhar na escuridão. Essa imagem está relacionada com o papel de cuidadoras do lar que elas preferiram não desempenhar na sociedade daquela época. Por isso, suas produções literárias são tão importantes, justamente para demonstrar que essa imagem de mulheres sombrias caladas não passava de um estereótipo, uma forma de oprimir as mulheres que saíam de casa para curtir a vida e dedicar-se à escrita.

A grande contribuição literária das escritoras Beat está em tornarem-se sujeitos da escrita, discorrendo sobre temas que vão desde atividades domésticas até sexuais e existenciais, modificando, portanto, o que significava ser Beat. (Johnson & Grace, 2002). Dessa maneira, “a escrita das mulheres Beat trouxe não conformidade, ceticismo e dissidência de gênero para a cultura pós-moderna e para a produção literária nos Estados Unidos e para o mundo”²². (Johnson & Grace, 2002, p. 23).

Elas trouxeram a sua não conformidade com os papéis que deveriam desempenhar em uma comunidade que criticava a sociedade e a cultura da época, o ceticismo quanto à incapacidade das mulheres de serem ativas, questionadoras e rebeldes e questionamentos sobre os papéis dos homens e das mulheres no mundo.

²⁰ It tends to the personal and confessional, recounting lived experiences and passions. It tends to hybridize and modify traditional forms and genres, rewriting myths and traditional histories. It tends to challenge and interrogate assumptions about women, gender, and relations between the sexes, and asserts a corrected vision.

²¹ The writings of women Beats contest both stereotypes of white women in the 1950s – that they were devoted to hearth and husband – and those of female bohemians – that they were women silent in black.

²² [...] women writing Beat have brought nonconformity, skepticism, and gender dissent to postmodern culture and literary production in the United States and beyond.

As mulheres Beat vivenciaram os seus temas, demonstrando conhecimento de mundo ao abordarem esses assuntos. Elas foram contra as convenções da época em diferentes formas, conforme Johnson (2004, p. 26) destaca:

Os cinco filhos de di Prima possuem quatro pais diferentes e herança étnica e racial diferentes; Jones teve um casamento e um filho mestiços; Frazer recorreu à prostituição para sustentar sua família e deu sua filha para adoção no México; Johnson era o que hoje se chama de mãe solteira; Helen Adam nunca se separou de sua irmã Pat.²³

Cada uma delas vivenciou e relatou formas diferentes de ser Beat, de percorrer a estrada Beat e de aproveitar a vida, buscando seus objetivos e enfrentando as dificuldades vivenciadas decorrentes da sua escolha pelo mundo Beat.

Esta pesquisa está focada na segunda geração de escritoras Beat e no gênero memórias. O interesse é demonstrar como as memórias dessas escritoras traduzem o estilo Beat. Assim, o próximo capítulo busca descrever as memórias das principais escritoras dessa segunda onda de mulheres Beat.

²³ Di Prima's five children have four different fathers and diverse ethnic and racial heritages; Jones had a mixed-race marriage and biracial children; Frazer resorted to prostitution to support her family and left her daughter to be adopted in Mexico; Johnson was what is now called a single mother; Helen Adam never parted from her sister Pat

CAPÍTULO 2 – A DESCRIÇÃO DA ESTRADA PERCORRIDA PELAS ESCRITORAS BEAT NO DECORRER DE SUAS MEMÓRIAS

As escritoras Beat optaram por escrever memórias para marcarem presença na Geração Beat. Apesar de neste momento estarem no centro, por muito tempo, as memórias, assim como as mulheres Beat, foram deixadas à margem na literatura. Além de ser um gênero ignorado pelos escritores Beat, já que eles preferiam *journals* ou autobiografias, as memórias transitam entre a ficção e a não-ficção, permitindo que as escritoras Beat narrassem suas próprias histórias e, também, demonstrassem sua criatividade literária.

2.1. DIFERENCIANDO MEMÓRIAS DE AUTOBIOGRAFIAS

Por muito tempo o gênero memória foi foco de discussões. As memórias não eram consideradas um gênero, mas sim, um subgênero das autobiografias. Os grandes homens/escritores utilizam a autobiografia para publicar suas histórias, portanto, eram essas as produções que importavam. Sendo a memória considerada inferior e marginalizada, é interessante destacar como as mulheres se apoderaram dessa literatura para contar/narrar sobre as suas vidas que, da mesma maneira, eram consideradas inferiores e marginalizadas. (GRACE, 2002).

A partir dessa distinção entre autobiografias e memórias, torna-se necessário diferenciar esses dois gêneros a fim de compreender como as escritoras Beat marcaram a Geração Beat ao publicar suas memórias, buscando trazer ao centro tanto o reconhecimento desse gênero quanto a importância delas para o movimento Beat.

Pesquisadores como Gore Vidal (1995), Judith Barrington (1997), William Zinsser (2005), Roy Pascal (1960), Thomas Larson (2007), Ben Yagoda (2009) caracterizaram e diferenciaram autobiografias e memórias. Analisando seus conceitos, nota-se que eles consideram autobiografias como textos cujo foco recai sobre a pessoa que escreve, a narração da vida completa da pessoa e a pesquisa histórica sobre fatos reais da vida dessa pessoa. As memórias, por outro lado, focam na pessoa que escreve e nas pessoas relacionadas com a história, em uma parte específica da vida da pessoa e naquilo que a pessoa lembra sobre sua história, podendo conter fatos reais ou não.

Em seu artigo, Encarnación-Pinedo (2015, p. 152) destaca alguns estudiosos e demonstra como eles conceituavam e diferenciavam autobiografias de memórias:

Para alguns críticos, a diferença tem a ver com o período de tempo que o trabalho abrange; uma vida toda para as autobiografias e um período de tempo menos ou mais específico para as memórias (Barrington; Zinsser). Para outros, é o foco no sujeito que marca o trabalho como uma autobiografia ou uma memória; autobiografias lidam com a escrita sobre o sujeito e as memórias tendem a ser relacionais, narrando a vida de outros e deslocando o foco para longe do sujeito da escrita (Pascal; Larson; Yagoda). Além disso, autobiografia ou a escrita autobiográfica, em geral, é difícil de definir como um gênero, pois ela toca em diferentes disciplinas e está, com frequência, “na linha de fronteira entre fato e ficção, pessoal e social, popular e acadêmico, cotidiano e literatura”. (Cosslett, Lury e Summerfield)²⁴

Ainda, Vidal (*apud* Encarnación-Pinedo, 2015, p. 153) elabora a diferenciação entre autobiografia e memória: memória é “como alguém se lembra de sua própria vida enquanto autobiografia é história, requer pesquisa e uma verificação consistente de datas e fatos”²⁵.

As definições destacadas por Encarnación-Pinedo (2015) abrangem as três características principais de produções literárias sobre a vida de uma pessoa: 1) o período de tempo em questão; 2) a pessoa sobre quem se escreve; e 3) a veracidade e a relevância do gênero a ser utilizado.

Assim, nesta pesquisa, autobiografias são consideradas obras que demonstram como foi a vida completa de um sujeito que é o foco da narração e que busca fatos verídicos, datas e outros elementos para caracterizar a vida de alguém e suas realizações.

Por outro lado, as memórias são concebidas como textos que visam chamar a atenção do leitor para momentos específicos e marcantes da vida da pessoa em foco e de outras pessoas que participaram desse momento fazendo com que ele fosse relevante. E, também, as memórias são lembranças trazidas sobre os acontecimentos daquele momento, sem a necessidade de marcação de tempo e nem de linearidade dos fatos lembrados que podem carregar veracidade histórica ou não.

Julie Rak (2004, p. 316-318) no artigo *Are memoirs autobiography? A consideration of genre and public identity* explica o que significa o termo “memoirs” e

²⁴ For some critics, the difference has to do with the period of time the work covers; whole life for autobiographies and a shorter and more specific period of time for memoirs (Barrington; Zinsser). For others, it is the subject focus that makes the work an autobiography or a memoir; autobiographies deal with the writing subject, and memoirs tend to be relational, narrating the life of others and shifting the focus away from the writing subject (Pascal; Larson; Yagoda). Additionally, autobiography or autobiographical writing in general is difficult to define as a genre, as it touches on different disciplines and is frequently “on the borderline between fact and fiction, the personal and the social, the popular and the academic, the everyday and the literary”. (Cosslett, Lury and Summerfield)

²⁵ For Vidal, memoir is “how one remembers one’s own life, while an autobiography is history, requiring research, dates, facts double-checked”.

que, devido a Rousseau em *Confissões*, o termo ficou conhecido como secundário às autobiografias:

De acordo com a versão online do dicionário de inglês da *Oxford*, “memoir” veio, originalmente, do termo francês *memoire*, uma palavra masculina que significa um relato escrito ou um documento contendo fatos de um caso a ser julgado. Em algum momento entre os séculos XII e XIV, *memoire* tornou-se feminino, talvez por causa da palavra implícita na frase *écrit pour mémoire*, mas a palavra perdeu o seu segundo “e” assim que se tornou feminina. [...] “memoir” em inglês refere à prática física de gravar a memória – como na palavra “memorandum” – antes de uma disposição oficial ter sido feita. Mas também é uma referência ao término da escrita da “memória”. [...] Rousseau é considerado um dos criadores da autobiografia moderna. [...] incluindo, o que ficou conhecido em inglês, como “scandal memoir”. Ele faz isso ao incorporar aspectos da memória no que seria o modelo do discurso autobiográfico. Isso tornou o discurso da memória invisível na sua autobiografia enquanto que isso continuou a informar o texto autobiográfico de Rousseau. “Memoir”, até então considerada uma leitura prazerosa na França, se tornou legitimada no momento da sua rasura. [...] Rousseau tornou a “memoir” – até então inicialmente associada com as escritoras mulheres (embora popular) vista como uma forma literária inferior – aceitável. [...] Portanto, o momento em que Rousseau incorpora o estilo da “scandal memoir” nas *Confissões* e insiste que fez isso por razões morais é também quando “memoir” se torna parte da autobiografia.²⁶

Tendo em vista esse conceito do gênero memória, na próxima seção será demonstrado como as escritoras Beat optaram por narrar a estrada percorrida por elas por meio de suas memórias. Ainda, seus temas e questionamentos serão expostos a fim de diferenciá-las dos escritores Beat e destacar a relevância das mulheres Beat nesse movimento de contracultura.

²⁶ According to the online version of *The Oxford English Dictionary*, “memoir” originally came from the Middle French term *memoire*, a masculine word signifying a written account or a document containing the facts of a case to be judged. Sometime between the twelfth and the fourteenth centuries, *memoire* became feminine, perhaps because the word implied the phrase *écrit pour mémoire*, but the word lost its second “e” even as it became feminine. [...] “memoir” in English refers to the practice of physically recording memory—as in the word “memorandum”—before an official arrangement of memories is made. But it is also a reference to the finished writing of “memory.” [...] Rousseau is widely thought to be one of the originators of modern autobiography, [...] including what became known in English as the scandal memoir. He does this by incorporating aspects of the memoir into what would become the template for autobiography discourse. This has the effect of making memoir discourse invisible within his autobiography while it continued to inform Rousseau’s autobiographical text. Memoir, until then a widely read guilty pleasure for readers in France, became legitimized at the moment of its erasure. [...] Rousseau made memoir—until then primarily associated with women writers and (though popular) seen as a low literary form—acceptable. [...] Therefore, the moment when Rousseau incorporates scandal memoir style into *The Confessions* and insists that he did so for moral reasons is also the moment when memoir becomes part of autobiography.

2.2. MEMÓRIAS DAS ESCRITORAS BEAT

As escritoras Beat ficaram conhecidas, ainda que pouco, pelas suas memórias. Por ter sido um gênero considerado marginal, assim como elas e, por autobiografias serem narrativas da vida em geral contadas por homens (ENCARNACIÓN-PINEDO, 2015), essas escritoras buscaram outra maneira de demonstrar como foram as suas vidas enquanto participantes da Geração Beat.

Ao utilizarem as memórias como meio de narrar suas histórias, elas se colocam como sujeitos da narrativa – por contarem sobre elas e por demonstrarem o seu ponto de vista a respeito dos Beat – porém, continuam sendo marginalizadas pelas atitudes dos homens Beat e da sociedade. Essa ideia de sujeito e subalterno é explicada por Johnson (2004, p. 33):

Ou seja, utilizando um gênero que é um amálgama de formas genéricas, as memorialistas Beat (re)contam a vida na Geração Beat em um discurso narrativo no qual elas são sujeitos da memória Beat e ainda são mulheres colonizadas pelas normas da cultura. A memória permite a elas escrever suas narrativas Beat no interstício discursivo entre os gêneros que engloba e entre as posições discursivas das mulheres, ambos como sujeito e subalterno, para atingir uma reconstrução retrospectiva transgressiva na qual elas podem ser vistas como sujeitos.²⁷

Por elas possuírem esse duplo papel (sujeito e subalterno) nas memórias elas conseguem reconstruir suas participações e funções nas narrativas Beat a fim de desconstruir a imagem criada pelas narrativas masculinas de estrada na qual elas são caracterizadas como musas. Além de reconstruir sua trajetória, as escritoras contam as mesmas histórias que os homens. Contudo, elas rompem com os ideais masculinos de mulher ao se colocarem como escritoras, rebeldes e intelectuais do movimento.

Ao contarem suas histórias, as escritoras Beat mesclam elementos autobiográficos e ficcionais. Isso ocorre devido ao fato de as memórias serem lembranças que as escritoras possuem de certo período. Essas lembranças podem ser reais ou imaginárias, permitindo que elas criem livremente, além de relatarem fatos históricos.

²⁷ That is, using a genre that is an amalgam of generic forms, Beat's female memoirists (re) tell Beat generation life in a narrative discourse in which they are the memoir's Beat subjects and yet still women colonized by the norms of the culture. The memoir allows them to write their Beat tales in the discursive interstices between the genres it encompasses, and in between the women's discursive positions as both subject and subaltern, to achieve a retrospective, transgressive reconstruction in which they can be figured as subjects.

Portanto, de acordo com Encarnación-Pinedo (2015, p. 155), essa combinação de elementos autobiográficos com elementos ficcionais permite que “elas se posicionem como sujeitos – e não objetos – em um determinado período histórico e, ao mesmo tempo, se estabeleçam como artistas e escritoras”²⁸.

Durante muito tempo e até hoje, as escritoras Beat foram silenciadas, tanto pela sociedade do pós-guerra quanto pelos seus companheiros de movimento de contracultura. As memorialistas ganham voz por meio de suas obras e, ainda, expõem sua criatividade literária, desempenhando, assim, dupla função.

Encarnación-Pinedo (2015, p. 166) explica como ocorre essa dupla função:

Primeiro, ao tornarem suas próprias experiências visíveis, elas [escritoras Beat] desafiam a história e suas posições como “silent chicks” ou como membros condescendentes da “Silent Generation”. Segundo, ao utilizar um gênero que com frequência é lido como ficção e ao se referir a suas próprias obras nas suas narrativas, elas se inserem no mundo literário como escritoras e não como intrusas ou meras observadoras.²⁹

O termo memórias já era utilizado por escritoras como Virginia Woolf e, no decorrer do movimento Beat o gênero memórias foi utilizado pelas mulheres Beat para contar suas histórias. Isso ocorre porque os homens Beat preferiam chamar os textos que eles escreviam sobre suas vidas de *journals* ou autobiografias, como por exemplo, *The Book of Martyrdom and Artifice: First Journals and Poems* (1937-1952) e *Journals Mid-Fifties* (1954-1948) de Allen Ginsberg; e *Last Words: The Final Journals of William S. Burroughs* de William Burroughs.

De acordo com Johnson (2004, p. 38) “utilizar as memórias, que não é o gênero privilegiado pelos escritores Beat, permite que as mulheres contem suas próprias histórias Beat para além da colonização delas pela literatura Beat, sem se conformarem com as normas que as comprometem e as oprimem”, como por exemplo, “pegar” a estrada com uma criança no colo.

Mlakar (2007), da mesma forma que Johnson (2004), afirma que as escritoras Beat optaram por um gênero ignorado pelos escritores para criarem livremente, sem preocupações com estética, censura e regras pré-estabelecidas pelos homens. Ainda,

²⁸ Beat women strike a double blow by combining autobiographical and fictional elements: they position themselves as subjects – not objects – in a given historical time, while also establishing themselves as artists and writers.

²⁹ Firstly, by making their own experience visible, they challenge history and their position as “silent chicks” or as compliant members of the Silent Generation. Secondly, by using a genre which is often read as fiction and by referring to their own work in their narratives, they insert themselves into the literary world as writers, and not as intruders or mere observers.

havia a intenção de utilizar um gênero inédito, para que suas vidas ganhassem voz e significado de fato.

Para Mlakar (2007, p. 21):

É provável que elas tenham escolhido esse gênero em específico a fim de contar histórias que não possam ser substituídas ou escritas pela narrativa ficcional em prosa dos homens Beat porque o gênero autobiográfico na sua forma pura nunca foi utilizado pelos escritores Beat. A memória é, também, uma opção para fugir da censura. Ela permite que as mulheres escrevam histórias fora do cânone masculino da literatura Beat, sem a necessidade de se sujeitarem às normas criadas pelos seus homólogos masculinos.³⁰

Além de ser um gênero exclusivo das escritoras Beat, as memórias possuem outras características como: elas 1) narram assuntos domésticos; 2) permitem que as mulheres saiam das sombras dos homens; 3) por meio delas as escritoras reescrevem o passado; 4) possibilitam que as escritoras tenham voz; 5) viabilizam a construção do eu (mulher, escritora, artista); e 6) situam-se entre os gêneros ficcionais e não-ficcionais.

Em relação ao discurso doméstico, Johnson (2004, p. 35) esclarece que:

As memórias desterritorializam os discursos domésticos denegridos, banidos ou omitidos pela escrita Beat dos homens – ou seja, elas trazem discursos domésticos de volta ao movimento Beat, embora em outro nível de significação discursiva entrelaçado com o primeiro – e isso reconfigura a literatura Beat para envolver o mundo de sombras de mulheres eclipsadas e ilustrá-las como presença.³¹

Destaca-se que esses discursos domésticos envolvem questões sobre maternidade, sexualidade, papéis sociais, entre outros – essa característica será discutida no capítulo 5 –. Ressalta-se que nos textos masculinos, as mulheres eram descritas como musas, chicks, angels, enfim, objetos de inspiração, desejo e satisfação masculina. Por esta razão, as memorialistas se posicionam, contrariamente, como mães, possuidoras de desejos e mantenedoras do lar.

A segunda característica está relacionada com o fato de que, no decorrer do movimento Beat, as mulheres estiverem à sombra dos homens, não porque desejavam, mas porque foram ali colocadas de forma forçada. Essa característica está entrelaçada

³⁰ They might have chosen this particular genre in order to tell stories which cannot be replaced or written by fictional prose narratives of male Beats, because the autobiographical genre in its pure form has never been used by male Beat writers. The memoir is also an option to escape censorship. It enables women to write stories outside the male canon of Beat literature, without necessarily conforming to norms created by their male counterparts.

³¹ The memoirs reterritorialize the domestic discourses disparaged, banned, or elided in Beat writing by men – that is, they bring domestic discourses back into the Beat movement, through another level of discursive signification interwoven into the first – and this reconfigure Beat literature to encompass the shadow land of eclipsed women and instantiate them as presence.

com todas as outras, pois ao sair das sombras elas (re)constroem sua significação no passado, ganham voz e ressignificam o eu (mulher, artista, escritora) e o outro.

Em relação à terceira característica listada – reescrever o passado – Encarnación-Pinedo (2015, p. 165) argumenta que:

Por meio do uso das memórias, as mulheres da Geração Beat conseguem reescrever o passado a fim de incluir suas experiências como mulheres e escritoras em um momento histórico específico. Inevitavelmente, suas memórias desencadeiam um diálogo entre passado e presente e, como tal, elas não podem ser riscadas de um contexto sócio-político no qual essas mulheres viveram e escreveram.³²

Quando essas mulheres consideradas “musas, chicks e garotas de preto” começam a escrever suas próprias histórias, elas voltam ao passado, a situações já narradas por homens e demonstram o seu ponto de vista, o seu lado da história, inserindo-se no movimento de contracultura como participantes ativas.

No momento em que as mulheres Beat se tornam escritoras, elas ganham voz e visibilidade, ainda que parcial. Isso faz com que outras pessoas que estão à margem na literatura se sintam encorajadas e incentivadas a se tornarem sujeitos de sua própria história. Portanto, “ao estimular o deslocamento do silêncio para o discurso, elas expõem suas subordinações e convocam outros coletivos oprimidos para tomar uma atitude”³³. (Encarnación-Pinedo, 2015, p. 166)

Ganhar voz e visibilidade permite que as escritoras Beat abordem a quinta característica mencionada: a construção do “eu”. Por tornarem-se sujeito de suas próprias histórias, elas ressignificam e constroem o “eu” mulher que é mãe, artista e escritora e que possui desejos. Assim, “as memórias não apenas expõem as histórias de muitas mulheres Beat, mas também demonstram o reconhecimento das memórias como um gênero, por meio do qual o eu é construído”³⁴. (Johnson e Grace, 2002, p. 21)

Tudo isso só possível porque as escritoras Beat criam por meio de gêneros de ficção (romance, prosa, fábula) e não-ficção (memória, história), permitindo, como já mencionado no início dessa seção, que elas ao mesmo tempo em que criam uma

³² Through the use of memoir, women of the Beat Generation manage to re-write the past to include their experience as women and writers in a specific historical moment. Their stories inevitably initiate a dialogue between past and present, and as such, they cannot be stripped from the sociopolitical context in which these women lived and wrote.

³³ Encouraging the movement from silence to speech, they expose their subordination and call to other oppressed collectives to take action.

³⁴ The memoirs not only articulate the histories of many Beat women but also demonstrate the women’s recognition of the memoir as a genre through which the/a self is constructed.

narrativa descrevam e demonstrem situações históricas vivenciadas por elas. (JOHNSON, 2004).

Na próxima seção as principais memórias das escritoras Beat são comentadas, estimulando a busca pelas características citadas acima.

2.3. PANORAMA DAS MEMÓRIAS DAS ESCRITORAS BEAT

Após demonstrar as características e os motivos pelos quais as escritoras Beat optaram pelo gênero memórias, resta nomear as memorialistas consideradas/pensadas ao longo desta pesquisa. Elas pertencem à segunda e à terceira geração de escritoras Beat pelo fato de suas memórias contraporem as narrativas masculinas de estrada e contarem suas próprias histórias. São elas: Bonnie Bremser (Brenda Frazer), Diane di Prima, Joyce Johnson, Hettie Jones, Carolyn Cassady, Joan Haverty, Edie Parker e Helen Weaver.

Entre as memórias mais “conhecidas” estão: *Troia. Mexican Memoirs* (1969) de Bonnie Bremser; *Memoirs of a Beatnik* (1969) e *Recollections of my Life as a Woman* (2002) de Diane di Prima; *Minor Characters* (1983) e *Missing Men* (2004) de Joyce Johnson; *How I Became Hettie Jones* (1990) de Hettie Jones; *Off the Road* (1990) e *Heartbeat* (1976) de Carolyn Cassady; *Nobody's Wife: the Smart Aleck and the King of the Beats* (2000) de Joan Haverty; *You'll Be Okay: My Life with Jack Kerouac* (2007) de Edie Parker; e *The Awakener: A Memoir of Kerouac and the Fifties* (2009) de Helen Weaver.

Em *Troia. Mexican Memoirs*, Bremser narra sua fuga para o México com seu marido Ray e a filha Rachel. Como Ray estava sendo procurado pela polícia, Bonnie precisa cuidar de sua família, assim, convencida pelo marido, ela se prostitui para conseguir dinheiro. Suas memórias relatam sua dor, seu sofrimento e sua luta em busca de autoconhecimento. Na próxima seção, essas memórias serão comentadas mais detalhadamente.

Memoirs of a Beatnik de di Prima, publicada em 1969 pela Olympia Press, reeditada pela Last Gasp em 1988 e publicada em 2013 no Brasil pela editora Campos com tradução de Ludimila Hashimoto, foi um livro encomendado pela editora a di Prima com o intuito de ser uma história pornográfica. Nessas memórias, entre cenas de sexo ficcionais e não-ficcionais, Diane conta o começo de sua boemia em Nova York e seu envolvimento com os homens Beat. Entre orgias, estupros e sexo consensual, ela

caracteriza a Geração Beat. Por outro lado, em *Recollections of my Life as a Woman*, publicado em 2001 pela Viking Press, di Prima descreve sua infância e seu relacionamento conturbado com sua mãe. Diferentemente do erotismo de suas primeiras memórias, em *Recollections* Diane demonstra como é ser mulher no contexto sociocultural dos anos 1940 e 1950.

Joyce Johnson ganhou o *National Book Critics Circle Award* em 1983 com sua memória *Minor Characters*, publicada em 1983 pela Houghton Mifflin Company. Além de narrar seu relacionamento com Jack Kerouac, Johnson escreve sobre as outras escritoras Beat e como é ser mulher nos anos 1950. Em *Missing Men*, publicada em 2004 pela Penguin Books, Joyce descreve desde sua infância, seu relacionamento com sua mãe e seus casamentos (primeiro com Jim Johnson e depois com Peter Pinchbeck) até seu contato com a Geração Beat.

Em *How I Became Hettie Jones*, publicada em 1990, pela E. P. Dutton, Hettie Jones narra seus esforços para ser mãe e escritora. Sua memória inicia ainda na sua infância e no seu relacionamento com sua mãe descrevendo como era pertencer à “*Silent Generation*”. Ao relatar seu casamento com LeRoi Jones, Hettie destaca as dificuldades que ela enfrentou no decorrer da Geração Beat para tornar-se escritora e manter uma revista e uma editora enquanto era mãe e Beat.

Em *Off the Road*, publicada em 1990 no Reino Unido pela Black Spring Press e nos Estados Unidos pela William Morrow Company, em 1991 pela Penguin Books e em 2007 pela Black Spring Press, Carolyn Cassady relata como era a vida das mulheres Beat que não estavam na estrada com os homens, ou seja, seus papéis como mães, chefes de família, esposas e escritoras. Para isso, ela narra sua vida doméstica mundana e seu relacionamento com seu marido Neal Cassady e seu amante Jack Kerouac. Em *Heartbeat*, publicada em 1976 pela Creative Arts Book, Carolyn narra seu triângulo amoroso com Cassady e Kerouac. Em abril de 1980, o escritor e diretor John Byrum adaptou essa memória no roteiro fílmico *Heart Beat*, produzido por Orion Pictures e distribuído por Warner Bros. Pictures. No Brasil, o filme foi lançado em setembro de 1980 com o nome *Os Beatniks*.

A memória de Joan Haverty *Nobody's Wife*, publicada em 2000 pela Creative Arts Book Company, após a sua morte, conta sobre sua infância, adolescência e seu relacionamento (casamento e divórcio) com Kerouac. Em sua memória, Joan retrata sua experiência com Kerouac sem se subordinar a ele, como por exemplo, quando ela decide ter um filho que Jack ordenou que fosse abortado. Haverty não se considerava

escritora nem almejava essa carreira, mas ao escrever suas memórias, ela conta como decidiu “não ser esposa de ninguém” e contrariar as regras da sociedade em que vivia.

Assim como Haverty, Edie Parker teve seu livro de memórias publicado após a sua morte, em 2007 pela City Lights Books. Em *You'll be Okay* Parker escreve sobre sua infância e adolescência e, ainda, sobre seu relacionamento com Jack Kerouac. Parker demonstra como era difícil conviver com Kerouac e seus amigos, pois enquanto eles se divertiam, era ela quem dava suporte econômico para a boemia deles. Isso faz com que ela decida se afastar de Kerouac e tornar-se independente.

Por fim, a memória de Helen Weaver, *The Awakener*, publicada em 2009 pela City Lights Books, descreve as dificuldades encontradas por ela ao construir uma carreira como tradutora. Apesar de seu livro iniciar com seu envolvimento com Jack Kerouac, ela foca na sua vida e se esquece da figura de Kerouac após expulsá-lo de seu apartamento por não deixá-la dormir devido às inúmeras festas que ele dava no apartamento dela. Weaver precisava dormir, pois trabalhava no dia seguinte, mas ela acordava várias vezes durante a noite com o barulho causado pelas festas que Kerouac fazia.

Por meio desses breves comentários sobre onze memórias das escritoras Beat, é possível perceber algumas características já mencionadas. Em relação ao conteúdo e estilo das memórias, Encarnación-Pinedo (2016, p. 69) esclarece que:

No nível de conteúdo, elas lidam com temas subversivos frequentes na literatura da Geração Beat – mesmo que, com frequência, elas fizessem isso pela perspectiva feminina. Isso inclui, para nomear alguns, o retrato de sexo homossexual e heterossexual explícitos, drogas como um meio para expandir os sentidos, problemas com a lei, alienação do estado, de valores dominantes e de costumes, senso de uma comunidade de artistas alternativo contra uma grande força opressiva, etc. Em relação ao seu estilo, elas assimilam e menosprezam a estética Beat ao mesmo tempo, principalmente por meio do uso de uma voz narrativa irônica e desafiadora.³⁵

Assim, com tom questionador, as memórias Beat relatam as responsabilidades envolvendo maternidade e sustento da casa; o foco na descrição de suas vidas como mulheres e escritoras Beat; a reconstrução do passado; o convívio com os homens Beat; etc.

³⁵ First of all, at the level of content, they both deal with subversive themes frequent in the literature of the Beat Generation – even if they often do so from a female perspective. These include, to name a few, the portrayal of explicit heterosexual and homosexual sex, drugs as means to expand the senses, problems with the law, alienation from the state and dominant values and mores, sense of an alternative community of artists against a larger oppressive force, etc. Regarding their style, they assimilate and mock Beat aesthetics at the same time primarily through the use of an ironic and defiant narrative voice

No próximo capítulo, serão feitas algumas considerações sobre conteúdo, estilo e linguagem no livro de memórias de Bonnie Bremser *Troia. Mexican Memoirs*.

CAPÍTULO 3 – A ESTRADA DE BONNIE BREMSER

Brenda Frazer nasceu em Washington D.C. em 23 de julho de 1939. Estudou no Sweet Briar College. Em 1959, aos dezenove anos, ela conheceu o poeta Beat Ray Bremser, por quem se apaixonou. Três semanas depois, eles se casaram e ela passou a se chamar Bonnie Bremser. Após seis meses de casamento, a filha do casal, Rachel, nasceu prematuramente. Em 1961, Bonnie, Ray e Rachel fogem para o México, pois Ray estava sendo procurado pela polícia em Nova Jersey. Em 1963, ela começou a escrever seu livro de memórias *Troia: Mexican Memoirs*, que narra os acontecimentos sobre o ano que ela passou se prostituindo no México para sustentar sua família. Bonnie enfrentou muitas situações difíceis no México: além de se prostituir para conseguir dinheiro, ela resolveu entregar a filha Rachel para adoção por achar que não estava sendo uma boa mãe, pois passava muito tempo nas ruas procurando clientes e pouco tempo com Rachel, que ficava com amigos ou vizinhos.

Após afastar-se de Ray, ela volta a se chamar Brenda Frazer e cuida sozinha de Georgia, outra filha do casal. Além de Georgia, Bonnie teve mais dois filhos, frutos de uma relação extra-conjugal com um fazendeiro casado.

Nos anos 1980, Frazer fez mestrado em Ciências do Solo. Nos anos 1990, ela se mudou para Michigan e trabalhou para o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos até aposentar-se como cientista do solo. Atualmente mora em Michigan e voltou a dedicar-se à escrita literária.

Logo após afastar-se de Ray e voltar para Nova York, Bonnie encontra Allen Ginsberg, que a convida para morar em sua fazenda. Foi assim que surgiu, em Bonnie, o interesse pela vida rural e pela agricultura. Ela transformou a fazenda de Ginsberg em uma fazenda-modelo. Além de seu mestrado em Ciências do Solo, ela tem mestrado em Bioquímica. Além disso, ela inventou um método de compostagem usado para manufaturar metano (KNIGHT, 1996).

Brenda desejava cuidar de seus filhos, passar mais tempo com eles e dedicar-se à criação deles. Escrever exigia muito tempo e reviver situações doloridas do passado. Por isso, afastou-se da sua carreira literária e descobriu outra atividade que a satisfazia e permitia que ela passasse mais tempo com seus filhos. Ela contou sobre o desejo de dedicar-se aos seus filhos para Nancy Grace em uma entrevista em 1999: “e eu queria ser responsável pelos meus filhos, o que, em alguns momentos, fez com que eu virasse

as costas para o meu passado e com que minha carreira como escritora meio que continuasse sem mim por um tempo”³⁶. (Grace e Johnson, 2004, p.130)

A carreira literária de Bonnie Bremser, conforme ela disse, continuou sem ela. Por isso, ela é conhecida pelo seu livro de memórias *Troia. Mexican Memoirs*, de 1969. Contudo, ela escreveu prosa e outros capítulos do que viria a ser uma trilogia de suas memórias mexicanas. A falta de visibilidade de sua produção literária a coloca à margem tanto como participante da Geração Beat quanto como escritora Beat.

No decorrer dos anos 1960, Bremser publicou diversos textos no jornal *Beat Fuck you: A Magazine of the Arts, Blue Beat, and Intrepid*, como, por exemplo, o poema *Fowl-play* na edição de dezembro de 1962. Contudo, não há pesquisas sobre esses textos. O mesmo ocorre com outros diversos textos que ela escreveu: eles praticamente não são conhecidos e não há estudos de nenhum deles além de suas memórias.

Dentre suas produções, destaca-se a prosa *I hear a trane, I hear you* publicada no volume 10 da revista *The Unspeakable Visions of the Individual* em 1980; as memórias *The Village Scene* publicadas em 2000; as memórias *Poets and OddFellows* publicadas na antologia *Beat Down to your Soul* em 2001, editada por Ann Charters e o texto *Breaking out of D.C.* publicado em 1997 na antologia *A Different Beat: writings by women of the Beat Generation* editada por Richard Peabody. Esses três últimos títulos foram escritos com o intuito de compor a trilogia das memórias de Bonnie, previamente intitulada *Troia: Beat Chronicles*. Essa trilogia ainda não foi publicada por completo: há a publicação de alguns trechos, conforme citado acima. Não há relatos sobre a continuação da escrita dessa trilogia.

Esses quatro textos, assim como *Troia*, focam no relacionamento de Bonnie com Ray. Assim, *Poets and Oddfellows* narra o início do relacionamento de Bonnie com Ray, como eles se encontraram e como ela se apaixonou por ele enquanto participava de uma seção de leitura de poesia realizada pelos poetas Beat. A continuação dessa história seria *The Village Scene*, que narra a história de Bonnie e Ray como recém-casados enquanto moravam em Greenwich Village e viviam com outros escritores Beat. O texto *I hear a trane, I hear you* narra o início do romance e da jornada de Bonnie e Ray, bem como *Breaking out of D.C.*, que narra a saída de Bonnie e Ray de Washington D.C. rumo a Nova Jersey.

Em relação à escrita de Bonnie Bremser, Friedman (1996, p. 202) destaca que:

³⁶ And I did want to be responsible to my kids, which in some ways caused me to turn my back on the past, and my writing career kind of carried on without me for some time.

Bonnie Bremser aborda temas Beat ao celebrar a fuga de possessões materiais devido à liberdade e intermináveis possibilidades de viagem. [...] Ela desenvolve uma prosa poética rítmica e fluida, medita sobre amor, natureza e qualidades abstratas dos relacionamentos humanos. [...] De maneira consistente, ela justapõe sua crescente autoconsciência com o reconhecimento de suas vulnerabilidades e fraquezas.³⁷

Assim, a escrita de Bremser segue o fluxo de consciência em busca de temas Beat envolvendo a estrada e o relacionamento entre o eu e o outro. Mais que isso, a estrada traçada por Bonnie é de autoconhecimento: a partir de sua produção literária ela se permite conhecer e evoluir como escritora Beat.

Por isso, “a intenção de Frazer em usar a linguagem para conectar, escapar e transformar, ambiciona evoluir a partir de sua emulação dos métodos de composição de poesia e prosa de Kerouac” (Grace e Johnson, 2004, p.110)³⁸. Ao ler Kerouac, Bonnie desejava narrar a estrada e sujeitos através do ponto de vista da mulher, para isso, ela tinha “a crença de que a escrita deve ser livre das pressões do mercado e o escritor deve buscar fama e lucro por meio da arte”³⁹ (Grace e Johnson, 2004, p.110).

A produção literária de Bonnie está baseada no seu amor por Ray Bremser. Por muito tempo a vida dela era datilografar os poemas de Ray e viver o seu romance com o escritor Beat. Esse amor que a silencia e a objetifica é o mesmo amor que inspira sua escrita e seu desejo de autoconhecimento e valorização. A vida de Bonnie, após afastar-se de Ray, continua a focar no amor, mas agora, no amor por ela mesma.

3.1.SUAS MEMÓRIAS MEXICANAS

As memórias de Bonnie Bremser não foram escritas com o objetivo de ser uma narrativa sobre o ano em que passou no México com sua família. Após ela ter pedido que seu marido Ray Bremser se entregasse à polícia, pois ela estava cansada da vida de fugitiva, Bonnie sente a necessidade de conversar com Ray sobre o que aconteceu com o relacionamento deles naquele ano turbulento. Para isso, de março a novembro de

³⁷ Bonnie Bremser elaborates Beat themes in celebrating the eschewal of material possessions for the freedom and endless possibilities of travel [...]. She develops a rhythmic, flowing poetic prose, meditating on love, nature and the abstract qualities of human relationships. [...] She consistently juxtaposes her growing self-awareness with acknowledgment of her vulnerabilities and weaknesses.

³⁸ Frazer’s intention to use language to connect, to escape, and to transform, ambitions that evolved from her emulation of Kerouac’s methods for composing poetry and prose.

³⁹ The belief that writing must be freed from market pressures and the writer should pursue fame and profit through art.

1963, Bonnie escreveu cartas com duas páginas lembrando a jornada deles no México e contando como ela se sentia. Essas cartas eram enviadas à prisão em Nova Jersey e só eram entregues a Ray porque Bonnie e Ray afirmaram que se tratava de correspondência sobre negócios literários.

Ray mostrou as cartas para seu editor Michael Perkins e os dois decidiram que elas deveriam ser publicadas em um livro. Assim, em 1969 as memórias de Bonnie Bremser foram publicadas nos Estados Unidos com o título *Troia. Mexican Memoirs*⁴⁰ e, em 1971, na Grã-Bretanha como *For Love of Ray*. Apesar de Bremser ter de fato escrito o livro, foram Perkins e Ray que selecionaram quais cartas/trechos deveriam ser utilizados. Esta pesquisa trabalhará com a versão americana do livro.

Troia foi dividido em quatro livros: 1) *Mexico City to Veracruz and back to Texas*; 2) *Mexico to Laredo: getting Ray out of jail*; 3) *Mexico City and Rural Excursions: losing Rachel*; e 4) *Mexico City and back to New York*.

No primeiro livro – *Mexico City to Veracruz and back to Texas* – Bonnie narra sua chegada e de sua família (Ray e a filha Rachel) ao México, detalhando costumes, ruas e pessoas. Eles tiveram que fugir dos Estados Unidos porque Ray estava sendo perseguido pela polícia por violar a condicional. Sem dinheiro e com poucos conhecidos, Ray convence Bonnie a se prostituir para que eles conseguissem sobreviver. Relutante, mas ciente de que era necessário, ela sai às ruas. Sem saber se vestir e nem como agir, ela tem dificuldades em encontrar clientes e quando os encontra, ou não pagam, ou a maltratam. Ray decide, então, ir à busca de clientes para ela. Além disso, escondido, ele observa Bonnie e seus clientes. Com o passar dos dias, Ray é preso e ela precisa, mais ainda, continuar a encontrar clientes para conseguir dinheiro suficiente para libertá-lo.

No segundo livro – *Mexico to Laredo: getting Ray out of jail* – Bonnie descobre que por certa quantia de pesos, ela conseguiria livrar Ray da prisão e ter seu amado ao seu lado de novo. Contudo, descobre, também, que ela é procurada pela polícia, pois seus documentos não estão em dia. Mais determinada do que nunca, ela toma conta dos negócios, faz amizade com um policial que a ajuda a atravessar a fronteira para visitar Ray na prisão, e consegue dinheiro suficiente para libertá-lo. Entre idas à prisão e sexo com clientes, Bonnie precisa fazer um aborto, mais um pesadelo para sua jornada. Como eles ainda tinham algum dinheiro, eles viajam para Fort Worth.

⁴⁰O manuscrito datilografado de *Troia*, intitulado *Troia*, ou *Memoirs of a Curious Courtesan* – está disponível na Biblioteca Pública de Nova York. (ENCARNACIÓN-PINEDO, 2016)

O terceiro livro – *Mexico City and Rural Excursions: losing Rachel* – inicia com Bonnie entregando Rachel para a adoção. Essa decisão não foi fácil, mas a menina de apenas um ano vivia na casa de vizinhos e amigos para que Bonnie pudesse trabalhar. Ela estava preocupada com Rachel, como se sentia e estava vivendo, frustrada por não ser uma boa mãe e, por ser julgada por mulheres que se consideravam ótimas mães, ela não vê outra saída a não ser se afastar de sua filha. Em seguida, Ray e Bonnie passam um tempo nas montanhas, aproveitando a vida e se entorpecendo com cogumelos. Nessa época, Bonnie relembra de uma frase que escreveu no teto de um quarto de hotel: “*THERE IS SALVATION*” (Bremser, 2007, p.134). Quando ela escreveu essa frase, isso não fazia sentido, porém, neste momento tão difícil, Bonnie percebe que há salvação para ela e é isso o que ela vai buscar.

Quando eles voltam para o México, Bonnie está um pouco mais solitária. Ray está sempre fora de casa e pouco fica com ela. A prostituição ainda ocorre, sendo que, depois de todo esse tempo, Bonnie começa a sentir prazer com alguns clientes. Entre oscilações de relações sexuais prazerosas e ruins, sua fama se espalha e seus clientes aumentam.

No quarto livro – *Mexico City and back to New York* – Bonnie está mais determinada e decide que Ray deve ir sozinho para Nova York após receber uma carta dizendo que seus problemas com a polícia estavam resolvidos. Ela fica um tempo no México, conhece alguns homens que querem um relacionamento sério com ela, mas tudo que Bonnie deseja é torna-se livre para tomar suas decisões. Após um período sozinha e com algum dinheiro, ela decide voltar para Nova York e passa um tempo com seu pai e sua irmã. A narrativa termina com a “foda perfeita” (Grace, 2002, p. 176). Bonnie está caminhando pelas ruas de Nova York quando encontra com Ray, eles transam e quando ele dá o dinheiro a ela como pagamento, Bonnie recusa e os dois decidem ficar juntos.

Primeiro nós fodemos, eu guardei isso até aqui por respeito, principalmente, às garotas que podem ficar com inveja ou descontentes e comentar com alguém: se eles passaram por aquilo e o resultado foi ela alcançar uma foda perfeita, apenas uma vez (mas isso não parou! Ah, fique fria) então eu digo que vale a pena. Valeu. Eu devolvi os dez dólares para Ray e decidi ficar. (Bremser, 2007, p. 213)⁴¹

⁴¹ And first we fucked, and I reserved this here out of respect mainly for girls who might get envious and discontented, and say to someone: if they went through that, and the result was that she achieved such a perfect fuck, just that one time (but it didn't stop! Oh, be cool) then I say it's worth it. It was. I gave Ray back his ten dollars and decided to stay.

A “foda perfeita” entre os dois é um exemplo de como o gênero memória mistura realidade e ficção, permitindo que as escritoras Beat, ao mesmo tempo em que relatam sobre um período da história, demonstra criatividade literária. Para Grace (2002, p. 176) essa cena é uma revolução por ser uma mistura de ficção e não-ficção:

O eu narrativo que conclui ao encontrar a “foda” perfeita – a manifestação física de “Cálice Sagrado” que os Beats procuram – anula a voz de raiva que havia prometido revolução de modo tão convincente, [...] Mas ao fazer isso, a memória oferece um tipo diferente de revolução: um golpe de estado textual, o colapso intencional de fronteiras de gênero em uma forma que substitui a tensão apórica – nem fato nem ficção, mas sempre ambos.⁴²

Essa dupla representação entre realidade e ficção, documento e criatividade, sujeito e objeto que leva a autora a garantir seu espaço como escritora Beat, também é observada nas imagens encontradas em *Troia*. Essas imagens são explicadas por Encarnación-Pinedo (2016) em sua tese *Beat & Beyond: Memoir, Myth and Visual Arts in Women of the Beat Generation*.

Segundo Encarnación-Pinedo (2016, p. 94), a imagem da capa das memórias de Bonnie é um retrato dela (Bonnie/Brenda) feito pela artista Alice Neel em 1963, em tinta preta, que:

Retrata uma jovem mulher magra com roupas pretas que olha fixamente para o espectador, ao mesmo tempo em que ela pressiona suas têmporas com as mãos. As linhas rápidas e onduladas do desenho – presente em muitos trabalhos dela [Alice Neel] – também aludem para a perturbação e angústia interna da modelo.⁴³

⁴² The narrative self who concludes by finding the perfect “fuck” – the physical manifestation of the “Holy Grail” for which the Beats quested – has quashed the voice of anger that had so compellingly promised revolution, [...] But in so doing, the memoir offers a different kind of a revolution: a textual state, the intentional collapsing of genre boundaries into a form that stands in aporic tension – neither fact nor fiction, but always both.

⁴³ [...] depicts a thin young woman in black clothes who stares fixedly at the viewer at the same time that she presses her temples with her hands. The quick, wavy lines of the drawing – present in much of her work – also alludes to the internal turmoil and anguish of the model.



Figura 1: retrato de Bonnie Bremser feito por Alice Neel em 1963

Além do desenho feito por Neel, o livro possui, em sua segunda página, uma foto preta e branca de Bonnie/Brenda tirada por Bernard McCaffrey. Encarnación-Pinedo (2016, p. 95) explica que:

A fotografia retrata uma Frazer totalmente nua que, embora ligeiramente virada de costas, olha para a câmera sem expressão, sem demonstrar raiva ou vergonha. À primeira vista, pode-se supor que esta imagem utiliza sua nudez e sua sexualidade como atrativo para chamar a atenção, enfatizando que ela deve ser olhada por homens e sua objetificação sexual como prostituta. Entretanto, esta leitura é contrariada pela atitude da autora na sua narrativa e pelo seu olhar direto para a câmera que desafia o impulso do espectador de mercantilizá-la como um ser passivo e inerte que perdeu o controle sobre seu corpo e sua sexualidade.⁴⁴

⁴⁴ The photograph depicts a completely nude Frazer who, although slightly turned on her back, looks back at the camera with a blank expression, showing nor anger or shame. At first glance, one could assume this picture utilizes her nakedness and sexuality as a lure to attract attention, stressing her to-be-looked-at-ness and her sexual objectification as a prostitute. However, this reading is contradicted somewhat by the author's attitude in the narrative, and her direct stare at the camera, defies the viewers' impulse to commodify her as a passive, inert being who has lost control over her body and sexuality

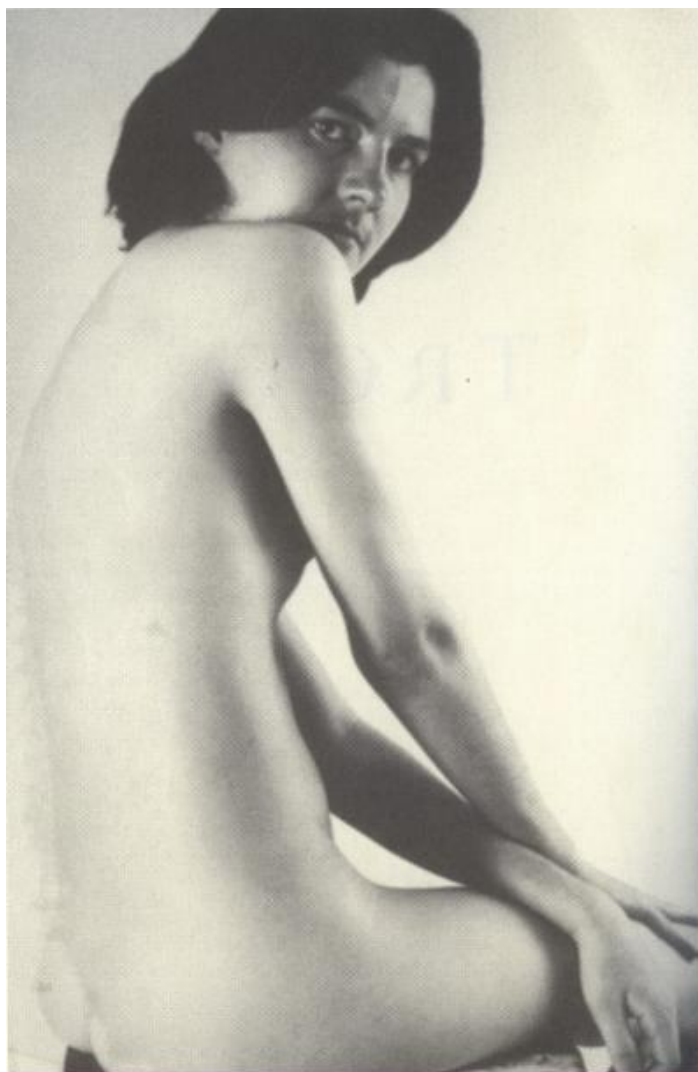


Figura 2: Bonnie Bremser fotografada por Bernard McCaffrey

Essa atitude questionadora expressada por Bonnie tanto na fotografia quanto na sua narrativa ressalta o argumento de que por meio das memórias as mulheres deixam de serem objetos e tornam-se sujeitos. Essa ideia está relacionada com os dois principais temas de *Troia*: a maternidade e a prostituição.

A relação entre esses assuntos é explicada por Johnson (2004, p. 27):

Ao mesmo tempo, ela é representada como sujeito beat e como subalterna colonizada [...] isso desfaz o binário santa/prostituta que as narrativas Beat favorecem ao representar a mãe de família como prostituta. [...] Por meio do desejo do narrador, ela alcança a condição de sujeito, uma reversão da habitual degradação da prostituta, que é permitida pela comodidade da Geração Beat com mulheres sexualmente aventureiras.⁴⁵

⁴⁵ [...] She is instantiated as beat subject and as colonized subaltern at once. [...] it dissolves the Madonna/whore binary that Beat narratives favor by making the matron equally the whore. [...] Through the narrator's agency of desire, she achieves subject status, a reversal of the prostitute's usual degradation, which is permitted by the Beat generation's accommodation of sexually adventurous women.

A maternidade dificulta a aventura na estrada. Em narrativas dos homens Beats, as mulheres devem ficar em casa cuidando dos filhos enquanto eles pegam a estrada, devido ao fato de elas não terem total liberdade para aproveitar a estrada. Em *Troia*, Bonnie sente essa dificuldade ao lidar com a maternidade e a prostituição, “Eu deixo Rachel, ainda dormindo, na casa da vizinha. [...]eu acabo de alguma forma envergonhada por gostar daquilo que estou sendo paga pra fazer.”⁴⁶Os cuidados com Rachel complicavam a busca por clientes e o gozo pela relação porque ela sempre estava preocupada com sua filha. Ao dar Rachel para adoção, Bonnie reafirma-se como sujeito de sua estrada. Conforme argumentado por Johnson (2004, p. 27), *Troia*

[...] enfatizou as maneiras de como a maternidade é prejudicial para a mulher Beat: ela torna as mulheres menos disponíveis para o sexo e sexo menos disponível para as mulheres. *Troia* desenvolve uma anti-disciplina beat em sua narrativa de estrada que alcança a subjetividade feminina até mesmo quando concorda com os termos de objetificação das mulheres: a protagonista, a esposa e mãe beat que não consegue controlar seus impulsos corporais sexuais e de fertilidade, é uma fora da lei libertina que entrega sua filha para ser adotada e se torna uma representante da estrada. Ela é o narrador-sujeito de sua (própria) memória mexicana.⁴⁷

O principal discurso da Geração Beat era o da liberdade – sexual, política, literária, e existencial. Ao pegar a estrada os Beats eram livres para aproveitá-la. Contudo, as mulheres não gozavam dessa liberdade. Para Bonnie, a estrada representou exploração e degradação; o sexo livre, sem amor para ela não era, na maioria das vezes, sinônimo de prazer, mas sim de necessidade e sofrimento.

Assim, conforme Grace e Johnson (2004, p.112):

Troia traz esta fusão de mulher casada e prostituta no sexo livre, a anticapitalista Geração Beat com a revelação de que as mulheres Beat não controlam seus corpos, além do fato de que Beat é definido por ter e promover liberdade sexual; sob hegemonia masculina, os corpos das mulheres Beat já estão sempre permutados. A narrativa de Frazer sugere que para as mulheres Beat que gostariam de valer-se da liberdade sexual geralmente concedida apenas para os homens, a estrada não é sinônimo de estímulo sexual, mas de exploração e degradação. Ainda, a aventura do risco

⁴⁶I leave Rachel, still asleep, at a neighbor's house. [...] I am somewhat ashamed at enjoying what I am paid for, enjoying it immensely. (p. 48-50)

⁴⁷[...] Emphasized ways that maternity is inimical to being Beat for women: it makes women less available for sex, and sex less available to women. *Troia* deploys a beat antidiscipline in its road tale that achieves female subjectivity even while complying with terms of women's objectification: the protagonist, the beat wife and mother who cannot control her bodily impulses either for sex or for fertility is a sexual outlaw who leaves her child to be adopted and becomes an agent of the road. She is the subject-narrator of her (own) Mexican memoir, [...] in this transforming the signifier's social meaning of objectification (whore) to its discursive function as (beat) subject.

sexual da estrada de Frazer esboça uma vida Beat para as mulheres que é, como o seu título afirma e seu marido exige, a vida de uma prostituta.⁴⁸

Além dos clientes e de Ray controlarem o corpo de Bonnie, essa incapacidade é observada, também, nos abortos feitos por ela devido às gestações inesperadas. O aborto fazia parte da vida das mulheres Beat, ele era uma consequência de se estar na estrada gozando da liberdade sexual. Um dos abortos realizados por Bonnie representou um pesadelo:

Eu não queria nada crescendo em mim que ameaçasse trazer outra maravilha como a Rachel pra cena de vida sórdida e sem esperança que a gente estava vivendo. Se eu estivesse grávida, isso teria que acabar logo. [...] o médico me colocou na cama, apertou minha barriga com suas mãos, me deu um aceno com a cabeça que era menos uma afirmação que uma solicitação e uma dose de morfina. Mais tarde, eu acordei de sonhos horríveis, de memórias de ânsias de vômitos e tentativas de não vomitar. Eu chorei, implorei pra que a enfermeira me dissesse que estava feito. Sim, ela disse, e tirou nove metros de gaze cheia de sangue do meu útero dolorido. [...] ele [o médico] começou a ser erudito e colocou uma vértebra na minha cara pra me mostrar que o bebê tinha dois meses.⁴⁹

Portanto, *Troia*, assim como as outras memórias das escritoras Beat, “critica o fato de as mulheres terem sido duplamente oprimidas: pela sociedade ‘quadrada’ em geral e pelos seus amantes e maridos que as deixavam para trás ganhando dinheiro e cuidando dos filhos”⁵⁰. (Mlakar, 2007, p. 127). Mas, sem dúvidas, as memórias de Bonnie criticam muito mais os homens Beat. Além do abandono e da responsabilidade pelo sustento da casa e cuidados com os filhos, algumas mulheres Beat, como Bonnie, ainda encontravam tempo para datilografar os poemas escritos por seus “companheiros”.

⁴⁸ *Troia* brings this conflation of married woman and prostitute into the free-sex, anticapitalist Beat generation with the revelation that Beat women do not control their bodies, despite the fact that Beat is defined by and promotes sexual freedom; under male hegemony, Beat women’s bodies are always already bartered. Frazer’s narrative suggests that for women Beats who would avail themselves of the sexual freedom usually accorded only to men, the road is not synonymous with sexual “kicks” but with exploitation and degradation. Thus, Frazer’s road adventure of sexual hazard models a Beat life for women which is, as her title claims and her husband demands, the life of a prostitute.

⁴⁹ I didn’t want anything growing in me that might threaten to bring another beauty such as Rachel into a sordid no-hope scene of life such as this we were going through. If I were pregnant it had to go immediately. [...] the doctor put me on the table, checked my stomach with his hands and gave me a nod, which was less an affirmation than a solicitation, and a shot of morphine. I woke through horrifying dreams later, through memories of retching and trying not to. I cried, pleaded the nurse to tell me it was done. Yes, she said, and pulled ten yards of bloody gauze out of my cramping womb. [...] he started being very erudite, and held a section of vertebrate up in front of my face to indicate to me by size that the baby was two months developed. (Bremser, 2007, p. 169-171)

⁵⁰ [...] criticizes the fact that women were doubly suppressed: by ‘square’ society at large, and by their male lovers and husbands who left them behind earning money and caring for the children.

Por meio da escrita de Bonnie, é possível sentir o medo, o amor, o desprezo das pessoas por ela, enfim, todos os seus sentimentos são percebidos pelos leitores. Isso ocorre porque o objetivo de escrever, para ela, era contar para Ray como ela se sentia em relação ao casamento e o relacionamento entre ela e Ray no decorrer do tempo que passaram no México e, assim, aliviar a dor e o sofrimento causados pela fuga para o México.

Na entrevista feita por Nancy Grace em setembro de 1999, Brenda fala que escrever era uma terapia. Ela colocava uma música, “sentava, fumava um baseado, pegava a máquina de escrever e escrevia. Colocava em uma pilha e era isso. Esse era o processo [...] Essa escrita era uma fuga para uma época melhor”⁵¹. (Grace e Johnson, 2004, p.113).

Ela contou, também, que Ray foi para a prisão porque ela pediu. Ele se entregou após ela dizer que não aguentaria mais aquela vida de desespero. Como ela se sentia culpada, escrever para ele era uma forma de aliviar a dor, colocar todo aquele sentimento para fora. (GRACE e JOHNSON, 2004, p.121)

Por meio da espontaneidade, ela relatava os acontecimentos conforme eles surgiam na sua memória levando à fragmentação e à uma mistura de situações já vividas com outras que serão vividas, conforme explica Encarnación-Pinedo (2016, p. 71):

[...] a memória é construída por meio de uma série de diferentes cenas que são geralmente introduzidas já em movimento, sem estabelecer o contexto primeiro. Da mesma forma, a linguagem é rápida, o fluxo de consciência no qual a autora mistura pedaços de narrativa com reflexões em retrospecto de coisas que virão.⁵²

Corroborando essa percepção sobre o estilo fragmentado de Bonnie ao misturar os acontecimentos, Grace (2002, p. 173-174) afirma que:

O resultado é fragmentação e surrealismo. Capítulos e parágrafos, por exemplo, começam *in medias res*. O tempo se desloca de repente com parágrafos e frases assim como a memória se move de um momento para o outro e, com frequência, a voz narrativa se reposiciona, quebrando a ilusão de coerência narrativa e desenvolvimento do personagem. [...] Frases bebop, longas e serpenteadas com sintaxe distorcida capturam um senso de velocidade e tempo de viagem e a linguagem de Frazer, afetando o

⁵¹When I wrote *Mexican Memoirs*, I'd just sit down, smoke a joint, sit at a typewriter, and go. Put it in a pile and that was that. That was the process. [...] That writing was an escape to a better time.

⁵² [...] the memoir is constructed through a series of different scenes which are usually introduced already on the move, without setting the context first. Similarly, the language is a fast, stream-of-consciousness in which the author mixes narrative bits with in-retrospect reflections of things to come.

imediatismo da memória, cria um movimento cósmico através de vastas expansões do Mundo Novo.⁵³

O trecho a seguir demonstra as características citadas acima:

Uma estrada que surge como garantia de uma rodovia moderna, um ponto quase secreto na planície pra Abasolo, onde outra estrada quase não vista não vai pra nenhum lugar, mas vai – nós queremos ver pra onde todas as estradas vão – mas esta viagem, pequena e rápida, só nos leva até lá, nos leva onde estamos indo e ainda não sabemos que nada espera além do fundo do tacho esperando pra ser raspado do nosso jeito exagerado e cheio de amor – precisamos ir até lá e rápido – se danem o choro, as fraldas molhadas, o colo cheio de Gerbers, a câimbra na perna e o nada pra ver – Padilla, Guemez, Ciudad Victoria, sanduíches de salada de frango e aquela sensação desconhecida duma cachoeira. Olho pra fora e das mãos de Deus caem miríades de estrelas e constelações que eu nunca tinha visto antes, sondam o horizonte na terra plana embaixo daquele horóscopo gigante no céu mexicano.⁵⁴

Esse imediatismo criado pela espontaneidade na escrita de Frazer fez com que alguns leitores de seu texto considerassem as memórias de Bonnie uma releitura da narrativa de estrada Beat masculina, comparando seu livro *Troia. Mexican Memoirs* com o canônico *On the Road* de Jack Kerouac.

Bonnie pertencia ao círculo Beat, ainda que de maneira opressiva. Ela convivia com Kerouac e Ginsberg, por exemplo. Assim, sua escrita reflete as leituras dos textos dos escritores Beat que ela lia e das experiências vivenciadas com eles. Na entrevista feita por Grace em 1999, publicada por Johnson e Grace (2004, p. 115), Brenda afirma que se parecia com Kerouac porque estava em contato com a produção literária dele e admirava a forma como ele utilizava as palavras. No entanto, ela alerta que sua obra não era uma cópia no seu sentido puro, mas, antes, sofria influência dele devido ao contato próximo:

⁵³ The result is fragmentation and surrealism. Chapters and paragraphs, for example, begin in medias res. Time shifts suddenly within paragraphs and sentences, just as memory moves from moment to moment, and the narrative voice frequently repositions itself, breaking the illusion of narrative consistency and character development. [...] Long, snaking, bebop sentences with distorted syntax capture a sense of speed and time travel, and Frazer's language, effecting the immediacy of memory, creates large cosmic movement across vast expanses of the New World.

⁵⁴ A road which grows out of the solid surety of modern highway dotting in weak secrecy into the plain to Abasolo where another almost not to be seen road, goes nowhere, but goes – we want to see where all roads go, since then, but this first trip just get us there and quick, get us there where we are going, and we don't know yet that nothing waits but the bottom waiting to be scraped in our own whimsical and full-of-love fashion – got to get there and quick – damn the crying and wet diapers and laps full of Gerbers on the bus, of leg cramps and numb to view – Padilha, Guemez, Ciudad Victoria, chicken salad sandwiches and the unknown feeling of a waterfall [...] I look out and God drops from his hand the myriad stars and constellations I have never seen before, plumb to the horizon flat landed out beneath the giant horoscopic screen of Mexican heaven. (Bremser, 2007, p.11-12)

Eu estava copiando, mas era diferente de sentar e copiar o livro. Era mais como o que você escuta muda a maneira como você pensa e o jeito que você fala, e então, era tipo isso. Mesmo agora, o jeito que ele [Jack Kerouac] encaixa as palavras – a doçura delas, o modo como as coisas se expandem quando você olha para elas. [...] Eu acho que eu devo muito crédito para Kerouac. Se eu soei como Kerouac era porque eu tentei. Eu lia seus textos enquanto eu estava escrevendo, da mesma forma que eu escutava Bessie Smith. [...] ele tinha a destreza da frase longa que é carregada de peso emocional alimentado de flashes transcendentais de realização.⁵⁵

O texto de Bonnie se assemelha ao de Kerouac ao não possuir linearidade nem continuidade devido à maneira como os acontecimentos surgem na memória e são colocados no papel. Essa técnica de *in medias res* utilizada por Bonnie é o que permite que explore e demonstre sua criatividade literária. No entanto, Bremser se distancia de Kerouac ao excluir o leitor de seu texto. Assim, de acordo com Encarnación-Pinedo (2016, p. 71):

Assim como Kerouac, Frazer abandona a linearidade e a continuidade na narração dos eventos em favor do caminho intuitivo criado por sua memória e pela representação de diferentes imagens que ela causa. Para Frazer, são nesses momentos – não na técnica ou no uso consciente da linguagem – que a escritora é capaz de sentir e articular a sua presença em qualquer criação literária e é quando o trabalho adquire seu valor. O tom de sua voz, também, representa uma inovação estética em comparação às outras memórias, ao mesmo tempo, que distancia sua narrativa do estilo de Kerouac – pelo menos em *On the Road*. Em sua prosa, a narradora e autora se unem em uma voz áspera, direta e rampante a qual se dirige aos leitores os menosprezando e desafiando suas expectativas e possível recepção de sua história, aumentando a tensão entre a veracidade e a ficcionalidade do texto. Sua atitude evita que o leitor julgue suas ações por meio da antecipação de suas expectativas.⁵⁶

Logo no início de sua narrativa, Bonnie avisa ao leitor que ela não está preocupada com ele, em ter um contato de autor-leitor.

⁵⁵ I was copying, but it's different from sitting down and copy-book copying. It's more like what you hear changes the way you think and the way you speak, and so that's what it was like. Even now, the way he [Jack Kerouac] fits words together – the sweetness of it, the way things expand when you look at it. [...] I guess I really owe a lot of credit to Kerouac. If I sound like Kerouac it's because I tried to. I read him while I was writing, just like I listened to Bessie Smith. [...] He had the knack of the long sentence, which is carried by emotional weight fueled by transcendent flashes of realization.

⁵⁶ Just like Kerouac, Frazer gives up linearity and continuity in the narration of events in favor of the intuitive path created by her memory, and the representation of different images it triggers. For Frazer, it is in those moments – not in the technique or conscious use of language – that the writer is able to feel and articulate her presence in any literary creation, when the work acquires its value. The tone of her voice, too, represents an aesthetic innovation in comparison to the rest of the memoirs, at the same time that it distances her narrative from Kerouac's style – at least in *On the Road*. The narrator and the author fuse in her prose with a harsh, direct, rampant voice which directly addresses the readers, mocking and challenging their expectations and their possible reception of her story, and increasing the tension between the veracity and fictionality of the text. Her attitude prevents the reader from judging her actions through her anticipation of his or her expectations.

Ir direto ao ponto? Estou chegando lá – espere, pra variar, seus chatos, seus empecilhos, vocês que querem me proteger da pureza das minhas próprias *ações* com camadas e muralhas de entraves filosóficos de merda. Me chame de viciada... Uh, e se eu for, você mesmo é a droga, a droga e a draga, todos nós sufocados, mas eu pretendo limpar a atmosfera pelo menos pra poder respirar. Isso é o quanto eu ligo pra sua moral – fui clara o suficiente? *Larga do meu pé – não vou mais lamentar nem gemer.*⁵⁷

Ela quer apenas escrever para aliviar o que está sentido. O único leitor provável de Bonnie é Ray, para quem suas cartas são endereçadas, porém, ela não está interessada na imagem que o leitor fará dela, pois “a narrativa recusa a proposta conciliatória habitual das memórias com o leitor e, em tom estridente, rejeita a acomodação ou o compromisso para afirmar uma subjetividade livre”⁵⁸. (Grace e Johnson, 2004, p. 110). Portanto, Bonnie “anula o contato autor-leitor por meio de seu desprezo por leitores convencionais”⁵⁹. (Mlakar, 2007, p. 130).

Desse modo, apesar de se basear no estilo da escrita literária de Kerouac, as memórias de Bremser não demonstram o prazer e a alegria de estar na estrada. Como Stewart (2015, p. 66) lembra, as narrativas de estrada de Bonnie e Kerouac representam as diferentes formas de como era pertencer à filosofia Beat para homens e mulheres:

For love of Ray não oferece o romance ou o escapismo que *On the Road* forneceu; é mais parecido com um documento do realismo social embora tenha sido escrito por meio de olhos nebulosos e dissociativos. A história de Bremser destaca que apesar da aventura e da transcendência que o caminho Beat oferece, suas realidades foram sentidas de formas diferentes pelos corpos e psiques de homens e mulheres.⁶⁰

Essa visão de documento do realismo social mencionada por Stewart é percebida, também, por Friedman (1996, p. 203) ao afirmar que *Troia* “é um documento literário, uma reformulação do passado para avaliar significado e intenção e para atribuir presença e consideração para as ações”⁶¹.

⁵⁷ Tell you straight? I’m getting to it – you wait, for a change, you drags, you barriers who want to shelter me from the purity of my own *action* by layers and walls of shitty, philosophical drag. Call me an addict... huh, if so, you yourself are the drug, a drug and a drag, all of us wallowing in it now, but I intend to clear the atmosphere at least for my own breathing. That’s how much I care for your morals – clear enough? Get off my back – *I will moan and groan in misery no more.* (Bremser, 2007, p. 5)

⁵⁸ The narrative refuses the memoir’s usual conciliatory overtures to reader and in strident voice rejects accommodation or compromise to assert an untrammelled subjectivity.

⁵⁹ Frazer, however, nullifies the author-reader contact through her disregard for conventional readers.

⁶⁰ *For love of Ray* does not offer that romance, the escapism that *On the Road* provided; it being more akin to a document of social realism albeit written through a hazy, dissociative lens. Bremser’s story highlights that despite the adventure and transcendence the Beat paths offered, its realities were felt differently on the bodies and psyches of women and men.

⁶¹ But it is foremost a literary document, a reworking of the past to assess meaning and intent, and to ascribe presence and consideration to actions.

Conforme mencionado nas seções anteriores, as memórias são caracterizadas por narrativas que misturam ficção e não-ficção e que reconstroem o passado ao retratarem as situações vivenciadas pelas mulheres que almejam ser sujeito de suas histórias e não mais objetos. Portanto, *Mexican Memoirs* pode ser considerada uma forma de compreender como as mulheres Beat se relacionavam com o círculo Beat.

Em meio ao seu desespero, Bonnie acreditava que havia salvação, tanto para ela quanto para Ray. Além de escrever buscando a sua libertação/salvação daqueles sentimentos negativos, ela sentia a necessidade de falar sobre a vida das prostitutas no México, uma forma de denunciar o abuso sofrido por elas. Essa necessidade fez com que ela se sentisse honesta em relação à sua prostituição, conforme declarou na entrevista já mencionada:

Eu me sentia honesta sobre ser prostituta. Eu sentia como se o que eu estivesse fazendo fosse mais justo que sexo sem amor. Eu pensava que era uma coisa que precisava ser feita. Eu pensava que as prostitutas precisavam de uma porta-voz.⁶²

Essa honestidade sentida por Bonnie é o que faz com que ela tenha a fé necessária para a sua salvação. Essa atitude de ser honesta é associada por Grace (2002, p. 168) a uma heroína de contos de fadas com características de Jesse James:

O eu Beat que Frazer constrói é uma mulher honesta assumindo uma postura de antinomismo laudatório, uma combinação de um Jesse James feminino decidido com uma princesa de um conto de fadas que se atreve a desafiar as leis mexicanas e americanas bem como clientes desagradáveis e violentos antes de retornar para casa em uma cena idílica em Greenwich Village onde o amor verdadeiro com Ray surge de novo. Confessional e conflituoso, *Troia* se destaca como memória que em forma e conteúdo pode ser a mais problemática e provocativa das histórias de vida das mulheres Beat.⁶³

Corroborando com as características já mencionadas – a estrada das mulheres Beat enquanto mães e libertinas; a reconstrução do passado; o estilo e a linguagem espontânea; o colocar-se como sujeito e não mais objeto das narrativas – Mlakar (2007,

⁶² I felt righteous about being prostitute. I felt like what I was doing was more honest than free love. [...] I thought it was something that needed to be done. I thought prostitutes needed a spokesperson. (Grace e Johnson, 2004, p.130)

⁶³ The Beat self that Frazer constructs is a righteous woman assuming a posture of laudatory antinomianism, a combination of a gritty female Jesse James and a fairy tale princess who dares to defy Mexican and U.S. law as well as obnoxious and violent johns before returning home to an idyllic Greenwich Village scene where true love with Ray blooms again. Confessional and confrontational, *Troia* stands apart as a memoir that in form and content may be the most troubling and provocative of the Beat female life stories.

p. 157) em sua tese *Merely being there is not enough* destaca quatro características principais das memórias de Bonnie:

For Love of Ray contém a característica de uma memória terapêutica. Segundo, a memória é uma narrativa de estrada de uma fora da lei Beat com uma “fuga para o México” como tema principal. Terceiro, o trabalho também ecoa questões da segunda onda feminista por meio da sua crítica ao patriarcalismo e seus efeitos degradantes nas mulheres. Quarto, Frazer claramente desfigura os códigos da escrita pornográfica tradicional.⁶⁴

As memórias são terapêuticas porque, como a própria Bonnie afirmou (Grace e Johnson, 2004, p.121), ela começou a escrever as cartas para Ray para aliviar os sentimentos negativos – como dor, rancor e culpa – que ela carregava consigo após voltarem para os Estados Unidos. Ao escrever, ela conseguiu construir um eu que acreditava na importância da sua história e no que ela representaria na história de vida de outras prostitutas e de outras escritoras Beat.

A fuga para o México como tema principal está relacionada ao fato de Bonnie e Ray serem fugitivos. Na época, muitas pessoas consideradas “fora da lei” buscavam abrigo no México e suas histórias eram contadas. Além, é claro, de que essa fuga foi para Bonnie, entre muitas outras coisas, uma maneira de vivenciar a cultura Beat. Além de viajarem para diversos lugares quando tinham dinheiro, Bonnie experimentou o sexo em diversas possibilidades. Em suas relações sexuais ela vivenciou momentos ruins e bons, descobriu-se como uma mulher poderosa e encontrou sua subjetividade.

Troia critica o patriarcalismo ao narrar as situações de opressão sofridas por Bonnie devido às crenças da sociedade da época e às atitudes de seu marido. Além disso, reivindica sua posição como sujeito de sua própria história ao denunciar a visão dela e de outras escritoras Beat como objetos do desejo masculino. Por meio de suas memórias, a “chick” ganha voz e demonstra o que é ser mulher e escritora no decorrer da Geração Beat.

A desconfiguração do código pornográfico da escrita está relacionada com a crítica ao patriarcalismo e à sociedade da época. Bonnie narra as cenas de sexo com foco no ato sexual, ao contrário de Diane di Prima que, em *Memoirs of a Beatnik*, foca nas descrições corporais durante as cenas de sexo. Além de preocupar-se com o ato sexual, a atitude de seus clientes é utilizada para denunciar a visão da prostituta como objeto de satisfação masculina como, por exemplo, fingir ser uma estudante inocente

⁶⁴ *For Love of Ray* contains feature of a therapeutic memoir. Second, the memoir is a Beat outlaw road tale with an “escape-to-Mexico” theme in its center. Third, the work also echoes issues of second wave feminism through its critique of patriarchy and its degrading effects on women. Forth, Frazer clearly disfigures the codes of traditional pornographic writings.

que precisa de dinheiro para satisfazer a vontade/fantasia de um cliente: “mas O insistiu que eu tinha que ser a estudante azarada com seu irmão e agir como se ele estivesse iniciando minha perdição”⁶⁵ (Bremser, 2007, p. 162).

Também, é por meio das cenas de sexo que Bonnie, ao relatar seus pensamentos, expressa sua sexualidade e a si mesma. Essa quarta característica é explicada por Mlakar (2007, p. 161):

For Love of Ray é um bom exemplo de como o código pornográfico da escrita é desfigurado. Fazendo isso, Frazer consegue expressar sua atitude conflituosa a respeito da cultura popular dos Estados Unidos da época. As cenas sexuais explícitas da memória não devem ser lidas como pornografia obscena, mas como esforços para afirmar a sexualidade feminina.⁶⁶

Além disso, “as cenas sexuais com os seus clientes são caracterizadas pelo uso de gírias *hipsters*, brevidade, dissociação e repulsa ao invés de erotismo”⁶⁷. (Stewart, 2015, p. 63). “o cara está me chupando e eu estou tentando afastar ele de mim porque eu só quero foder e acabar logo com isso”⁶⁸. (Bremser, 2007, p. 140). Portanto, as cenas sexuais em *Troia* não são um estímulo para as relações sexuais, mas sim, uma denúncia, um desabafo e um ato de autoconhecimento.

Como demonstrado em *Troia*, no decorrer da sua participação na Geração Beat, Bonnie é oprimida pela sociedade e por seu marido (que, além de controlar seu corpo, tentou controlar seu texto). Contudo, assim como as outras memorialistas Beat, Bonnie utilizou sua narrativa de estrada para romper com o silenciamento vivenciado por elas e outras mulheres Beat ao serem forçadas a viver uma vida de donas de casa que rejeitavam ao saírem das casas de seus pais.

Com temas relacionados à subjetividade feminina, *Troia* questiona a liberdade defendida pelos homens Beat. Discorrendo sobre maternidade, sexualidade, casamento, papéis sociais e escrita, Bonnie Bremser, assim como as outras escritoras Beat, modifica o discurso doméstico das narrativas de estrada.

⁶⁵But O insisted that I had to play the hard fuck student with his brother, and make like he was initiating my downfall... .

⁶⁶*For Love of Ray* is a good example of how the code of pornography writing is disfigured. By doing so, Frazer can now express her conflicting attitude concerning U.S. popular culture of the time. The memoir's explicit sexual scenes should not be read as obscene pornography, but as attempts to affirm her female sexuality.

⁶⁷The sexual scenes with her johns are characterized by the use of hipster slang, brevity, dissociation and revulsion rather than eroticism.

⁶⁸And the cat is going down on me, and I am trying to get him off me cause I just want to fuck and get it over with.

CAPÍTULO 4 – TROIA. MEXICAN MEMOIRS / TROIA. MEMÓRIAS MEXICANAS

... First off I want to tell a few really important things about me. I know that continuity is necessary, and I do my best up to a point, but I believe in distortion – I believe that if you get to a place where something is taking shape and want badly to comprehend the thing that you have created, supposedly for yourself (since everything is personal anyway), then my any old thing to fill the gap will do – and that is the point where you come in... in looking back, what's important is not the technique or lack of it, but those few minutes when you overcome the frustration, bridge the gap, and hold something incredibly beautiful to you; the point where you don't see yourself anymore but you are there, and OBOY, that's the way you really are... Here is the way I really am: I HAVE GOT PLENTY OF NOTHING, if you will excuse my banality. My heart belonged to Ray since the day I met him in Washington, that is the basis of my life, and all life before that can only be explained this way: that my heart knew that Ray was on his way to me. My heart has a mind of its own – and, speaking of minds, this is where I want to explain me: I have a dirty mind.

My mind is on my needs. I walk down the street and feel the thigh within my raincoat warmed by

... Pra começar, eu quero contar algumas coisas importantes sobre mim. Eu sei que a continuidade é necessária e até certo ponto faço o melhor que posso, mas eu acredito em distorção – eu acredito que se você chega a algum lugar onde as coisas estão ganhando forma e quer compreender aquilo que você criou, supostamente por você mesma (já que tudo é pessoal mesmo), qualquer coisa velha serve pra preencher o vazio – e este é o ponto onde você chega... e olha pra trás, o que importa não é a técnica ou a falta dela, mas aqueles breves minutos em que você derrota a frustração, preenche o vazio e guarda algo incrivelmente maravilhoso pra você; o ponto no qual você não se vê, mas você está lá, POXA, é assim que você é de verdade... Eis o que eu sou: EU TENHO MUITO DE NADA, desculpe a banalidade. Meu coração era do Ray desde o dia em que encontrei ele em Washington, o alicerce da minha vida, e toda minha vida depois disso só pode ser explicada assim: meu coração sabia que Ray estava vindo pra mim. Meu coração tem mente própria, e falando em mentes, é aqui onde quero chegar pra me explicar: eu tenho mente suja.

Minha mente está nas minhas necessidades. Eu caminho nas ruas e sinto minha coxa dentro da capa de chuva aquecida

the sun.

I like to think of other people helping me. It occurs to me that everything will be O.K. because there will always be someone to help me get the things I want. I like the people who help me, as a rule, because their existence adds to the thought that everything is going to be O.K.

When I have no money I am able to desire vividly the things that money can buy. I look at them and am pleased at their availability; even looking at money pleases me. With a dime I walk into a restaurant and take a long time over a cup of coffee and am pleased to see people buying things that I don't have the money to buy, and a green bill passing hands is especially beautiful to me. A person sitting next to me complains of the food and the proprietor calmly throws it in the garbage and when the man leaves he pays for it, though he is not asked to, and leaves a tip for which the proprietor thanks him. I find them both admirable.

Walking by a wholesale jewelry store I am called into a dream by the fairy-tale beauty of diamond bracelets, and moreover, I think of the people I could have buy me those things, nothing more than that, the moment passes, but leaves its impression of a completed sensual experience. I decide that I will go without money or often to enjoy this

pelo sol.

Eu gosto de pensar nas outras pessoas me ajudando. Penso que tudo ficará bem porque sempre terá alguém pra me ajudar a conseguir as coisas que desejo. Como regra, gosto das pessoas que me ajudam porque a existência delas alimenta a ideia de que tudo ficará bem.

Quando eu não tenho dinheiro, eu desejo as coisas que o dinheiro pode comprar. Eu olho pra elas e fico satisfeita com a disponibilidade delas; até mesmo olhar o dinheiro me satisfaz. Com dez centavos eu entro num restaurante e tomo uma longa xícara de café e me satisfaço observando as pessoas comprando coisas que eu não posso comprar, uma nota verde passando de mão em mão é, em especial, linda pra mim. Uma pessoa sentada ao meu lado reclama da comida e o proprietário, com calma, joga ela no lixo, e quando o homem vai embora ele paga pela comida, mesmo não sendo cobrado, e deixa uma gorjeta, o dono agradece. Eu acho os dois admiráveis.

Caminhando por um atacado de jóias eu sonho com pulseiras de diamantes de contos de fadas, e mais, eu penso nas pessoas que poderiam comprar essas coisas pra mim; nada mais que isso, o momento passa, mas deixa a impressão de toda uma experiência sensual. Eu decido que vou sair mais vezes sem dinheiro só pra aproveitar esse

feeling: the anticipation of confidence, the lilting dream which grows upon itself is a reality I had not expected to encounter.

I am pleased at my lack of clothing. My nakedness is anticipated much more in dreams than my eyes can ever plan for it in covering, and the means to the dream is a whole other dimension I hesitate to describe. The ideal covering for my body is sunlight, and in sunlight I will be admired (foremost by myself) – the afternoon sun I while away thus with my dirty mind.

Oh yes, but I can lay it down gently, too, at any stage, for I have changed, remember? The first time that Ray was taken away from me by New Jersey I was fresh out of college, married to Ray only six months, a rebel, yes, but still investigating just the outermost bounds of myself. I didn't know much of what anything was about, had only the confidence to accept Ray's love and marry him. That part was unmistakable. I was plenty old enough for that, but to deal with prisons and disappearances? You see, I must always do everything on my own. Though I am sometimes inspired, I am seldom advised, except, newly, then, by Ray. I thought that marriage was an end to all my problems, but it was more than that; it was a new life, and that I had to work my way through six months of it as isolated as I had been previously all my life, with little

sentimento: a antecipação da confiança, o sonho ritmado que cresce sozinho é uma realidade que eu não esperava encontrar.

Eu estou satisfeita com minha pouca roupa. Minha nudez é antecipada muito mais nos sonhos do que meus olhos poderiam planejar pra ele coberto, e o caminho para sonhar leva a outra dimensão que hesito em descrever. A roupa ideal pro meu corpo é a luz do sol e vestida de sol eu vou ser admirada (sobretudo por mim mesma) – o sol da tarde que eu afasto com minha mente suja.

Ah, sim, mas gentilmente, eu posso desistir a qualquer momento porque eu mudei, lembra? A primeira vez que Ray foi tirado de mim em Nova Jersey eu tinha acabado de sair da faculdade, casada há apenas seis meses com Ray, uma rebelde, sim, mas ainda investigando as fronteiras de mim mesma. Eu não sabia muito sobre as coisas, tinha apenas a confiança pra aceitar o amor de Ray e me casar com ele. Esta parte foi inequívoca, eu era bem velhinha pra isso, mas lidar com prisões e desaparecimentos? Veja, eu sempre fiz as coisas por conta própria. Embora algumas vezes eu tenha sido inspirada, poucas vezes fui avisada, exceto, então, pelo Ray. Eu achei que o casamento era a solução dos meus problemas, mas era mais que isso, era uma vida nova, e o fato de eu ter que dar meu jeito por seis meses tão isolada quanto sempre fui na minha vida, com pouco

encouragement and little direction of my own, was a tragedy. The hope of a dream had long since died in my cynicism, and despair had taken over, enabling me to live in abandon without even knowing what abandon was. But the dream had grown freshly when I met Ray, and when they took him from me the first time, I abandoned my hope and gave up the faithfulness and the dream I had so implicitly believed in. But I was more unhappy that I had ever been, and that is a consolation, that is hope and some kind of recognition, though I knew it alone and had no idea that Ray felt the same way – the same as when I was constantly away from my mother in childhood. I thought that she didn't care, didn't even think about me when we were apart; I thought that I was the only lonely soul in the world, and accepted it, lived with it all my life, and when a chance came for companionship and good healthy exercise, I jumped on it. So, blame me! I can't blame myself anymore, for the repentance is done in the act and working through it.

The very night that they took Ray away from me, I capped the disillusion myself and pretended to find love everywhere, not only on the person of my real love. This is life, this one of the drawbacks of living in a world so full of people and human beings

encorajamento e pouca noção de mim mesma, foi uma tragédia. A esperança de um sonho morreu com o meu cinismo e o desespero tomou conta, me permitindo viver no abandono mesmo sem saber o que era abandono. Mas o sonho reapareceu quando eu encontrei Ray e, quando eles tiraram ele de mim pela primeira vez, eu abandonei minha esperança e desisti da fidelidade e do sonho em que eu acreditei às cegas. Mas eu estava mais infeliz que nunca e isso é um consolo, é esperança e algum tipo de reconhecimento, embora só eu soubesse disso e não tivesse a menor ideia de que Ray também se sentia assim – do mesmo jeito de quando eu ficava sempre longe da minha mãe na infância. Eu achei que ela não se importava, nem sequer pensava em mim quando estávamos separadas, eu achei que eu era a única alma sozinha no mundo, e aceitei isso, convivi com isso a minha vida toda e quando a chance de companhia e exercício saudável surgiu, eu agarrei. Então, me culpe! Eu não consigo mais me culpar, o arrependimento surge de cara e mais tarde.

Na mesma noite em que eles tiraram Ray de mim, eu encobri a desilusão e fingi encontrar o amor em qualquer lugar, não só na pessoa que eu amava. Esta é a vida, este é um dos inconvenientes de se viver num mundo cheio de seres humanos

– to find out that I’m not alone, in order to find out how truly alone I am, and then to be surprised to find out that I’m not alone after all – and take it all into my hands finally and weed out the garden, put down my mother and my father and my sister and everyone who would make me part of the family except my very individual axis, which miraculously is part dream and part real.

It all comes back to me: I was sure after marriage that Ray had made a bad bargain in me. I was afraid that if I wasn’t worthy of him that maybe he wasn’t good enough for me, by some quirk. Not knowing the worth of either of us sent me out to test the whole business. I tried seduction to see if I could pick up that one and lay him down again and try and investigate mindfully if the ones I was able to catch were worth catching. I cannot give a final opinion; as a rule, I got fucked over, that’s what the world does to trusting people. Yet, it was all between Ray and me, so no harm was done. As soon as I knew that Ray was coming back, that there was no end to things, though New Jersey fucked over him worse and took him away and gave him back – the same as those unthinking males I fucked while he was gone – we were only washed around by the waves, and when time got turned on again, we both coolly moved to each other’s sides to start

–descobrir que eu não estou sozinha, pra descobrir o quanto eu estou sozinha e então ficar surpresa em descobrir que eu não estou sozinha no fim das contas – e, por fim, ter tudo em minhas mãos e eliminar o jardim, renunciar a meu pai, minha mãe, minha irmã e todos aqueles que poderiam me tornar parte da família, exceto meu eixo individual que, por milagre, é metade sonho e metade real.

Tudo veio à tona: depois do casamento eu tinha certeza que Ray havia feito um péssimo negócio comigo. Por esquisitice, eu tinha medo de que se eu não fosse digna dele talvez ele não seria bom o suficiente pra mim. Não saber o valor de nós dois me fez testar a coisa toda. Eu tentei sedução, pra ver se poderia pegar alguém e abandonar de novo e, focada, eu tentei investigar se aqueles que eu era capaz de pegar valiam a pena ser pegos. Não consigo ter uma opinião final; via de regra, eu me fodi, é o que o mundo faz com pessoas que acreditam nas outras. Ainda, era tudo entre mim e Ray, então não houve danos. Assim que eu soube que Ray estava voltando, que não havia um fim pras coisas, embora Nova Jersey tenha fodido muito com ele, tenha levado ele embora e depois devolvido – do mesmo jeito que os caras idiotas que eu fodi precipitadamente enquanto ele estava longe – nós fomos apenas lavados pelas ondas e quando nossa hora chegou, ambos nos afastamos com frieza, cada um pro seu lado, pra começar

it all over again.

Yes, funny, you who know me, Bonnie of the streets, of the hard touch, of the frantic spiritual judgment come to coerce you, you remember, jazz, soul, bebop, and well along the straight road to salvation. Funny that I should come so late, so weak and confused to explain the basis of it all, to fall back on the poetic pattern, spoken rivets on a plank. Lord, let me keep on with the pattern. Come now to save me, phony this, the means – but the end? That’s what I wonder mostly.

I have lied. I am ashamed of my fear, afraid to disclose my lack of scruples. Oh, I am inscrutable, too, even to myself, and don’t think, oh reader and thrill seeker, that ain’t the real payback – the man inside hibernated for a long winter, how to dig him out and now look in the face. Don’t I have a right to fear my own frightened sensibilities first, before yours? It’s only natural, I take the responsibility; learn that we and society will get along O.K. Should I invoke the muse? No, that would be an excuse. Or should I cite history about the temple prostitutes? No, that would be a downright lie. Tell you straight? I’m getting to it – you wait, for a change, you drags, you barriers who want to shelter me from the purity of my own *action* by layers

tudo de novo.

Pois é, engraçado, você me conhece, a Bonnie das ruas, do toque firme, do julgamento frenético que vem te seduzir, você lembra, jazz, soul, bebop e na estrada direta pra salvação. É engraçado como cheguei tão tarde, tão fraca e confusa pra explicar a base de tudo, pra voltar pro padrão poético, rebites falados em tábuas. Senhor, me deixe continuar com o padrão. Venha agora pra me salvar, essa impostora, os meios– mas e o fim? Isso é o que mais me pergunto.

Eu menti. Eu tenho vergonha do meu medo, medo de expor minha falta de escrúpulos. Ah, eu também sou inescrutável, até mesmo pra mim mesma, e não pense, ó leitor e caçador de emoções, que é o troco – o homem que hibernou dentro de mim durante um longo inverno, é como desenterrá-lo e agora olhar nos seus olhos. Eu não tenho o direito de temer minhas sensações antes das suas? É natural, eu assumo a responsabilidade; aprenda que eu e a sociedade vamos nos dar bem. Eu deveria invocar a musa? Não, isso seria uma desculpa. Ou eu deveria mencionar a história das prostitutas do templo? Não, isso seria uma mentira deslavada. Ir direto ao ponto? Estou chegando lá –espere, pra variar, seus chatos, seus empecilhos, vocês que querem me proteger da pureza das minhas próprias *ações* com camadas

and wall of shitty, philosophical drag. Call me addict... huh, if so, you yourself are the drug, a drug and a drag, all of us wallowing in it now, but I intended to clear the atmosphere at least for my own breathing. That's how much I care for your morals – clear enough? Get off my back – *I will moan and groan in misery no more.*

My soul is black to its depth and the heart shines through like a beacon or that powerful Egyptian self-induced light which moves all material things effortlessly. The pacified ghost roams at leisure within the pyramid, takes on the countenance of its own sphinx, expresses itself inwardly, and that pretty much exclude you.

BOOK ONE: MEXICO CITY TO VERACRUZ AND BACK TO TEXAS

Once across, we were quickly tired of Matamoros and purchased tickets to Mexico City. Transportes Del Norte, marron buses, nothing to complain of in these first-class accommodations, we had enough money to get safely to Mexico City from where we were somehow to get safely to Veracruz, where we were to find our refuge.... had I already exchange one fear for another? Had the

e muralhas de entraves filosóficos de merda. Me chamem de viciada...Uh, e se eu for, você mesmo é a droga, a droga e a draga, todos nós sufocados, mas eu pretendo limpar a atmosfera pelo menos pra poder respirar. Isso é o quanto eu ligo pra sua moral – fui clara o suficiente? *Larga do meu pé – não vou mais lamentar nem gemer.*

Minha alma é negra até o fundo e meu coração brilha como um farol, ou como aquela poderosa lâmpada egípcia que move todas as coisas materiais sem esforço. O fantasma tranquilo perambula pela pirâmide e assume o semblante de sua própria esfinge, se expressa intimamente, e isso meio que exclui você.

LIVRO UM: DA CIDADE DO MÉXICO PRA VERACRUZ E DE VOLTA PRO TEXAS

Já no outro lado, cansamos rápido de Matamoros e compramos passagens pra Cidade do México. Transportes Del Norte, ônibus vermelho, não tinha o que reclamar das acomodações de primeira classe, tínhamos dinheiro suficiente pra chegar em segurança na Cidade do México pra, de algum jeito, chegar em segurança em Veracruz, onde íamos encontrar nosso refúgio...será que eu já troquei um medo por outro?Será que as

cold damp night of Matamoros out another chill into my heart? Was my fear at this time all composed of not being able to handle external circumstances, afraid I would be not able to keep Rachel healthy, or at least not crying (and that was a feat I didn't often succeed in), and not to be able to satisfy Ray – what was happening in his head, something similar? And it all was so extremely personal, this service of responsibility, that the failure of it and maybe the success I have not had much chance to experience up to this point was a very lonely things; we were not really helping each other too much now. Each of us was just clinging as well as possible to what shreds of strength were left in the confidential self. The bus ride to Mexico City, full of this, I am constantly with the baby on my lap, broken-hearted at every spell of crying, the frustration of not being a very good mother really – trying to groove, trying to groove under the circumstances – and in spite of it I have impressions of dark-shrouded nights of passage through the hills, of an oasis of light in a restaurant stop. 2 A.M. with everyone sitting around the narrow lighted room – with a sense of it being the only lighted room for fifty miles around – eating eggs Mexican style for the first time. Ray got his *huevos rancheros* and I got eggs scrambled with fried beans and this was sort of a prelude to our Mexican trip. This meal in itself would come to be one of the great

noites frias e úmidas de Matamoros gelaram meu coração? Todo o meu medo neste momento era de não ser capaz de lidar com as circunstâncias, de não ser capaz de manter Rachel saudável ou pelo menos sem chorar (uma proeza na qual nunca fui boa), de não ser capaz de satisfazer Ray? – o que estava passando pela cabeça dele, seria algo parecido? Tudo era tão pessoal, essa ideia de responsabilidade, que o fracasso, ou talvez o sucesso que eu não tive a chance de experimentar até agora, era algo muito solitário; já não estávamos mais nos ajudando muito. Cada um de nós estava apenas se agarrando, da maneira que pudesse, aos restos da nossa autoconfiança. A viagem de ônibus pra Cidade do México, cansada disso, eu estou sempre com a bebê no meu colo, coração partido a cada choro, a frustração por não ser uma boa mãe de verdade– tentando dançar conforme a música sob essas circunstâncias – e apesar disso, eu tenho a sensação das noites escuras passando pelas montanhas, de um oásis de luz em uma parada pra comer às duas da manhã, enquanto todos estavam sentados em volta daquela sala estreita iluminada –com a sensação de ser a única sala iluminada em oitenta quilômetros – comendo ovos ao estilo mexicano pela primeira vez. Ray pediu *huevos rancheros* e eu ovos mexidos com feijão frito, este era um tipo de prelúdio da nossa viagem ao México.Essa refeição seria um dos grandes

Mexican treats; eggs, how many places have we had those eggs I came to remember with great pleasure, but then, at that time, it was fear and anxiety not even to know how to ask for an egg in Spanish, and though I probably exaggerate now the lostness of not being to make myself understood, I can now see that it was not just the language that caused the fear. Somehow the fear was cumulative, the desire growing as the inability increased.

The trio – a maroon bus awaits us beside the low immigration building, near the broken-down bridge – beer cans clatter in the dusty road afternoon; no sunlight but the approaching lowering clouds of a thunderstorm spreading out over the sky into gray vastness of a depressing standstill underneath ant tree. Lonely, your reality here in Matamoros, the streets which carry through the center of town growing in importance to the four central parallels which cut out the square of the plaza, where afternoon *bistek*-eaters and shoeshine boys eye each other from across the unpaved streets; these same streets spread outward into the still mathematically correct city layout, but sidewalks disappear and houses rise in the midst of a block shackled upwards from a broken-down fence entryway by eroded paths. A house my take any shape or position within a block, and weeds of menacing aspect care little

prazeres do México; ovos, em quantos lugares comemos esses ovos eu me lembro com grande alegria, mas naquele momento, era o medo e a ansiedade em não saber como pedir ovos em espanhol e embora eu exagere no tamanho da dificuldade de não me fazer entender, agora eu entendo que não era apenas a língua que me causava medo. De algum jeito, o medo era cumulativo, o desejo crescendo conforme aumentava a incapacidade.

A viagem – um ônibus vermelho nos espera do lado do prédio da imigração, perto da ponte quebrada – latas de cerveja batem na tarde da rodovia empoeirada; as nuvens se aproximavam escondendo o sol e anunciando uma tempestade, o céu acinzentado como uma longa e deprimente pausa sob qualquer árvore. Solitária, a realidade aqui em Matamoros, as ruas que levam ao centro da cidade crescendo em importância até as quatro ruas paralelas centrais que cortam a praça onde, durante a tarde, comedores de bifes e engraxates cruzam olhares pelas ruas não asfaltadas; essas ruas se afastam em direção à planta ainda matematicamente correta da cidade, mas as calçadas desaparecem enquanto casas surgem no meio das quadras, barracos erguidos com pedaços de cerca ao longo de caminhos destruídos. Uma casa pode ter qualquer forma ou posição na quadra, e ervas de aspecto ameaçador não se importam muito

for the store on the corner so drawn into its cache of paper candies and orange soda signs it has shrunk to the stature of a poverty-struck doll house – the incredible ironies of Mexico – the wild-flung filth of Matamoros. Leaving town on the bus, mudhole crossroads fifty yards wide of rutting and industry – some International Harvester or reaping machine showroom with its economic splendor surveying the city; it will grow on, and the sky disapproves. Pass Sta. Teresa, a cafe faces east on the flat land. Look across to the Gulf, and nothing looks back, save the mesquite bushes; a mangy dog chases a couple of not-promising cows across a landscape you would not expect to carry even that much vision of life. Seen from the air, Transportes Del Norte carries on, a vision of good service, sixty people burning up the dust on the first stretch of the roads, which do indeed all lead to Mexico City-San Fernando, Tres Palos, Encinal. The sun shines briefly as I change the baby's diaper and we have a cup of coffee and head back to the bus. Santander Jiménez, we do not know yet that from here dots one of those “almost” roads perpendicular to the route of traveling civilization. A road which grows out of the solid surety of modern highway,

com a loja da esquina tão enfiada em seus doces pedaços de cerca ao longo de caminhos destruídos. Uma casa pode ter qualquer forma ou posição na quadra, e ervas de aspecto ameaçador não se importam muito com a loja da esquina tão enfiada em seus doces e placas laranja de refrigerante que ficou do tamanho de uma casa de bonecas afetada pela pobreza – as ironias incríveis do México –a sujeira selvagem de Matamoros. Saindo de ônibus da cidade, um cruzamento de quarenta e cinco metros de lama de atividade intensa – tipo a Harvester Internacional ou uma exposição de colheitadeiras com seu esplendor econômico inspecionando a cidade; ela vai crescer e o céu não aprova. Depois de Santa Teresa, um café virado pro leste na planície. Logo à frente o Gulf e nada atrás, além das algarobas; um cachorro sarnento persegue duas vacas pouco promissoras cruzando a paisagem, você não esperaria que tivesse tal visão desse tanto de vida. Visto de cima, Transportes Del Norte segue em frente, um serviço bom, sessenta pessoas levantando poeira no primeiro trecho da estrada que levava pra Cidade do México - São Fernando, TresPalos, Encinal. O sol brilha um pouco enquanto troco a fralda da bebê, nós tomamos uma xícara de café e voltamos pro ônibus. Santander Jiménez, ainda não sabíamos que era o ponto de uma daquelas “quase” estradas perpendiculares à rota da civilização. Uma estrada que surge como garantia duma rodovia moderna,

dotting in weak secrecy into the plain to Abasolo where another almost not-to-be-seen road goes nowhere, but goes – we want to see where all the roads go, since then, but this first trip just gets us there and quick, gets us there where we are going, and we don't know yet that nothing waits but the bottom waiting to be scraped in our own whimsical and full-of-love fashion – got to get there and quick – damn the crying and wet diapers and laps full of Gerbers on the bus, of leg cramps and not much to view – Padilla, Guemes, Ciudad Victoria, chicken salad sandwiches and the unknown feeling of a waterfall. In all of these places we stop, passing through, rushing downward, seeking our level, slowly dying, get it over, let's get there. Ciudad Monte, non-stop Valles, passing in the night the bus driver picks up on lack of sleep, answers on the wheeling whispering pavement. We take our first curves into the hills, the roads start to swing – Tamazunchale, lights seen across a valley, Jacala, pencil marks on maps of future excitement. We turn east in the night approaching Ixmiquilpan, herald Indian feathers, the driver mutters incoherent names over the sleeping passageway, the bus careens as we shoot through Actopan, come another and final turning point at Pachuca. The driver announces the last lap and everyone stirs and gets excited at the news, not realizing

um ponto quase secreto na planície pra Abasolo, onde outra estrada quase não vista não vai pra nenhum lugar, mas vai – nós queremos ver pra onde todas as estradas vão – mas esta viagem, pequena e rápida, só nos leva até lá, nos leva onde estamos indo e ainda não sabemos que nada espera além do fundo do tacho esperando pra ser raspado do nosso jeito exagerado e cheio de amor – precisamos ir até lá e rápido – maldito choro, fraldas molhadas, colo cheio de Gerbers, câimbra na perna e nada pra ver – Padilla, Guemez, Ciudad Victoria, sanduíches de salada de frango e aquela sensação desconhecida duma cachoeira. Paramos em todos estes lugares, atravessando, correndo, procurando nosso lugar, morrendo devagar, chega disso, vamos chegar logo. Ciudad Monte, nenhuma parada no Valles, durante a noite o motorista pisca por causa do sono, o sussurro das rodas no asfalto. Surgem as primeiras curvas da colina, a estrada começa a balançar – as luzes de Tamazunchale aparecem pelo vale, Jacala, marcas de lápis num mapa de diversão futura. Viramos pro leste na noite nos aproximando de Ixmiquilpan, anunciada pelas penas dos índios, o motorista resmunga nomes incoerentes pela passagem silenciosa, o ônibus desliza pra lá e pra cá quando chegamos a Actopan, chega outra (e última) reviravolta em Pachuca. O motorista anuncia a última parada e todos vibram animados com a notícia, sem perceberem

it is more than three hours of approach to Mexico City. I look out and God drops from his hand the myriad stars and constellations I have never seen before, plumb to the horizon, flat landed out beneath the giant horoscopic screen of Mexican heaven.

Why do I hold back and hide, when I am sure at least of one person as understanding as I of my own faults and maybe as proud of our achievements? Oh yes, let's don't get personal about it at this late hour – had we done so earlier, tempestuous natures would have wracked to the lowest hill what now begins to be seen almost as a peaceful Arcadia we retire to, even in exile, now...

Two o'clock *en la mañana*, we arrive in Mexico City and the bus leaves us off at ADO and not at the Transportes Del Norte bus terminal. In a swelter of homeless-appearing people whom we don't recognize there are many who are waiting for the morning bus perhaps, and though they look disreputable something will eventually be brought out of their packs to make them proud – like us, our records, our chevrons at that point, I guess, on our way to make the scene at P's and it couldn't be too soon for me. I was cold, tired, and ready for the new day to dawn with everything O.K., as usual. Taxi drivers, *caldo* eaters of the night, our soon-to-be compadres of doubtful reckonings on Mexico City taxi meters.

que ainda faltam três horas pra chegar na Cidade do México. Olho pra fora e das mãos de Deus caem miríades de estrelas e constelações que eu nunca tinha visto antes, sondam o horizonte na terra plana embaixo daquele horóscopo gigante no céu mexicano.

Por que eu paro e me escondo, quando eu tenho certeza de pelo menos uma pessoa tão compreensiva quanto eu das minhas próprias faltas e, talvez, tão orgulhosa das nossas conquistas? Ah, sim, não vamos tornar isso pessoal a essa hora – fizemos isso mais cedo, as naturezas tempestuosas poderiam destruir até o menor monte o que agora começa a ser visto como uma Arcádia em paz onde nos aposentamos, mesmo no exílio, agora...

Às duas horas *en la mañana*, chegamos na Cidade do México, o ônibus nos deixa na ADO e não no terminal rodoviário da Transportes Del Norte. Sufocados entre pessoas desconhecidas com aparência de sem teto, muitos talvez estejam esperando pelo ônibus da manhã, e apesar de parecerem desonestos, alguma coisa iria brotar dos seus embrulhos e deixá-los orgulhosos – como nós, nossas memórias, nossos caminhos até aqui, eu acho, no nosso caminho pra casa de P que pra mim poderia não ser tão logo. Eu estava com frio, cansada e pronta pro raiar de um novo dia com tudo bem, como sempre. Taxistas, comedores noturnos de *caldo*, nossos futuros compadres de uma conta suspeita dum taxímetro

When the meter registers two pesos, the passenger somehow must pay four, and even more surprisingly, we find out this is not just tourist graft and that the taxi in Mexico is one of the cheapest rides anywhere with privacy like a king; cheapest except for the bus ride, of you are game, but that is more rollercoaster thrills.

P was not at home. We walked, looking for a place to have coffee and get warm, for though we travel light we have the burdens of 300 miles in our heads. I remember now the opposite trip for me later when I flew from Mexico City to Washington in five hours and was dizzy for days afterward, unbelieving – and now I make the trip in my head, slowly, in pieces, this morning with the sun I climb the overhanging hills of Acapulco, alone, lonely, alone, full of the meaning of death, and life, either end of it, Mexico, Mexico, your sun crashes me in the head obliterating all bodily care, all shame, shameless Mexico, I am your child, and you have my child as the token.

Like the man who taps you on your waiting-for-hours shoulder, P finally comes to the window, ahh, relief, I give the baby a little juggle for joy, ooyboy, baby, this is it, we enter.

na Cidade do México. Quando o taxímetro marca dois pesos, o passageiro deve pagar por quatro e, pra nossa surpresa, descobrimos que não era só uma trapaça com turistas e que o táxi no México é a corrida mais barata pra qualquer lugar com a privacidade de um rei; mais barato com exceção do ônibus, se você for corajoso, pois mais parece uma montanha russa de emoções.

P não estava em casa. Nós caminhamos, procurando por um lugar pra tomar café e nos aquecer, porque mesmo viajando com pouca bagagem, nas nossas costas tínhamos o peso de quase 500 quilômetros. Agora eu lembro a viagem diferente que fiz mais tarde quando voei por cinco horas da Cidade do México pra Washington, fiquei tonta por vários dias, sem acreditar – e agora eu refaço a viagem na minha cabeça, devagar, em pedaços, esta manhã com o sol eu escalo as colinas de Acapulco, sozinha, solitária, sozinha, cansada do significado da morte e da vida, ou o final dela, México, México, seu sol bate na minha cabeça apagando todo o cuidado com o corpo, toda a vergonha, México sem-vergonha, eu sou sua filha e você tem a minha filha como prova.

Como o homem que bate nos seus ombros de quem esperou por horas, P finalmente aparece na janela, ahh, alívio, eu chacoalho a bebê com alegria, pooxa, bebê, é isso, nós entramos.

Five flight up, an imposing building, strange this is for us, even in a strange country. In Hoboken we live in houses of the renovated artist type, to put it politely. We live in ramshackle houses where we can and love it – modern apartment buildings for us, whafor? But I am tolerant for once, maybe even glad, I want to flake, a couple of hours of peace, unmoving. But there is no peace for our bodies, more food for the soul on top of all the rest, and maybe it is better, the truth, full of food in Mexico ... We turn on, do indeed at this point display our chevrons and for once they are appreciated, but we were used to that, Change of the Century, Ray Charles. We all were there at that first meeting, P, L, his blonde stage-managing wife, in bed asleep, no doubt working the next day, in spite of our cataclysmic arrival, but P knows and believes, as all groovy poets who dig us, no one otherwise could. We had met P in our marriage year, arriving in San Francisco on foot, having just aired our souls on the Mojave Desert. He took us to his room in the B Hotel and, handing us one enormous reefer, proceeded to read stuff that will knock you out, poetry that cannot fail to hit you in your own personal cause of it all, and therefore we love him, that is P, still, I believe. N was there,

Cinco andares acima, uma construção imponente, por mais estranho que seja pra nós, mesmo num país estranho. Em Hoboken moramos em casas com um estilo artístico renovado, pra ser educada. Vivemos em casas em ruínas onde dá e amamos isso— apartamentos modernos pra nós, pra quê? Mas eu estou sendo tolerante pela primeira vez, talvez até agradecida, eu quero descansar, algumas horas de paz, sem me mexer. Mas não há paz pros nossos corpos, mais alimento pra alma acima de tudo, talvez isso seja melhor, a verdade, a alma alimentada por completo no México... Ficamos acesos, neste momento mostramos mesmo nossas escolhas e pela primeira vez as apreciamos, mas estamos acostumados a isso, Change of the Century, Ray Charles. No primeiro encontro todos estávamos lá, P, L, a esposa loira dele, gerente de palco, na cama adormecida, decerto trabalha amanhã, apesar da nossa chegada cataclísmica, mas P sabe e acredita, como todos aqueles poetas radicais que nos inspiram, ninguém mais poderia. Encontramos P no ano do nosso casamento, chegando a São Francisco a pé, tínhamos acabado de arejar nossas almas no Deserto Mojave. Ele nos levou até o quarto dele no Hotel B e nos entregou um baseado enorme, passou a ler um lance que vai te nocautear, poesia que não pode falhar ao bater em você na sua própria causa pessoal de tudo e, por isso, nós o amamos, este é o P, ainda, eu acredito. N estava lá,

as I say, the whole Mexican crew, jive N, the first of the absconders, who had, I believe, invited us to Mexico in lieu of staying to testify at Ray's trial, whereby we would have had a double strength of truth on our side, but what does that matter, all visions of trial and parole past, have we not achieved our escape, have we not disembarked from it all and many mornings together in the waste of a life will prove it's no mistake. Savage what you can, when there is no hope, run for your life, this is what I felt all along, the closing around the ears like a bad drug taking hold which has been administered involuntarily.

Melchior Ocampo in the morning light is not so scary and we retire to the nearby hip food stand and eat hamburgers and apple pie with ice cream and coffee. It is one of those great pot feasts that are always for all time remembered like some memorial along the road of our beautiful experiences. God praise marijuana, yes, my baby, I will never put you down. A few things stay close to our hearts, definitive, a happy to have a habit thing with no pain, no remorse, no sickness – although we did contact some people in Mexico who were profound ex-postulants of LOCOS who had smoked too much (this was more a way of bragging that the pot you buy

como eu disse, todo o bando mexicano, o tolo N, o primeiro dos fugitivos que nos convidou, eu acho, pra vir pro México ao invés de esperar pra testemunhar no julgamento de Ray, de modo que teríamos do nosso lado uma força dupla da verdade, mas o que importa, todas as visões de julgamento e liberdade condicional do passado, não conseguimos escapar, não desembarcamos disso tudo e muitas manhãs juntos no desperdício da vida vão provar que não nos enganamos. Salve o que você puder quando não há esperança, corra pela sua vida, isso foi o que eu senti durante todo esse tempo, o tapar dos ouvidos como uma droga ruim que foi administrada de forma involuntária e toma o controle.

Na luz da manhã Melchior Ocampo não é nem metade tão assustadora e batemos em retirada pro trailer de comida mais próximo, comemos hambúrgueres e torta de maçã com sorvete e café. É um daqueles grandes festivais de erva pra serem lembrados pra sempre como um memorial ao longo da estrada das nossas belas experiências. Deus abençoe a marijuana, sim, minha querida, eu nunca vou te abandonar. Algumas coisas ficam próximas dos nossos corações, definitivas, uma alegria em ter uma mania sem nenhuma dor, nenhum remorso, nenhuma doença –mesmo que no México tenhamos encontrado algumas pessoas que eram grandes ex-postulantes de LOCOS que fumaram muito(era mais um jeito de se gabar de que o baseado que você

for an arm's-length thick amount costing less than a dollar is likely to shack you up until you decide to buy again), we have never had more than one or two disagreements with them, and that purely external, say for instance once or twice not having the minimum of survival and therefore having to do without, and only then, and then it was a frenzy to get straight and quick, and nothing wrong with that I guess. Sweet marijuana – lotus blossom I am entitled to call you now, being thoroughly a member of the club.

Ray was perhaps responding to the illusion of everything being beautiful. He always has ahead of me in that respect, and I do respect, although it in fact leaves me behind. He decided to stay in Mexico City for twenty-hours more while it is decided for me that I will travel to Veracruz by bus with N and the baby. Ah bitter, I was not about to accept with grace my maidenly burdened-by-baby responsibility at this particular time. I should have put my foot down instead of being shuffled, because see what it did in rebellion (sure! almost sure! suspecting something really wrong since Matamoros – that Ray had already set his eye on something that didn't include me – what could it be – my perceptions were not sharp) and my survival reflexes were working overtime, I guess. But I go – midway between holding the baby on the eight-hour bus trip, the night quickly sets in and I

compra por um rolo de grana da espessura de um braço custa menos de um dólar, é como se prostituir até você decidir comprar de novo), nós nunca tivemos mais que uma ou duas divergências com eles e era só externo, por exemplo, uma ou duas vezes sem ter o mínimo pra sobreviver e, por isso, tendo que se virar sem e só então, e então era um frenesi pra ir direto e rápido, nada de errado, eu acho. Doce marijuana – agora eu posso te chamar de flor de lótus, sou um membro do clube por completo.

Talvez Ray estivesse respondendo à ilusão de tudo estar lindo. Ele sempre estava à minha frente nesse respeito e eu respeito, embora isso me deixasse pra trás. Ele decidiu ficar na Cidade do México por mais vinte e quatro horas enquanto foi decidido que eu iria pra Veracruz de ônibus com N e a bebê. Ah, droga, eu não ia aceitar com graça o meu fardo de moça de responsabilidade com a bebê nesse momento específico. Eu devia ter batido o pé ao invés de ser vacilona porque veja o que isso fez na rebelião (com certeza! Quase certeza! Suspeitando de que algo estava errado de verdade desde Matamoros – que Ray já tinha colocado os olhos em algo que não me incluía – o que poderia ser – minhas percepções não estavam afiadas) e meus reflexos de sobrevivência estavam fazendo hora extra, eu acho. Mas eu fui – na metade do caminho segurando a bebê durante a viagem de oito horas de ônibus, a noite caiu rápido e eu

decide to try my seductive powers on N, and the mistaken blue jeans, not to survive this episode, did indeed entice his hand where it should have by any standards stayed away from, the baby on my lap, we arrive in Mexico, me zipping up alone, my lonely pleasure, had I known I could have got in any restroom by my own mechanics – damn N. If I could only do more than grab at a passing branch over my head, but the trouble with that is everything up until now has taken place fast on the go, the screeching error of speed of everything falling out from underneath you – the recurring dream of bridges falling and falling away from beneath your very feet into rushing water, the resulting social shock, but more than that, knowing what it is to fall for the last time forever.

I set down in Veracruz, not I alone, me and the little me, Rachel. We arrive there escorted into taxicab jive and Veracruz barely registers our arrival. The American Consul is not informed, the DA knows not what is about to hit him, the FBI thinks that we are maybe laid up with a cold in Hoboken. And yet we are already doing the dance; the Paso Doble of passionate worth dissembles all other meaning of life and we dance, we all dance, Veracruzano's Negroes, the women on the corner shakes her wet clothes into a floating heap on some not-so-precious patch of grass, gelatinas yelled through

decidi testar meus poderes de sedução com N, o jeans azul equivocado, não sobrevive a este episódio, de fato atraí a mão dele prum lugar que segundo os padrões deveria ficar longe, a bebê no meu colo, nós chegamos no México, fechei o zíper sozinha, meu prazer solitário, se eu soubesse, poderia ter feito em qualquer banheiro com meus próprios artifícios – maldito N. Se eu pudesse fazer mais que agarrar um galho passando pelo meu pescoço, mas o problema com isso é que tudo até agora aconteceu muito rápido, o som do terror da velocidade de tudo caindo sob você – os sonhos recorrentes de pontes caindo e desaparecendo sob seus próprios pés direto pra água corrente, o choque social resultante, mas mais que isso, saber como é cair pela última vez pra sempre.

Eu me instalei em Veracruz, não sozinha, eu e minha pequena eu, Rachel, nós chegamos escoltadas por um táxi desprezível e Veracruz mal percebeu nossa chegada. O Cônsul Americano não foi informado, o DA não sabe nada sobre o que vai atingi-lo, o FBI acha que estamos de cama com gripe em Hoboken. E nós já estamos dançando; o Paso Doble apaixonado esconde todos os outros significados da vida e nós dançamos, todos nós dançamos, os Negros de Veracruz, a mulher na esquina sacode suas roupas molhadas num monte flutuante de um pedaço de grama não muito precioso, vendedoras de gelatina gritam pelas

the streets, the palms again, all dancing dancing, the sun rises, Veracruz rises, some altar on this Easternmost coast, the morning of Mexico, Veracruz rises beyond the sugar fields. Oh Cordoba, the plaza dances, the streetcar certainly dances, this is the dance of the sun I have fallen into and knowing my own heart also at least dance, abide the sacrifice, it is unimportant, but dance...

I thought everything was swell when the sun arose. I saw the woman across the way doing her morning wash, the shuttered door of N and his wife B's house on Calle Arista, but I missed Ray, still hassling in the German American Hotel? He tells me later an episode whereby he is locked out of his hotel room – now I remember I think, he wanted to write is why he stayed – I have somehow figured out in the night that if I think everything over well, collect all the pieces of my travel-worn memory that I will find the truth, and the truth will be that Ray has done me no harm – and saying later that this is the point where I take on myself the responsibility and clean aside the shit so that the sun can shine. But Ray has not come back yet so this is all heartrending conjecture. I take care of baby Rachel, look out onto the tufted street, wash all day in the patio sunlight, getting the feeling. Besides, remember those were diaper days,

ruas, vitória de novo, todos dançando e dançando, o sol surge, Veracruz surge, algum altar nesta costa Oriental, a manhã do México, Veracruz surge atrás dos campos de cana-de-açúcar. Ah Córdoba, a praça dança, o bonde com certeza dança, esta é a dança do sol onde eu caí sabendo que pelo menos o meu coração também dançava, o sacrifício permanece, não é importante, mas dança...

Eu pensei que tudo estava bacana quando o sol surgiu. Eu vi a mulher do outro lado da rua lavando suas roupas, a porta fechada da casa de N e de sua esposa B na Calle Arista, mas eu senti falta de Ray, ainda estaria hospedado no Hotel German American? Mais tarde ele me conta o episódio de como ele ficou trancado pra fora do quarto de hotel – agora eu lembro, eu acho, ele queria escrever, por isso ele ficou – à noite de alguma forma eu descobri que se eu pensasse que tudo ia ficar bem, se recolhesse todos os pedaços da minha exausta memória viajante, eu ia encontrar a verdade e a verdade seria que Ray não me fez nenhum mal – mais tarde disse que este era o ponto onde eu pego a responsabilidade pra mim e limpo a merda, assim o sol pode brilhar. Mas Ray ainda não voltou então isso é tudo conjectura de um coração partido. Eu cuido da bebê Rachel, olho em direção da rua tufada, todos os dias iluminada com a luz do pátio, sentindo a vibe. Também lembro que era o dia das fraldas, de alguma forma

Rachel somewhat settled being settled, the sweet little cherub face, Rachel, your story will come out as you awaken into the next month's mud puddles, we must get you a house, we must settle here in this beautiful land of Veracruz. There is no decision, Mexico blacks out slowly the hurtful parts of the brain. I go for a prophetic bus ride to the place where a young jiver in baggy pants, fixed suave style with bicycle clips asks me if I am waiting for someone – oh, the universe I am to grow accustomed to in Mexico. I am redeemed! In other words, I have got me an education.

Now we go by trolley car, overhanging the sides, Toonerville Trolley, Ray calls it, high on reefer we do not remember every street at all yet, but try to call them out by name to each other, laughing, cracking up all of glorious heavenly today to be hung up in a name, here we go – walking ponderous around the suspected snake holes (oh yes, the first day I take off, rebellious of my duties, through nearby and up the dunes to look at the other side, donkeys flounder in the sand and stinging bees and sickly weeds I stay around just long enough to find a snakeskin, uh oh, Toonerville wide, wide Missou do you come to my eye here, too? I am long enough in envy of some pythoness maybe I

Rachel decidiu ficar calma, a doce carinha de anjo, Rachel, sua história vai começar quando você acordar na poça de lama do próximo mês, nós temos que conseguir uma casa pra você, nós temos que nos estabelecer nessa terra linda de Veracruz. Não há nenhuma decisão, devagar o México apaga as lembranças doloridas do cérebro. Eu saio pruma volta de ônibus profética pro lugar onde um cara de estilo suave e firme com calças largas e presas com cliques pra não enroscar no pedal da bike, me pergunta se eu estou esperando por alguém – ah, o universo que vou me acostumar no México. Eu estou salva! Em outras palavras, eu comecei a me educar.

Agora nós pegamos um bonde, pendendo pros lados, Bonde Toonerville, Ray o chama, chapados com o baseado ainda não lembramos os nomes das ruas, mas tentamos gritar os nomes delas um pro outro, rindo, quebrando toda a glória celestial de hoje que ficará pendurada em um nome, aqui vamos nós – com tédio caminhando em volta de suspeitos buracos de cobra (ah sim, o primeiro dia que eu saí, revoltada com minhas tarefas, pelas redondezas e acima das dunas pra olhar o outro lado, burros tropeçam na areia, picadas de abelha e ervas fracas, eu fico por lá o suficiente pra encontrar uma pele de cobra, uau, grande Toonerville, você também surge aqui nos meus olhos, grande Missou? Eu tenho inveja suficiente de alguma pitonisa talvez eu

don't mind, have not yet seen my first Veracruz witch, which sight will make question the blackness of my soul finally – a trophy on that hill) across the wide Netzaxihuatl, which should go unnamed, I do my human American best here, the wiser before, unnamed, catch the coming trolley at Zaragosa, the Zaragosa trolley, or the Matio Molino on Zaragosa – I can't remember which, bebop, the pot takes over and it's all just funny games, too, Toonerville Trolley, in fact, is true, and when the electricity goes off all over the city and the trolleys don't run – nobody turns on the radio to find out what's the matter that he can't get to work superfast, but Veracruzano styles is in each individual seat with each individual joint and each individual be cool, likewise, games, it's true! Truly! The museum which we finally pass near the Malécon, wall around the port, the historical marine Cortezian tourist museum of R, the hip landlord of N and B who is also the Man, the pot connection, only don't tell yet, for institutions are not quick to change in Veracruz and we want to get back yet, be cool, gringos, and wait for the electricity to come back on.

The little boy with big head fulla water and clubfoot to boot, the classic cripple on our block, Mexico is full of croak

não me importe, ainda não vi minha primeira bruxa em Veracruz, cuja visão por fim vai me fazer questionar o sombrio de minha alma – um troféu naquela montanha) através da grande Netzaxihuatl, que devia ficar sem nome, eu faço o melhor do meu eu americano aqui, antes a mais sábia, sem nome, pego o primeiro bonde pra Zaragosa, o bonde de Zaragosa, ou o Matio Molino em Zaragosa – não consigo me lembrar qual, bebop, a maconha assume o controle e é só diversão, também, Bonde Toonerville, de fato, é verdade, quando a eletricidade acaba em toda a cidade e os bondes não funcionam – ninguém liga o rádio pra descobrir qual é o problema pra ele não funcionar super rápido, mas o estilo Veracruzano se manifesta em cada assento individual com cada baseado individual e cada "relax" individual também, diversão, é verdade! De verdade! O museu pelo qual enfim passamos perto de Malecón, paredes em volta do portão, o náutico histórico Cortezian, museu turístico de R, o moderno senhorio de N e B que também é o Homem, o fornecedor de baseado, só não fale ainda porque as instituições não vão mudar tão rápido em Veracruz e nós ainda queremos voltar, sermos legais, gringos, e esperar a eletricidade voltar.

O menininho com a cabeça cheia d'água e uma bota ortopédica, o clássico aleijado da nossa quadra, o México é cheio de aleijados, o menininho corre livre e nos provoca com voz de

and guttural sound echoing the empty space of all that water splashing, confused he fits in sociologically and welcomes us three blocks out of sight. Gringos, not *oye gringo*, or *mira gringa*, but pure trumpeting the call for all mongrel dogs to come from their nest to greet gringos, Don Quixote in his colonialized domain has no match for this boy's sincerity, till he finally one day overcome by the truth of his claim, throws rocks, gets beat, becomes leery and smiling and only throws from behind out of sight and runs to some secret hideaway or another territory where he bugs someone else for hours after an episode, period enough for things to cool down so they can get worse. The rest on the block stand to be seen with open hearts, their domestic hearth, which they do not defile with other than that ever, and maybe do not possess much more than that. I do not worry. We just want to be left alone, to get straight, we survive a couple of what we learn to call Del Nortes, the sun finally proceeds to shine for a couple of days of spring and Rachel greets the morning light squinty-eyed, the babe in all its encompassing beauty and complete expression draws all open hearts to it, an object of worship, our white baby. More so later, to my circumstantial chagrin, I find that intrigues of stealth surround to worship of this

corvo ruim cheia de resmungo e sons guturais ecoando o espaço vazio de toda aquela água esparramando, confuso ele se encaixa sociologicamente e nos dá boas-vindas três quadras distante do alcance de nossas vistas. Gringos, não *oye gringo* ou *mira gringa*, mas o grito puro do chamado pra todos os vira-latas saírem dos seus ninhos e virem cumprimentar os gringos, Don Quixote em suas terras colonizadas não era nada perto da sinceridade deste garoto, até que um dia, vencido pela verdade da sua declaração, atira pedras, vence, se torna ardiloso e sorrindo salta escondido da visão e corre pra algum outro refúgio secreto ou outro território onde ele irrita outras pessoas por horas depois de um episódio, tempo suficiente pras coisas esfriarem e, então, elas podem ficar piores. O resto da quadra espera ser visto com bom coração, a lareira doméstica deles que eles não corrompem nunca com outro e talvez não possuam muito mais que isso. Eu não me preocupo. Nós só queremos ficar sozinhos, ficar numa boa, nós sobrevivemos um pouco àquilo que nós aprendemos a chamar de Del Nortes, o sol finalmente passa a brilhar por alguns dias de primavera e Rachel cumprimenta a luz da manhã com olhos apertados, a bebê em toda a sua beleza envolvente, a expressão completa atrai todos com bom coração, um objeto de adoração, nossa bebê branca. Mais tarde, pro meu desgosto circunstancial, eu descubro que as intrigas de descrição cercam a adoração desta

white baby, the black dance is done in caverns we don't know about yet, the smoke of another kind of hearthside, and yet the dance in its own rhythm, oh, my soul, my Rachel, I will turn black to get you back... .

This is not a time for thought, no poetical figures dancing in symbolic gesture to be remembers; the poetry is all depleted, the images so old and overused it is like the end of a lifetime. Everything is dragged out from the place where it has been consoling and laid down, lay it down, this is the end.

The here of us laid out on a tile floor, Del Norte blows under doors too casual for the security of weather-stripped United States comfort to believe at first, like a summer raincoat worn all winter uncaring. The baby sneezes, coughs, gets sick all over every day. N practices his horn in another room and it is a question of who gets bugged more over whose noises – the most unsuccessful experience at communal living in this not-very-well-built house. N and B had moved into it new, brand-new, and that may sound like a good thing, but unfortunately the house had not had a chance to dry out properly before the wet season had come and threw out all its damp vapors. I dream of the stove in Hoboken sending off warmth and expectation of endless comforts. Every time the sun

bebê branca, a dança negra é feita em cavernas que ainda não conhecemos, a fumaça de outro tipo de lareira e a dança ainda no seu próprio ritmo, ah minha alma, minha Rachel, eu vou ficar preta pra ter você por perto....

Não é hora de pensar, nenhuma figura poética pra ser lembrada dançando em gestos simbólicos; a poesia está vazia, as imagens tão velhas e gastas que parecem o fim duma vida. Tudo é arrastado do lugar onde está sendo consolado e deixado pra trás, deixe pra lá, é o fim.

Nós três deitamos em um chão de azulejo, Del Norte assopra por baixo das portas, muito casual pra acreditar de primeira na segurança das tiras que vedam as portas no conforto dos Estados Unidos, como um casaco de chuva usado por todo o inverno sem cuidados. A bebê espirra, tosse e fica doente, tudo de novo, todos os dias. N pratica sua trompa em outro cômodo e fica a pergunta sobre quem fica mais irritado e com qual barulho – a experiência mais mal sucedida na vida comunal nesta casa não muito bem construída. N e B se mudaram quando era nova, novinha em folha, isso pode soar como algo bom, mas infelizmente a casa não teve a chance de se secar de forma apropriada antes que a estação chuvosa chegasse e lançasse seus vapores úmidos. Eu sonho com o fogão em Hoboken espalhando calor e a expectativa de conforto infinito. Toda vez que o sol

shines just a little I am out into the patio, glad that it's all over already and then, around noon, the clouds gather and there is another day of winds, rain, and you would think it was a constant hurricane –great speculations among the populace about when the season will end. R knocks on the door about every morning, a friendly landlord call to see how everyone is doing, a joint passes from one or the other source. I am flattered to be included in the group, too shy to say much, resentful of our dependence on N and B. B is very domineering and pregnant, I am sure that N has told her how hot I was on the bus, they retire behind their private bedroom door regularly to fight. The house is rigged for summertime ventilation so that even when Ray and I are invited to sleep in a burlap (this is a kind of hair-shirt burlap) cot set up across from their door, everything is heard through holes out in the walls – including Rachel crying, twenty different times in the night, heard but unseen. I go to her in the absence of lights at Ray's orders to shut her up, or alone worried to bother our host and hostess so, I walk up and down for hours – the vigil with Rachel until dawn. I try to get some sleep during the day – Ray lies beside me for a few moments, back from the post office, maybe a couple of times we receive mail with small bits of

brilha um pouquinho eu vou pro pátio, agradecida por tudo já ter acabado e,então, perto do meio-dia as nuvens aparecem e há outro dia de ventos, chuva e você pensaria que era um furacão constante –grandes especulações entre a população sobre quando a estação vai terminar. R bate à porta quase todas as manhãs, uma visita amigável do proprietário pra ver como todos estão, um baseado passa de um lado pro outro. Estou lisonjeada por ter sido incluída neste grupo, envergonhada demais pra falar muito, ressentida por dependermos de N e B. B é muito autoritária e está grávida, eu tenho certeza que N disse a ela como eu estava assanhada no ônibus, com frequência eles se escondem atrás da porta do quarto deles pra brigarem. A casa está toda equipada com ventilação pro verão, de modo que, quando eu e Ray fomos convidados pra dormir sobre uma cama de estopa (é um tipo de saco feito com tecido de crina) arrumada em frente à porta deles se escutava tudo pelos buracos das paredes – incluindo Rachel chorando, vinte vezes por noite, ouvida, mas não vista. No escuro, eu vou até ela porque Ray manda que eu a cale ou porque estou preocupada em incomodar nosso anfitrião e nossa anfitriã então, eu subo e desço por horas –a vigília com Rachel até o amanhecer. Eu tento dormir um pouco durante o dia – Ray deita ao meu lado por alguns minutos quando volta do correio, algumas vezes recebemos a correspondência com pequenas quantias de

money, but generally now mail is the news and he stays depressed, doesn't want me to touch him, much less any ardor of his own. I continue to wonder.

I stand at the door with Rachel, looking out: Mexican children collect on the sidewalk to stare. In Mexico, the sidewalk is a part of the house to be washed every morning with the tile floors – how to be myself in such a different place? Put it all in a sieve and squash your personality through into a new diversified you – the process will take about four months. I would almost jump this gap for my own sake, sweep the floor, wash the diapers, go to the store to be repeatedly embarrassed by people who obviously do not want to have anything to do with you (“let the *Gringa* go first”) I point at three hot sausages and come black and white cookies and run quickly home. Next time, I try to get Ray to go but he won't. We keep a constant watch on N and B; better try to cop a few pesos so we can all three eat. My head is threatened by the hopelessness of trying to keep alive under these conditions. Hang on! Where is my romance – where is the total image, even now I cannot see lifting backwards, the duality of something growing underneath all the misery, a new life indeed; wait till it makes a debut.

dinheiro, mas agora, em geral, são só notícias e ele fica depressivo, não quer que eu o toque, muito menos vem qualquer ardor dele mesmo. Eu continuo a imaginar.

Eu paro na porta com Rachel, olhando pra fora: as crianças mexicanas se reúnem na calçada pra nos encarar. No México, a calçada é a parte da casa que é lavada todas as manhãs junto com os chãos de azulejo – como ser eu mesma num lugar tão diferente? Coloque tudo numa peneira e esprema sua personalidade num novo e diversificado você – o processo vai levar quatro meses. Eu gostaria de pular este intervalo pro meu próprio bem, varro o chão, lavo as fraldas, vou ao armazém pra ser envergonhada, repetidas vezes, pelas pessoas que, é óbvio, não querem ter nada a ver com você (“deixe a *Gringa* ir primeiro”) eu aponto pra três salsichas picantes e alguns biscoitos pretos e brancos e corro ligeiro pra casa. Na próxima vez, eu tento fazer o Ray ir, mas ele não quer. Nós mantemos uma vigia constante em N e B; melhor tentar conseguir alguns pesos pra nós três podermos comer. Minha cabeça é atormentada pelo desespero em tentar ficar viva sob essas condições. Espere! Cadê o romantismo – cadê a imagem total, mesmo agora eu não consigo ver o ânimo de antes, a dualidade de alguma coisa crescendo embaixo de toda a miséria, de fato, uma nova vida; espere até que isso debute.

I know that this is a rotten way to keep everything in suspense. I am about to achieve my heart's longing. At the bottom of everything we are about to take another fall. I would even jump from a roof to make it all more explicit, but Veracruz is too low for that – about to realize how easy it is to adapt, and demonstrate it, once you recognize your surroundings. But first I had to jump away from Ray and blame it all on him.

I won't say we didn't try to get along with N and B; she would pick up her basket-weave pocketbook decisively and say, "Let's all go to Mocombo", and we would go, but how far apart we were from them. Even on the beach, though we would eat shrimps and drink beer together, I would be all for the other end of the beach which was simply wilderness and they would stick by the commercial stand, making it on beer. And, after all, they are \$50 a week closer to civilization than us, and I develop an obvious dislike for her folksy woven shirts, and prefer my sun-browed nothing and am becoming outspoken that way. We try to make it running around to nearby bars and eating *panuchos* and listening to the jukeboxes as if we didn't have another care, but the couple of pesos is always quickly depleted. I prefer to walk into the ocean brave, be independent and unafraid – Ray watches me emerging from the water.

Eu sei que este é um jeito podre de manter tudo em suspense. Estou quase atingindo a vontade do meu coração. No final de tudo, estamos prestes a sofrer outra queda. Eu até pularia de um telhado pra deixar isso mais explícito, mas Veracruz é muito baixa pra isso – prestes a perceber quão fácil é se adaptar e demonstrar isso, uma vez que você reconheça os arredores. Mas primeiro eu tenho que pular pra longe de Ray e colocar toda a culpa nele.

Não vou dizer que não tentamos nos dar bem com N e B; decidida, ela pegava sua bolsa de palha e dizia "vamos pra Mocombo" e nós íamos, mas estávamos muito distantes deles. Até mesmo na praia, apesar de comermos camarão e bebermos cerveja juntos, eu ficava na outra ponta da praia que era deserta e eles ficavam no quiosque bebendo cerveja. No fim das contas, eles estão \$50 por semana mais perto da civilização que nós, e eu adquiero um desgosto óbvio pelas suas camisas de tecido popular e prefiro o meu não bronzeado e, desse jeito, começo a ser sincera. Nós tentamos arrumar pretextos pra ficar perto dos bares, comer *panuchos* e ouvir os jukeboxes como se não tivéssemos outra preocupação, mas os poucos pesos sumiam rápido. Eu prefiro entrar no oceano com bravura, ser independente e corajosa – Ray me admira emergindo da água.

... *La Casa Del Cambio* – I am still hung on B's pocketbook, see it everywhere today in New York, New York in Mexico. B picks up her pocketbook when she is about to go out to shop and Ray is at the post office; it was a trip that took him three or four hours every day, understandably, nothing to come home to, but sometimes he showed up immediately with Mexican pesos, and we are off the ground, flying to the Perroquia for breakfast, maybe making plans to go to the beach, or more likely to the movies to see *Tarzan and Jane*. But usually nothing, he gets back about one or two, leaving me alone with B and N and the baby for hours, or preferably me alone completely. Then B brings back food which I feel guilty accepting and at the same time am incensed that she does not give full consideration to the need of the baby, and that she will later look down her nose at me for doing so, in my own way.

One day, N went down to the Museum to see R (his regular jaunt), and comes back with news of a crazy redheaded Mexican who speaks English and is great. Later to be known as L, he arrives a few minutes behind N, and we see him coming from blocks away; as the Mexicans do us, he is strange, an entourage of Mexicans under his command, he takes over in whatever area he

... *La Casa Del Cambio* – Eu ainda seguro a bolsa de B, vi ela por toda a parte em Nova York hoje, Nova York no México. B pega sua bolsa quando ela sai pra fazer compras e Ray está no correio; era uma viagem que durava de três a quatro horas todos os dias, é compreensível, não há por que voltar pra casa, mas às vezes ele aparece com alguns pesos mexicanos e partimos, voando pra Perroquia pro café da manhã, talvez fazendo planos pra ir à praia ou, mais provável, pro cinema pra assistir *Tarzan e Jane*. Mas, no geral, nada, ele volta entre uma e duas, me deixando sozinha com N, B e a bebê por horas ou, de preferência, eu sozinha por completo. Então B traz comida e me sinto culpada por aceitar e ao mesmo tempo irritada por ela não ter total consideração pelas necessidades da bebê, mais tarde ela vai torcer o nariz pra mim por fazer isso do meu próprio jeito.

Um dia, N foi até o Museu pra ver R (seu passeio de costume) e volta com novidades sobre um ruivo mexicano louco que fala inglês e é ótimo. Mais tarde ele será conhecido como L, ele chega alguns minutos depois de N, nós conseguimos ver ele a algumas quadras de distância; como os mexicanos são parecidos pra nós, ele é muito estranho, uma comitiva de mexicanos segue os comandos dele, ele assume o controle em qualquer área que ele

cares to settle. “Wanna go for a ride in my car?” He orders some Mexican child he has officially adopted in the oil field where he had made his not-too-legal killing, loaded in fact, with money, the rumor goes, this boy worships very funky person and leaps to every command. “Go get the car,” the boy giggles and does not move. L shouts, “get the car, you son of a fucked whore dog”. The boy cowers giggling, until L’s wife gently reminds him that the car is still stuck half underwater in the sand at Villa Del Mar, and doesn’t he remember? No, he doesn’t remember. Oh yes, it was those crazy Mexican *putos* that did it, making him drink all of that bad tequila – he’ll fix them! So the kid is sent for a taxi instead, and everyone, except me and the baby, goes down to the beach to look at the car. Ray comes back later and is nice to me, teases me, plays with me, I get mad, probably try to make a scene and at the point at which I am in tears of complete frustration, complaining at being left behind and sick of the whole mess of our life, neglected poor poor me, he whips out a twenty which warms my heart a little but I turn up my nose, so I look again when he flashes it directly in front of my eyes o see it is an American twenty, 250 pesos, and I get scared thinking he has finally found a bank of something, but it turns out he has hit it off with L, course, he would.

deseja se instalar.“Quer dar uma volta no meu carro?”Ele dá ordens a uma criança mexicana que ele adotou nos campos de óleo onde ele fez sua matança não tão legal, carregado de fato, com dinheiro, o rumor corre, este menino adora seu jeito bem descolado e salta a cada comando. “Vai pegar o carro,” o menino dá risada e não se mexe. L grita “pega o carro, seu filho da puta”. O menino agacha dando risadinhas até que a mulher de L, com calma, lembra ele que metade do carro continua afundada nas águas de Villa Del Mar, ele não lembra? Não, ele não lembra. Ah sim, foram aqueles *putos* mexicanos loucos que fizeram isso, fizeram ele beber toda aquela tequila ruim – ele vai castrar eles! Então a criança chamou um táxi e todos, exceto eu e a bebê, vão pra praia pra olhar o carro.Mais tarde Ray volta e é legal comigo, me provoca, brinca comigo, eu fico louca, tento fazer uma cena e no momento em que estou em lágrimas de completa frustração, reclamando por ter sido deixada pra trás e de saco cheio de toda essa bagunça na nossa vida, coitada, coitada de mim abandonada, ele saca vintão e aquece um pouco o meu coração,mas eu empino meu nariz,então quando olho de novo ele balança o dinheiro na frente dos meus olhos e eu vejo que são vinte dólares,250 pesos, e eu fico assustada pensando que afinal ele encontrou um banco ou alguma coisa, mas isso acaba, ele conseguiu com L, claro.

The next night we are out having fun for hours and then come home to cool it happy and high, with the baby Rachel content and well fed. B streams dramatically in the door crying that N has beat her up in the middle of a street nearby, frantic, and ready to leave him, she tell Ray (not a word to me) that N is drunk and she thinks he's going to kill her... And N coming into the house soon after does look like he's going to kill her. They start in on a fight like I have never seen before: first he shouts and curses and beats her around for a while, after which she cries uncontrollably lying on the floor till she quiets down and then (Good God! I think) she jumps up in a fury and grabs him around the neck with some kind of half nelson or something trying to strangle him, she gets the better of it for a while until he breaks loose and starts throwing furniture around and they scream at each other, things evening out; Ray referees. I have never seen such a disgusting fight – B pregnant and not caring and N, completely berserk about something, finally turns to us, unashamed (B meanwhile on the floor again temporarily defeated), started out (to Ray), “you know what the dumb bitch did? She lost the baby! She had a miscarriage, she broke her water bag, she got on a horse – the goddamn dumb bitch got drunk and stole a policeman's horse. She went for a ride. I had to go find her and when I did, she was all wet, she told me

Na noite seguinte saímos pra nos divertir por horas e voltamos pra casa pra relaxar felizes e chapados com a bebê Rachel contente e bem alimentada. Dramática, B corre pra porta chorando porque N tinha batido nela no meio de uma rua perto dali, agitada e pronta pra deixar ele, ela conta pra Ray (nenhuma palavra pra mim) que N está bêbado e ela acha que ele vai matar ela... E logo em seguida quando N entra na casa parecia mesmo que ele ia matá-la. Eles começam uma briga que eu nunca tinha visto antes: primeiro ele grita, pragueja e bate nela por um tempo, depois disso, ela chora descontrolada e deita no chão até se acalmar (Graças a Deus! Eu penso) e então ela pula furiosa e agarra ele pelo pescoço com uma chave de braço ou algo parecido tentando estrangular ele, ela se dá melhor por um tempo até que ele se liberta e começa a atirar a mobília e eles gritam um com o outro noite afora; Ray arbitra. Eu nunca tinha visto uma luta tão repugnante – B grávida e sem se importar, e N todo furioso por causa de alguma coisa vira pra nós, sem cerimônia (enquanto isso B está de novo no chão, derrotada por um tempo) e começa (pra Ray), “você sabe o que essa cadela burra fez? Ela perdeu o bebê! Ela teve um aborto espontâneo, ela estourou a bolsa, ela andou a cavalo – essa estúpida maldita ficou bêbada e roubou o cavalo de um policial. Ela saiu prum passeio. Eu tive que ir procurar ela e quando encontrei ela estava toda molhada, ela me disse que

she had broken her water bag. So I beat her up!” The whole story came out later that B had just had too much to drink and had peed all over herself down the policeman’s saddle, which made N even madder (probably also to know that she was still pregnant) and beat her up, trying for the real thing, I guess. But we had left by that time, left them to enjoy it by themselves. We took the baby to a hotel in the market in Veracruz – to a room with two beds, which the hotel always loves because the second was for Rachel to wet on. That was our last involvement in N and B’s household, a pleasant relief to be away. When I back to pick up the baby’s things, everything was back in the same domestic groove, except for the broken chairs and N’s favorite memento, a hole in the door where his fist reportedly had gone through, but I don’t believe it. N always had himself figured to be very tough.

We took up our abode in the Hotel P and Ray went right out and bought me an Indian skirt of green with black swirls and sash of black, and the skirt was so long and full it was like something to

tinha estourado a bolsa. Então eu bati nela!”Então eu bati nela!”. Toda a história veio à tona mais tarde, B tinha bebido muito e se mijou toda em cima da sela do cavalo do policial, isso deixou N ainda mais louco (bem provável, também, por saber que ela ainda estava grávida!) e bateu nela de verdade, querendo abortar de verdade, eu acho. Mas nós saímos naquele momento, deixamos eles pra aproveitarem aquilo sozinhos. Levamos a bebê prum hotel no comércio de Veracruz – prum quarto com duas camas, o que o hotel amava porque a segunda era pra Rachel molhar. Aquele foi o nosso último envolvimento com N e B, um alívio agradável estar longe. Quando eu voltei pra pegar as coisas da bebê, tudo estava de volta no mesmo entalhe doméstico, exceto pelas cadeiras quebradas e a memória favorita de N, um buraco na porta onde supostamente o punho dele atravessou, mas eu não acredito nisso. N sempre quis dar uma de valentão.

Nós fizemos nossa entrada no Hotel P e Ray logo saiu e me comprou uma saia indiana verde com espirais pretos e um cinto preto, a saia era tão longa e ampla que parecia algo pra

dance in. I later hung it on a wall in our house because it made us both too self-conscious for me to wear it; it hung on the wall with my white Italian fan. I sat on the balcony overlooking the mercado while Ray was out, an enormous room with two huge windows opening onto the balcony – reality exerting myself to keep the baby content and to gain Ray’s favor. As morning comes I buy two clay cups and get them filled with coffee at a nearby cafe for our breakfast.

On the beach at Villa Del Mar early in the morning Ray and I walked out to a point where the sand ends and the rocks cover the bottom of the water in mysterious green caves; we looked among the rocks on the point of land we were walking, searching among all the broken shells for whole ones. The wind is blowing everything cold, and the baby in my arms did not want to lie on the sand, I stood around happy, doing the same as Ray, and finally retired next to the high sea wall, cursing the sun that wouldn’t shine and the sand that blew into the poor baby’s eyes. It was so obvious she was uncomfortable that I tried to have fun with her in defiance of both our loneliness; Ray made a picture against the pale early morning light –

dançar. Mais tarde eu pendurei ela numa parede da nossa casa porque vestir ela nos deixava constrangidos demais; ela ficou pendurada na parede com o meu leque italiano branco. Eu sentei na sacada observando o mercado enquanto Ray estava fora, um quarto enorme com duas janelas enormes que se abrem pra sacada – a realidade me forçando a manter a bebê contente e a ganhar a proteção de Ray. Quando amanheceu, pro nosso café da manhã, eu comprei dois copos de cerâmica e enchi eles com café numa cafeteria ali perto.

De manhã cedo, na praia de Villa Del Mar, Ray e eu caminhamos até o ponto onde a areia termina e as pedras cobrem a água em cavernas verdes misteriosas; nós olhamos por entre as pedras pro lugar de areia onde estávamos caminhando, procurando por conchas inteiras no meio de todas aquelas conchas quebradas. O vento está soprando gelado e a bebê em meus braços não quer deitar na areia, eu fico por perto feliz, fazendo o mesmo que Ray, por fim, descanso perto de um paredão alto, amaldiçoando o sol que não queria brilhar e a areia que entrou nos olhos da coitadinha da bebê. Era tão óbvio que ela estava desconfortável que eu tentei brincar com ela, desafiando a nossa solidão; Ray tirou uma foto contra a luz pálida da manhã –

thin, bent, surrounded by the water, the mast of a fishing boat passed behind him. I counted the time of its passage, waiting for other to appear, knowing that the fishing boat's placement was a measure of time in Veracruz. The dampness of the land promised rain – it is time to go – are you coming, Ray? – just another minute – another hour passes – we walk to the streetcar and got sent home while Ray went to visit the post office.

Or, Ray and Rachel and I start out to the post office early, going to have coffee at the Perroquia – morning breakfast place of businessmen, teenagers, husbands and wives, husbands and mistresses, American tourists, German tourists, Russian spies, and sailors passing through of all descriptions. Only Veracruz knows the reason for a restaurant to be named “barber shop” and Veracruz of all description passes by, crosses itself and kisses its fingers to the Virgin; the streetcar passes by amidst catcalls, a crazy bus revs beside it, and a race is on for the start at the next corner, pedestrians and passengers of no account, this contest acknowledged personal and also patriotic domain of drivers, uninsured perilous risks for the sake of the game. Two men across the corner wash the pavement of the Plaza in front of the Palacio Gobierno which is a Spanish dream of balconies and under walking intrigues only now honored by slick shipping clerks on the make – the square-shaped park

magro, inclinado, cercado por água, o mastro de um barco de pesca passou atrás dele. Eu contei o tempo dessa passagem, esperando que outros aparecessem, sabendo que a localização do barco de pesca era uma forma de contar o tempo em Veracruz. A umidade da areia prometia chuva – é hora de ir – Ray, você vem? – só mais um minuto – mais uma hora passa – nós caminhamos pro bonde e fomos pra casa enquanto Ray foi pro correio.

Ou, Ray, Rachel e eu saímos pro correio cedo, indo tomar café na Perroquia – lugar do café da manhã de homens de negócios, adolescentes, maridos e esposas, maridos e amantes, turistas americanos, turistas alemães, espiões russos e marinheiros com todas essas descrições. Só Veracruz sabe a razão dum restaurante se chamar “barber shop” e Veracruz com todas as descrições passa despercebida, cruza ela mesma e beija seus dedos pra Virgem; o bonde passa entre assovios, o ronco dum ônibus louco ao lado dele e a corrida está pronta pra começar na próxima esquina, pedestres e passageiros não importam, essa disputa de reconhecimento pessoal e também patriotismo domina os motoristas, riscos perigosos e inseguros pelo amor ao jogo. Dois homens do outro lado da esquina lavam a calçada da Plaza em frente ao Palacio Gobierno que é um sonho espanhol com sacadas e intrigas embaixo delas somente agora honradas pelos vendedores habilidosos pra subir na vida – o parque com formato

of the plaza slices into immaculate pie sections of bench backs and miniature trees twisting with symmetrical bald branches, houses a tiny fountain with colored tiles which is very morning emptied and cleaned for public use, for the cruiser's comfort, for drunken *boracheros*' collapse, and subsequent edification of tourists to the glory of Spain – but Veracruz is black – the whole town cleans its face scrupulously every morning – from the line of market-vicinity Guerrero whore-stalls to some unrecognized to all but the reverent mercantile-acknowledged palatal house, the preparations for the day are the same: throw water everywhere on the bared tiles, scrub, sweep, put everything back, stucco gleams wet with water in the rising sun, the monkishness of Indian dirt flavors the soul, but the topsides of everything are Christian and clean. Ray takes off across the plaza to the post office – a marimba band with drums and harp plays carnival waltzes, stops and starts, the tempo inspired by a coin's clank. I sit and dig it for free, amazed. Ray comes back and decides to go for a walk, sending Rachel and me onto a bus where my melting backside is threatened destruction by the wooden bench's lurch as at the jolting bus races around the plaza principal. Skidding on the streetcar tracks, I relax

quadrado da praça se divide em pedaços imaculados de torta em bancos e árvores em miniatura balançando com galhos secos simétricos, abriga uma fonte minúscula com azulejos coloridos que é esvaziada e limpa todas as manhãs pro uso público, pro conforto dos que passam, pro colapso dos *boracheros* bêbados e edificações subsequentes dos turistas pra glória da Espanha – mas Veracruz é escura – a cidade inteira limpa, escrupulosa, sua face todas as manhãs – da fila do ponto das prostitutas do mercado da vizinhança Guerrero até algum desconhecido por todos exceto pelo reverente reconhecido mercantil da casa palatal, os preparativos pro dia são os mesmos: jogar água em todos os azulejos desprotegidos, esfregar, varrer, colocar tudo de volta, o estuque brilha molhado de água com o sol nascente, o monasticismo da poeira indígena tempera a alma, mas o topo de tudo é Cristão e limpo. Ray corre pela praça até o correio – uma banda de marimba com bateria e harpa toca marchas de carnaval, pára e começa, o tempo é inspirado pelo tinir de uma moeda. Eu sento e mergulho nisso de graça, maravilhada. Ray volta e decide sair pra caminhar, mandando Rach e eu prum ônibus onde minha bunda derretendo é ameaçada de destruição pelo solavanco do banco de madeira enquanto o ônibus sacolejante corre em volta da praça principal. Derrapando nos trilhos do bonde, eu relaxo

with relief after we make the dangerous turn into the market section at unabated speed – Indians run from the ruthless drunken bus and o sit tense till the wind in the window grabs my attention. Rachel refuses to sit and want us both to lose our heads over the passing scenery. Rachel, my hip little adventuress, so deserving of love and fun and everything we are about to get, though at great expense; damn the sacrifice.

Beyond the morning's darkness yet things begin to move about in the market, I have awakened to change Rachel's diapers and move to watch the nighttime Indians fade into the distance drunken, collapse up some alley, up many alleys they filter away just at the end of night, there is a half-hour pause where nothing moves – the market is closed down, corrugated steel doorways hide what was an open-air stall, someone's pushcart suffers a nighttime bicycle loot – the Mexican has something better than law and its pitiful enforcement, a sense of real desire to protect himself and the surrounding family and possessions including his own dignity, so therefore you do not find the people getting away with threats and insults so much unnoticed as in the United States. Loss of something dear is not a vague unreality that the police will take care of if it is found to be illegal, but something you gotta watch out

aliviada depois de fazermos a curva perigosa na seção do mercado sem diminuir a velocidade – índios correm do ônibus bêbado e cruel e eu sento tensa até que o vento na janela chama minha atenção. Rachel se recusa a sentar e quer que nós duas nos deixemos levar com a paisagem que passa. Rachel, minha pequena aventureira *hip*, tão merecedora de amor, diversão e tudo que estamos prestes a conseguir a um grande preço; droga de sacrifício.

Além da escuridão da manhã as coisas já começam a se movimentar no mercado, eu acordei pra trocar a fralda de Rachel e me mexo pra ver os índios bêbados noturnos desaparecerem na distância, colapsam em algum beco, em vários becos eles vão desaparecendo até acabar a noite, tem uma pausa de meia hora em que nada se mexe – o mercado está fechado, os portões de aço ondulados escondem o que era uma barraca ao ar livre, o carrinho de mão de alguém é roubado com uma bicicleta –os mexicanos têm algo melhor que a lei e sua execução lamentável, um senso de desejo real de proteger a si mesmos,a família ao seu redor e suas posses, incluindo sua própria dignidade, portanto, você não encontra pessoas fugindo com ameaças e insultos tão despercebidos como nos Estados Unidos.A perda de algo querido não é uma irreabilidade vaga que a polícia vai tomar conta se alguém descobrir que é ilegal, mas algo que você tem que cuidar

for yourself and find people caring for what is most close to them – somehow very real to me – somehow very much more than just the direction of responsibilities... A market watchman guards the goods. The market roof overhand the street and adjoining alley pagoda-like suggesting no life inside, the rats take a holiday, down the dark street of no opening door, solid adobe chute with corrugated negations of the daytime opening into infested netherworld like a popped kernel. I go back to sleep and wake into the dusty fury of another day's marketplace, the atmosphere of this hotel being a place where some hardware-merchant salesman coming in to close a deal from Xalapa one hour away might stay, certainly no tourist place this, but I remember it very romantically, Hotel P balcony looking down on the old market – a brujo spreads herbs and cures out on “his” section of sidewalk on a couple of pieces of sack and starts up business for the day – later my sister and I visit one of these cats looking for something to soothe Rachel's bowels, which Lucy great revels in describing to old, withered-up witchman who looks like he should took better care of himself in the first place – they always try to give you the piercing eye, those knowing ones.

por você mesmo e encontrar pessoas se preocupando com aquilo que está mais perto delas – de alguma forma muito real pra mim – de alguma forma muito mais que apenas a direção de responsabilidades... Um vigia do mercado protege as mercadorias. O teto do mercado pende pra rua e o beco contíguo, estilo pagode chinês, sugerem que não há vida lá dentro, os ratos tiram férias embaixo da rua escura com nenhuma porta aberta, a calha sólida de adobe, negações onduladas do dia se abrindo no submundo infestado como grãos de pipoca estourados. Eu volto a dormir e acordo na fúria árida de outro dia de feira, a atmosfera deste hotel sendo um lugar aonde algum comerciante de quinquilharia vai pra fechar negócio do Xalapa que deve ficar a uma hora de distância, com certeza nenhum turista fica aqui, mas eu me lembro dele de maneira muito romântica, a sacada do Hotel P que dava pro velho mercado – um bruxo espalha ervas e cura na “sua” seção da calçada em cima duns pedaços de saco e começa seu negócio do dia – mais tarde minha irmã e eu visitamos um desses caras procurando alguma coisa pra acalmar o intestino da Rachel, que a Lucy se diverte muito ao descrever pro velho, um feiticeiro atrofiado que deveria tomar mais cuidado com ele mesmo em primeiro lugar – eles sempre tentam te dar aquele olhar penetrante, aquele do tipo conhecedor.

I catch a familiar face down on the street, L's wife in a taxicab, L shouts, "Let's all go for a ride to my house, we been here all morning in this goddamn stinking mercado" – so I wrap up baby in some kind of clothes with hope enough of everything clean not to bring any righteous anger on my incapable head from good-doing Mexican mothers, or more likely spinsters who don't know what it's like anyway, and we drive, Mexican, dogs, babies, children, and four exiled crazy people to the Villa Del M house of L, passing the whore mansion next to the beach which inspired everyone with awe not knowing what it's about – me, at least, to me it appears a very enigmatic setup, at night it has Christmas lights rigged up around the square roof with twinkles invitingly across the bay – I have never understood well the mystique of Veracruz whoredom, maybe Ray can tell me something about it.

I have no idea even what I talk about except that the picture comes to my eye and I just put down whatever goes down... funny....

I must be excused for my emotions outbursts – it is invariably my errors catching up with me – by this time we had rented a house on Calle Revillagigedo – yellow stucco

Eu vejo um rosto familiar no final da rua, a esposa de L num táxi, L grita, "Vamos todos dar uma volta na minha casa, ficamos a manhã inteira aqui, neste mercado nojento" – então eu enrolo a bebê em algum tipo de roupa com esperança suficiente de que tudo esteja limpo pra que nenhuma boa mãe mexicana fique com raiva de mim ou mais provável das solteironas que não sabem como isso é de qualquer forma, e nós dirigimos, mexicanos, cachorros, bebês, crianças e quatro pessoas loucas exiladas pra casa de L em Villa Del M, passando pela mansão das prostitutas ao lado da praia que deixa todos embasbacados sem saber do que se trata – eu, pelo menos, pra mim parece uma construção muito enigmática, à noite ela tem luzes de Natal colocadas em volta do telhado quadrado que brilham como um convite além da baía – eu nunca entendi muito bem a admiração pela prostituição de Veracruz, talvez Ray possa me dizer algo sobre isso.

Eu não tenho nem mesmo ideia do que eu falo exceto pela imagem que vem na minha cabeça e eu rejeito tudo que faz mal... engraçado...

Me desculpem pelas minhas emoções descontroladas – meus erros me alcançam invariavelmente – neste ponto nós tínhamos alugado uma casa em Calle Revillagigedo – reboco

in the hot afternoon sun – three barred windows onto the sidewalk, the roof overhangs, yellow stucco inside too, shutters to keep out the rain, were they glass closing windows? I guess – the impression on moving into one of these houses is of stony bareness, the kitchen supports a cement sink – one in the patio, too, for laundry, a toilet, and shower, all the conveniences one could expect, tile floors – twenty dollars a month is very cheap, but we later found everyone else in our block of houses was paying ten and we don't even imagine where the following month's loot is gonna come from – the first a gift from L.

We had spent a couple of weeks in Mocambo, the real beach at Veracruz, ten miles out of town by a bus that left from in front of the post office where a *Hielo* man did a great business selling ices of papaya, piña, fresas, and many alternating weird melons, delicacies of the hot sidewalk around noon, waiting for the bus to take off to Mocambo, everyone packed in with all their market bundles, and what seats are not taken you can anticipate being broken – we start off finally, pass the Perroquia and the main hotel, pass another hotel near the railroad tracks I remember we stayed in one other time but not much sleeping in fact for the bus and trolley traffic just outside,

amarelo no sol quente da tarde –três janelas com grades pra calçada, o telhado se projeta pra fora, estuque amarelo dentro também, persianas pra manter a chuva longe, eram janelas de vidro pra fechar? Eu acho – a impressão de entrar numa dessas casas é de nudez pétreia, a cozinha tem uma pia de cimento – uma no pátio também, pra lavar a roupa, um banheiro e um chuveiro, todas as conveniências que alguém pode esperar, chãos de azulejo – vinte dólares por mês é muito barato, mas mais tarde descobrimos que todos os outros no nosso bloco de casas estavam pagando dez e nós nem imaginamos de onde virá o dinheiro do mês seguinte – o primeiro foi presente de L.

Ficamos duas semanas em Mocambo, a verdadeira praia de Veracruz, a uns quinze quilômetros da cidade com um ônibus que nos deixa em frente ao correio onde um homem *Hielo* fez um ótimo negócio vendendo sorvetes de mamão, ananás, morangos e muitos melões estranhos alternados, iguarias da calçada quente perto do meio-dia, esperando pelo ônibus pra ir pra Mocambo, todos empacotados com seus pacotes do mercado, os assentos que não estão ocupados você já pode saber que estão quebrados – saímos, por fim, passamos por Perroquia e o hotel principal, passamos por outro hotel perto dos trilhos da ferrovia eu lembro que nós ficamos num deles um tempo, mas não dormimos muito de fato devido ao tráfego de ônibus e bondes logo ali fora,

making a turn and accelerating, kept waking us up, except for two or three hours at night. We pass Villa Del Mar in the Mocambo bus thank goodness for shades, the sun of ocean reflection on stucco seaside buildings is blinding, the dance hall on the beach is being scrubbed, both of them, too early yet for afternoon beer drinkers. We pass all signs of civilization now, making it through the scrub on a paved road heading further down the coast south of Veracruz, but we get off at Mocambo, scene of the Mocambo hotel resembling something on the Riviera – I am later to swim there nude in their archway-surrounded pool, while some waiter awaits us coming back for after-dinner coffee, my friend doing weird things in the water underneath me; I am I am always being overcome at the humor of situations unknown to any customers, for I shyly keep a straight face. Mocambo is just a small group of summer houses of rich people, only a few poverty homes in the immediate town and a gas station back from the water far enough not to see on the highway where we often go for coffee and pan. Ray and me, as much as I enjoy the good food I ate while I was on a date (I am going to have trouble with how to call this hustling, usually I say “go out and get some money”, try to be discreet

fazendo uma curva e acelerando, nos mantendo acordados, exceto por duas ou três horas quietas à noite. Passamos Villa Del Mar no ônibus pra Mocambo, obrigada Senhor pelos tons, o sol com reflexo do oceano nas construções beira-mar estuque está cegando, o salão de dança na praia está sendo esfregado, ambos, muito cedo ainda pra bebedores de cerveja vespertinos. Já passamos por todos os sinais de civilização, através do matagal na rodovia asfaltada dirigindo mais pra baixo da costa sul de Veracruz, mas nós descemos em Mocambo, a cena do hotel Mocambo assemelhando-se com alguma coisa no Riviera – mais tarde eu iria nadar nua em suas piscinas rodeadas de arcos, enquanto um garçom espera nós voltarmos do café depois do jantar, meu amigo fazendo coisas estranhas na água embaixo de mim; eu sempre me surpreendo com o humor das situações desconhecidas com vários clientes, pros quais eu, tímida, mantenho a cara séria. Mocambo é só um amontoado de casas de verão de pessoas ricas, só algumas casas pobres na periferia imediata e um posto de gasolina atrás da água longe o suficiente pra não ser visto da rodovia aonde com frequência nós vamos tomar café e comer panquecas. Ray e eu, da mesma forma que eu gosto da comida boa que eu como quando estou num encontro (eu terei problemas em como chamar essa diversão, no geral eu digo “vou sair e conseguir alguma grana”, devo tentar ser discreta

and not mention the sex, or any love-coincidental relation in terming it for that would be too hard on our marriage; now what will I call it, dislike the term “john”, guess I am not blasé enough, call them by name, but I can’t remember) I always like eating cake and coffee with Ray best – but at Mocambo, the thing is to drink beer and eat shrimps if you have the money – but we had little money and were at this time to be housed for two weeks in the summer beach house of an eccentric painter who had left his servants in charge – we were to furnish them with fifty pesos a week to buy food, which we tried to do, and the chick turned us on to Mexican cooking, actually we bought maybe one chicken a week and lots of rice and beans which do us, and all little delicacies for her and her husband – this is what L told us, I found the food very good and don’t see how she could have made it stretch so far to cheat on us besides, but this is the story in Mexico, most Americans I think do not ever comprehend how they live so cheaply – later, J, my Veracruz mama, will turn me on to the comforts of life.

But we had a bed here and sufficient to eat and us together alone for a while – the baby with L’s entourage – they had begged to be allowed to take care of her, a thing I could not understand yet – they worshipped her because she was so white –

e não mencionar o sexo ou qualquer relação de amor casual, denominar isso seria muito duro pro nosso casamento; agora como eu vou chamar isso, não gosto do termo “cliente” acho que não sou blasé o suficiente, chamo eles pelo nome, mas eu não consigo lembrar) eu sempre gosto mais de comer bolo com café com Ray – mas em Mocambo, se você tem dinheiro, a coisa é tomar cerveja e comer camarões – mas nós tínhamos pouco dinheiro e neste momento ficaríamos alojados por duas semanas na casa de verão de um pintor excêntrico que deixou seus empregados no comando – nós íamos dar pra eles cinquenta pesos por semana pra comprar comida, o que tentamos fazer, mas a garota nos fez gostar de comida mexicana, na verdade acho que nós compramos uma galinha por semana e muito arroz e feijão, o que nos satisfazia, todas as iguarias pra ela e pro marido – isso foi o que L nos disse, eu achei a comida muito boa e não entendo como ela fez isso se esticar tanto como nos trair pelas costas, mas esta é a história no México, muitos americanos, eu acho, nunca compreendem como eles vivem de forma tão barata – mais tarde, J, minha mama de Veracruz, vai me mostrar os confortos da vida.

Mas nós tínhamos uma cama aqui, o suficiente pra comer e só nós juntos por um tempo – a bebê com a comitiva de L – eles tinham implorado pra tomar conta dela, uma coisa que eu ainda não entendia – eles a adoravam porque ela era muito branquinha –

we got her back after a couple of days with all kinds of instructions to take her to surgeon right away for she was definitely twisted in one foot – we considered this all a myth, but started digging her movements and worrying about it, never to end.

We would not have been allowed to stay at Mocambo as long as we did except for the return of Rachel – as much of a problem as feeding her was, and the main reason for me going on the streets, Rachel was one of the keys to our survival in this destitute period – everyone loved her and all we had to say, or not say, to our host was, what will happen to the baby – and we were allowed to stay. On the beach one afternoon with a storm coming up and the wind blowing sand in our faces, I was sitting on a log, breaking the news to Ray about N. My conscience has never been strong enough to hold back from him secrets of this kind, though I usually wait till what I think would be a cool time to break the news. We would be talking about our sexual experiences to each other and I started to accuse him of things I suspect he has been doing in all his absences from me, and end up telling him of this thing with N. I was called a pig – a thing I well believed by the time this argument was through and I did not remain sitting upright on the log

nós pegamos ela de volta após dois dias com todos os tipos de instruções pra procurar um médico de imediato porque com certeza ela tinha um pé torto – nós consideramos tudo isso um mito, mas começamos a estudar os movimentos dela e ficamos preocupados, nunca acaba.

Nós não teríamos conseguido permissão pra ficar em Mocambo por tanto tempo quanto ficamos exceto pelo retorno de Rachel – muito pelo problema que era alimentar ela e a principal razão pra eu ir pras ruas, Rachel era uma das chaves pra nossa sobrevivência neste período de necessidade – todos amavam ela e tudo que precisávamos dizer ou não dizer pros nossos anfitriões era: o que vai acontecer com a bebê – e nos deixavam ficar. Em uma tarde na praia com uma tempestade chegando e o vento soprando areia em nossos rostos, eu estava sentada em um tronco, contando as novidades pro Ray sobre N. Minha consciência nunca foi forte o suficiente pra guardar dele segredos desse tipo, ainda que, em geral, eu esperasse até eu achar que seria uma boa hora pra contar as novidades. Era provável que estivéssemos falando sobre nossas experiências sexuais e eu comecei a acusá-lo de coisas que eu suspeitei que ele estivesse fazendo quando estava longe de mim e acabei falando pra ele sobre essa coisa com N. Eu fui chamada de porca – algo que naquele momento eu acreditei ser o fim dessa discussão e não permaneci sentada ereta no tronco

very long. Whew, that cleared the air – after that point it was fully believed that I was capable of walking the streets. I began to know what was expected to me. This was one of the few times in our marriage I was not forgiven.

And so that sets the scene. I have been a little too lyrical in parts perhaps, but it was not all for fun or experience that I was forced to be a con artist – pure necessity sent me into town to try my luck, and that's what I have all along considered it, and don't forget in my head also that we are fugitives and I expect surely every time I pass one of the hip Veracruz cops that the end was truly in sight and it was, if I could have seen it, but that is later.

I even remember what I wore the first time I went out – pitiful, I guess, I had only a very short corduroy skirt I had purchased at a bargain store in Hoboken and it was no bargain – and a gift from one of our neighbors nearby, who it seems to me were conspiring for me to go out and get some money, too, a blouse of limp rayon which hung very low on straps that wouldn't hold so that sometimes it wasn't even hanging – what a farce that whole evening was – of course, there was the afternoon headache, trying to get out of it, and pleading with Ray, who answers me reasonably

por muito tempo. Ufa, isso limpou o ar – depois desse ponto acreditava-se por completo que eu era capaz de caminhar pelas ruas. Eu comecei a entender o que era esperado de mim. Esse foi um dos poucos momentos em nosso casamento em que eu não fui perdoada.

E então a cena se define. Talvez, em partes, eu sou um pouco lírica demais, mas não foi por diversão ou experiência que eu fui forçada a ser uma vigarista – pura necessidade me levou pra cidade pra tentar a sorte, e isso foi tudo o que eu considerei, também não esqueço que nós somos fugitivos e com certeza toda vez que eu passo pelos policiais em Veracruz eu imagino que era o fim de verdade e era, se eu tivesse percebido, mas isso vem mais tarde.

Eu ainda lembro o que eu vesti a primeira vez que eu saí – deplorável, eu acho, eu tinha apenas uma saia muito curta de cotelê que eu tinha comprado numa loja barata em Hoboken e não foi nenhuma pechincha – um presente de um de nossos vizinhos próximos que parecia que estava conspirando pra eu sair e conseguir algum dinheiro, também, uma blusa de seda mole que ficava suspensa pelas alças frouxas que não seguravam tanto de modo que às vezes ela nem ficava suspensa – que pastelão que foi toda aquela noite – claro, tinha a dor de cabeça da tarde por tentar cair fora disso e brigar com Ray que, razoável, me contestava

with our broke and hungry situation – so I go, walk, how did I make it through the streets with my shame and everyone staring at my outrageous outfit? I walk to the plaza, where not even having money for a cup of coffee, I sit in the park and feel miserable, I didn't even know how to come on; a little later I guess it began to shine from my face, but this was just an opener, some little punk sympathizes with me, admired me, and I talk him into coming home with me; Ray has insisted that I must bring someone home, he promises me 100 pesos tomorrow, mauls and kisses me on the way, my new outfit summoning open caresses on the street, heifer to the slaughter, I persuade Ray that he is to be trusted for the money, our little house certainly looks poverty-struck on the candlelight. Ray watching from the patio, I am sick....

I should write this like a résumé so that I could get a job here in New York – things are not so different now. I joke about it, even then there was a king of exhilarating joke about it when I was able to get money and even the horror of being the breadwinner dulled somewhat. But truthfully, it was only necessary in Mexico, and there unavoidable; here in New York everyone understands that when you get down to the bottom, you

com nossa situação quebrada e faminta – então eu vou, caminho, como eu pude fazer isso pelas ruas com a minha vergonha e com todos encarando meu visual ultrajante? Eu caminho pra praça onde eu não tenho dinheiro nem pruma xícara de café, eu sento no parque e me sinto miserável. Eu nem mesmo sabia por onde começar, um pouco mais tarde, eu acho que começou a ficar estampado no meu rosto, mas isso era só um começo, um pivete simpatizou comigo, me admirou e eu o convenci a ir pra casa comigo; Ray insistiu que eu devia levar alguém pra casa, ele me prometeu 100 pesos amanhã, me malha e me beija pelo caminho, meu novo visual pedia pra que passassem a mão em mim pelas ruas, uma novilha indo pro abate, eu convenço Ray que ele era confiável quanto ao dinheiro, nossa casinha com certeza parecia atingida pela pobreza à luz de vela. Ray assistindo do pátio, eu estou mal... .

Eu devia escrever isso como se fosse um currículo, então eu iria conseguir aquele emprego aqui em Nova York – as coisas não estão muito diferentes agora. Eu brinco, mesmo assim teve alguma brincadeira divertida sobre isso quando eu era capaz de conseguir dinheiro e até mesmo o horror de ser uma chefe de família meio entorpecida. Mas, sendo sincera, isso só era necessário no México e inevitável lá; aqui em Nova York todos sabem que quando você chega ao fundo do poço, você

go without cigarettes, you eat at the Salvation Army, friends help you, though grudgingly, you don't even want to ask them, but they are there anyway. In Mexico, it was nothing but me and general public between us and starvation and the jailhouse.

The first experience almost finished me, the circumstances, Ray watching, the fact that the little punk never delivered the money, and no doubt spread the news to all of his friends about me. From then on I felt hunted, furtive.

If you could see us now, eating bread and tomatoes every day and considering it even a treat to get enough of that. Ray goes for tortillas which I cannot stomach yet, and some lucky mornings maybe N has laid a few pesos on Ray. I go beyond the grocery store into the courtyard where there is a line long as at the unemployment office waiting to buy *gordas*, *tortillas* fried big and fat with black beans inside. They are truly delectable with coffee. Ray and I fight over them like mongrel dogs on the street, and little Rach digs them and is seen gumming a piece hungrily – poor baby got as skinny as we did almost, pitiful to see, and no wonder the willingness of our neighbors to offer us food, though we refuse it, feeling silly; maybe they were just

passa sem cigarros, você come no Exército da Salvação, amigos te ajudam mesmo que de má vontade, você não quer nem pedir a eles, mas eles estão lá de qualquer jeito. No México, não tinha nada além de mim, o público em geral entre nós, a fome e a cadeia.

A primeira experiência quase acabou comigo, as circunstâncias, Ray assistindo, o fato do molequinho nunca ter entregado o dinheiro e sem dúvidas ter espalhado a notícia sobre mim entre todos os amigos dele. A partir de então, eu me senti caçada, furtiva.

Se você pudesse nos ver agora, comendo pão com tomates todos os dias e achando que era um prazer ter o suficiente. Ray sai pra comer tortillas, o que eu não tenho vontade ainda, em algumas manhãs de sorte, talvez N tenha entregado alguns pesos pra Ray. Eu vou pro pátio além do armazém onde há uma longa fila como na agência de empregos esperando pra comprar *gordas*, *tortillas* fritas grandes e gordurosas com feijões pretos dentro. Elas são mesmo deliciosas com café. Ray e eu brigamos por elas como vira-latas, a bebezinha Rach mergulha nelas e é vista mastigando um pedaço faminta – coitadinha ficou quase tão magra quanto nós, dava dó de ver e ninguém imagina a boa vontade dos nossos vizinhos em oferecer comida pra nós, mesmo que nós recusássemos, nos sentindo esquisitos; talvez eles só

being nice, it was hard for us to tell speaking so little Spanish. Little Mexican chicks knock on our door with plates of some kind of tortilla concoction with tomatoes and onions, they all have different names, depending on how they are cooked, *panuchos* and *gordas* were the best though. Ray was fascinated at the men who, come evening coolness, get out their charcoal stoves and begin to prepare *panuchos*, breaking up the chicken, chipping up lots of onion with a good soupy stick bean paste and green tomato hot sauce and when someone comes in to eat they turn up the stove hotter and begin to cook them individually with a dash that suggests a French chafing dish artist.

The second day I either balked completely or Ray figure I was not able to pull a good enough con; probably both, and Ray went off to the center of town, El Centro, armed with a picture of me in a bikini, while I sat at home waiting nervously. I do not file my fingernails or such, but try to make the baby comfortable and hope there will be no one outside the house when ray comes home with his catch. And wow, my smart husband, did you come home with the drunkest man in town, figuring that is the coolest? How did you catch him? I am as curious about that scene as you are about all of my innumerable ones. He was a fat one, out

Estivessem sendo legais, pra nós era difícil saber falando tão pouco espanhol. Garotinhas mexicanas batem à nossa porta com pratos com algum tipo de mistura de tortilla com tomates e cebolas, todas tinham nomes diferentes dependendo de como eram preparadas, *panuchos* e *gordas* eram as melhores. Ray ficava fascinado com os homens que, com a calma da noite, vinham com suas churrasqueirinhas e começam a preparar *panuchos*, separando o frango, picando muitas cebolas numa pasta de feijão espessa e cremosa com molho apimentado de tomate verde e quando alguém aparece pra comer, eles aumentam o fogo e começam a cozinhar os alimentos separados com um ímpeto que lembra um rescaldeiro dum chef francês.

No segundo dia, eu recusei por completo ou Ray imaginou que eu não era capaz de arrumar uma desculpa boa o suficiente; é provável que os dois, e Ray foi pro centro da cidade, El Centro, munido com uma foto minha de biquíni enquanto eu, nervosa, fiquei em casa esperando. Eu não lixo as unhas ou algo do tipo, mas tento deixar a bebê confortável e desejo que não tenha ninguém fora de casa quando Ray chegar com sua caça. E uau, meu marido esperto, você veio pra casa com o homem mais bêbado da cidade imaginando que é o mais legal? Como você conseguiu esse? Eu estou tão curiosa sobre essa cena quanto você está sobre todas as minhas inumeráveis cenas. Ele era gordo, saiu

drinking with his friend, two too-much cats, nowhere, afraid to have Ray around, figured he could bully me, talked Ray down to 150 pesos, which I make up for later copping fifty out of his drunken stupor wallet to pay for Ray's distinguished services, nearing dawn I put him together and shove him out the door, anticipating Ray getting back soon and our glee... hehehe... Oh, he really dig dig me, Ray, he wanted to do it twice, but I wouldn't let him... (Is that me prostrate on the bed? Me handling all of that bulk to be serviced? I let myself get to a point where I put on a good show, forcing them to come and have done?... Often having to put up with bullshit conversation... Get on with it, Bonnie, you are a member of the great club and must grow to like it....)

It is morning now on Calle Revillagigedo and though the whole of Veracruz is awake, on the move, we in our house emerge into our own self-made world. Rachel would get up earliest of us three, I would wake to her gurgling goos in the crib alongside of us. I pick her up out of her nighttime prison-crib-bars and sit her in the little orangewood chair with green linoleum oilcloth seat with hole in it, facing the stucco wall, she sits looking at the picture gallery we have made for her out of

pra beber com um amigo, dois caras exagerados, nenhum lugar, com medo de ter Ray por perto, imaginei que ele pudesse me maltratar, convenceu o Ray a baixar pra 150 pesos, que eu compensei mais tarde pegando cinquenta a mais da sua carteira de bêbado inconsciente pra pagar Ray por seus serviços notáveis, perto do amanhecer eu o puxei pra perto e empurrei ele porta afora, antecipando que Ray voltaria em breve, nossa satisfação... hehehe... Ah, ele meteu, meteu mesmo em mim, Ray, ele queria duas vezes, mas não deixei... (sou eu essa largada na cama? Eu tentando lidar com toda aquela massa sobre mim? Cheguei a um ponto onde tenho um ótimo desempenho, fazendo eles gozar e gozando também? Aguentando, com frequência, toda aquela conversa de merda... Lide com isso Bonnie, agora você é membro do grande clube e precisa dar um jeito de gostar disso. ...)

É manhã em Calle Revillagigedo e embora toda a Veracruz esteja acordada, em movimentação, nós, em nossa casa, emergimos do nosso próprio mundo feito por nós mesmos. Rachel era a que acordava mais cedo de nós três, eu acordava com os seus gluglus murmurados no berço ao nosso lado. Eu tiro ela do seu berço noturno com barras de cadeia e a sento na sua cadeirinha de madeira laranja num assento verde de tecido de óleo de linhaça com um buraco, encarando a parede de estuque ela senta olhando a galeria de fotos que nós fizemos pra ela com

classical paintings collected from Classicos matchboxes. She sits there for an hour continuing her contemplation while I return to sleep, next to Ray, oh sweetness of his hand touching my head now, the sun softly rising behind the clouds.

We found peace in Veracruz and became used to the hustle, and comfortable in our house. Free, I want to go back, we all want to go back. Now... at this moment I want to be there, but time drags, and fate has done its demolition.

I watch the dawn come slowly, lying in the bed with Ray, begging him to let me stay, but we knew that I had to go, and immediately, while I still had the bus fare. I left that morning, oh lonely, and the next day as Ray was painting pictures on the floor, the Mexican immigration people came and took him to Veracruz jail, and when I got back from Mexico City a week or ten days later he was gone and the pictures were on the floor unfinished, the house was dusty and unaired, uninhabited. A letter under the door was from Ray, the first letter we ever received by regular mail, postmarked the 17th of August 1961, from Laredo, Texas. Man on the street, I spit in your face, just as I spat on the American Consul's doorstep with the information to him that his wife was a whore. He said to me, "we have heard for

pinturas clássicas coletadas das caixas de fósforos Classicos. Ela senta lá por uma hora continuando sua contemplação enquanto eu volto a dormir ao lado de Ray, ah, a doçura de suas mãos tocando minha cabeça, o sol brilhando suave atrás das nuvens

Nós encontramos paz em Veracruz, nos acostumamos com a diversão e o conforto de nossa casa. Livre, eu quero voltar, todos nós queremos voltar. Agora... neste momento eu quero estar lá, mas o tempo se arrasta e o destino já fez sua demolição.

Eu assisto o amanhecer chegando devagar, deitada na cama com Ray, implorando pra ele pra que me deixe ficar, mas nós dois sabemos que eu preciso ir, de imediato, enquanto eu ainda tenho a passagem de ônibus. Eu saí naquela manhã, ah solitária, e no outro dia enquanto Ray estava pintando quadros no chão os caras da imigração mexicana vieram e levaram ele pra prisão de Veracruz, quando eu voltei da Cidade do México uma semana ou dez dias depois que ele se foi, os quadros ficaram inacabados no chão, a casa estava empoeirada e sem ventilação, desabitada. Uma carta de Ray estava embaixo da porta, a primeira carta que recebemos pelo correio normal, carimbada em 17 de agosto de 1961, de Laredo, Texas.

Homem comum, eu cuspo na sua cara, assim como eu cuspi no beiral da casa do cônsul americano dando o recado de que a mulher dele era uma puta. Ele me disse, "há um

quite a while of your activities here in Veracruz, and your husband had stuck out like a sore thumb, too”. I said, “we don’t stick out like a sore thumb like you do,” and he tried to keep me there by his authoritative tone, but I was far far beyond that and split out of there quickly – picked up the baby Rach from J and invited her to come with me to Xalapa to see her friend. J went to get a taxi, and her husband, the current one, went to get a couple of bottles of beer for the ride.... But I left the baby behind with J; you see I thought it was the end of the world for me, and I had not been sure all along if I wanted Rachel to participate in that with me so I left her behind with J who would have made her a good mother anyway. I wish I could have left her there longer, but they wouldn’t let me cross the border without her, so I had to retrace my steps.... No, this is all mixed. I took a taxi from Veracruz to Mexico City; the taxicab driver brought his wife along so that they could have a “holiday”. It cost me all of my money just to get away from Veracruz, for the immigration people were going to arrest me because of my papers.

I arrived in Mexcity from crossing the plateau of Puebla country in the morning redness and saw a whole nightmare of red individual mounds rising from the otherwise-level black silhouette as I try to sleep in the

bom tempo nós ouvimos sobre suas atividades aqui em Veracruz e seu marido dá muito na vista também.” Eu disse, “nós não damos mais na vista que vocês,” ele tentou me manter lá com aquele tom autoritário, mas eu já tinha passado por aquela fase e caí fora de lá rapidinho – peguei a bebê Rach com J e convidei ela pra vir comigo pra Xalapa pra ver a amiga dela. J foi chamar um táxi e o marido dela, o atual, foi pegar umas garrafas de cerveja pra viagem... Mas eu deixei a bebê com J; entenda, eu pensei que era o fim do mundo pra mim e durante todo esse tempo eu não tinha certeza se eu queria que Rachel participasse disso comigo, então eu deixei ela com J que de qualquer jeito seria uma boa mãe pra ela. Eu gostaria de poder deixar ela lá por mais tempo, mas eles não me deixariam cruzar a fronteira sem ela, então eu tive que rever meus passos... Não, está tudo misturado. Eu peguei um táxi de Veracruz pra Cidade do México; o taxista levou a mulher dele junto, assim eles poderiam tirar “férias”. Gastei todo o meu dinheiro só pra fugir de Veracruz porque as pessoas da imigração iam me prender por causa dos meus documentos.

No avermelhado do amanhecer eu cheguei na Cidade do México depois de atravessar o planalto de Puebla e vi todo um pesadelos de colinas vermelhas individuais surgirem de silhuetas escuras que em geral seriam planas enquanto eu tento dormir no

back seat, anticipating a busy day, and write a letter to Ray from Roger B's house all full of nighttime love and blues and fear of the end of all this; he interpreted this as a suicide letter and got as scared as I had at his. But it wasn't the end; it was just a very difficult and frightening interval as this is right now as I write this with Ray in prison. But I will tell it, tell it complete with no end or beginning, I am getting nervous with the immensity of it again. But I want to be alive, want to preserve my dream. This daily seeking has an end in my head so CAPITALIZE it. The revolution is starting tomorrow as I can start a revolution any time I like in my head.... I am getting too far out again, but that is nothing new.

It was not long before I was introduced to a Leading Citizen of Veracruz. One evening I was approached at the Perroquia by someone who wanted to take me to him and I did meet him in person, unbelieving. Anyway, knowing that he knew, I threw all caution aside and treated him like anyone else. There was nothing else to do, I guess. I never really possessed a hard enough hustle to handle him properly and trouble was to come of this, as he was not a kindhearted man. I found most men I fucked not sympathetic towards the existence of a husband in the picture, but I did not

banco de trás, prevendo um dia cheio, e na casa do Roger B escrevo uma carta pra Ray cheia de amor noturno, blues e medo do fim de tudo; ele interpretou como uma carta de suicídio e ficou tão assustado quanto eu fiquei com a carta dele. Mas não era o fim; era apenas um intervalo muito difícil e assustador tanto quanto agora enquanto escrevo aqui, com o Ray na prisão. Mas eu vou falar, falar tudo, sem um final ou um começo, eu estou ficando nervosa com a imensidão de novo. Mas eu quero estar viva, quero preservar o meu sonho. Na minha cabeça essa busca diária tem um fim então APROVEITE. A revolução vai começar amanhã porque eu posso começar uma revolução a qualquer momento na minha cabeça.... eu estou me perdendo de novo, mas não é novidade.

Isso não foi muito antes de eu ser apresentada prum Cidadão Importante de Veracruz. Uma noite eu fui abordada em Perroquia por alguém que queria me levar até ele e eu conheci ele em pessoa, inacreditável. De qualquer forma, sabendo que ele sabia, eu deixei todo o respeito de lado e o tratei como uma pessoa qualquer. Não tinha mais nada a fazer, eu acho. Eu nunca tentei ser divertida o suficiente pra tratar ele do jeito certo e por causa disso os problemas estavam por vir, já que ele não era um homem bondoso. Eu descobri que muitos homens que eu fodi não simpatizavam com a presença de um marido no lance, mas eu não

not take the time to analyze this – just ignored it. Maybe I could have prevented a lot of trouble if I had analyzed it

A drive up to his deserted street, where despite the dark night he is cautious and wants me to get into the house without being seen by his neighbors. He fucks me surreptitiously, meanwhile showing me his furniture, kisses me in a way I don't enjoy, fucks me timidly, and then wants me to profess how much I enjoyed it, hanging over the edge of his sofa. "Put it in quick;" he is not even interested in removing my clothes but is not possessed with the urgency that usually accompanies that symptom. I surmise that he is just plain in a hurry to get it over with. In time, I discover that I have presented a status challenge to him and I am surprised as I had not known how my reputation had flourished in such a short time. He talks of his mother. We could possibly be friends just by the virtue of his somehow twisted admiration of me (I had premonitions that there would be trouble from this relationship and I am sure to this day that he was involved in Ray's arrest) and in later times when I see him and he is not able to pay I visit his office at head quarters and he lays bread on me in installments. I saw my friend J there the first time. I walk to the desk and ask for Leading Citizen, she asks my

perdi tempo analisando isso – só ignorei. Talvez eu pudesse ter evitado muitos problemas se eu tivesse analisado.

Dirigimos até a rua deserta da casa dele onde, apesar da noite escura, ele é cuidadoso e quer que eu entre sem ser vista pelos vizinhos. Ele me fode furtivo enquanto me mostra sua mobília, me beija de um jeito que eu não gosto, me fode tímido e depois quer que eu declare o quanto eu gostei, encostado na borda do sofá. "Mete logo;" ele não está nem mesmo interessado em tirar as minhas roupas, mas não está possuído pela urgência que em geral acompanha esse sintoma. Eu suponho que ele está apenas com vontade de acabar logo. Em tempo, eu descubro que eu era um desafio pra ele e fico surpresa por não saber o quanto minha reputação tinha crescido em tão pouco tempo. Ele fala da mãe dele. Nós poderíamos ser amigos só por conta da admiração esquisita que ele tinha por mim (eu tinha um palpite de que teria problemas com esse relacionamento e até hoje eu tenho certeza de que ele estava envolvido na prisão de Ray), nos últimos tempos, quando eu vejo ele e ele não pode me pagar eu vou no escritório dele na matriz e ele libera a grana em prestações. Foi lá que eu vi minha amiga J pela primeira vez. Eu vou até o balcão e pergunto pelo Cidadão Importante, ela pergunta meu

name and business and I decline to answer either, but the eye of the Leading Citizen is caught and J reaches in her desk, face wreathed with fat friendly smiles, and hands me an envelope with the bread complete, a happy moment for both of us. J came to admire me from that moment and I later knew her worth, my dearest woman friend in the world maybe, J; although I got along well with all the madams, J, a dear friend and essence of Veracruz, was able to open up a well of social enjoyment and faith in myself I hadn't known before.

It is well into late spring now, probably June, Ray has gone to the post office and the baby is being taken care of by someone – I am expecting the Citizen's assistant – fat jive, friendly to me and Ray, he likes Ray so I am well disposed to be kind of casual friends with him. Besides he has promised the night before on his drop-by trip (he didn't have any money at the time) to bring some pot. Our record player is functioning again and I, in possession of seven pesos, have gone out in the hot sun to a wine shop a couple of blocks away in an estranged tree-hidden house with baroque bars made of wood shadowing the darkness of the shop which says that it is closed. Now my desire is increased for a bottle of wine and I finally succeed in buying a bottle. As I return home, the

nome e o assunto, eu me recuso a responder, mas a olhada do Cidadão Importante é notada por J, ela enfia a mão na gaveta com o rosto coberto de sorrisos falsos e me entrega um envelope com toda a grana, um momento feliz pra nós duas. J começa a me admirar a partir daquele momento e mais tarde eu descubro que ela vale a pena, a minha amiga mais querida no mundo, talvez, a J; embora eu me desse bem com todas as senhoras, J, uma amiga querida e a essência de Veracruz, era capaz de liberar uma fonte de satisfação social e fé em mim mesma que eu não conhecia antes.

Já está no final da primavera, talvez Junho, Ray foi pro correio e alguém está cuidando da bebê – eu estou esperando o assistente do Cidadão – cara gordo, gentil comigo e com Ray, ele gosta do Ray então eu estou disposta a ter algum tipo de amizade casual. Além disso, na noite anterior, numa visita rápida ele tinha prometido (ele não tinha dinheiro na época) trazer um pouco de maconha. Nosso aparelho de som está funcionando de novo e eu, munida de sete pesos, embaixo do sol quente fui pra a loja de vinho que fica a umas duas quadras numa casa distante escondida nas árvores com pilares barrocos de madeira fazendo sombra na escuridão da loja que dizia que estava fechada. Agora o meu desejo por uma garrafa de vinho aumentou e eu finalmente consigo comprar uma garrafa. Enquanto eu volto pra casa, a

jukebox in the *refrescos* joint across the street has warmed up and will play maybe the same song for the rest of the day and far into the night, but it is a new selection today for I am not bugged, but start in on the wine, sitting alone at the wooden table contemplating. I like to sit by myself; I like to anticipate visitors. He arrives soon, black and hot already, happy and anxious, friendly, and opens up a piece of newspaper bundle under his arm (everything purchasable in Veracruz is likely to be wrapped with skill in newspaper) to exhibit an arm's thickness of stuff which we will be putting to the test soon. He also has 50 pesos to lay on me and I am pleased with the deal, having had enough wine in the early morning heat not to mind at all anyway. We tussle on the bed mattress on the floor ignoring boring noises from the outside for a while and are inundated in sweat of the sunny morning. Is this not God's honest clean sweaty labor and pleasure of good wholesome things? He sticks around long enough to greet Ray from the post office and that is that....

J's garden in the morning jasmine sunshine, or the evening clean clothes cool, she rubs jasmine flowers behind my ears. Her mother serves us black coffee, black beans, tortillas well baked – you never know what a feast of pleasure eating can be till you have accustomed yourself to this black Veracruz food.

jukebox da loja de *refrescos* do outro lado da rua está aquecida e talvez toque a mesma música pelo resto do dia e noite adentro, mas hoje é uma nova seleção porque eu não estou incomodada, mas começo o vinho, sentada sozinha na mesa de madeira, contemplando. Eu gosto de sentar sozinha; gosto de antecipar os visitantes. Ele chega logo, já sujo e suado, feliz e ansioso, amigável, abre um pedaço dum pacote de jornal debaixo do braço (tudo que é comprável em Veracruz é provável que seja embalado com habilidade em jornal) pra exibir um bagulho do tamanho de um braço que em breve vamos degustar. Ele também tem 50 pesos pra me dar e eu fico satisfeita com o acordo, tendo tomado vinho suficiente no início do calor da manhã pra não me preocupar com nada. Nos pegamos no colchão no chão ignorando os barulhos lá de fora por um tempo e ficamos inundados do suor da manhã ensolarada. Não seria o suor do trabalho honesto e o prazer das coisas boas saudáveis de Deus? Ele fica por perto tempo suficiente pra dar um alô pro Ray chegando do correio e é isso...

O jardim de J no brilho da manhã de jasmim ou no frioquinho noturno de roupa secando, ela esfrega flores de jasmim atrás das minhas orelhas. A mãe dela nos serve café preto, feijões pretos, tortillas bem cozidas – você não conhece o prazer dum banquete até estar acostumado com a comida preta de Veracruz.

J and I speak intuitively, neither of us understands the other's spoken idiom, we speak gibberish which neither answers comprehendingly, but just talk because it is expected, yet we are dear friends, my jasmine fat sister, *yo te quiero jova*, I blurt with tears in my eyes, in my friendship with J. The policewoman procuress, P de la P was her actual title, which cracked me up, broke up all the American inhibitions I ever possessed; I know that I am as much Mexican as I am New Yorker or even spade, Negro, Veracruzana, I have undergone the metamorphosis completely and my heart is warm and happy. Whatever problem I have, J understands and miraculously produces the solution. Now that is friendship: every time I go to her house a burden is lifted from my shoulders. Though I was suspicious of her motives at first, and turned down her first efforts on my behalf and thwarted her plans at last by going to Mexico City, she even understood our need for occasional extravagance and did dig us, no question. I could write her a letter right now in English or in Spanish and she would be thrilled, happy to hear from me as if none of her present life had put any distance between us and I were there in her heart still. This is not mush: how many people can boast of such a friend as the three of us had in J? I will never

J e eu falamos de acordo com a intuição, nenhuma de nós entende o idioma que a outra fala, nós falamos um idioma incompreensível no qual nem as respostas são compreensíveis, mas só falamos porque é esperado, mas já somos boas amigas, minha irmã gorda de jasmim, *yo te quiero jova*, eu desabafo com lágrimas nos olhos, na minha amizade com J. A policial cafetina, P de la P era sua verdadeira função, o que me enlouqueceu, acabou com todas as inibições americanas que eu tinha; eu sei que sou tão mexicana quanto nova iorquina ou até mesmo negra, Veracruzeana, eu passei por uma metamorfose completa e meu coração está acalentado e feliz. Qualquer problema que eu tenha J entende e como milagre traz a solução. Isso é que é amizade: cada vez que eu vou pra casa dela um fardo é tirado dos meus ombros. Embora eu tivesse suspeitado dos seus motivos no começo, tivesse recusado seus esforços em meu favor e por fim tivesse acabado com seus planos quando fui pra Cidade do México, ela entendia a nossa necessidade de extravagância ocasional e nos entendia de verdade, sem dúvida. Eu podia escrever uma carta pra ela agora mesmo em inglês ou em espanhol e ela ficaria super animada, feliz por ouvir notícias sobre mim como se nada na sua vida atual tivesse nos distanciando e eu ainda estivesse no coração dela. Não é bobagem: quantas pessoas podem se gabar de uma amizade como a que nós três tínhamos com J? Eu nunca vou

suspect her of turning Ray in, though she was the Citizen's secretary. She warned me against him, she helped me to escape – but J, J, why did you call in the witch? Why the burning of offal in the baby's sweet presence? Why?

Or, flash ahead to Coatzacoalcos, a strain of pure music floats over the chilly breeze, we are both sunburned and have been writing human hieroglyphs of bodily dance on the beach the whole day. During the late afternoon in the seafood pavilion on the water, we eat soup and, chilly with the wind of unrelenting ocean, we realize the frightful power of the sea. We do not even go in the water, for its monstrous power is evident up to the even apparently gentle sea foam. Ray rediscovers the ninth wave, I try to draw the water but become overawed – we spy shark fins and backs wallowing at leisure in the port, going in and out to sea, marking the channel – woe poem, the sea foam.

Bad music most always has a violent effect on Ray – I am revolted at all the bad excesses of the freedom of direction the general populace with its taste will like, music that has bad meaning, bad spirit, and above all, bad sound. The jukebox across the street beats out the same song all day: “I haven't slept for three months, it's been three months since you've been gone,

suspeitar que ela tenha entregado Ray, apesar de ela ser a secretária do Cidadão. Ela me avisou sobre ele, me ajudou a fugir – mas J, J, por que você chamou a bruxa? Por que queimar os miúdos na doce presença da bebê? Porquê?

Ou, pulando pra frente em Coatzacoalcos, um fluxo de pura música flutua sobre a brisa fresca, estamos ambos queimados de sol e escrevendo hieróglifos humanos de dança corporal na praia o dia inteiro. No fim da tarde na tenda de frutos do mar na água, comemos sopa e, gelados com o vento do oceano incessante, notamos o poder assustador do mar. Nós nem entramos na água porque o seu poder monstruoso é evidente até na espuma aparentemente gentil. Ray redescobre a nona onda, eu tento pegar água, mas fico com medo – nós espiamos as barbatanas e as costas dos tubarões passeando pelo porto, entrando e saindo do mar, marcando o canal – poema do pesar, espuma do mar.

Música ruim quase sempre tem um efeito violento no Ray – eu fico revoltada com os excessos ruins da liberdade de direção da multidão em geral com seu gosto por música com um péssimo significado, péssimo espírito e, acima de tudo, péssimo som. A jukebox do outro lado da rua toca a mesma música o dia inteiro: “Eu não durmo há três meses faz três meses que você me deixou,

when will you come back” – a piano riff with cocktail clink piano.

All day my mind shrinks from the undesirability of what I have to do at night. In the morning I try to get things straight, afternoon somehow goes by in spite of a headache, with six o'clock approaching, I have to take a bath, and try to get as straight as no clothes will allow, nothing to stay for, but less than nothing to go for, yet I argue always to stay. We have big fights in the afternoon because of this. I am always trying to arrange some compromise. Fighting is better than nothing (I will later change my mind on this point) and I am finally mustered out of the house. I take a bus and try to lose my mind in the passing scenery, try to forget the presence of people and walk through the central parts of town quickly thinking, “fuck'em, if they want me they can come after me, but they better be fast, and what's more, attractive”. I am approached by unsuitable characters whom I ignore; there it happened, now I am truly justified in being furious, the creeps – I walk to the portside seawall to get away from it. The stepping-off point of blackness into the sea – I am running out of cigarettes anyway and walk back into the plaza area. Someone invites me to coffee; he is short, fat, dark, squat, charming (fifteen watt), and I go with him to

quando você vai voltar?, ” – uma melodiazinha de piano repetitiva num pianozinho de bar.

Durante o dia, a minha cabeça esquece do que eu tenho que fazer de desagradável à noite. De manhã eu tento arrumar as coisas, de alguma forma a tarde passa, apesar da dor de cabeça, quando chega perto das seis, eu tenho que tomar banho e tentar ficar tão honesta quanto nenhuma roupa vai permitir, nada pra que ficar, mas menos ainda que nada pra ir, mas sempre peço pra ficar. Nós temos brigas feias à tarde por causa disso. Estou sempre tentando fazer um acordo. Brigar é melhor do que nada (mais tarde vou mudar de ideia sobre isso) e por fim sou dispensada de casa. Pego um ônibus e tento perder a cabeça no cenário que passa, tento esquecer a presença das pessoas e caminhar pelas partes centrais da cidade pensando rápido, “fodam-se eles, se eles me querem, eles podem vir atrás de mim, mas é melhor que sejam rápidos e, mais ainda, bonitos”. Eu sou parada por personagens inoportunos que eu ignoro; então aconteceu, agora eu tenho razão de verdade em estar furiosa, o arrepio – eu caminho pra lateral do paredão do porto que dá pro mar pra fugir. O ponto de fugir da escuridão do mar – estou ficando sem cigarros de qualquer forma e caminho de volta pra praça. Alguém me convida prum café; ele é baixo, gordo, escuro, atarracado, encantador (15 watts) e eu vou com ele pro bar de

sailors' seafood bar, drink too much beer and eat shrimps; he invites other people to the table and makes me kiss him in front of them, I comply with relish, my only choice – very late we go to his hotel, The B. He threatens me with no pay when I balk at a certain stage, I start to leave, he insults me, I get mad, he grabs me, I try to get away but am afraid to scream, he sees that I am about to scream, he grabs his belt and sits on the bed watching me while I get dressed, too excited to think of what to do to him to make up for what I have been through, not to speak of the effort I have gone through on his behalf. He grabs my wrists and hits me a couple of times on my arms before I am able to get away. I fly frightened home, knowing that he will cause trouble. Ray hears my story, gets a knife from the kitchen, and goes downtown to find him; I spend the time in fear, wanting to be with Ray, and ashamed of having allowed such a scene to occur, Ray comes back later, unsuccessful, questions me further, and the incident ends there. But even if I had come back with money I would have gone out again the next day – so it was only another day, a bad one, I tell myself that this is a tough business, and should have expected as much.

Play me a danzón-flute lighted thump the Indian heart
trip light across the snake-veiled dance floor.

frutos do mar dos marinheiros, tomo muita cerveja e como camarões, ele convida outras pessoas pra mesa e me faz beijar ele na frente deles, eu obedeço com gosto, eu só tinha essa opção – bem tarde nós vamos pro hotel dele, o B. Ele ameaça não pagar quando eu nego num certo momento, eu começo a sair, ele me insulta, eu fico braba, ele me agarra, tento fugir, mas tenho medo de gritar, ele percebe que estou quase gritando, ele pega seu cinto e senta na cama me observando enquanto eu me visto, muito excitada pra pensar no que fazer pra ele pra compensar o que eu passei, sem falar no esforço que fiz por causa dele. Ele agarra meu pulso e bate algumas vezes nos meus braços até eu conseguir fugir. Eu corro assustada pra casa, sabendo que ele ia causar problemas. Ray ouve a história, pega uma faca da cozinha e vai pro centro da cidade pra encontrar ele; eu fico esperando com medo, querendo estar com Ray e com vergonha por ter permitido que uma cena dessas acontecesse. Mais tarde o Ray volta, sem sucesso, faz mais perguntas e o incidente acaba ali. Mas mesmo que eu tivesse voltado com a grana, eu ia sair de novo no dia seguinte – então, isso foi apenas outro dia, um dia ruim, eu digo pra mim mesma que este é um negócio difícil e devia ter esperado por isso.

Toca pra mim a flauta Danzón, batida iluminada, a viagem
do coração indígena brilha através da pista de dança de cobras.

An Indian whore, her hair braided with ribbons and runs in her stockings, red shoes – the taxicab driver loves her – she only costs five pesos.

But I am getting ahead of my story and run the risk of telling various endings first and never getting back to the middle, leaving it like that. Excuse my timeless sentences, I want to experience it all over again, so take it on me to flash back again as necessary.

We were in Veracruz about six months; the season progressed from Del Nortes season into flashing hot summertime. Get smart and start walking on the shady side of the street out of respect for Van Gogh's madness, the same, the sun so desperately violent in mornings that you do not even realize what is happening to you until it is done. Ray goes to the post office a couple of times and by mistake lets the morning sun soothe away the aches of a chilly night, comes back to the house with a headache; like too much to eat, it is O.K. until you got it. So, sneak along the shady side and hurry to get back before the whole street is exposed.

I hang out just about every night, suffering not too many extremes and an occasional piece of good luck. During the day a chick across the street from our house allows me to use her sewing machine and iron, so I make it over there every afternoon

Uma índia puta, cabelo trançado com fitas, buracos nas meias, sapatos vermelhos – o taxista adora ela – ela custa só cinco pesos.

Mas eu estou adiantando a minha história e corro o risco de contar vários finais antes e nunca voltar pro meio, deixando assim. Me desculpa pelas frases atemporais, eu quero sentir tudo de novo, então deixa comigo que eu volto de novo quando necessário.

Ficamos em Veracruz por volta de seis meses; a estação avançou da estação de Del Nortes pro verão super quente. Fico esperta e começo a caminhar pelo lado escuro da rua por respeito à loucura de Van Gogh, o mesmo, o sol tão desesperadamente violento nas manhãs que você nem percebe o que está acontecendo com você até que acabe. Ray vai pro correio algumas vezes e, por engano, deixa o sol da manhã acalmar as dores numa noite fria, volta pra casa com dor de cabeça; como se tivesse comido demais, está tudo bem até ficar ruim. Então, me desloco pelo lado escuro e me apresso pra voltar antes da rua estar toda exposta.

Eu saio quase todas as noites, sem sofrer muitos extremos e com um pouco de boa sorte ocasional. Durante o dia uma garota do outro lado da rua da nossa casa me deixa usar a máquina de costura e o ferro dela, então todas as tardes eu vou lá

with something in mind and slowly succeed in producing a standard imitation of the Veracruz girls' evening crispness, with a good part of my brazenness not excluded. I figure this will make things easier for me to look what I am and then I do not eternally have to get hung in explaining to people who might mistake me for a tourist.

My suntan is getting very fine and voluptuous which is a help also – Ray says I look melon-colored.

We continue to live modestly – a period of time when plums are in season *ciruelas*, we are saved from bread and tomatoes, starting to eat fruits instead. I long for apples, a hopeless wondering about the future that, no apples here in Veracruz that I have seen.

I begin to suffer an apathy of inactivity at home – bugged that Ray and I never have any fun anymore, so the next time I score some bread we are all promised a trip to Mocambo. I think it would be fun to take the baby for a change, want to pass by the Palmas dancehall where Ray and I dance to the song “La Boa”. Long nights of beer and cheese sandwiches to wash down the *mota*, *mi corazón, es para ti, todo los personas, ja saben ja saben*, oh dance that Veracruz swing, the heart wringing the sweetness out of every moment, Las

com alguma coisa em mente e devagar consigo produzir uma imitação padrão das garotas veracruzanas das noites frescas sem deixar de lado uma boa parte do meu atrevimento. Eu imagino que isso vai tornar as coisas mais fáceis pra mim por parecer o que eu sou e então eu não tenho que ficar sempre presa me explicando pras pessoas que podem me confundir com uma turista.

Meu bronzado está ficando muito bom e voluptuoso o que ajuda também – Ray diz que eu estou rosada.

Continuamos a viver de forma modesta – por um tempo quando está na estação das ameixas, *ciruelas*, nós nos livramos do pão e dos tomates, ao invés, começamos a comer frutas. Eu tenho desejo por maçãs, desanimada pensando sobre o futuro, nenhuma maçã aqui em Veracruz, que eu tenha visto.

Eu começo a sofrer uma apatia pela inatividade em casa – aborrecida porque Ray e eu não nos divertimos mais, então, na próxima vez que eu consigo algum dinheiro nós nos prometemos uma viagem pra Mocambo. Eu acho que será divertido levar a bebê pra variar, quero passar pelo salão de Palmas onde Ray e eu dançamos ao som de “La Boa”. Longas noites de cerveja e sanduíches de queijo pra lavar a *mota*, *mi corazón, es para ti, todo los personas, já saben já saben*, ah, dançar aquele swing de Veracruz, o coração sofre a doçura de cada momento, Las

Palmas.

Damn the pain; it must be written. Damn reality that all the present infections have to be drained from a stopped hole. Damn the metaphors and the scariness; it is the fever taking over.

Rise to me, visions of Mocambo. Hiss, lizards in deserted house yards by the beach, bleached logs I incarnate with spirits of lost Argonauts, here? In Mocambo? And why not, I say does not the present moment bug me as if all eternity's infernal history staggered on its execution? So there – lizards, dragons, in fact, on that beach in Veracruz, come to eat us. We wander, the sand is too hot to allow for comfortable movement. Having money, we sit on rented chairs, I keep my eye on passersby, always extra susceptible to a little easy money, always waiting for luck to indeed intercede, damn the poverty said so often. I have even come to think that poverty is not meant for us and when we are poor it is bad luck and not just the regular schedule of things. Ray likewise looks at women on the beach, but I know that I have all the hustle at this point and he is just looking to get laid, don't ask me how I know, but it is true – oh fever fever deliver me from this clairvoyance! This is slop – I

Palmas.

Maldita dor; isso tem que ser escrito. Maldita realidade de que todas as infecções presentes sempre têm que ser drenadas dum buraco já estancado. Malditas metáforas e medo; é a febre tomando conta.

Apareçam pra mim, visões de Mocambo. Silvo, lagartos nos jardins desertos das casas na praia, troncos branqueados que eu encarno com espíritos de Argonautas perdidos, aqui? Em Mocambo? E por que não, eu digo – o momento atual não me incomoda como se toda a eternidade da história infernal cambaleasse na sua execução? Então lá – lagartos, dragões, de fato, naquela praia em Veracruz, vêm pra nos comer. Nós perambulamos, a areia está muito quente pra conseguirmos fazer movimentos confortáveis. Com grana, sentamos em cadeiras alugadas, mantenho meus olhos nas pessoas que passam sempre suscetível pra dinheiro fácil, sempre esperando que a sorte interceda de fato, maldita pobreza, eu digo com frequência. Eu até começo a pensar que a pobreza não foi feita pra nós, quando estamos pobres é má sorte e não apenas a ordem regular das coisas. Do mesmo modo, Ray olha pras mulheres na praia, mas eu sei que eu tenho toda a diversão até agora e ele só está querendo transar, não me pergunte como eu sei, mas é verdade – ah febre febre me livre dessa clarividência! Isso é pieguice – eu

cannot remember – this is a composed interlude to what I knew happened at the time – does anyone blame me for embellishing the facts – be humble, Bonnie – the fact is I cannot remember if it was really Mocambo and the lizards hissed that day, or Villa Del Mar and faggots wrestling in their sandy suntans – I see me at the water's edge having just emerged from a dip, I am conscious of my thinness in the bikini and that is something – I am probably the only girl on the beach in a bikini – I shake the water from my hands – my wedding ring flies into the sand and sea foam and I frantically pursue it, spontaneously crying – God, what an omen, what a loss.

Mexican faggots laugh as I cry – always the extremities of emotion. How I hate them. Strange that I hate the Mexican men so and dig their women with no reserve. My hate for them is often boundless, and probably a reaction to not knowing metaphysically who is actually being took more, them or me.

I don my clothes on the beach; I feel so much contempt for the faggots and beach-dwellers who will not admit that I am even a little attractive, that I put my clothes on right there, not caring, or better, trying to bug them with my confidence. It doesn't worry me much anymore. Anyway after having shown

não consigo lembrar –é um interlúdio composto daquilo que eu lembro que aconteceu naquela época – alguém me culpa por embelezar os fatos? – seja modesta, Bonnie – o fato é eu não consigo lembrar se era mesmo Mocambo e o sibilar dos lagartos aquele dia ou Villa Del Mar e aviadados bronzeados cheios de areia brigando – eu me vejo na beira da água acabando de emergir dum mergulho, tenho noção da minha magreza no biquíni e isso quer dizer algo – é provável que seu seja a única garota de biquíni na praia – eu chacoalho a água das minhas mãos – minha aliança voa na areia e na espuma do mar e frenética eu procuro por ela, espontaneamente chorando – Deus, que presságio, que perda.

Veados mexicanos riem enquanto eu choro – sempre emoções extremas. Como eu odeio eles. Estranho como eu odeio tanto os homens mexicanos e curto as mulheres deles sem reservas. Com frequência, meu ódio por eles é ilimitado e uma reação provável por não saber metafisicamente quem de fato está sendo pego, eles ou eu.

Eu visto as minhas roupas na praia; eu sinto muito desprezo pelos gays e praianos que nunca vão admitir que eu sou até um pouco atraente, por isso coloco minhas roupas ali mesmo, sem me preocupar, ou melhor, tentando incomodar eles com a minha autoconfiança. Não me preocupo muito mais com isso. De qualquer forma, depois de ter mostrado

everything, what is the shame in covering it up again?

Back to town now and the streetcar is cool after the steadily-growing-hotter beach sun. Photos of that day open my eye further to the happenings on the beach. Rachel and I sit in a beach chair smiling at each other's smiles, growing smilier with smiling. Who says we weren't happy? Later in the sidewalk cafe of the Hotel D we dig each other happy over ice cream sodas, Ray is wearing white trousers and a blue shirt with tails out and tucks and puckers in the front of it, he does not look jive like a Mexican, though dressed as they do, he looks like a movie star, and I, no doubt, too, in the skirt with slits up the side that I have premeditatively fashioned to entice eyes, the tightness of it shows the bikini I wear underneath, still wet and full of sand. I am constantly in a state of sensuality, my favorite condition. Baby Rachel still wears knit shirts and rubber pants salvaged from Hoboken, we have not yet discovered baby frills of Mexico, but soon, soon we will be completely initiated. The coolness of a garden fountain, the Hotel D sidewalk sitting-place digging people who go by and crazy buses lazy trolley cars, we sit for a long time, the ice cream soda and countless cigarettes. A man sitting nearby winks at me, I take it in its course, ignoring

tudo, qual é a vergonha em cobrir de volta?

De volta à cidade, depois do sol na praia cada vez mais quente, o bonde está fresco. As fotos daquele dia abrem mais os meus olhos pros acontecimentos na praia. Rachel e eu sentadas numa cadeira de praia sorrindo pros sorrisos uma da outra, ficando mais risonhas com os sorrisos. Quem disse que não fomos felizes? Mais tarde no café na calçada do Hotel D nós curtimos a alegria uma da outra com sundaes, Ray está usando uma calça branca com uma camisa azul pra fora da calça, com dobras e pregas na frente, ele não parece descolado como um mexicano, embora vestido como eles, ele parece uma estrela de cinema, e eu, sem dúvidas, também, com a saia com uma fenda do lado que eu fiz de propósito pra atrair olhares, por ser apertada ela mostra o biquíni que eu uso embaixo, ainda molhado e cheio de areia. Sempre estou num estado de sensualidade, minha condição favorita. A bebê Rachel ainda usa camisas de malha e capas de fralda conservadas de Hoboken, nós ainda não descobrimos as rendas do México, mas logo, logo nós iremos conhecer todas elas. O frescor duma fonte de jardim, o lugar de convívio na calçada do Hotel D observando as pessoas que passam, ônibus loucos, bondes lentos, nós sentamos por um longo tempo, sundaes e incontáveis cigarros. Um homem sentado perto de nós pisca pra mim, eu deixo que isso siga seu curso, ignorando

him (even if the family had not been with me I would ignore it for I require a total come on, proud) take no notice of him. We split. Ray goes to the post office probably, or maybe by this time he is friends with M, down next to the beach, or goes to see N and B afterwards, I am not hurt this time, there are things to take care of with baby Rach, besides this afternoon might be spent in making me a new dress to wow them with –anyway, somehow I walk complacently up the street, onto the streetcar. I do not lift my eyes at passersby the whole trip home, my mind on the afternoon and morning happy together on the beach, the sun still soothing me, though the Zaragosa trolley sweats up whoredom streets and weedy unkempt ways that will never get straight before the sun is too hot to do anything about it anyway. Baby Rach flakes in my arms, we pass the police station, I do not look, better to be seen and not see, people brush by me on the trolley, I do not look, but feel eyes boring into my back, why not, I look good enough, a fat boy on the trolley has alternating fits of graciousness and Johnny-fat-ass mischief, plays as if he is the back-of-the-trolley conductor, he bows at my exit, I anticipate having to slug him for some indignity but it doesn't come and I am relieved, off

ele (mesmo que minha família não estivesse comigo eu ia ignorar porque eu quero uma aproximação completa, orgulhosa) não presto atenção nele. Nos separamos. Ray vai pro correio, é provável, ou talvez nesse momento ele esteja se tornando amigo de M do lado da praia ou, mais tarde, vai ver N e B, eu não estou magoada desta vez, tenho muitas coisas pra cuidar em relação a Rach, além disso, devo passar esta tarde fazendo um vestido novo pra atrair eles – em todo caso, de alguma forma, eu caminho complacente pela rua, em direção ao bonde. Eu não ergo os meus olhos pras pessoas que passam durante todo o caminho pra casa, minha cabeça está na tarde e na manhã juntos e felizes na praia, o sol ainda me tranquiliza, embora o bonde de Zaragosa transpire ruas de prostituição e caminhos mal cuidados com ervas daninhas que não vão ser cuidados antes do sol estar menos quente pra fazer qualquer coisa a respeito de qualquer forma. A bebê Rach desmaia de cansaço nos meus braços, nós passamos pelo posto de polícia, eu não olho, é melhor ser vista e não ver, as pessoas se esfregam em mim no bonde, eu não olho, mas sinto os olhos sacando minha traseira, por que não, eu to bem gata, um menino gordo no bonde alterna estados de graciosidade e maldade dum gordo imbecil, brinca como se fosse o condutor do bonde, ele acena na minha parada, eu imagino ter que dar uma porrada nele por alguma indignidade, mas não acontece e eu fico aliviada fora

the trolley. I walk up the street, the baby is a sweet sleeping burden, totally flaked in my arms, face full of sleep. Someone is walking behind me; no, someone is walking beside me; someone is speaking to me. I do not look, unreasonably furious that the drunks would bother me so early in the day. I walk faster, and finally look up to show the contempt in my face; it is the man who winked at me and studied my face in the Cafe D. He has followed me all the way home, he says (I am insulted that anyone would have me figured in spite of all appearances against it – the baby in my arms!) he wants to take me out; I say no, emphatically, meaning it; he continues to walk with me. Then I decide to give him a try, he can come home with me and wait for my husband, then we will decide, oh sensuousness, oh easy con, who is conning whom?

The baby is put to sleep in another room and I sit in the canvas chair, overcome with the exertion of traveling all the way home, carrying her. He tells me I am very beautiful; he wants to spend the day with me and have some fun. He wants to take me out places, he is in from Mexico City on a holiday and wants me to keep him company – pitiful, weak come-on I figure – his name is A. I tell him I want 300 pesos figuring that that will end it or start an argument at

do bonde. Eu caminho pela rua, a bebê é um fardo doce adormecido, desmaiada por completo nos meus braços, o rosto cheio de sono. Alguém está caminhando atrás de mim; não, alguém está caminhando do meu lado; alguém está falando comigo. Eu não olho, muito furiosa de os bêbados já me incomodarem tão cedo. Eu caminho mais rápido e por fim encaro pra mostrar o desprezo no meu rosto; é o homem que piscou pra mim e estudou o meu rosto no Café D. Ele me seguiu durante todo o caminho pra casa, ele diz (eu estou insultada porque alguém tinha me notado apesar de toda a minha aparência contra isso – a bebê nos meus braços!) ele quer me sair comigo; eu digo não, enfática, de verdade; ele continua a caminhar comigo. Então eu decido dar a ele uma chance, ele pode vir pra casa comigo e esperar o meu marido, então nós decidimos, ah sensualidade, ah trapaça fácil, quem está enganando quem?

A bebê é colocada pra dormir em outro quarto e eu sento na cadeira de lona, derrotada com todo o esforço da viagem de volta pra casa carregando ela. Ele diz que eu sou muito bonita; ele quer passar o dia comigo e se divertir um pouco. Ele quer me levar pra lugares, ele está na Cidade do México de férias e quer que eu faça companhia pra ele –lamentável, transa mal eu imagino – o nome dele é A. Eu digo pra ele que quero 300 pesos imaginando que isso ia acabar ou começar uma discussão pelo

least, but he agrees, that is not enough for me, I want the money there and then, but he would rather wait (honestly, that's what he said, and I have heard that line, so often, I do not believe) but I am still sitting in the chair, my sodden bikini shows through the dress. He is on top of me, rather under me working upward. I am the deity being worshipped, this is something I cannot cope with, my dress is pushed upward and then dispensed with – oh, hot afternoon – I know that I am better off without clothes, sandy legs being caressed, no manual labor this, I am completely relaxed, except an occasional thought of the unpocketed money causes me to tremor. My hands are on his head pushing him away, but he insists, head on – my morning in the sun has left me uncome anyway – so – we are soon together in the chair, in each other's laps, I rejoice at his uncomfortable position and make things even more uncomfortable for him, oh legs and thighs, sweat, sand, and saltwater we come – we are friends now and I want a cigarette.

Although exalted over him (how is this, have I swallowed his lie? How does fucking make people close? Was it fun to give it away for free?) I am in the position now of nagging him for the money; he tells me not to worry, that we are going out to have some fun; so I decide to follow him

menos, mas ele concorda, não é suficiente pra mim, eu quero o dinheiro aqui e agora, mas ele prefere esperar (sendo honesto, é o que ele diz, eu já escutei tanto essa frase que eu não acredito)mas eu continuo sentada na cadeira, meu biquíni encharcado aparece através do meu vestido. Ele está em cima de mim, não,embaixo de mim exercitando-se pra cima. Eu sou a divindade sendo adorada, isso é algo que não consigo lidar, meu vestido é puxado pra cima e depois tirado – ah, tarde ardente – eu sei que fico melhor sem minhas roupas, pernas com areia sendo acariciadas,nenhum trabalho manual, estou completamente relaxada, exceto por um pensamento ocasional da grana não recebida que me causa tremores. Minhas mãos estão na cabeça dele, afastando ele, mas ele insiste de cabeça erguida – minha manhã no sol me deixou sem resposta de qualquer forma – então – logo estamos juntos na cadeira, no colo um do outro, eu me regozijo com a sua posição desconfortável e torno as coisas mais desconfortáveis pra ele, ah pernas e coxas, suor, areia e água salgada nós gozamos – agora somos amigos e eu quero um cigarro.

Embora exaltada sobre ele (como é que é isso, eu engoli a mentira dele? Como é que foder torna as pessoas próximas? Foi divertido dar de graça?) agora eu estou na posição de incomodar ele por causa da grana; ele diz pra eu não me preocupar que nós

around and follow it up. I take a shower and put back on the same clothes as we are going to the beach. I leave Rachel, still asleep, at a neighbor's house. He has seen my poverty, also seen what it encompasses. Who could be richer than us, and I am determined to bug him with it; he apparently digs it and I figure maybe he is straight, but the worry does not leave my head. We do not wait for Ray, but make it. Late afternoon, I have had a shower with him in our little cool bathroom, and we go to drink beer at Villa Del Mar in the Bailando place with the sun setting almost, but still hot enough that I can swim, in front of his eyes, the more I am by myself the better – he watches me – I watch his watch – it is *cuatro in la tarde* – do I want to eat – no – the floor is shiny, people are looking at us – I disdain them – swim more and sit laughing at the pleasures of life, with him.

He has treated me all along very graciously – as if I were a queen – no doubt he says just that, “*mi reina*”, and I am flattered and contemptuous at the same time (I still do not have the money) we go back to the Hotel D, but I come up with a new one on the way “I have no underwear, how I am going to sit through dinner in a wet bathing suit – I have been wet all day” – we laugh and he buys me drawers in a women's dress shop; he asks if there is anything else that

vamos sair pra nos divertir um pouco; então eu decido seguir ele pra cima e pra baixo. Eu tomo um banho e coloco as mesmas roupas já que estamos indo pra praia. Eu deixo Rachel, ainda dormindo, na casa da vizinha. Ele viu minha pobreza e viu o que ela causa. Quem poderia ser mais rico que nós, eu estou determinada a incomodar ele; é visível que ele entende e eu imagino que talvez ele seja honesto, mas a preocupação não sai da minha cabeça. Nós não esperamos por Ray, saímos. Fim da tarde, tomei banho com ele no nosso pequeno banheiro frio e saímos pra tomar cerveja na Villa Del Mar em Bailando com o sol quase se pondo, mas ainda quente o suficiente pra eu poder nadar, bem na frente do seu olhos, quanto mais eu ficar sozinha, melhor – ele me observa – eu observo o olhar dele – são *cuatro in la tarde* – eu quero comer? – não – o chão está brilhante, as pessoas estão olhando pra nós – eu desdenho delas – nado mais e sento rindo dos prazeres da vida com ele.

Todo o tempo ele me tratou com graciosidade – como se eu fosse uma rainha – sem dúvidas ele diz isso mesmo – “*mi reina*”, e eu fico lisonjeada e insolente ao mesmo tempo (eu ainda não tenho a grana) voltamos pro Hotel D, mas eu apareço com uma novidade no caminho “eu estou sem calcinha, como eu vou sentar pra jantar com um biquíni molhado – eu fiquei molhada o dia todo” – nós rimos e ele compra gavetas inteiras numa loja de

I need –I look around at the sumptuousness of the American shop wanting to try everything on, but suddenly shy – and end up with a horrible pair of pedal pushers (though American) and a knit tee shirt, and a pair of sandals. I probably look better in my old rags I think, but I am dry and elated over his generosity, also embarrassed to have him so call my bluff – the poverty bit – I allow myself to be taken into the fancy dining room of the hotel. I think with glee that I have never been there before. He orders with an extravagance I have never before enjoyed in Veracruz. We drink delicious red wine and I know that this is the way I should always be treated and began to feel truly queenly, waiting for some old acquaintance to see me, I am having fun! A friend of his appears – oh romanticism – a bullfighter, famous, I do not expect to be come on to by him, but he is polite, and I am at a loss for words, in spite of the wine, and the food, the food is no good, although very expensive. I do not eat, I am confused thinking it will soon be over and don't see any way to plan the end as things are completely out of my control.

roupas pra mulheres; ele pergunta se tem mais alguma coisa que eu precise – eu olho em volta pra suntuosidade da loja americana esperando que tudo seja provado, mas de repente fico envergonhada – e acabo com uma calça de ginástica horrível (embora americana), uma camiseta de malha e um par de sandálias. Era provável que eu ficasse melhor com meus trapos velhos, eu penso, mas estou seca e deslumbrada com a generosidade dele e também envergonhada por ele ter percebido meu blefe – a pouca pobreza – eu me deixo ser levada pra sala de jantar elegante do hotel. Eu penso com alegria que eu nunca estive lá antes. Ele pede com uma extravagância que eu nunca tinha experimentado antes em Veracruz. Nós bebemos um delicioso vinho tinto e eu sei que é assim que eu deveria ser sempre tratada e começo a me sentir uma rainha de verdade, esperando que algum conhecido me visse, eu estou me divertindo! Um amigo dele aparece – ah romantismo – um toureiro, famoso, eu não espero que ele se apresente, mas ele é educado e eu estou sem palavras, apesar do vinho e da comida, a comida não é boa, embora bem cara. Eu não como, eu estou confusa pensando que em breve isso terá acabado e eu não vejo nenhum jeito de planejar o fim porque as coisas estão completamente fora de controle.

I am taken to a hotel on the plaza. I delight in the view from the balcony and would show myself naked to the crowd, but he gets serious again, “*mi reina*”, fortunately I am drunk and so things proceed. Black night comes up the stairs over the wooden bannisters; half twilight shows from the sky over the wooden bannistered balcony. The promenade has been started in plaza’s dance – fresh clothes and fresh ideas, everyone has just awakened from the afternoon’s sensuality and noises grow with the lights, looking everywhere to get laid, apparently. I am prone on the bed caught in my own snares – big daddy (no, little daddy in this case) wants to do well by me, instructs me to relax on the bed while he goes over me, wants to bring it all out it is apparent – he is beside me feeling my drunkenness in every direction, no more mutual contact at first than a reassuring kiss, then I am to be aroused, I am felt and played with, tantalized, my movements do not yet betray what I am thinking as I try to keep still, it is not right that I should give in so quick or easy, stem the flood rising, he goes down on me finally and I give way, the true me comes out and we are in it, fucking uncontrollably. I outdo myself and in the end it is drawn between us excelling the other – then having let go too much of what I am, I am called upon (surely discreetly) to go down on him,

Sou levada prum hotel na praça. Eu me encanto com a vista da sacada e me mostro nua pra multidão, mas ele fica sério de novo, “*mi reina*”, por sorte eu estou bêbada e as coisas prosseguem. A noite escura surge sobre os degraus do corrimão de madeira; meio crepúsculo surge do céu sobre o corrimão de madeira da sacada. O passeio começou com a dança na praça – roupas frescas e ideias frescas, todo mundo acabou de acordar da sensualidade da tarde e os barulhos crescem com as luzes, todos querendo transar, aparentemente. Eu estou de bruços na cama pega na minha própria armadilha – papaizão (não, papaizinho nesse caso) quer meter gostoso em mim, sugere que eu relaxe na cama enquanto ele desce sobre mim, quer se exibir todo, está claro – ele está do meu lado sentindo minha embriaguez em todas as direções, sem mais contato mútuo de início além dum beijo reconfortante, então eu preciso ser excitada, ele me sente e brinca comigo, me tantaliza, meus movimentos ainda não traem o que eu estou pensando porque eu tento ficar parada, não é certo que eu ceda tão rápido e fácil, aguento o tesão aumentando, ele desce pra me chupar e, por fim, eu abro espaço, minha verdadeira eu aparece e mandamos ver, fodendo sem controle. Eu me supero e no final está claro entre nós sobressaindo o outro – então tendo que deixar ir muito mais do que eu sou, eu sou convocada (discretamente, com certeza) pra descer a boca nele, adivinha

guess what is beckoning, I am ready to stop and leave at this point, but what I am being paid for after all, 300 pesos is enough and I have certainly been courted, besides in fucking I guess I always give away my true nature, once having let go completely I am somewhat ashamed at enjoying what I am paid for, enjoying it immensely at times and when I don't I put on a good enough show so that none would ever know – I am able to close my eyes and dream of myself alone – so I do it, but not for long – he finds it unbearably pleasurable and we go to take a shower and I am allowed to go down on him in the shower – he hangs ecstatically from the shower knobs – then for a cool refreshed fuck, the last one obviously, he is exhausted, he sleeps while I clean up alone in the bathroom, then to his side, hoping fervently that he will go soon, I am quite completely ready to take my money and go —but there is no problem, he gets up, I am left to contemplate the balcony's nighttime in a sheet, he joins me on the balcony and waves to the bull fighter who is below waiting for him, I sigh relief in my heart – we are ready to go – before I say anything about money on the dark stair descending he hands me a bill, I think it is less than I asked taken aback by its singularity, but in the dim light I

quem está chamando, estou pronta pra parar e ir embora nesse momento, mas pra que é que estou sendo paga, afinal? 300 pesos é suficiente e eu com certeza fui cortejada, e além disso, quando eu fodo eu acho que eu sempre entrego minha verdadeira natureza, uma vez que eu me deixo ir por completo eu acabo de alguma forma envergonhada por gostar daquilo que estou sendo paga pra fazer, aproveitando tanto às vezes que quando eu não aproveito eu faço um show tão bom que ninguém vai saber – sou capaz de fechar meus olhos e sonhar comigo sozinha – então eu faço, mas não por muito tempo – ele acha insuportavelmente prazeroso, nós vamos tomar banho e ele me deixa chupar ele no chuveiro – ele segura a maçaneta do chuveiro em êxtase – depois, uma foda calma e refrescante, a última, é óbvio, ele está exausto, ele dorme enquanto eu me lavo sozinha no banheiro, depois vou pro lado dele, esperando com fervor que ele vá embora logo, eu estou quase totalmente pronta pra pegar a grana e sair – mas não tem nenhum problema, ele acorda, eu fico contemplando a noite da sacada enrolada num lençol, ele se junta a mim na sacada e acena pro toureiro que está lá embaixo esperando por ele, eu respiro com meu coração aliviado – nós estamos prontos pra ir embora – antes de eu falar qualquer coisa sobre a grana, descendo a escada escura, ele me entrega uma nota, eu acho que é menos do que eu pedi, surpreendida pela singularidade, mas na luz difusa eu

see it is 500 pesos, oboy, I am a success.

Music on the street, we drive in a car. Music in the car, I am being sung to. My shyness has returned and I feel in an awkward position. I am given his address in Mexico City and am urged to visit him and I agree; he sings to me and I am pleased with him enough to be enchanted by his voice. Who is conning whom, finally? I ask leave to go, and I catch a taxicab home – ah, release – after all of that, the greatest pleasure is to go home with the bread. Ray is not at home, so I go to N's and find him there listening to records – exhausted in my new clothes I am questioned by B and N and I tell them simply that I met a guy on the street who bought me all new clothes. B turns Green in spite of her disapproval, especially when it comes out that I have got 500 pesos to boot. If at any time B was influenced towards vice, this was the moment, but she was to get back at me years later. Ray and I head home; Charley Mingus has twisted my tired-out head and Ray plies me with questions, not bad ones, considering the money in his pocket; it is still early, he goes downtown to look at this area that has become so enchanted for me. My price goes up and Mexcity looms, Lucy breezes in on a distinguished wind from Acapulco – her dress fresher even than Mexican fresh, her

vejo que são 500 pesos, pô, eu sou um sucesso.

Música na rua, nós pegamos um carro. Música no carro, cantam pra mim, minha timidez voltou e eu me sinto numa posição embaraçosa. Ele me dá seu endereço na Cidade do México e sou instada a visitar ele, eu concordo; ele canta pra mim e eu estou satisfeita com ele o suficiente pra ficar encantada com sua voz. No fim, quem está enganando quem? Eu peço permissão pra sair e pego um táxi pra casa – ah, alívio – depois de tudo isso, o melhor prazer é ir pra casa com a grana. Ray não está em casa, então eu vou na casa da N e encontro ele lá ouvindo música – exausta com minhas roupas novas B e N me questionam e eu apenas digo que encontrei um cara na rua que comprou roupas novas pra mim. B fica branca, apesar da sua desaprovação, em especial quando se trata de eu ter ganhado 500 pesos pra foder. Se em algum momento B foi influenciada pro vício, esse foi o momento, mas ela iria se vingar de mim anos mais tarde. Ray e eu vamos pra casa; Charley Mingus bagunçou minha cabeça cansada e Ray me enche de perguntas, não eram ruins, considerando a grana em seu bolso; ainda é cedo, ele vai pro centro da cidade pra olhar aquela área que se tornou tão encantadora pra mim. Meu preço sobe e a Cidade do México se eleva. Lucy surge dum vento distinto vindo de Acapulco – seu vestido mais moderno até mais que o moderno mexicano, seus

eye sharp from supervising the baking of tortillas. A super-deified headmistress, she always seems to me with her hair higher than any unbelievable hairdo I had imagined could exist. Her hair goes straight up in the air to a super self-made pyramid; her earrings are long and heavy and she tells me that her jewelry is pure gold and she wears it ostentatiously on the street, for all she is worth. She has grasped the essence of Spanish colonialism; unknowing, she flaunts it along with her hatred of Indians. I know immediately that we are enemies, even though so close in blood – Lucy who has always comforted me through a sense of duty. She picks up on the one thing of worth to her in the house and confiscates it – the baby. She tells me I am too thin; she is shocked by my thinness, chastises me for it; my hair has been dyed blonde for a long time and she tells me it looks awful. I can count on any member of my family to criticize me as close to my heart as they are able. She walks down the street admired as a cruel queen might be by the Mexicans and our friends. She starts talking to people in the neighborhood and I suspect her of completely straightening out any misunderstandings that might have been caused by our reticence mixed with unmasterful tongue. And yet I am close to her; in spite of all of it, I feel sorry for

olhos atentos de tanto supervisionar as fornadas de tortillas. Uma super deificada diretora, ela sempre parece estar com o cabelo mais alto que qualquer penteado inacreditável que eu tenha imaginado que pudesse existir. O cabelo dela sobe reto pelo ar numa super pirâmide feita por ela mesma; seus brincos são compridos e pesados, ela diz que suas jóias são ouro puro e ela ostenta elas na rua, ela é desejada por todos. Ela entendeu a essência do colonialismo espanhol; sem saber, ela ostenta junto com o seu ódio pelos indígenas. De imediato eu sei que nós somos inimigas, mesmo que muito próximas de sangue – Lucy que sempre me confortou por meio dum senso de dever. Ela escolhe a única coisa de valor pra ela na casa e confisca – a bebê. Ela diz que estou muito magra; ela está chocada com a minha magreza, me critica por causa disso; meu cabelo foi pintado de loiro há muito tempo e ela diz que ele está horrível. Eu conto com o fato de que pessoas da minha família conseguem me criticar tão perto dos meus sentimentos quanto eles são capazes. Ela desce a rua admirada como uma rainha cruel deve ser pros mexicanos e pros nossos amigos. Ela começa a falar com as pessoas na vizinhança e eu suspeito que ela esteja consertando, por completo, qualquer mal entendido que possa ter sido causado pela nossa reticência misturada com a língua impiedosa. Ainda assim, me sinto próxima dela; apesar de tudo isso, eu tenho pena de

Lucy and always have; she has never known a love as I do and never will, incapable of it, and yet she lives her life; she is of course immediately a captive of my Rachel's existence, not her piercing judging eyes full of compassion, not that, but of the infant existence, and yet maybe Lucy knows something that I will never know, too, and cannot now even fathom; I do not want it, as she does not want my husband's love, but we have a common love between us at this particular time – the baby. She has brought her maid with her, as all good Spanish women would when traveling. She is married to a Mexican in Acapulco who will later break her heart and her bankbook; I have stopped feeling sorry on those occasions, she has been married as many times as my father and is incorrigible, nothing new in this world, people don't change. She invites me to Acapulco – so I return with her across plains and mountains, rivers, Mexico City Metropolis (where I try to hustle a professor at the U of Mexico, who wants me to be his mistress but won't even give me cab fare home, the late late night escape away from under winding lanes of live oak trees and my heart breaks wanting Ray). It has been hard for the baby Rachel up to this time and I would like for her to get healthy and also allow me some respite

Lucy e sempre terei; ela nunca conheceu um amor como o meu e nunca irá, incapaz disso, e ainda assim vive a vida dela; de imediato, ela com certeza fica cativada pela existência da minha Rachel, não com os olhos dela julgadores e penetrantes cheios de compaixão, não isso, mas pela existência infantil e talvez Lucy ainda saiba alguma coisa que eu nunca vou saber, também, e não consigo nem mesmo entender; eu não quero isso assim como ela não quer o amor do meu marido, mas nós temos um amor em comum entre nós duas neste momento específico – a bebê. Ela trouxe a empregada dela junto, como todas as boas mulheres espanholas fazem quando viajam. Ela é casada com um mexicano em Acapulco que mais tarde vai acabar com o coração e com a conta bancária dela; eu parei de sentir pena nessas ocasiões, ela foi casada tantas vezes quanto meu pai e é incorrigível, nada de novo no mundo, as pessoas não mudam. Ela me convida pra ir pra Acapulco – então eu volto com ela pelas planícies e montanhas, rios, a Metrôpole da Cidade do México (onde eu tento me divertir com um professor da Universidade do México que queria que eu fosse amante dele, mas não ia me dar nem mesmo a granado táxi pra casa, a escapada bem tarde tarde da noite pra longe dos caminhos sinuosos dos ramos de carvalhos e meu coração sofre querendo o Ray). Tem sido difícil pra bebê Rachel até agora e eu queria que ela ficasse saudável e, também, me permitisse algum

from care of her to become what is necessary. I embrace my prostitution. In Acapulco, the house is high on a hill, overflowing balconies of pseudo-back-to-nature, so this is what a resort is like. Get just close enough to grab up what you want of nature and then stick your thumb in its eye – I do not like Acapulco – I go walking at dawn knowing that the Indians must live somewhere and I find them though the way is tortured and hidden on secret hillside entrances. I walk up gutters of rain flow from impoverished backyards over someone living above to another chicken-coop up higher – a troop of little boys follows me – the gringa is better known here than any other city in the country – I feel a great compassion and want to live in one of those hillside houses of wicker branches propping someone precariously on his neighbor – and once or twice I see a house so ghettoed and isolated that it would be like a Chinese puzzle to gain entrance. I delight in glee in the Indians all around in the hill—ha! they have us surrounded – give it back to yourselves Indians! It is as easy as that – how I hate the American Spanish.

“A hotel on Mario Molina”, is that the B? Veracruz again, send up your order of streets to vision anew my story, fill in these last few details before it is all done and squarely accounted for; no need

descanso dos seus cuidados pra me tornar o que é necessário. Eu abraço minha prostituição. Em Acapulco, a casa fica no alto duma montanha, com sacadas extravagantes dum falso retorno-à-natureza, então, é assim que é um resort. Fica perto o suficiente pra pegar o que você quiser da natureza e depois meter o dedo na cara dela – eu não gosto de Acapulco – eu caminho no amanhecer sabendo que os indígenas devem morar em algum lugar, eu encontro eles apesar do caminho ser ruim e escondido em entradas secretas na colina. Eu sigo as sarjetas com a corrente da chuva de jardins empobrecidos de alguém vivendo acima, pra outro galinheiro mais alto – uma tropa de menininhos me segue – a gringa é mais conhecida aqui que em qualquer outra cidade do país – eu sinto enorme compaixão e quero morar numa daquelas casas na colina com ramos de vime apoiando a precariedade de alguém na vizinhança dele – poucas vezes eu vi uma casa tão de gueto e isolada que seria um enigma chinês conseguir entrar. Eu me deleito de alegria com os indígenas em volta de mim na colina – ha! Eles nos cercaram – tomem de volta o que é seu, índios! Simples assim – como eu odeio o espanhol americano.

“Um hotel na Mario Molina”, seria o B? Veracruz de novo, envio a encomenda dela das ruas pra visionar minha história de novo, preenchida com estes últimos pequenos detalhes antes de estar pronta e diretamente contabilizada; não é preciso

to tell the rest of Acapulco, anyone who has ever been to Acapulco knows the rest and, if not, the travel folders on Third Avenue are adequate enough information, reckless tourism. I leave quickly with tears in my eyes for the baby Rachel, I have given you over, down the dry quartz-ridden hill I walk to the bus stop with tears in my eyes, looking back over my shoulder at the cruel queen, till I am past view and driving through coconut plantations. Quickly now Veracruz, reach out and rescue me... Lucy had moved to the B at our suggestion, for we had stayed there in our hotel days, making three separate episodes at the B, and the front rooms were really nice with clean, flowered curtains blowing out in afternoon naps, the front rooms on the street – the room to which the nut had taken me was one of the upper inner rooms with no escape, where I had beaten him with a belt (in clearing up past dubious mistakes, I will leave it hanging, like judgment in New Jersey, let someone else toss a coin which way it might have been. Who will say it was I or he that did the beating – self-defense is a byword in Mexico anyway, expected to be successful, if someone doesn't defend himself from a murderous attack then he is to blame for not doing so, so figure it all out for me someone – retain the stains as evidence, Veracruz – I await a clearer vision,

contar o resto sobre Acapulco, qualquer um que já esteve em Acapulco sabe o resto e, se não, um folheto de viagem da Third Avenue tem informação suficiente, turismo irresponsável. Eu saio rápido com lágrimas nos olhos por causa da bebê Rachel, eu dei você, descendo a colina seca coberta de quartzo eu caminho pro ponto de ônibus com lágrimas nos olhos, olhando pra trás por cima dos ombros pra rainha cruel até eu estar longe da vista e andando de carro entre as plantações de coco. Rápido, agora, Veracruz, estenda a mão e me resgate... Lucy se mudou pro B como eu sugeri porque nós tínhamos ficado lá em nossos dias de hotel, fazendo três episódios separados no B, os quartos da frente eram muito legais quando limpos, as cortinas floridas balançavam nos cochilos da tarde, os quartos de frente pra rua – o quarto que o maluco me levou era um dos mais privados quartos sem saída onde eu apanhei com um cinto (pra esclarecer possíveis enganos do passado, eu vou deixar isso em suspenso, como o julgamento em Nova Jersey, deixe que alguém jogue a moeda pra decidir o que foi que aconteceu. Quem vai dizer que fui eu ou ele que deu a surra? – autodefesa é uma palavra de honra no México de qualquer forma, com garantia de sucesso, se alguém não se defende de um ataque assassino, então ele será culpado por não ter feito isso, então imagine tudo isso por mim – guarde as marcas como evidência, Veracruz – eu espero uma visão mais clara,

being far past it all, fugitive now in life, though supposedly free). So Lucy was the third to stay at the B, and one day when I drop by to visit her the proprietor lets me into her room to wait, for she is out to breakfast – I relieve her of an unlucky charm, an opal ring, which I will not even try to defend. I have not always been a petty thief, and I put the ring to good use and did not even remember having borrowed it months later when she came back and saw it on my finger and said she had been wondering where it had disappeared to – and I returned it freely with no comment – although I could say I had saved her from some evil opal doom, taking the blame on myself. How much of this is true? I don't feel guilt anymore, not even for the worst of it. For isn't capitalism the big steal in reality? And anything I could even do would never counterbalance it. I would live a life of crime freely if it fit me, but this is only poetic justice I tamper with.

Isn't it funny how unemotional it all becomes if you tell the ending first, and then tell it again? Actually I have done no more than set it all up so that I can knock it down at my will. I am a great believer in self-determination, so if I sometimes seem flippant it is because I ascribe little importance anymore

estando bem longe disso, agora fugitiva na vida, embora supostamente livre). Então Lucy foi a terceira a ficar no B, e um dia quando eu apareci sem avisar pra visitar ela, o proprietário me deixou ficar no quarto dela pra esperar porque ela saiu pro café da manhã – eu livrei ela dum feitiço azarento, um anel opala que eu nem vou tentar defender. Eu nem sempre fui uma ladra fútil, eu fiz bom uso do anel e nem mesmo me lembrava de ter pego emprestado meses mais tarde quando ela veio e viu ele no meu dedo, ela disse que tinha ficado pensando pra onde ele tinha ido – eu devolvi ele por livre e espontânea vontade, sem comentários – embora eu possa dizer que liberei ela duma maldição opala diabólica, pegando a culpa pra mim mesma. O quanto disso é verdade? Eu não me sinto mais culpada, nem mesmo pelo pior disso. O capitalismo não é a grande sacada da realidade? E qualquer coisa que pudesse fazer, nunca iria contrabalançar isso. Eu viveria uma vida de crimes livremente se me coubesse, mas isso é só uma justiça poética que eu estou estragando.

Não é engraçado como isso se torna sem emoção se você contar o final primeiro e depois contar de novo? Na verdade eu não fiz nada além de organizar tudo isso pra poder derrubar de acordo com a minha vontade. Eu acredito muito em autodeterminação, então se às vezes eu pareço impertinente é porque eu não atribuo mais nenhuma importância pra eventos

to external events for I am involved in the personal handling of them – these experiences, as my life, have heightened my abilities of calculation. I am like a gem appraiser and, like him, I see the worth of a truckload at a glance and it has always kept me close to Ray and Rachel in heart. Are we not three of a kind? I simply would like to spend my life in valuing the worth of an internal growing hardness.

I am full of moods and bad humors, always brooking my importance as the breadwinner. When revolutionaries come to stop at our house on their American way to Cuba, I am ungracious, not timid, but contemptuous. They are on their way to Cuba and idealism and here we are left to grope with the snake of time and capitalism growing; I wince every time I see a Coca-Cola sign.

Lucy returns in the jukebox afternoon; she has reconsidered, thinking that it might be better for her to doom the baby to our arms. She will no longer take care of her as she has been infected by my vice. Say that I am taught by my sister? She is five years older than I, but I can plant seeds of youth in the pit of her memories that torture her; she has come to Veracruz to try her luck! Ha! Small victory, that.

externos porque eu estou envolvida em lidar com eles pessoalmente – essas experiências, como minha vida, acentuaram a minha habilidade de cálculo. Eu sou como um avaliador de jóias e, como ele, eu noto o valor enorme duma jóia só com uma olhada e isso sempre me manteve com o coração perto de Ray e Rachel. Não somos uma trinca? Eu só queria passar a minha vida valorizando o esforço do crescimento de uma força interna.

Tenho muitos humores e maus humores, sempre negligenciando minha importância como chefe de família. Quando os revolucionários vieram ficar em nossa casa no seu caminho americano pra Cuba, eu fui rude, não tímida, mas insolente. Eles estão a caminho de Cuba e de idealismo e nós ficamos aqui pra apalpar a cobra do tempo e o capitalismo crescente; eu estremeço toda vez que vejo uma placa de Coca-Cola.

Lucy volta na tarde de jukebox; ela reconsiderou, pensando que seria melhor pra ela sentenciar a bebê aos nossos cuidados. Ela não ia mais cuidar dela porque tinha sido infectada pelo meu vício. Diz que eu fui ensinada pela minha irmã? Ela tem cinco anos a mais que eu, mas eu consigo plantar sementes da juventude no buraco das memórias dela pra torturar ela; ela veio pra Veracruz pra tentar a sorte! Ha! Uma pequena vitória, aquela.

It is afternoon again on the beach at Mocambo. Rach, Lucy, and I and the maid and Lucy's Veracruz boyfriend who is to make more of a fool of her than my street walking ever showed me to be, for at least I have the pride of honesty and money in the pocket. She, Lucy, pretends to love him. Have I not said before that she can never love? The way I know it: she loves his money, but never gets more than a 1500 peso settlement which never comes through and she withstands the horror of a final huge burn and will never speak to him again, but does. Like puppy love she cannot see or tell where she is – oh well, I will comfort her; haven't I given her back her ring? Her hair grows higher in newly acquired tortoiseshell combs, she loves Veracruz way beyond pictures of tourism, her black soul embraces it; I grant you a black soul, Lucy, but I must not talk more this way. It is not right that I should curse my own blood. Thank the poets I have been saved from such a fate and better all my exile than to tempt that loveless life.

I walk to the seashore with the baby Rach chewing on some discarded tail, her current favor, cut out for her pleasure from a mad hunting cap. We call a photographer to get her and me together as the side of the eastern sea wash over our feet and as he focuses a wave comes unexpectedly

É tarde de novo na praia de Mocambo. Rach, Lucy, eu, a empregada e o namorado de Lucy de Veracruz, que vai fazer ela de boba mais do que minha caminhada pelas ruas sempre me mostrou ser, porque pelo menos eu tinha o orgulho da honestidade e grana no bolso. Ela, Lucy, finge que ama ele. Eu não disse antes que ela nunca consegue amar? Como eu sei disso: ela ama o dinheiro dele, mas nunca ganha mais que 1.500 pesos, decisão que nunca mantém, aguenta o horror duma enorme queimadura final e nunca vai falar com ele de novo, mas fala. Como amor de adolescentes, ela não consegue ver ou falar onde está – bem, eu vou confortar ela; eu não devolvi o anel dela? O cabelo dela cresce mais pra cima com pentes de casco de tartaruga recém comprados, ela ama Veracruz bem mais que pelas fotos de turismo, a sua alma negra acolhe a cidade; eu permito a você uma alma negra, Lucy, mas eu não posso mais falar desse jeito. Não posso amaldiçoar meu próprio sangue. Graças aos poetas, eu me salvei de tal destino e é melhor todo meu exílio do que tentar mesmo essa vida sem amor.

Eu caminho na costa com a bebê Rach mastigando um rabo descartado, seu preferido no momento, cortado pra seu prazer de um daqueles chapéus de caça malucos. Chamamos um fotógrafo pra tirar uma foto nossa enquanto as águas lestes do mar lavam nossos pés e, enquanto ele foca, uma onda inesperada

high to kiss her feet and gets her little pure cunt in a wash of foamy come, the diapers fall about her feet discarded and she looks at the cameraman with a grimace of double purity, picture of her infant womanhood, always pure my muse Rachel, I grin, she chews on her dog tail. Hang on, baby, to all that is sweet, the sea loves you and would forsake the turning of the whole world for your blessing. Diapers fall, it is all a big allegorical joke, I say. Our Sunday visits are spent in talking up details that will touch every nerve of desire that ever has been awakened before and during the week it builds. I dig out more information to satisfy him and have been confronted at every new piece of memory that has been buried and untouched for three years by a change in me, an awakening of that part of me that memory composed. And so as this story has grown I have grown. And what's more, the situation has grown around me, and I have shaped it with my eyes to take me more so back into other memories and as I shaped, it stayed that way. It has truly grown up around me. I say that everything I have written has become true, again, doubly true. I want to fuck, and not only that, but the manner in which I will fuck is becoming evident. So build more on it, keep writing; yesterday at the Sunday visit with Ray I took him more news of the world as it truly is now. He has told me with no hesitation that I am a whore,

vem pra beijar os pés dela e dar um banho de espuma na sua bocetinha pura, a fralda cai sobre seus pés e ela olha pro fotógrafo com uma careta de dupla pureza, uma foto da sua feminilidade infantil, sempre pura minha musa Rachel, eu sorrio, ela mastiga o rabo. Meu bebê, se agarre a tudo que for doce, o mar te ama e abandonaria o giro de todo o mundo por sua bênção. A fralda cai, tudo é um grande jogo alegórico, eu digo. Passamos nossas visitas de domingo falando sobre detalhes que vão tocar cada nervo de desejo que já foram despertados antes, durante a semana isso cresce. Eu busco mais informação pra satisfazer ele e tenho confrontado cada nova memória que foi enterrada e intocada por três anos por uma mudança em mim, um despertar daquela parte de mim que aquela memória compôs. E como essa história cresceu, eu cresci. E ainda mais, a situação cresceu em volta de mim, eu moldei isso com os meus olhos pra me levar muito mais de volta em outras memórias e, como eu moldei, isso ficou desse jeito. Isso cresceu de verdade ao meu redor. Eu digo que tudo que eu escrevi se tornou verdade, de novo, verdade dupla. Eu quero foder, não só isso, mas a maneira que eu vou foder está ficando evidente. Então eu trabalho mais nisso, continuo escrevendo; ontem durante a visita de domingo com Ray eu levei pra ele mais notícias do mundo de como ele está de verdade. Ele me disse sem hesitação que eu sou uma puta,

emphatically, he loves my whoreness – so fuck!

So – as I increasingly pose the truth – what am I to do with it – this weekend I picked up a man on 42nd Street who could have supplied me with rent money that I need now, but I left him drift away. My eye is on visions of writing it instead. What is the truth and how far does it go? How can I erect the truth and then be twisted away from its undeniable presence? This is the exact same situation of illusion. Is it understood now? The double life I am leading and the two parts yearning toward each other, I wonder, is everything about to fall? Ray tells me to fuck with as much sweetness as he did in Laredo when he was in jail there and I had no money, but didn't want to hustle with him locked up like that. He told me not to be afraid and that I must take care of myself: “so go and get some money to do it”, and I did.

Or should I say a triple life; there is the life of letters, too – those letters in Laredo between us; courage, hope, and a dawning of poetry, too.

I started writing to Ray when I went to Mexico City to pick up money for rent and taking care of the baby et cetera, not knowing that Ray was being busted at the same time and probably in Laredo already. These letters chronicled my

enfático, ele ama minha prostituição –então, foda!

Então – como cada vez mais eu mostro a verdade – o que é que eu vou fazer com isso? – esse final de semana eu peguei um homem na Rua 42 que poderia ter me dado a grana do aluguel que eu preciso agora, mas eu deixei ele se afastar. Ao invés disso, meus olhos preferem visões sobre como escrever a respeito. Qual é a verdade e até onde ela vai? Como eu posso construir a verdade e então ser afastada da sua presença inegável?

Essa é exatamente a mesma situação da ilusão. Está entendido agora? A vida dupla que eu estou levando e as duas partes anseiam uma a outra, eu penso, será que tudo vai desmoronar? Ray me diz pra foder com tanta doçura quanto ele fez em Laredo quando estava na cadeia e eu não tinha grana, mas não queria me divertir com ele trancado desse jeito. Ele disse pra não ficar assustada e que eu tenho que cuidar de mim mesma: “então vá e consiga alguma grana pra poder se cuidar”, e eu fiz.

Ou eu deveria dizer uma vida tripla; tem a vida das cartas, também – aquelas cartas em Laredo entre nós: coragem, esperança e o alvorecer da poesia, também.

Eu comecei a escrever pro Ray quando eu fui pra Cidade do México pra pegar a grana do aluguel e tomar conta da bebê et cetera, sem saber que Ray estava sendo preso na mesma hora e, bem provável, já em Laredo. Essas cartas narram a crônica dos

gains in that period of a week, so get back into it – write those letters again here to explain the confusing transition from Veracruz to Laredo, via Mexcity, my head meanwhile tearing apart....

Letter addressed to Ray in Veracruz:

Dear Ray –

Monday morning.

Got 500 and some as of last night – hard working cause started out so low and have to fight the rats for every cent but haven't been burned – contemplated sending rent money so the landlord won't bug you but decided there isn't a safe way – but I will start back tomorrow with enough to cover our debts if nothing goes wrong.

Enclosing 50 for you to eat and the baby.

Spend all my time on the streets except to sleep a little – so lonely for you but the growing stash brings us closer together and soon we'll have us a fiesta in Veracruz, you and I.

Love, Bonnie

meus ganhos no período de uma semana, então volto pra isso – escrevo aquelas cartas de novo aqui pra explicar a transição confusa de Veracruz pra Laredo, via Cidade do México, minha cabeça, enquanto isso, desmoronando... .

Carta endereçada a Ray em Veracruz:

Querido Ray –

Manhã de segunda

Consegui 500 e pouco noite passada – trabalho duro porque comecei muito baixo e tive que brigar contra ratos por cada centavo, mas não fui machucada – pensei sobre enviar a grana do aluguel pro proprietário não te incomodar, mas decidi que não tinha um jeito seguro – mas amanhã vou começar de novo com o suficiente pra cobrir nossas dívidas se nada der errado.

Coloquei 50 pra você comer e pra bebê.

Passei todo o tempo nas ruas exceto pra dormir um pouco – tão solitária sem você, mas a pilha (de dinheiro) crescente nos aproxima ainda mais e em breve nós vamos fazer uma fiesta em Veracruz, você e eu.

Com amor, Bonnie

Ray –

Tuesday

I'm so disappointed and lonely and worried about you and the baby – as I write this I have 425 pesos and haven't paid the hotel for three days. As soon as I score again I will send this and the rent money but I want to send 500 cause I know you are broke – I can hardly walk, my feet are raw from cruising all day every day. I haven't been taken but have had to fight like a wounded bitch a couple of times. Don't get many whistles even and it rains every day in the evening for three hours. Every time I think of you I choke up. I went into Bellas Artes and cried when I saw Sequeiros' paintings but didn't like the other stuff too much. Blew five pesos on a print but you'll like it. Hope this money cheers you up – I know you are as desperate as I and worried about me. I decided last night that I have to stay here as long as it takes to straighten us out and so I will send you sums as I get them because it's not coming fast enough to save the whole amount – the 400 is in the Hotel safe now and I am in a cafe near Insurgentes cause it's raining again. I am staying out now till I score; nothing to go back for,

Ray –

Terça

Estou tão desanimada, solitária e preocupada com você e a bebê – enquanto escrevo isso eu tenho 425 pesos e não pago o hotel há três dias. Assim que eu conseguir algum de novo eu vou mandar esse e a grana do aluguel. Mas eu quero mandar 500 porque eu sei que você está duro – eu mal consigo andar, meus pés estão em carne viva de caminhar o dia todo, todos os dias. Eu não fui pega, mas tive que brigar como uma cadela machucada algumas vezes. Não ganhei muitos assobios e chove todas as noites por três horas. Toda vez que penso em você eu fico sufocada. Eu fui no Bellas Artes e chorei quando vi as pinturas de Sequeiros, mas não gostei muito das outras coisas. Torrei cinco pesos numa cópia de quadro, mas você vai gostar. Espero que esse dinheiro te anime – eu sei que você está tão desesperado quanto eu e preocupado comigo. Noite passada eu decidi que eu tenho que ficar aqui o tempo que for preciso pra colocar a gente em ordem e eu vou mandar pra você quantias conforme eu for conseguindo elas porque não está indo rápido o suficiente pra guardar toda a quantia – os 400 estão no cofre do Hotel agora e eu estou num café perto da Insurgentes porque está chovendo de novo. Vou ficar fora até conseguir algum; nada pra que voltar,

but soon as I score I will pick up the 500 and register this to you. I thought I would be back today at the latest but only Lady Luck knows what's happening now. My hours are full of fear and loneliness without you. I'm going to write the telephone number here when I get back to the Hotel. Call me collect if something happens.

Love, Bonnie

Next day.

I wrote a letter to Bee last night and asked her for 50; she should come through soon. Didn't score yesterday although I walked for 12 hours; just went to see A and got 50 to fuck on his office floor. He says he will fuck me for 500 tomorrow so I wait and come home tomorrow night. I am going to beat the N Hotel; I owe them 125 I guess. Tonight at six I saw the coach for 200. Luck seems to be picking up. So lonesome for you; I am mailing all I have now, use it as you think is best but try to pay 400 rent if possible cause I will send or bring more immediately and M is also due here yesterday and will lend us some.

Love, Bonnie

mas assim que eu vou conseguir algum eu vou pegar os 500 e mandar pra você. Eu achei que voltaria hoje com o último, mas só a Senhora Sorte sabe o que está acontecendo agora. Minhas horas são cheias de medo e solidão sem você. Eu vou escrever o número do telefone aqui quando eu voltar pro Hotel. Me ligue a cobrar se alguma coisa acontecer.

Com amor, Bonnie

dia seguinte.

Eu escrevi uma carta pra Bee noite passada e pedi 50 pra ela; ela deve aparecer logo. Não consegui nada ontem, embora eu tenha caminhado por 12 horas; acabei de ver A e ganhei 50 pra foder no chão do escritório dele. Ele diz que vai me foder por 500 amanhã, então eu espero e volto pra casa amanhã à noite. Eu estou indo pagar o Hotel N; eu estou devendo 125 pra eles, eu acho. Essa noite, às seis eu vi o treinador por 200. A sorte parece estar melhorando. Tão triste por você; eu estou enviando tudo que eu tenho agora, use como você achar melhor, mas tente pagar os 400 do aluguel se possível porque eu vou mandar ou levar mais logo logo e M também devia chegar aqui ontem e vai emprestar algum pra nós.

Com amor, Bonnie

I think that this is the last letter Ray got in Veracruz; I see the hotel as I write. I had taken along a de Sade book and read a little of it before sleep each night; it is *Juliette*, a story of a whore, like me. Not resting much, I see a quick flight into the bathroom to get myself straight and on my way out to the streets, determined, with necessity pushing me, but the thunderstorm every afternoon seemed to stand between me and my return to Veracruz. This was the beginning of my really hard hustle. I would not rest on my honors of having picked up some money but continued to worry about the total sum and the loneliness it was going to deliver me from. These letters to Ray had worked up to an astonishing disappointment when I got back to Veracruz finally. Ominously I had said “call me if anything happens....”

Telephone number at the Hotel N: 22-68-90 (Rm. 206)

Dear Ray –

Thurs. morn.

I hope you got the other letters O.K. and the money – I sent them all together in a brown envelope – I didn’t count the money but it was about 420 pesos. I am enclosing the registered slip – in case you haven’t gotten it yet.

Eu acho que esta é a última carta que Ray recebeu em Veracruz; eu vejo o hotel enquanto eu escrevo. Eu tenho levado comigo um livro de Sade e leio um pouco antes de dormir todas as noites; é *Juliette*, uma história duma puta, como eu. Não falta muito, mas dou uma passada rápida no banheiro pra me ajeitar e saio pra rua, determinada, impelida pela necessidade, mas a tempestade todas as tardes parece ficar entre mim e meu retorno pra Veracruz. Esse foi o começo da minha diversão de verdade. Eu não descansei nas minhas honras por ter pego alguma grana, mas continuei a me preocupar com soma total e com a solidão da qual ela ia me livrar. Essas cartas pro Ray acabaram dando numa decepção surpreendente quando enfim eu voltei pra Veracruz. Ominosa, eu disse “me ligue se alguma coisa acontecer... .”

Número de telefone do Hotel N: 22-68-90 (quarto 206)

Querido Ray –

Manhã de quinta-feira

Eu espero que você tenha recebido as outras cartas e a grana – eu mandei tudo junto num envelope marrom – eu não contei a grana, mas eram uns 420 pesos. Eu estou colocando junto o número do registro – caso você não tenha recebido ainda,

take the slip to the P.O. and make a big stink.

I just got 100 for fucking O last night, but afterwards he took me to a nice whorehouse to see if I could make some money there cause my feet were too raw and bloody to walk the streets. There weren't any men there, but a real nice chick saw me and said she had a rich friend she could call who would dig me and pay well so she called him but he works in his office on Thursday so he said for her to tell me that he would pay my expenses if I would stay two more days. He called me this morning at the Hotel and I am going to his office to talk at 12:30. If it's O.K. and looks profitable I will stay till tomorrow night. Also after that the coach took me to a party at his niece's house where there were supposed to be a lot of rich doctors, but they were very draggy so I left disgusted. Had trouble sleeping, so worried and homesick. You probably feel like I've deserted you and am having fun cause I'm such a jerk, but I just keep trying to straighten us out so I think I should stay. Tonight I see A for 500 – with that and the 500 I ask from this cat I talked to this morning we should be completely in the clear. I'm going to send at least 50 with this. Try to pay the rent if you haven't. Haven't

leve o registro pro correio e dá um escândalo.

Acabei de ganhar 100 por foder com O noite passada, mas mais tarde ele me levou prum puteiro legal pra ver se eu podia conseguir algum dinheiro lá porque meus pés estão em carne viva e muito ensanguentados pra caminhar pelas ruas. Não tinha nenhum homem lá, mas uma garota legal me viu e disse que ela tinha um amigo rico que ela podia ligar que ia me curtir e pagar muito bem, então ela ligou pra ele, mas ele trabalha no escritório dele nas quintas, então ele disse pra ela pra me falar que ele pagaria minhas despesas se eu ficasse mais dois dias. Ele me ligou essa manhã no Hotel e eu estou indo pro escritório dele pra conversar às 12:30. Se estiver O.K. e parecer lucrativo eu vou ficar até amanhã à noite. Também, depois disso, o treinador me levou pruma festa na casa da sobrinha dele onde era pra ter muitos médicos ricos, mas eles eram muito sem graça e eu saí com nojo. Tive problemas pra dormir, tão preocupada com saudades de casa. É provável que você sinta que eu abandonei você e estou me divertindo porque eu sou uma idiota, mas eu apenas estou tentando colocar a gente em ordem, então eu acho que eu devia ficar. Essa noite eu vou ver o A por 500 – com isso e os 500 que eu pedi pro gato essa manhã nós estaremos totalmente a salvo. Eu vou mandar pelo menos 50 com essa carta. Tente pagar o aluguel se você não pagou. Ainda não tive

heard from M yet. I know you're bugged, baby, but be cool and wish me luck and maybe I will come home glorious.

Love, Bonnie

Come home glorious. I step into a taxicab, disembarked from the Veracruz ADO bus station. Hello, Veracruz, how relaxed the streets, it is late afternoon. The women and children are sprinkling the sidewalks and nearby to the houses are patches of bare ground, with water to keep down the dust. Veracruz creates its own coolness in an easy, domestic gesture; the afternoon becomes cool with drip drops of water from brown fingers, from hands browner than those in Mexcity and no one knows where I have been or how I came back. I see the Veracruz movie through happy eyes returning to Ray and the baby Rach, but there is a note of fear, too. I have received only one letter in all the long ten days I have been away. What has happened...?

Have I told about O – Humberto O, the coach at The University, fat, plump with Falstaffian belly, therefore always good for a blow job. In fact, I could otherwise not make it with him. He is always asking to turn on to pot also and hits on me for that shortly after he arrives in whatever hotel room I am stashed in. We talk of developments for

notícias de M. Eu sei que você está chateado, amor, mas fique legal e me deseje sorte e talvez eu volte pra casa gloriosa.

Com amor, Bonnie

Volto pra casa gloriosa. Eu entro num táxi, desembarco na estação de ônibus ADO de Veracruz. Olá, Veracruz, quão relaxadas as ruas, é final de tarde. As mulheres e crianças estão lavando as calçadas, perto das casas tem remendos de terra, a água mantém a poeira baixa. Veracruz cria sua própria calma num gesto simples e doméstico; a tarde se torna fresca com gotas de água em dedos marrons, em mãos mais marrons que aquelas na Cidade do México, ninguém sabe onde eu estive ou como eu voltei. Eu vejo um filme de Veracruz passar pelos meus olhos felizes voltando pro Ray e a bebê Rach, mas tem um pouco de medo, também. Eu recebi apenas uma carta durante todos os dez dias que fiquei fora. O que aconteceu...?

Eu já contei sobre O – Humberto O, o treinador da Universidade, gordo, redondo com uma barriga Falstaffiana, por isso, sempre pronto prum boquete? De fato, de outro modo, eu não poderia fazer isso com ele. Ele está sempre pedindo pra ficar ligado com maconha também, e por conta disso dá em cima de mim logo depois de chegar a qualquer quarto de hotel onde eu estiver enfiada. Nós conversamos sobre desenvolvimentos por

a short time; there is never any interest lacking in my narratives, though sometimes the despair hits a little too hard, but, like J, O joyously approves our methods of survival and what's more, makes a great show of thinking me a good whore. O never lets me down that way, never cooled his commentaries with me over the whole six months or so that I knew him, whenever I called his house he was ready and anxious to do my bidding. He was not good for much bread, but he recognized the call of hunger or peril, et cetera, which is something. After we talked a little about these things we would maybe smoke a little roach; he would just taste it and I would inundate my head with it, cooling allowing myself to be as much in illusions' light as pot will allow. I usually received him into the room unclothed, in drawers, playing pin-up that way and we would smoke and he would sit next to me, totally undesirable, the old-time revolutionary. He related episodes to me of his times with Pancho Villa; about the time they all held up the train full of gringos to rob them and raise money for supplies for the revolution and fuck all the American women, who secretly loved it, as I can well imagine, and I enjoyed his stories and believed every word of them. I asked him of Sequeiros, being thoroughly turned on

pouco tempo; nunca falta nenhum interesse nas minhas histórias, embora às vezes o desespero bata um pouco forte demais, mas, como J, O aprova com alegria nossos métodos de sobrevivência e mais ainda, tem um ótimo desempenho em me considerar uma ótima puta. O nunca me deixa pra baixo desse jeito, nunca esfriou seus comentários comigo durante todos os seis meses ou desde que conheço ele, sempre que eu ligava pra casa dele, ele estava pronto e ansioso pra aceitar minha oferta. Ele não tinha muita grana, mas ele reconhecia o chamado da fome ou do perigo, et cetera, o que já é alguma coisa. Depois de nós conversarmos um pouco sobre essas coisas nós às vezes fumávamos um pouco o toco do beck, ele só provava e eu inundava minha cabeça, a calma me permitindo estar tanto na ilusão da luz quanto a maconha permitisse. Com frequência eu recebia ele nua no quarto, de calcinha, brincando de pin-up, daquela maneira a gente fumava um e ele sentava do meu lado, totalmente indesejável, o revolucionário nos velhos tempos. Ele contou episódios pra mim do seu tempo com Pancho Villa; sobre a vez que todos eles pararam um trem cheio de gringos pra roubar eles e juntar dinheiro pros suprimentos da revolução e foder todas as mulheres americanas, que em segredo adoravam, como eu posso bem imaginar, eu gostava das histórias dele e acreditava em cada palavra. Eu perguntava sobre Sequeiros, estando ligada por

to his beauty after one viewing of his paintings at Bellas Artes, and I know that even native Mexico is down on this beautiful painter of the land, this true exposé of oppression. O told me that he has seen him in jail, in the federal prison near Mexico City and that he has a cousin there who works as a guard and that I could get in to see him if I wanted to. His hand was on my leg as we talked, rubbing me hard, pushing in between my thighs which were crossed, as intimate as my own hand would be. It knew exactly the pleasures that would most quickly get it there; he was a con that way. I can well imagine him talking with the young Swedish girls that he coached in swimming at the University. He would sit next to them in a restaurant and put his hand on their knees in such a friendly manner and would urge that they drink more – oh, bringing out the whore in the mall, all those expatriates. He says to me to lay back on the bed that he is going to get me good and excited so that we can have a very good fuck. His English is not at all limited; so I lay back and he does not hesitate, taking off his clothes carefully. The overflow of his slack and dead flesh does not at all make him modest, since he is so rightfully proud of days gone by and has not given up yet at all, I cannot help but admire him

completo à sua beleza depois duma olhada nas suas pinturas no Bellas Artes, e eu sei que até mesmo o nativo mexicano curte esse belo pintor da terra, esse verdadeiro expositor da opressão. O me disse que tinha visto ele na cadeia, na prisão federal perto da Cidade do México e que ele tem um primo lá que trabalha de guarda que pode me levar pra ver ele se eu quisesse. A mão dele ficava nas minhas penas enquanto nós conversávamos, me apertando forte, se enfiando entre minhas coxas cruzadas, tão íntima quanto minha própria mão seria. Ela sabia exatamente os prazeres que encontraria ali mais rápido; desse jeito ele era um vigarista. Eu posso muito bem imaginar ele falando com as jovens garotas suecas que ele treinava na natação na Universidade. Ele sentaria ao lado delas num restaurante e colocaria a mão dele nos joelhos delas duma maneira amigável e ia insistir que elas bebessem mais – ah trazendo à tona a puta que existe dentro delas, todas aquelas expatriadas. Ele me diz pra deitar na cama que ele vai me deixar bem e excitada pra gente ter uma foda muito boa. O inglês dele não é nada limitado; então eu deito e ele não hesita, tira as roupas dele com cuidado. De qualquer modo, a abundância de sua pele mole e morta não faz dele uma pessoa modesta de modo algum, já que ele é legitimamente orgulhoso dos dias bons que se foram e ainda não desistiu totalmente, eu não posso deixar de admirar ele, pelo

at least as much as the situation requires – the old cocksucker – he straddles my head and shoulders and plants one on me, dangling his eensy cock imperiously for me to fondle. I play with him as if he were a woman, having found that is the quickest way with him and he teases me with his mouth pleasantly so that the pleasure and the pot go to my head simultaneously and every once and a while I am nudged by his drooping thigh to get busy on him also. His ass is so awful fat with old flesh drooping that I can feel the bones with flesh sacks hanging. I gag on his cock, but am not repelled knowing it is good old O. I come slightly and impatiently move my thighs inviting him to turn sport and do it. His limp cock becomes hard and we fuck and somehow my largeness contracts him into me miraculously and I put on a great show of fucking him mercilessly, making him come and he loves my attitude; it was just what he wanted.

Through Pilar, an old-time whore friend of his from way back, he introduces me to Emanuel de la G who summons me to his office. I wear my old raggedy voluptuous tight skirt with enormous slits up the side and my forever-blue furry French hat so I look the same nationality of whore-girl, bespoken poor. A has taught me the

menos tanto quanto a situação exige – a boa e velha boqueteira – ele escarrancha minha cabeça e meus ombros e me ataca, suspendendo o minúsculo pau dele soberbamente pra eu masturbar ele. Eu brinco com ele como se ele fosse uma mulher, tendo descoberto que esse era o jeito mais rápido, ele me provoca com sua boca de forma prazerosa então o prazer e a maconha sobem pra cabeça ao mesmo tempo e de vez em quando eu sou cutucada pela coxa mole dele pra me ocupar com ele também. Abunda dele é tão horrível e gorda com pele mole em suspenso que eu consigo sentir os ossos dele por trás das pelancas balançando. Eu chupo o pau dele, mas não estou com nojo porque sei que é o bom e velho O. Eu gozo um pouquinho e mexo minhas coxas impacientemente convidando ele pra se mexer e foder. Seu pau mole fica duro, nós fodemos e de alguma forma minha boceta milagrosamente aperta ele dentro de mim e eu faço um ótimo show fodendo ele sem piedade, fazendo ele gozar, ele adora minha atitude; era só isso que ele queria.

Através de Pilar, uma puta amiga dele dos velhos tempos, ele me apresenta pro Emanuel de la G, que me chama no escritório dele. Eu vou com minha saia sensual, rasgada e apertada com fendas enormes do lado e meu chapéu francês azul e peludo favorito, então eu pareço ter a mesma nacionalidade duma menina-puta, sugerindo pobreza. A me ensinou a

come on of that in Veracruz – poor whore, more elegant in nakedness, so dress accordingly. We interview over a Pall Mall, a prelude to riches to come, I know what he pays already. 800 pesos and from the way he talks about being busy at the office I know it will not be a long haul – it is decided – he makes a telephone call to a place he knows for the woman there to fix us up a room (another whorehouse! Mexcity abounds in them) – and we drive there in his distinguished black car in the hot Mexcity, *Zocalo* heat of open pavements and uncontrollable dust from the evaporated lakes — Cortez’ biggest mistake, Mexcity is a nightmare of the dream it must have been of lakes and straight solid standing rock houses simple with the primal worshipping fervor; it has now become Spanish trash and dust and shame. Trystful, we have kissed in his office – me drawing him on with my poor-French elegance, him rebuffing me with his “Spanish” ancestry, divine right to run this sewing machine factory or whatever it is.

In the room – quiet and cool – the whorehouse business peaceful in the hot afternoon, not time yet to get busy to receive visitors, the room is quiet. I take off my clothes, I am bikini tanned; he takes off his

atratividade disso em Veracruz – puta pobre, mais elegante nua, então, se vista de acordo. Nos entrevistamos fumando Pall Mall, um prelúdio das riquezas que viriam, eu já sei quanto ele paga. 800 pesos e pelo jeito que ele fala sobre ser ocupado com o escritório, eu sei que não será um lance longo – está decidido – ele faz uma ligação prum lugar que ele conhece pra mulher de lá reservar um quarto (outra casa de prostituição! A Cidade do México está infestada delas) – dirigimos até lá no seu distinto carro preto, na Cidade quente do México, o calor *Zocalo* dos amplos pavimentos, a poeira incontável dos lagos evaporados – o maior erro de Cortez, a Cidade do México é um pesadelo perto do sonho de que ela devia ter lagos com casas de pedras na vertical e em linha reta, simples com o fervor da adoração primordial; agora isso tornou lixo, poeira e vergonha espanholas. Encontro marcado, nos beijamos no seu escritório – eu me aproveitando com minha pobre elegância francesa, ele me repudiando com a sua ancestralidade “espanhola”, direito divino de comandar essa fábrica de máquina de costura ou seja lá o que for.

No quarto – silencioso e fresco – os negócios na casa de prostituição estão calmos no calor da tarde, ainda não estava na hora de se ocupar com os visitantes, o quarto está quieto. Eu tiro minhas roupas, estou com marcas de biquíni, ele tira as roupas

and is surprisingly young and powerful beneath his pinched face; his lungs rising in his chest in a pride that seems more Indian to me than Spanish, though I say nothing. He has a hard-on already, a proud and youthful hard-on, we sidewise fuck going over it three times straight up and down sidewise in order to finally make his proud dong come. I am dismayed that he will not come and he grips me, not allowing me to show any excess effort than just that straight up and down. Finally, condescendingly, the proud thing comes. I am almost surprised that he does not take it out at the final moment, but he has no sense of humor and takes it all very seriously – the only person I have ever met who exceeds me in these few things – I am in awe and decide not to like him.

Speaking afterwards he forgets condescension for a while and we talk of my husband and family back in Veracruz, I talk fast and full of feeling; having been away from them ten days now I am desperate to get back. No, I will not stay another day. He takes an interest in my family I think, because it has a lot to do with the illusion of poor whore I have created, embellished with the pride of being loved and I don't give a fuck for you or anyone because of it. I am perhaps a different kind of whore than he has mostly met; he tells me a little of his wife, whom he does not like, and

dele e é surpreendentemente jovem e poderoso por baixo da sua cara fechada; seus pulmões crescendo em seu peito num orgulho que pra mim parece mais indígena que espanhol, embora eu não diga nada. Ele já está de pau duro, uma paudurescência orgulhosa e juvenil, nós fodemos de lado indo três vezes pra cima e pra baixo pra, no fim, deixar seu orgulhoso pau gozar. Estou desanimada porque ele não vai gozar, ele me agarra e não permite que eu mostre nenhum esforço excessivo além daquele subir e descer. Por fim, de forma condescendente, aquela coisa orgulhosa goza. Estou quase surpresa que ele não tirou no finalzinho, mas ele não tem senso de humor e leva tudo isso muito a sério – a única pessoa que eu já conheci que se sobressai a mim nessas pequenas coisas – eu estou com medo e decido não gostar dele.

Mais tarde, conversando, ele esquece a condescendência por um tempo e nós falamos sobre meu marido e minha família lá em Veracruz. Eu falo rápido e cheia de sentimentos; estando há dez dias longe deles, estou desesperada pra voltar. Não, eu não vou ficar nem um dia a mais. Ele mostra interesse na minha família, eu penso, porque tem muito a ver com a ilusão da puta pobre que eu criei, embelezada com o orgulho de ser amada e não dá a mínima pra você ou qualquer um por causa disso. Talvez eu seja um tipo diferente de puta daquelas que ele em geral já conheceu; ele me fala um pouco sobre a mulher dele, de quem ele

his mistress who always tries to swindle him.

.....

It was so hot that morning that I woke for the second time in the hotel – a patio out the window with shrubs – it looks to be unused, forever reflecting in every direction from the tiles, the hot sun-glazing heat with humidity already preparing the second thunderstorm in each of two days since I have been there – I wake with a headache and not much enthusiasm about anything and lonesome – I had probably awakened for a few moments at dawn but that was too excruciatingly lonely for me to abide – there was nothing facing me but hustling until the work was done and the rent and bills to be paid and nothing between me and the world of other people's existence than whatever facade I can erect on myself before it is time I go out the door, and God – today I am at a loss – one hopes only of an easy and fast score and I go to see A in his office.

I walk out of the hotel – it is god-hot and awful. I am immediately dejected – I walk without seeing past the markets of candy and clothes, the area swarms with flies and bustle of this and that going here and there so fast I get bugged with having to walk through it all – a good

não gosta, e da amante que sempre tenta enganar ele.

.....

Estava tão quente naquela manhã que eu acordei pela segunda vez no hotel – um pátio com arbustos visto pela janela – parece abandonado, sempre refletindo em todas as direções das telhas, a vidraça quente do sol aquece a umidade que já prepara uma segunda tempestade a cada dois dias desde que estou ali – eu acordo com dor de cabeça e sem muito entusiasmo pra qualquer coisa e solitária – é provável que eu tenha acordado em alguns momentos na madrugada, mas era muito terrível e solitário pra eu suportar – não tinha nada me encarando, além da diversão até que o trabalho fosse feito, o aluguel e as contas pagas e nada entre mim e o mundo da existência de outras pessoas além de qualquer máscara que eu coloque em mim mesma antes da hora de eu ir pra porta, e, Deus meu, hoje eu não sei o que fazer – só se espera por dinheiro fácil e rápido, e eu vou ver A no seu escritório.

Eu saio do hotel – está quente pra diabo e horrível. De imediato, eu fico deprimida – eu caminho sem ver as lojas de doces e roupas passarem, o lugar fica cheio de moscas e do alvoroço delas e com esse ir e vir tão rápido, eu fico irritada por ter que caminhar no meio de tudo isso – uma boa caminhada de

mile's walk through all of this ahead of me no pleasure in my shoes. Still I do the best I can and try to keep my head up, knowing I am not creating much of a sensation in any manner.

A is friendly – he is cool and well-disposed behind his large desk in his private office – he sends his secretary out to lunch after we talk for a few minutes – I am hot and not especially interested, but desperate – the safety pins in my dress are going to bug me with the whole scene – on his lap we kiss – he senses my mood and somehow warms to it. Quickly my dress is around my waist and I am on the floor, safety pins exposed amongst the tatters – the carpet is suitable but not comfortable and I am close to tears as being fucked – Oh my soul, what a mean blue day – A gives me fifty pesos and says he will see me later when we can go out together and have some fun – I am not pleased at all by the incident and fun is certainly not my object. I am walked to the street and go discouraged by the bus back to my room to prepare for evening... I will not forget the shame of my arms around your neck on the floor there in that nice office when I needed your help, and you discouraged me – take 'em while they're proud and happy in Veracruz and put a twist on things, but now

um quilômetro e meio com tudo isso na minha frente e sem nenhum conforto nos meus sapatos. Ainda assim, faço o melhor que posso e tento manter a cabeça erguida, sabendo que eu não estou criando muita expectativa de qualquer maneira.

A é amigável – ele é legal e bem disposto atrás da mesa enorme dele no escritório particular – ele manda a secretária ir almoçar, depois que nós conversamos por alguns minutos – eu estou com calor e não estou, em especial, interessada, mas estou desesperada – os botões do meu vestido vão me incomodar com a coisa toda – sentada no colo dele nos beijamos – ele percebe o meu humor e, de alguma forma, me acalma. Logo meu vestido está na minha cintura e eu estou no chão, botões expostos entre os trapos – o tapete é apropriado, mas não é confortável e eu estou perto de chorar enquanto estou sendo fodida – Ah, minha alma, que dia triste – A me dá cinquenta pesos e diz que vai me ver mais tarde quando nós pudermos sair e nos divertir – eu não fico nada contente por causa do incidente e diversão com certeza não é meu objetivo. Sou levada pra rua e vou desencorajada pro ônibus de volta pro meu quarto pra me preparar pra noite... eu não vou esquecer da vergonha dos meus braços em volta do seu pescoço no chão daquele escritório legal quando eu precisei de ajuda e você me desanimou –pegue eles enquanto eles estão orgulhosos e felizes em Veracruz e dê um toque especial nas coisas,mas agora

I rank you with the rest – things could have been worked out more kindly – but now I am free of you and on the straight hustle. Why was I so seldom afraid of violence – I am afraid for me backwards – or was I the scary one?

.....

Rumble coming – thunderstorm approaches in the Mexcity afternoon – tacos are selling like crazy –if I was a few months older, I would know of other places to make it in a thunderstorm-cool – *sopa de pescado* on Calle Dolores, with my hair in curlers till late afternoon – like everyone else – but myself still too at the same moment of being transformed in whatever photograph studio – that amazes me – but the thunder comes underground first – starting from the mercado, nearby welcome Cuauhtémoc booms over the truly perpendicular station of the market – the heart of Mexico bleeds in dust-shaded yellow walls awaiting the drip drop.

This is the last episode in Mexcity before I bus-trip back to Veracruz, the night I was to have fun with A and give him another chance. I have spent the afternoon

eu coloco você com o resto –as coisas poderiam ter sido resolvidas de um jeito mais gentil– mas agora eu estou livre de você e na diversão classuda. Por que raras vezes eu fiquei com medo da violência? – eu fico com medo por mim retrospectivamente – ou era eu que amedrontava?

.....

Estrondo chegando – uma tempestade se aproxima na tarde da Cidade do México – estão vendendo tacos como loucos – se eu fosse alguns meses mais velha, eu saberia de outros lugares pra ficar numa tempestade – *sopa de pescado* no Calle Dolores, com meu cabelo enrolado com bobs até o final da tarde – como todo mundo – mas eu ainda continuo no mesmo momento de ser transformada em qualquer estúdio fotográfico – isso me fascina – mas o trovão começa a vir por baixo – começa do mercado, por perto saúda Cuauhtémoc que se expande sobre a verdadeira estação perpendicular do mercado – o coração do México sangra nas paredes amarelas cobertas de poeira esperando os pingos de chuva.

Este é o último episódio na Cidade do México antes da minha viagem de ônibus de volta pra Veracruz, a noite que eu ia me divertir com A e dar outra chance pra ele. Eu passei a tarde

in normal living; I have eaten eggs scrambled with beans in the Chinese restaurant below the Hotel N, and for dessert, strawberry cake and coffee in a glass. I have already picked up enough money to straighten everything out. Emanuel de la G was the supplier of the balance, but if I can get together another 500 out of A, Ray and I can have money to vacation for a few days in Veracruz together. I am relaxed. Six o'clock tryst time in Mexcity – downstairs from A's office – Calle Santiago – around the corner is a cocktail lounge down stairs where I start off with wine – though my dress is not exceptional, I am so confident that my face is flushed with color, and the wine doesn't hurt. Let me look at it six or seven ways – I don't want to miss anything either.

The two others were sympathetic persons, who looked to be a little faggish, though not the skinny sort, the kind with receding hairlines and oh so gently elegant suggestion of ovals in all their bodily features, helped me through the evening, several times told the other two that they had bad manners, and when it came their turns to fuck asked me if I wanted to – fell in love with me and wanted to see me again – but at the crucial end of the evening when I could have known the truth about him, he passed out from extreme intoxication. The other was a blonde husky Canadian who spoke perfect Spanish being somehow

em uma vida comum; eu comi ovos mexidos com feijão no restaurante chinês embaixo do Hotel N, de sobremesa, bolo de morango com café num copo. Eu já tinha arranjado grana suficiente pra arrumar as coisas. Emanuel de la G foi quem balanceou as contas, mas se eu conseguir outros 500 com o A, Ray e eu poderemos ter dinheiro pra tirar férias por alguns dias em Veracruz juntos. Eu estou relaxada. Seis horas em ponto, horário dos encontros marcados na Cidade do México – no térreo do escritório de A – Calle Santiago – virando a esquina tem um lugar de coquetéis no térreo onde eu começo com vinho – embora meu vestido não seja excepcional, eu tenho certeza de que meu rosto está corado e o vinho não me faz mal. Deixe-me olhar isso de seis ou sete jeitos – eu não quero perder nada.

Os outros dois eram pessoas simpáticas que pareciam um pouco aviadados, embora não do tipo magro, o gentil com entradas no cabelo e ah e uma sugestão tão gentil e elegante de características corporais ovais, me ajudou no decorrer da noite, várias vezes disse pros outros dois que eles tinham péssimas maneiras e quando chegou a vez deles de me foderem, perguntou se eu queria – se apaixonou por mim e queria me ver de novo – mas no final crucial da noite quando eu poderia saber a verdade sobre ele, ele desmaiou por causa duma intoxicação extrema. O outro era um canadense loiro e forte que falava espanhol perfeito

also Mexcity bred – he comes on winking at me all the time behind the others’ backs – the three of them and a fat dark mustached (probably government official) who declined to enlarge the party but met with us in the cocktail lounge around seven – I had only expected A of course, and the others, in fact, are talked into the party with successive drinks – no mention of money – surely A has told them; it is all clear, no doubt, but in this case I save being explicit in the last and lose several hundred pesos because of it.

Oh Mexcity time-snake, beast of the sidewalk cafe, let me go back to Veracruz where time stops. (I am already back in Veracruz and this is just an evening game – funny sometimes, how I really fit into the picture.)

Suggestion of a thunderstorm and night makes a noiseless thunder in its sudden fall, the garden tinkles, someone’s Volkswagen has been unparked from garage and directed and we have arrived too early for rain, too late for meaning, night has inexplicably come and arrived us at the scene of a large Sartrean coffeehouse called the Fifth World (El Lobo...). Shuddering horror I am questioned right to left as I have been the inspiration for this coffeehouse. I am in a blue French wooly beret of existential street-walk all

sendo, de alguma forma, também criado na Cidade do México – ele vem piscando pra mim todo o tempo sem os outros verem – três deles e um gordo moreno com bigode (um oficial do governo, é provável) que se recusou a participar da festa, mas nos encontrou no lugar dos coquetéis lá pelas sete – eu apenas esperava por A, claro, e os outros, de fato, foram convencidos a participar da festa com bebidas sucessivas – não mencionaram a grana – com certeza A falou pra eles; está tudo claro, sem dúvidas, mas neste caso eu evito ser explicita no final e perco várias centenas de pesos por causa disso.

Ah, o tempo corre na Cidade do México, besta do café na calçada, me deixe voltar pra Veracruz onde o tempo pára. (eu já estou de volta em Veracruz, isso é apenas um jogo noturno – divertido às vezes, como de verdade eu me encaixo na cena.)

Parece que vem uma tempestade, a noite produz um silencioso trovão na sua queda súbita, o jardim ecoa, o Volkswagen de alguém foi tirado da garagem e é conduzido, nós chegamos muito antes da chuva, muito tarde pra fazer sentido, a noite chegou inexplicável e nos levou pruma grande cafeteria sartreana chamada de O Quinto Mundo (El Lobo...). Tremendo de medo eu sou questionada por todos os lados como se eu tivesse sido a inspiração pra essa cafeteria. Eu estou com uma boina francesa de lã azul da caminhada de rua existencial todo o

the way from Hoboken to here. HOBOKEN, how you have changed! The storm alternates with night, I lose track. I am already fully drunk on brandy – let's get it over with, I cannot be induced to talk, this is not an interview.

I speak with A behind my hand and say that if this is not what I had expected it would be I had best be off already to Veracruz – he tries to shush me, making like he doesn't want to embarrass his friends with the expense and won't, don't I trust him for it – he is so drunk already, but I figure to chance it; I have been promised 200 pesos each. The temptation to risk it wins me over.

I don't know why I was so reluctant to talk the money over with all of them. I had never been involved in one of these gangbang scenes before and I was not the only one who was self-conscious. All the fun they intended to have was forcefully taken. The fat blonde Canadian tried to tease me about my occupation. The coffeehouse was full of young creeps of totally unenchanted type and we split there quickly though it is not late yet, and go by Volkswagen to the waiting house in Colonia. I admire the swimming pool and am invited to swim but not with enthusiasm, so I don't. I am ushered self-consciously to the waiting cot, next to a ping pong table and, as I said, laid in sequence by the three of them, the others carousing in adjoining long rooms of empty space,

caminho de Hoboken até aqui. HOBOKEN, como você mudou! A tempestade alterna com a noite, eu estou perdida. Eu já estou totalmente bêbada de brandy – vamos acabar com isso, eu não posso ser induzida a falar, isso não é uma entrevista.

Eu falo com A por trás da minha mão e digo que se isso não for o que eu esperava seria melhor eu ir logo pra Veracruz – ele tenta me calar porque ele não queria envergonhar seus amigos com o custo e não iria, eu não confiava nele? – ele já está tão bêbado, mas eu decido dar uma chance; me prometeram 200 pesos cada. A tentação de arriscar me vence.

Eu não sei por que eu estava tão relutante pra falar sobre a grana com todos eles. Eu nunca tinha me envolvido numa dessas cenas de orgia antes e eu não era a única que estava incomodada. Toda a diversão que eles pretendiam ter foi feita a força. O canadense gordo e loiro tentou me provocar por causa da minha profissão. A cafeteria estava cheia de jovens esquisitos do tipo sem nenhum encanto e nós saímos de lá rapidinho embora ainda não fosse tarde, fomos de Volkswagen pra casa de espera na Colonia. Eu admiro a piscina e sou convidada pra nadar, mas não com entusiasmo, então não vou. Incomodada, eu sou conduzida pra cama de espera, perto duma mesa de pingpong, e como eu disse, usada em sequência por três deles, os outros bebem em salas grandes adjacentes com espaços vazios, nenhum

no sign of domesticity in this modern house of many picture windows, the tall dark guy trying to make like he loves me, and A his regular self. I am frantic with being treated so casually and not enjoyed, the tall dark guy fucks me twice making like he enjoyed it a great deal, and wants me not to continue with the others after I finish him. At least it was an attempt at appreciating me, and the fat Canadian disgusts me with his empty conception of up and down, athletic notions of making love and checks with me if I have had any disease even before he will venture in. If I were to arrange a gangbang myself it would not ever be this disgusting little boy play stuff. I am totally disgusted with the scene long before it ends; we all shower together and I do not talk; they drive me to the hotel where in the car before I get out I openly ask A for the 600 pesos, the tall dark one meanwhile asking my address in Veracruz. A pretends to be more drunk than he is and the others seem to not know what it is all about, thought I was just out for love, so I end up with 300. But I am glad to be rid of them. I sigh and bathe carefully in the hotel room, exhausted in spirit and so glad to be done with Mexcity and on my way back to Ray who can encourage me and console me, and my baby Rach. I am finally going back to Veracruz.

sinal de domesticidade naquela casa moderna com muitas janelas com molduras, o cara negro alto tentando fingir que me ama e A no seu eu de sempre. Eu estou frenética por ser tratada de forma tão casual e por não ter sido apreciada, o cara negro alto me fode duas vezes fingindo que ele gostou muito e não quer que eu continue com os outros depois que eu terminar com ele. Pelo menos isso foi uma tentativa de me apreciar, o canadense gordo me enoja com sua concepção vazia de pra cima e pra baixo, noções atléticas de fazer amor, checa comigo se eu tenho alguma doença mesmo antes de meter pra dentro. Se eu mesma fosse organizar uma suruba, nunca que ia ser essa brincadeira nojenta de menininhos. Eu estou toda enojada com a cena bem antes do seu fim; todos nós tomamos banho juntos e eu não falo; eles me levam pro hotel onde no carro, antes de eu sair, eu abertamente peço pra A os 600 pesos, enquanto isso, o escuro alto pergunta meu endereço em Veracruz. A finge estar mais bêbado do que realmente está e os outros parecem não saber do que se trata, pensaram que eu saí apenas por amor, então eu acabo com 300. Mas eu estou feliz por me livrar deles. Eu suspiro e tomo banho cuidadosamente no quarto de hotel, exausta em espírito e muito feliz por ter encerrado com a Cidade do México e no meu caminho de volta pro Ray, que consegue me encorajar e me consolar, e pra bebê Rach. Enfim, eu vou voltar pra Veracruz.

So goodbye, Veracruz, I take my farewell. Your carnival sun and banshees of superstition awoken in nighttime gutter-streets of passing by give her a feel – sunspot unbearable beach stink of mounded fish discarded for whatever reason only vultures know at Mocambo.

Mocambo, white mosque hotel and arced swimming pool of underwater give her a crazy blow job. Oh Veracruz, sink back down into the sea and give me peace under the flickering lights, let me quietly and gradually take back with me everything that I came with – oh no, don't kill it – sink quietly, sun, and begin the promenade at Villa Del Mar and pineapples sprinkled with water from drip drop oh so clean black fingers – stop, I want to go back.

Back to the empty house, Hiss, the lizard smell of desertion. Everything stays as we left it. Every house we have ever stayed in, left, has retained its desertion for long periods of time. Washington, park-side up in the air, smell of magnolia trees the first day of spring and two white flowers now fertilize the ground of a parking lot that might have been there all along, level. So, Veracruz, N and B have taken ship and left Mexico for England – a peculiar new way to spend their pension – and left us all that good stuff, record player, typewriter, clothes, leather suede jackets, and a

Então adeus, Veracruz, eu me despeço. Seu sol de carnaval e superstição de almas penadas acordadas à noite nas sarjetas dão a ela um pressentimento – o calor do sol insuportável na praia fedendo a montes de peixes jogados fora por qualquer motivo que apenas os abutres conhecem em Mocambo.

Mocambo, hotel branco da mesquita e a piscina subterrânea arqueada, faz pra ela um boquete louco. Ah Veracruz, afunde de volta no mar e me dê a paz embaixo das luzes oscilantes, me leve em silêncio e pouco a pouco me traga de volta com tudo aquilo que eu trouxe junto – ah não, não mate isso – afunde em silêncio, sol, comece o passeio em Villa Del Mar, abacaxis regados com pingos de água ah, dedos negros tão limpos – pare, eu quero voltar.

De volta pra casa vazia. Silvo, cheiro de lagarto do abandono. Tudo está como deixamos. Toda casa que nós ficamos, deixamos, guarda seu abandono por um longo tempo. Washington, passeio ao ar livre, cheiro de árvores de magnólia no primeiro dia da primavera e duas flores brancas agora fertilizam o chão do estacionamento que deve ter ficado lá todo esse tempo, nivelado. Então, Veracruz, N e B pegaram um navio e partiram do México pra Inglaterra – um novo jeito peculiar de gastar a pensão deles – deixaram pra nós todas aquelas coisas boas, toca disco, máquina de escrever, roupas, jaquetas de couro acamurçado e um

baby crib, not to speak of the manuscripts that always accumulate around whatever place we stay. Just as the going gets good, rather the staying, it is the end, and everything is abandoned. I want to go back to every place we have ever lived and retrieve all of everything left behind; surprisingly, it is most of it still there. It is all still there. Veracruz is still there, still suffering from the same lack of money, same depression and hard limes, same *parroquia* coffee and trolleys up and down the city round and crazy *arrista* bus goes *circumvalacion* just to spite its not-surprised passengers, buses take off in a whooping lark and twenty long in a row parade for me as I sit cool and fresh as possible in the newly found evening cool sipping something, looking.... Let me quietly and easily say my goodbye, deny despair, and leave Veracruz as untouched, as sweet as I found it. Goodbye, I want to die a little, in memory of you, Veracruz.

Goodbye to Ray arriving, carefree, in a taxi to intercept me before I find a trick to turn, because something better has come up. The D.A. – goodbye D.A., no more words spoken, I wish I had the power of payback to laud you with, but you are no doubt out of office, your white Castro shirts, though not discarded, decorate no

berço de bebê, sem falar nos manuscritos que sempre se acumulam em qualquer lugar que nós ficamos. Assim como a ida fica boa, melhor a estadia, é o fim, tudo está abandonado. Eu quero voltar pra cada lugar em que nós já vivemos e recuperar tudo aquilo que ainda está lá. Veracruz ainda está lá, ainda sofre pela mesma falta de grana, a mesma depressão e limões duros, o mesmo café de *parroquia*, bondes pra cima e pra baixo por toda a cidade e ônibus loucos de *arrista* vão em *circumvalacion* só pra irritar os passageiros não surpresos, os ônibus saem com brincadeiras gritantes, vinte longas paradas em sequência pra mim, enquanto eu sento tão calma e fresca quanto possível na recente noite fresca bebendo alguma coisa, olhando... . Me deixe dizer meu adeus em silêncio e com facilidade, negar o desespero e deixar Veracruz tão intocada, tão doce quanto eu encontrei ela. Adeus, eu quero morrer um pouco, em memória de você, Veracruz.

Adeus pra chegada de Ray, despreocupada, num táxi que me intercepta antes de eu pensar numa manobra pra voltar, porque alguma coisa melhor apareceu. O D.A. – adeus D.A., mais nenhuma palavra, eu queria ter o poder de te pegar de volta com louvor, mas você sem dúvidas não está no escritório, as camisas brancas dele estilo Castro, embora não jogadas fora, não decoram

more the jail of *frijoles segundas*. Ray was to get a private room in that jail with J's help so that we could fuck when I got back from Mexcity, but I didn't get back in time to see Veracruz defame Ray, call him a dope addict and communist and send him off to Mexcity, while I was still there, to pine in the same patio jail court yard with two foot overhang, no more to shelter the whole jail population from the elements, including Fidel Castro who carves his initials in an educated hand, newly arrived from Veracruz, goodbye.

I have had good reason to regret the wild goodbye I took of Veracruz – cut off before I had even said hello hardly – when I opened the door to that dry dusty house and the senora from the store, knocked at the door, had come immediately when she saw me arrive. I thought she wanted the money we owed her so I start talking friendly, but I had already opened the letter. The vulture was already sitting on my shoulder and I almost fainted with despair, my blood stopped running at these words from Ray under the door.

Dear Bonnie –

August 8

I am in Webb County jail, Laredo, Texas, under arrest for unlawful flight. I am very weary and bewildered.

mais a prisão de *frijoles segundas*. Ray ia ganhar um quarto particular naquela prisão com a ajuda de J pra nós podermos foder quando eu voltasse da Cidade do México, mas eu não voltei a tempo de ver Veracruz difamar Ray, chamar ele de viciado e comunista e mandar ele pra Cidade do México enquanto eu ainda estava lá pra definhar no mesmo pátio da cadeia com meio metro de beiral, nada mais pra abrigar toda a população da cadeia dos elementos, incluindo Fidel Castro que esculpiu suas iniciais em uma bela caligrafia, há pouco chegando de Veracruz, adeus.

Eu tive um ótimo motivo pra me arrepender do adeus selvagem que dei pra Veracruz – interrompida antes de eu mal ter dito olá – quando eu abri a porta daquela casa com poeira seca e a senora da loja bateu na porta, veio assim que ela me viu chegar. Eu pensei que ela queria a grana que nós devíamos pra ela então eu comecei a falar de forma amigável, mas eu já tinha aberto a carta. O abutre já estava sentado no meu ombro e eu quase desmaiei de desespero, meu sangue parou de correr com estas palavras de Ray embaixo da porta.

Querida Bonnie –

8 de agosto

Eu estou na Cadeia do Município de Webb, Laredo, Texas, preso por fuga ilegal. Eu estou muito cansado e confuso.

I hope this letter gets to you right away, and that you're still there to receive it. I expect to be here ten days or two weeks....

Bond has been set at 10,000 dollars which, of course, I don't have. Please come if you are able and write to me – none of that “you-have-nothing-to-say” stuff; I need you just like I needed you yesterday and always... at any rate, don't despair over what is happening.... I am not, and I love you so much, as you love me.... What else is happening, I don't know; this has been all so fast... Find a way to get here somehow as soon as you can and give me some courage! Write immediately. I have no money, no hope, and nobody... except you and Rachel... and I adore you both....

Sorry this is short... I will not be able to write again... have not even got seven cents for a stamp... how can I make 10,000 dollar bail-bond? Think of me; they let me keep your picture and I look at you....

Eu espero que esta carta chegue a você sem demoras e que você ainda esteja aí pra receber ela. Eu espero ficar aqui por dez dias ou duas semanas....

A fiança foi estipulada em 10.000 dólares que, é claro, eu não tenho. Por favor venha se você puder e me escreva – nada daquela coisa de “você não tem nada pra dizer”; eu preciso de você assim como precisava de você ontem e sempre... de qualquer jeito, não se desespere com o que está acontecendo... eu não estou, eu amo muito você, assim como você me ama.... o que mais está acontecendo, eu não sei; tudo foi muito rápido.... encontre um jeito de vim até aqui o mais breve possível e me dê alguma coragem! Escreve de imediato. Eu não tenho grana, não tenho esperança e não tenho ninguém... exceto você e Rachel... e eu adoro vocês duas....

Desculpe pela brevidade... eu não vou poder escrever de novo... não tenho nem sete centavos pro selo... como vou arrumar 10.000 dólares pra fiança? Pense em mim; eles me deixaram ficar com sua foto e eu olho pra você....

CAPÍTULO 5: A GERAÇÃO BEAT NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DAS MEMÓRIAS DE BONNIE

No Brasil, os Beats influenciaram muitos escritores, como Roberto Piva, José Agripino de Paula, Jorge Mautner, Heloisa Buarque de Holanda. Ainda nos anos 1960, são realizadas traduções das obras de Kerouac, Ginsberg e Burroughs (WILLER, 2010).

As escritoras Beat estão sendo traduzidas, mas ainda há poucas obras. Dos livros de memórias, é possível encontrar apenas *Memórias de uma Beatnik* (2013) de Diane di Prima.

Esse capítulo inicia com uma visão sobre a Geração Beat no Brasil, destacando a necessidade da tradução das escritoras Beat. Em seguida, as características do discurso doméstico encontradas no primeiro capítulo do livro de memórias de Bonnie são comentadas, bem como as dificuldades encontradas nesse processo de tradução.

5.1. A GERAÇÃO BEAT NO BRASIL

A Geração Beat chegou ao Brasil por meio do jornalismo, “através da competência editorial de Mário Faustino e outros intelectuais que faziam o Caderno B”. (Willer, 2010, p. 114). No campo da poesia “a beat também era referência importante para os poetas da geração dos Novíssimos de 1960” (Willer, 2010, p. 114).

As traduções dos poetas Beat começaram após o poeta Roberto Piva, em 1961, trazer para Cláudio Willer e Décio Bar a poesia de Ginsberg, Ferlinghetti, Corso, Lamantia, entre outros. Willer e Bar foram responsáveis pelas traduções da poesia Beat e pela representação dessa geração no Brasil (WILLER, 2010, p. 114)

No final dos anos 1970 e início dos anos 1980 obras contra o regime militar no Brasil começaram a ser publicadas. Entre elas, estavam as traduções dos Beat, conforme explica Rosário (2013, p. 08):

Mas foi apenas com a Abertura, que as obras consideradas subversivas conseguiram ganhar liberdade de circulação. Com a transição “lenta, gradual e segura”, e a censura se abrandando, houve um verdadeiro boom editorial, consequência quase natural do interesse represado de décadas do público brasileiro. E falar de Geração Beat no Brasil, a partir desse período, é também falar da L&PM. A maior editora independente do Brasil hoje foi fundada em 1974, em Porto Alegre, por Paulo de Almeida Lima e Ivan Pinheiro Machado, para publicar obras contra o regime militar, como sua primeira publicação, *Rango*, de Edgar Vasques, história em quadrinhos crítica à ditadura. Na virada dos anos 70 para os 80 começou a ganhar espaço

nacionalmente, e ainda nova, apostou nas traduções dos beats e de outros autores considerados “malditos”.

Rosário (2013, p. 10) cita, ainda, o comentário de Ivan Pinheiro Machado, em uma entrevista a Cláudio Willer, sobre a relação da Geração Beat com sua editora:

Surgiu dentro desta idéia [...]: uma manifestação da nossa geração no final dos anos 70 e uma resposta aos tempos de repressão e censura. E também do fascínio pela contracultura. Não se podia falar mal do regime, nem do país, pois os livros eram apreendidos. Então falávamos mal dos regimes políticos dos outros (semelhantes ao nosso da época) e das instituições burguesas consolidadas em geral. A literatura beat tinha esta aura libertária e inovadora [...]

Por serem consideradas documentos sobre a Geração Beat a partir do olhar das mulheres. (ENCARNACIÓN-PINEDO, 2016; STEWART, 2015; FRIEDMAN, 1996) e por retratarem como era viver o movimento Beat sendo mulher, torna-se necessário o estudo e a tradução destas escritoras para conhecer a Geração Beat através do olhar das mulheres que vivenciaram a estrada nos anos do pós-guerra.

As narrativas de algumas mulheres Beat são escritas por meio do gênero de memórias. Em sua tese *A kind of singing in me*, Stewart (2007) esclarece que as memórias Beat enfatizam o discurso de gênero que busca relacionar o eu e o outro, história e memória ao invés de buscar uma unidade subjetiva. Ainda, suas obras são um estímulo para manter a memória cultural viva.

Traduzir as memórias de Bonnie permite conhecer o contexto histórico vivenciado por ela, como era ser mãe e estar na estrada e, também, ser a chefe de família. Ainda, a tradução das memórias de Bonnie contribui para os estudos de gênero e a sua relevância para a literatura e outras artes, permitindo que os países de língua portuguesa tenham acesso a esse conhecimento e possam, de fato, utilizá-lo como ferramenta para reavaliar os seus próprios feminismos e contextos feministas.

Algumas pesquisadoras/tradutoras estão publicando as escritoras Beat como, por exemplo, o grupo de pesquisa da Universidade Federal do Paraná que, coordenado por Miriam Aldeman, publicou uma edição especial do *Jornal RelevO*, em março de 2016, sobre traduções das mulheres Beat, mas ainda há muito material a ser estudado e publicado, pois no Brasil, é possível encontrar apenas o livro *Memórias de uma Beatnik* de Diane di Prima, traduzido por Ludimila Hashimoto em 2013 e publicado pela editora Veneta.

Na próxima seção, serão destacadas as características do discurso doméstico presentes no primeiro livro/capítulo de *Troia. Mexican Memoirs* traduzido no capítulo anterior.

5.2. A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES BEAT A PARTIR DO DISCURSO DOMÉSTICO E DE OUTRAS CARACTERÍSTICAS EM TROIA. MEXICAN MEMOIRS

Como mencionado no capítulo 3, as memórias das escritoras Beat modificam o discurso doméstico observado até então nos textos literários dos homens Beat. As mulheres deixam de ser retratadas como donas de casa que cuidam dos filhos, dos maridos e dos afazeres domésticos para serem protagonistas na sua própria estrada em busca de autonomia e autoconhecimento.

Com isso, maternidade, sexualidade e papéis sociais são assuntos característicos dos textos das escritoras Beat. Nas memórias de Bonnie, maternidade influencia nas relações sexuais e no gozo pela estrada, a sexualidade permite que ela se conheça e descubra sua autonomia e os papéis sociais vivenciados por ela (mãe, esposa, prostituta) permitem que ela conheça, escreva e critique a sociedade a que ela pertencia.

A maternidade está presente no discurso doméstico das narrativas das escritoras Beat; para Bonnie, estar na estrada incluía a presença de suas filhas, que em alguns momentos eram um fardo bom e ruim. “*I walk up the street, the baby is a sweet sleeping burden, totally flaked in my arms, face full of sleep.* / Eu caminho pela rua, a bebê é um fardo doce adormecido, desmaiada por completo nos meus braços, o rosto cheio de sono” (p. 46).

Em *Troia*, Bonnie está preocupada por achar que ela não é uma boa mãe para Rachel. “Por meio da narrativa, a maternidade é retratada em relação às emoções complexas e contraditórias do narrador. Sentimentos de inadequação quanto ao seu papel de mãe e esposa invadem a narradora desde o começo”⁶⁹ (Gallagher, 2014, p. 129).

Mesmo cuidando de Rach a cada choro, carregando ela consigo nos seus passeios, Bonnie acredita que não desempenha seu papel de mãe adequadamente. “*The*

⁶⁹Throughout the narrative, motherhood is depicted in relation to complex and contradicting emotions of the speaker. Feelings of inadequacy towards her role as mother and wife invade the narrator from the very beginning.

bus ride to Mexico City, full of this, I am constantly with the baby on my lap, broken-hearted at every spell of crying, the frustration of not being a very good mother really – trying to groove, trying to groove under the circumstances / A viagem de ônibus pra Cidade do México, cansada disso, eu estou sempre com a bebê no meu colo, coração partido a cada choro, a frustração por não ser uma boa mãe de verdade – tentando dançar conforme a música sob essas circunstâncias” (p.09).

Sua preocupação em não ser uma boa mãe se estende à sua preocupação sobre o que os outros podem pensar. Bonnie não quer incomodar seus amigos com o choro da bebê, então passa as noites de um lado para o outro cuidando de Rach *“I go to her in the absence of lights at Ray’s orders to shut her up, or alone worried to bother our host and hostess so, I walk up and down for hours – the vigil with Rachel until dawn. /* No escuro, eu vou até ela porque Ray manda que eu a cale ou porque estou preocupada em incomodar nosso anfitrião e nossa anfitriã então, eu subo e desço por horas –a vigília com Rachel até o amanhecer”. (p. 20). Ela também não quer ser criticada pelas outras mulheres que julgam saber mais sobre como cuidar de sua que ela *“so I wrap up baby in some kind of clothes with hope enough of everything clean not to bring any righteous anger on my incapable head from good-doing Mexican mothers, or more likely spinsters who don’t know what it’s like anyway /* então eu enrolo a bebê em algum tipo de roupa com esperança suficiente de que tudo esteja limpo pra que nenhuma boa mãe mexicana fique com raiva de mim ou mais provável das solteironas que não sabem como isso é de qualquer forma” (p. 28).

Bonnie se esforça ao máximo para conciliar suas duas identidades, mãe e prostituta. *“It has been hard for the baby Rachel up to this time and I would like for her to get healthy and also allow me some respite from care of her to become what is necessary. /* Tem sido difícil pra bebê Rachel até agora e eu queria que ela ficasse saudável e, também, me permitisse algum descanso dos seus cuidados pra me tornar o que é necessário.” (p. 52).

Ela entende que cuidar de Rachel exige esforço e tempo que ela não tinha. Era necessário conseguir dinheiro porque a situação de sua família era complicada. Assim, ela decide deixar sua irmã levar Rach para passar um tempo em sua casa, e, enquanto isso, Bonnie poderia sair para procurar clientes sem precisar pensar com quem deixar a bebê.

But I left the baby behind with J; you see I thought it was the end of the world for me, and I had not been sure all along if I wanted Rachel to participate in that with me so I left her behind with J who would have

made her a good mother anyway. I wish I could have left her there longer, but they wouldn't let me cross the border without her, so I had to retrace my steps.... (p. 36)

Mas eu deixei a bebê com J; entenda, eu pensei que era o fim do mundo pra mim e durante todo esse tempo eu não tinha certeza se eu queria que Rachel participasse disso comigo, então eu deixei ela com J que de qualquer jeito seria uma boa mãe pra ela. Eu gostaria de poder deixar ela lá por mais tempo, mas eles não me deixariam cruzar a fronteira sem ela, então eu tive que rever meus passos...

No decorrer de *Troia*, “Rachel é uma presença fantasma, [...] com quem parece que Frazer conversa por meio das cartas [...]. Destemida, incorrupta, aberta à maravilha natural, esta construção de Rachel é uma inocente versão de sua mãe, uma sombra elegíaca de Frazer”⁷⁰ (Johnson & Grace, 2002, p. 172).

Bonnie e Rachel possuem uma relação intrínseca; enquanto a bebê é branca, a mãe se torna negra. Essa relação é explicada por Kurt Hemmer no ensaio *The Prostitute Speaks: Brenda Frazer's Troia: Mexican Memoirs*. Para ele (2003, p. 112) “enquanto Rachel é natural, branca e pura, Frazer se torna cada vez mais negra ao se expor ao sol, enquanto ela caminha nas ruas mexicanas sujas em busca de dinheiro. [...] A escuridão de Frazer se torna um significante de seu estado de queda”⁷¹. Ou seja, Bonnie precisava se prostituir e ficar escura, para conseguir meios de sustentar sua filha, “*oh, my soul, my Rachel, I will turn black to get you back... / ah minha alma, minha Rachel, eu vou ficar preta pra ter você por perto....*” (p. 19).

Assim, mãe e filha dependiam uma da outra. Bonnie precisava de Rachel para conseguir ficar hospedada em alguns lugares porque as pessoas sentiam pena da bebê e Rachel precisava de Bonnie para crescer e se manter saudável.

We would not have been allowed to stay at Mocambo as long as we did except for the return of Rachel – as much of a problem as feeding her was, and the main reason for me going on the streets, Rachel was one of the keys to our survival in this destitute period – everyone loved her and all we had to say, or not say, to our host was, what will happen to the baby – and we were allowed to stay. (p. 31)

Nós não teríamos conseguido permissão pra ficar em Mocambo por tanto tempo quanto ficamos exceto pelo retorno de Rachel – muito pelo problema que era alimentá-la e a principal razão pra eu ir pras ruas, Rachel era uma das chaves pra nossa sobrevivência neste período de necessidade – todos amavam ela e tudo que precisávamos dizer ou não dizer pros nossos anfitriões era: o que vai acontecer com a bebê – e nos deixavam ficar.

⁷⁰Rachel is a ghostly presence, [...] whom Frazer seems to speak to throughout the letters [...]. Unafraid, uncorrupted, open to natural wonderment, this construction of Rachel is an innocent version of her mother, an elegiac shadow of Frazer.

⁷¹While Rachel is natural, white, and pure, Frazer becomes increasingly dark with her exposure to the sun, as she walks the dirty Mexican streets in search of money. [...] Frazer's darkness becomes a signifier for her fallen state.

Essa relação de “cumplicidade” entre as duas não é visível apenas nos momentos de dificuldade. Elas eram felizes mesmo com tantos desafios e preocupações como escrito/questionado por Bonnie “*Rachel and I sit in a beach chair smiling at each other’s smiles, growing smilier with smiling. Who says we weren’t happy? / Rachel e eu sentadas numa cadeira de praia sorrindo pros sorrisos uma da outra, ficando mais risonhas com os sorrisos. Quem disse que não fomos felizes?*” (p. 45).

Não era apenas a maternidade que exigia o sacrifício de Bonnie. Sua sexualidade e seu casamento também exigiam sacrifícios, já que a sociedade da época oprimia as mulheres para exaltar os homens. Hemmer (2003, p. 108) destaca que:

Um dos aspectos mais insidioso da cultura de contenção dos anos 1950 era a tácita implicação do sacrifício feminino. Em nome da segurança, era esperado que as mulheres sacrificassem sua sexualidade para amenizar as inseguranças masculinas, sacrificassem quaisquer expectativas de participar do domínio público para garantir a segurança doméstica e submetessem seus desejos aos desejos de seus maridos.⁷²

Para Bonnie, o casamento com Ray seria uma fuga da vida regrada que ela tinha com seus pais, contudo, ela percebe que esse relacionamento era uma continuidade da sua vida de sacrifícios.

I thought that marriage was an end to all my problems, but it was more than that; it was a new life, and that I had to work my way though six months of it as isolated as I had been previously all my life, with little encouragement and little direction of my own, was a tragedy. (p. 03)

Eu achei que o casamento era a solução dos meus problemas, mas era mais que isso, era uma vida nova, e o fato de eu ter que dar meu jeito por seis meses tão isolada quanto sempre fui na minha vida, com pouco encorajamento e pouca noção de mim mesma, foi uma tragédia.

Após se casar e engravidar, as responsabilidades de Bonnie seguiam os papéis sociais de uma dona de casa e mãe. Seu marido decidia o que seria feito e ela deveria aceitar para o bem da família. Foi ideia de Ray torná-la a chefe da família ao mandá-la se prostituir. Ela entregava o dinheiro para ele, pois cabia ao homem decidir como seriam feitos os gastos. Assim, Bonnie permanecia insegura e amedrontada em relação ao seu papel de mãe e esposa.

⁷² One of the more insidious aspects of 1950s containment culture was the tacit implication of female sacrifice. In the name of security, women were expected to sacrifice their sexuality to ease the insecurities of men, sacrifice any expectations of entering the public domain to ensure domestic security, and subordinate their desires to the desires of their husbands.

Was my fear at this time all composed of not being able to handle external circumstances, afraid I would be not able to keep Rachel healthy, or at least not crying (and that was a feat I didn't often succeed in), and not to be able to satisfy Ray – what was happening in his head, something similar? And it all was so extremely personal, this service of responsibility, that the failure of it and maybe the success I have not had much chance to experience up to this point was a very lonely things; we were not really helping each other too much now. (p. 09)

Todo o meu medo neste momento era de não ser capaz de lidar com as circunstâncias, de não ser capaz de manter Rachel saudável ou pelo menos sem chorar (uma proeza na qual nunca fui boa), de não ser capaz de satisfazer Ray? – o que estava passando pela cabeça dele, seria algo parecido? Tudo era tão pessoal, essa ideia de responsabilidade, que o fracasso, ou talvez o sucesso que eu não tive a chance de experimentar até agora, era algo muito solitário; já não estávamos mais nos ajudando muito.

Algumas vezes, Bonnie sente-se incomodada com essa submissão ao seu marido, mas, ainda, não tem coragem, de controlar seus passos. Com isso, ela continuava a exercer seu papel de mãe e esposa, deixando que Ray decidisse o que ela e a bebê deveriam fazer.

He decided to stay in Mexico City for twenty-hours more while it is decided for me that I will travel to Veracruz by bus with N and the baby. Ah bitter, I was not about to accept with grace my maidenly burdened-by-baby responsibility at this particular time. I should have put my foot down instead of being shuffled, because see what it did in rebellion (sure! almost sure! suspecting something really wrong since Matamoros – that Ray had already set his eye on something that didn't include me – what could it be – my perceptions were not sharp) and my survival reflexes were working overtime, I guess. (p. 15)

Ele decidiu ficar na Cidade do México por mais vinte e quatro horas enquanto foi decidido que eu iria pra Veracruz de ônibus com N e a bebê. Ah, droga, eu não ia aceitar com graça o meu fardo de moça de responsabilidade com a bebê nesse momento específico. Eu devia ter batido o pé ao invés de ser vacilona porque veja o que isso fez na rebelião (com certeza! Quase certeza! Suspeitando de que algo estava errado de verdade desde Matamoros – que Ray já tinha colocado os olhos em algo que não me incluía – o que poderia ser – minhas percepções não estavam afiadas) e meus reflexos de sobrevivência estavam fazendo hora extra, eu acho.

Enquanto tenta se adaptar a sua nova vida, como gringa, um intervalo que, segundo ela, dura quatro meses, Bonnie mantém suas atividades de esposa e mãe. Ela limpa a casa, faz compras, cuida da bebê...

I would almost jump this gap for my own sake, sweep the floor, wash the diapers, go to the store to be repeatedly embarrassed by people who obviously do not want to have anything to do with you (“let the “Gringa go first”) I point at three hot sausages and come black and white cookies and run quickly home. Next time, I try to get Ray to go but he won't. (p. 21)

Eu gostaria de pular este intervalo pro meu próprio bem, varro o chão, lavo as fraldas, vou ao armazém pra ser envergonhada, repetidas vezes, pelas pessoas que, é óbvio, não querem ter nada a ver com você ("deixe a *Gringa* ir primeiro") eu aponto pra três salsichas picantes e alguns biscoitos pretos e brancos e corro ligeiro pra casa. Na próxima vez, eu tento fazer o Ray ir, mas ele não quer.

Bonnie se preocupava em cuidar de sua família para que ela estivesse bem e desejava que Ray cuidasse dela. Característica da sociedade em que ela viveu por muito tempo. “[...] *reality exerting myself to keep the baby content and to gain Ray’s favor. / a realidade me forçando a manter a bebê contente e a ganhar a proteção de Ray*”. (p. 25). Quando ela estava com problemas para conseguir clientes, Ray vai à caça, ela fica em casa esperando e cuidando de Rachel, quando a caça chegasse, ela faria seu papel. “[...] *try to make the baby comfortable and hope there will be no one outside the house when ray comes home with his catch. / tento deixar a bebê confortável e desejo que não tenha ninguém fora de casa quando Ray chegar com sua caça*”. (p. 34).

Após esse período inicial de adaptação e submissão, Bonnie começa a conquistar sua autonomia por meio de sua sexualidade. Gallagher (2014, p. 111) afirma que:

Ela argumenta que a sua prostituição não era apenas por dinheiro, mas também um meio de ganhar autonomia através da sua sexualidade. Ela admite ser atraída e enojada com a sua sexualidade e reconhece a luta psicológica que uma prostituta encara. O sexo se torna apenas um método para ganhar dinheiro, mas está, também, intimamente associado à sobrevivência.⁷³

O sexo faz dela a chefe da família e faz com que ela decida lutar para manter sua filha segura e saudável e tentar tirar seu marido da cadeia. Enquanto Ray está preso, é ela quem decide com quem sair e onde procurar clientes, assim, ela assume o controle sobre seu corpo. Essa “autoridade” é confirmada no trecho em que Bonnie se compara a personagem Juliette: “*I had taken along a de Sade book and read a little of it before sleep each night; it is Juliette, a story of a whore, like me. / Eu tenho levado comigo um livro de Sade e leio um pouco antes de dormir todas as noites; é Juliette, uma história duma puta, como eu*”. (p.60).

De acordo com Hemmer (2003, p. 100):

Assim como Juliette, Frazer representa uma ameaça à cultura da qual ela emerge. A exaltação de Apollinaire sobre a resistência de Juliette às

⁷³ She argues that her prostitution was not only for money, but also a means of gaining autonomy over her sexuality. She admits to being both attracted to and disgusted by her sexuality and acknowledges the psychological struggles that a prostitute faces. Sex becomes merely a method to gain money, but it is also inextricably associated with survival.

restrições opressivas da conduta moral francesa do século XVIII é apropriada à resistência de Frazer à América pós-guerra a qual, atualmente, alguns estudiosos chamam de cultura de contenção. Ao associar-se a Juliette, Frazer declara controle sobre sua mente e seu corpo que as metanarrativas americanas de seu tempo negaram insistindo que as mulheres sacrificassem seus desejos para a estabilidade da família americana.⁷⁴

Estar no controle do seu corpo e de sua mente permite que ela se sinta mais segura em relação à sua vida e sua capacidade de cuidar dos negócios. Bonnie cria um círculo de amizades no decorrer de sua jornada. Essas pessoas são clientes, prostitutas e vizinhos. Quando ela precisa de dinheiro, visita os clientes que não negam atenção a ela; quando precisa de novos clientes, conversa com outras prostitutas e quando precisa que alguém cuide de Rachel para ela conseguir dinheiro, os vizinhos estão sempre dispostos. Esses laços permitem que ela se sinta mais à vontade no México e mais dona de si, pois pode tomar decisões sobre sua vida sem obedecer às ordens de seu marido ou sem seguir às regras da sociedade tradicional em que vivia.

Quando um cliente segue Bonnie até em casa após ficar a observando ela e sua família em um café, ela se surpreende com a coragem dele de seguir uma mulher com uma criança nos braços. Como ele insiste, ela decide aceitar a proposta dele sem falar com Ray, o que demonstra que ela estava assumindo o controle do seu corpo.

He has followed me all the way home, he says (I am insulted that anyone would have me figured in spite of all appearances against it – the baby in my arms!) he wants to take me out; I say no, emphatically, meaning it; he continues to walk with me. Then I decide to give him a try, he can come home with me and wait for my husband, then we will decide, oh sensuousness, oh easy con, who is conning whom? [...] We do not wait for Ray, but make it. (p. 46-48)

Ele me seguiu durante todo o caminho pra casa, ele diz (eu estou insultada porque alguém tinha me notado apesar de toda a minha aparência contra isso – a bebê nos meus braços!) ele quer sair comigo; eu digo não, enfática, de verdade; ele continua a caminhar comigo. Então eu decido dar a ele uma chance, ele pode vir pra casa comigo e esperar o meu marido, então nós decidimos, ah sensualidade, ah trapaça fácil, quem está enganando quem? [...] Nós não esperamos por Ray, saímos.

No final da noite, após terem ficado juntos o dia todo, o cliente paga a Bonnie 500 pesos, o que faz com que ela se sinta um sucesso e ganhe confiança em si mesma: “*I see it is 500 pesos, oboy, I am a success.* / vejo que são 500 pesos, pô, eu sou um

⁷⁴ Like Juliette, Frazer represents a treat to the culture from which she emerges. Apollinaire’s praise of Juliette’s resistance to the oppressive constraints of eighteenth-century French moral conduct is applicable to Frazer’s resistance to postwar America, which some scholars now refer to as containment culture. Associating herself with Juliette, Frazer affirms a control over her mind and body that American metanarratives of her time denied her with their insistence on women sacrificing their desires for the stability of American households.

sucesso” (p. 50), mas nada a satisfaz mais que saber que fez um ótimo trabalho e que está voltando para casa com dinheiro, que é a sua maior necessidade: “*after all of that, the greatest pleasure is to go home with the bread.* / depois de tudo isso, o melhor prazer é ir pra casa com a grana” (p. 51).

Sua autonomia continua quando ela começa a escrever as cartas para Ray porque assim era possível demonstrar para ele como ela se sentia em relação aos acontecimentos daquele ano no México. Portanto, por meio da escrita os sentimentos de Bonnie são demonstrados e “discutidos”, permitindo que ela se liberte das opressões sofridas até então. Cunningham (2011, p. 18) explica que:

Ao aliviar a sua dor na página e escrever por e para ela mesma, Frazer esclarece a sua dor enquanto endereça sua memória para Ray, demonstrando para ele o silêncio e o desespero que ela sentia. Escrita como se estivesse vomitando imagens e informações, Frazer se purifica, procurando um final enquanto as feridas cicatrizam.⁷⁵

Um exemplo dessa busca pela purificação e pelo alívio das suas dores é observado no trecho em que ela afirma “*Damn the pain; it must be written. Damn reality that all the present infections have to be drained from a stopped hole. Damn the metaphors and the scariness; it is the fever taking over.* / Dane-se a dor; isso tem que ser escrito. Dane-se a realidade de que todas as infecções presentes sempre têm que ser drenadas dum buraco já estancado. Danem-se as metáforas e o medo; é a febre tomando conta” (p. 43). Sua história deve ser escrita para que Ray compreenda como ela se sentia e para que, assim, ela consiga seguir sua vida.

Já na introdução de suas memórias, Bonnie afirma que sua escrita não está preocupada com técnicas, mas sim com o sentimento, a ideia é retratar como ela é e como foi a sua experiência no México.

In looking back, what's important is not the technique or lack of it, but those few minutes when you overcome frustration, bridge the gap, and hold something incredibly beautiful to you: the point where you don't see yourself anymore but you are there and OBOY, that's the way you really are. (p. 01)

E este é o ponto em que você começa a olhar para trás, o que importa não é a técnica ou a falta dela, mas aqueles breves minutos em que você derrota a frustração, preenche o vazio e guarda algo incrivelmente maravilhoso para você; o ponto no qual você não se vê, mas você está lá, PUTZ, é assim que você é de verdade... (p. 01)

⁷⁵ Releasing her ache to the page and writing by and for herself, Frazer illuminates her pain while addressing her memoir to Ray, showing him the silence and desperation she felt. Written as if she is vomiting images and information, Frazer is cleansing herself, looking for the end/time when the wounds heal.

Para que seja possível descrever como ela é de verdade, foi necessário alertar ao leitor que ela não se importava com a moral dele: “*That’s how much I care for your morals – clear enough? Get off my back – I will moan and groan in misery no more. / Isso é o quanto eu ligo pra sua moral – fui clara o suficiente? Larga do meu pé – não vou mais lamentar nem gemer*” (p.05). Essa atitude permite que “seu texto seja lido além das fronteiras da pornografia”⁷⁶. (Hemmer, 2003, p. 105)

Mais que escrever sobre sexo, ela escreve sobre a participação das mulheres em uma geração na qual os homens dominam a literatura:

Frazer deixa claro que a escrita de suas memórias é um ato mais para si mesma que para os seus leitores. Parte da iniciativa de ela criar seu livro foi para fazer parte da boy gang dos artistas Beat que ela admirava, mas ela também quis estabelecer uma comunidade onde as histórias das mulheres, como a dela mesma, fossem tão importantes quanto as histórias dos homens Beat. (Hemmer, 2003, p. 105)⁷⁷

As memórias de Bonnie retratam a importância das escritoras Beat na sua construção como sujeito de suas histórias. Nesta seção, os comentários sobre o capítulo traduzidos foram breves e apenas apontamentos sobre assuntos pertinentes à produção literária Beat. No decorrer do primeiro livro/capítulo de *Troia*, nota-se que o discurso doméstico está presente em cada cena, a maternidade relaciona-se com a sexualidade e a busca por autonomia e reconhecimento em uma sociedade que critica as mulheres, ainda mais quando essa sociedade não é o seu lugar de origem.

Na seção a seguir, são feitas algumas considerações sobre o processo de tradução das memórias de Bonnie. Por exemplo, as dificuldades encontradas ao se tentar traduzir a oralidade e o fluxo de consciência de Bonnie.

5.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO DAS MEMÓRIAS DE BONNIE

No decorrer do processo de tradução do primeiro capítulo do livro de memórias de Bonnie Bremser, surgiram diversas dificuldades em relação ao vocabulário utilizado

⁷⁶By putting her reader on the defensive in her introduction, she opens up the possibility for her text to be read beyond the confines of pornography.

⁷⁷ Frazer makes it clear that the writing of her memoirs is an act more for herself than for her readers. Part of the incentive she felt in creating her book was to become part of the boy gang of Beat artists she admired, but she also wants to establish a community where the stories of women, like her own, are as important as the stories of Beat men.

por ela, ao seu estilo e à interpretação do seu texto. Ainda, a inexperiência com processos tradutórios interferiu (negativamente) na fluidez do texto traduzido.

Memórias Mexicanas é um texto marcado pela oralidade e pela falta de sequência, como a própria autora afirma no decorrer de sua obra:

I know that continuity is necessary, and I do my best up to a point, but I believe in distortion – I believe that if you get to a place where something is taking shape and want badly to comprehend the thing that you have created, supposedly for yourself (since everything is personal anyway), then my only old thing to fill the gap will do – and that is the point where you come in... in looking back, what's important is not the technique or lack of it, but those few minutes when you overcome the frustration, bridge the gap, and hold something incredibly beautiful to you; the point where you don't see yourself anymore but you are there, and OBOY, that's the way you really are... (p. 01)

Eu sei que a continuidade é necessária e até certo ponto faço o melhor que posso, mas eu acredito em distorção – eu acredito que se você chega a algum lugar onde as coisas estão ganhando forma e quer compreender aquilo que você criou, supostamente por você mesma (já que tudo é pessoal mesmo), qualquer coisa velha serve pra preencher o vazio – e este é o ponto onde você chega... e olha pra trás, o que importa não é a técnica ou a falta dela, mas aqueles breves minutos em que você derrota a frustração, preenche o vazio e guarda algo incrivelmente maravilhoso pra você; o ponto no qual você não se vê, mas você está lá, POXA, é assim que você é de verdade...

Bonnie lembra que precisa manter uma sequência, mas como já é esperado, ela não consegue, justamente porque escreve de acordo com os sentimentos e as lembranças que vão surgindo, ou seja, seu fluxo de consciência:

But I want to be alive, want to preserve my dream. This daily seeking has an end in my head so CAPITALIZE it. The revolution is starting tomorrow as I can start a revolution any time I like in my head.... I am getting too far out again, but that is nothing new. (p.37)

Mas eu vou falar, falar tudo, sem um final ou um começo, eu estou ficando nervosa com a imensidão de novo. Mas eu quero estar viva, quero preservar o meu sonho. Na minha cabeça essa busca diária tem um fim então APROVEITE. A revolução vai começar amanhã porque eu posso começar uma revolução a qualquer momento na minha cabeça.... eu estou me perdendo de novo, mas não é novidade.

Outro exemplo da consciência de Bonnie de que ela está escrevendo sua história de acordo com suas lembranças, é o trecho a seguir no qual ela percebe que está, novamente, contando fatos futuros:

But I am getting ahead of my story and run the risk of telling various endings first and never getting back to the middle, leaving it like that. Excuse my timeless sentences, I want to experience it all over again, so take it on me to flash back again as necessary. (p.42)

Mas eu estou adiantando a minha história e corro o risco de contar vários finais antes e nunca voltar pro meio, deixando assim. Me desculpa pelas frases atemporais, eu quero sentir tudo de novo, então deixa comigo que eu volto de novo quando necessário.

Paulo Henriques Britto (2012) no seu livro *A Tradução Literária* discorre sobre as características que envolvem o processo tradutório focado na oralidade. Dentre elas está a preocupação com o significante, com as palavras intraduzíveis e com as marcas fonéticas, lexicais e morfossintáticas da oralidade.

A oralidade de Bonnie em *Troia* é observada, por exemplo, pelo uso de abreviações e gírias. Como “em”, “ain’t”, “gotta” e “Bread” nos trechos a seguir:

“fuck’em, if they want me they can come after me, but they better be fast, and what’s more, attractive”. (p.41)

“take ‘em while they’re proud and happy in Veracruz and put a twist on things”. (p.66)

“Oh, I am inscrutable, too, even to myself, and don’t think, oh reader and thrill seeker, that ain’t the real payback”. (p.05)

“but something you gotta watch out for yourself and find people caring for what is most close to them”. (p.27)

“he lays bread on me in installments”. (p.38)

Em *Troia. Memórias Mexicanas* uma das marcas da oralidade foi feita pela omissão da vogal “a” na preposição “para” e pela junção de artigos com preposições, como em “pro”, no qual “para o” teve a vogal “a” substituída pelo artigo “o”, também ocorre essa junção em “dum” que seria “de um” e “num” que é a abreviação de “em um”. Essa escolha acontece porque “a correspondência não pode se limitar ao plano do significado [...] o que implica que várias características do plano do significante terão de ser recriadas, sintaxe, registro linguístico.” (Britto, 2012, p. 59). Portanto, para recriar a oralidade de Bonnie foi necessário utilizar essas abreviações.

Bonnie inicia seu texto marcando a oralidade desejada, assim, a tradução inicia com “pra”, demonstrando que o texto é escrito e caracterizado pelas marcas orais da língua.

... First off I want to tell a few really important things about me. (p. 01)
... Pra começar, eu quero contar algumas coisas importantes sobre mim.

The ideal covering for my body is sunlight, and in sunlight I will be admired
(p. 02)

A roupa ideal pro meu corpo é a luz do sol e vestida de sol eu vou ser admirada

Lucy breezes in on a distinguished wind from Acapulco (p.51)

Lucy surge dum vento distinto vindo de Acapulco

I step into a taxicab, disembarked from the Veracruz ADO bus station.(p.61)

Eu entro num táxi, desembarco na estação de ônibus ADO de Veracruz.

As memórias de Bonnie são caracterizadas por frases incompletas, o que causa um estranhamento e certa dificuldade na compreensão do seu texto. Manter essa estranheza no texto traduzido foi uma das complicações encontradas no processo tradutório, pois, de acordo com o princípio de Meschonnic, descrito por Britto (2012, p. 67), é necessário que se mantenha o “marcado pelo marcado e o não marcado pelo não marcado”, conforme explica Britto (2012, p. 67):

Cabe ao tradutor utilizar, na tradução, algum elemento que suscite no leitor nativo da língua de chegada o mesmo grau de estranhamento, nem mais, nem menos, que a passagem original provocaria no leitor da língua-fonte. Não cabe ao tradutor criar estranhezas onde tudo é familiar, tampouco simplificar e normalizar o que, no original, nada tem de simples ou de convencional.

Ao relembrar a cena em que ela está em Mocambo com um cliente em um hotel, ela fragmenta suas frases, fazendo com que a situação seja deduzida. Na tradução, essa fragmentação foi mantida a fim de causar o estranhamento mencionado por Britto.

*Mocambo, white mosque hotel and arced swimming pool of underwater
give her a crazy blow job.*(p.70)

Mocambo, hotel branco da mesquita e a piscina subterrânea arqueada, faz pra ela um boquete louco.

Quando um texto é escrito, ele representa a cultura de um povo – pode ser a cultura do escritor, da época em que o texto foi escrito, de um local, etc. –. Portanto, ao traduzir esse texto, é necessário pensar na cultura envolvida e demonstrá-la. Assim como a cultura, a linguagem de cada povo é particular e, por isso, algumas palavras são intraduzíveis, ou seja, “uma palavra de um idioma designa algo a que nada corresponde no outro idioma porque a “coisa” a que ela se refere [...] inexiste na cultura desse outro

idioma” (Britto, 2012, p. 16). A solução nesses casos é explicar o que essas palavras querem dizer.

Quando Bonnie sai para passear e encontra um garoto, ela descreve que ele está usando “bicycle clips”. Na cultura americana, mais dos anos 50 e 60, era comum utilizar um tipo de clips para prender/segurar calças com barras muito largas porque elas enroscavam no pedal. Na cultura brasileira e, portanto, na sua linguagem, não há nada que seja equivalente ou que caracterize esse clipe, assim, foi necessário explicar, no decorrer da frase/tradução o que viria a ser esse objeto utilizado pelo rapaz.

I go for a prophetic bus ride to the place where a young jiver in baggy pants, fixed suave style with bicycle clips asks me if I am waiting for someone – oh, the universe I am to grow accustomed to in Mexico. (p. 17)

Eu saio pruma volta de ônibus profética pro lugar onde um cara de estilo suave e firme com calças largas e presas com cliques pra não enroscar no pedal da bike, me pergunta se eu estou esperando por alguém – ah, o universo que vou me acostumar no México.

De acordo com Britto (2012, p. 92) há três marcas de oralidade: “marcas fonéticas, lexicais e morfossintáticas”. As marcas fonéticas já foram exemplificadas acima quando foi comentada a abreviação dos artigos e das preposições, observado em “pra, pro, dum, duma, num, numa, etc.”.

As marcas lexicais representam outra dificuldade encontrada na tradução das memórias de Bonnie. Essas marcas representam as gírias que podem ser tornar coloquialismo, ou seja, quando uma gíria começa a ser utilizada com frequência e passa a fazer parte do vocabulário de um determinado povo (e incluídas em dicionários), ela deixa de ser uma gíria e passa a ser um coloquialismo. (BRITTO, 2012, p. 95).

Na introdução do livro, Bonnie escreve sobre seguir padrões. Ela explica que é necessário manter o padrão na escrita, mas que não é um processo fácil, justamente porque ela segue o fluxo de sua consciência. Quando menciona seguir um padrão, ela escreve sobre “rivets on a plank”, ou seja, a imagem de rebites em uma tábua pregados simetricamente formando um padrão. A dúvida sobre essa “imagem” ser uma gíria ou não continua sem explicação, dificultando a sua tradução. Com isso, optou-se pela tradução literal.

Funny that I should come so late, so weak and confused to explain the basis of it all, to fall back on the poetic pattern, spoken rivets on a plank. Lord, let me keep on with the pattern. (p.04)

É engraçado como cheguei tão tarde, tão fraca e confusa pra explicar a base de tudo, pra voltar pro padrão poético, rebites falados em tábuas. Senhor, me deixe continuar com o padrão.

Por outro lado, a marca lexical representada pela gíria “bread” que tornou-se coloquial, faz parte do vocabulário da língua inglesa, assim como a palavra “grana” na língua portuguesa. Assim, foi possível encontrar um equivalente para ela.

he lays bread on me in installments. (p.38)
ele libera a grana em prestações.

after all of that, the greatest pleasure is to go home with the bread. (p. 51)
depois de tudo isso, o melhor prazer é ir pra casa com a grana.

Muitas vezes no ato da fala, os pronomes retos são colocados antes do verbo, ocupando posição de objeto ou pelo uso da próclise ao invés de ênclise. Essa marca da oralidade é classificada por Britto (2012) como marca morfossintática. Essas marcas são as mais úteis porque não caem em desuso e permitem que o texto apresente verossimilhança. Essa foi a segunda estratégia mais utilizada na tradução de *Troia* para demonstrar a oralidade do texto de Bonnie.

we see him coming from blocks away; as the Mexicans do us, he is strange, an entourage of Mexicans under his command (p.22)
nós conseguimos ver ele a algumas quadras de distância; como os mexicanos são parecidos pra nós, ele é muito estranho, uma comitiva de mexicanos segue os comandos dele

frantic, and ready to leave him, she tell Ray (not a word to me) that N is drunk and she thinks he's going to kill her... (p.23)
agitada e pronta pra deixar ele, ela conta pra Ray (nenhuma palavra pra mim) que N está bêbado e ela acha que ele vai matar ela...

the square-shaped park of the plaza slices into immaculate pie sections of bench backs and miniature trees twisting with symmetrical bald branches (p.26)
o parque com formato quadrado da praça se divide em pedaços imaculados de torta em bancos e árvores em miniatura balançando com galhos secos simétricos,

I must be excused for my emotions outbursts (p.29)
Me desculpem pelas minhas emoções descontroladas

Outra forma de marcar a oralidade de forma morfossintática exemplificada por Britto (2012) foi a utilização do pronome sujeito em casos nos quais o verbo conjugado já deixa claro quem é o sujeito da frase como, por exemplo, “eu sou, eu tenho, eu gosto, eu abandonei, eu acreditei, etc.”.

Here is the way I really am: I HAVE GOT PLENTY OF NOTHING,
Eis o que eu sou: EU TENHO MUITO DE NADA

I like to think of other people helping me.
Eu gosto de pensar nas outras pessoas me ajudando.

But the dream had grown freshly when I met Ray, and when they took him from me the first time, I abandoned my hope and have up the faithfulness and the dream I had so implicitly believed in. (p.03)

Mas o sonho reapareceu quando eu encontrei Ray e, quando eles tiraram ele de mim pela primeira vez, eu abandonei minha esperança e desisti da fidelidade e do sonho em que eu acreditei às cegas.

But I am tolerant for once, maybe even glad, I want to flake, a couple of hours of peace, unmoving. But there is no peace for our bodies, more food for the soul on top of all the rest, and maybe it is better, the truth, full of food in Mexico ... (p.13)

Mas eu estou sendo tolerante pela primeira vez, talvez até agradecida, eu quero descansar, algumas horas de paz, sem me mexer. Mas não há paz pros nossos corpos, mais alimento pra alma acima de tudo, talvez isso seja melhor, a verdade, a alma alimentada por completo no México...

Há várias formas e meios de traduzir a oralidade de Bonnie. Contudo, seu texto foi escrito nos anos 1960, dificultando, em alguns momentos, a compreensão do que exatamente ela queria afirmar. Ou, então, impossibilitando a correspondência de palavras e sentidos. Britto (2012, p. 117) destaca que “o tradutor precisa ter consciência de que, estruturalmente falando, nem tudo é traduzível; em certas circunstâncias, o máximo que ele pode conseguir é uma solução muito insatisfatória”.

Em vários momentos da tradução do primeiro capítulo/livro das memórias de Bonnie a solução encontrada foi insatisfatória, como na tradução da pergunta “*why did you call in the witch?*” (p.40). Não foi encontrada nenhuma referência a expressões da época que poderiam explicar esse questionamento, assim, sua tradução ficou literal, “por que você chamou a bruxa?”, causando estranhamento e insatisfação.

A mesma insatisfação ocorreu na tradução de “OBOY” em “*but you are there, and OBOY, that’s the way you really are...*” (p.01). Não foi encontrada uma solução sonora e temporal que equivalesse a essa palavra, sendo assim, traduziu-se por “mas você está lá, POXA, é assim que você é de verdade...”. Outra opção seria traduzir por “PUTZ”.

Esses pequenos apontamentos não abrangem toda a complexidade da tradução do texto de Bonnie. Tentar traduzir sua oralidade requer mais revisões e pesquisas, pois um texto tão importante para a literatura deve ser melhorado a fim de ser uma fonte de pesquisa para compreender melhor a participação das mulheres na Geração Beat.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geração Beat surgiu como movimento de contracultura no final dos anos 1950 e início dos anos 1960s. O intuito desse grupo de amigos era gozar a vida por meio de viagens e criticar a política e a sociedade da época por meio da literatura. Essa geração ficou conhecida pelos seus precursores Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs.

Contudo, apesar de pregarem a liberdade de expressão, os homens Beat viam as mulheres da mesma forma que a sociedade que eles tanto criticavam. Para eles, elas deveriam cuidar dos afazeres domésticos, como cozinhar, lavar, limpar, educar os filhos e, ainda, datilografar os poemas de seus “companheiros” e apoiá-los em suas jornadas.

A partir da leitura de textos críticos e literários – como *On the Road* de Jack Kerouac – percebe-se que as mulheres eram figuras secundárias aos olhos masculinos no decorrer da Geração Beat. Enquanto os homens colocavam o pé na estrada em busca de aventuras, as mulheres ficavam nas comunidades cuidando dos afazeres domésticos. Infelizmente, essa atitude era um reflexo da sociedade patriarcal da época que essa geração tanto criticava.

O que os homens Beat não enxergavam, era que suas musas eram, na verdade, mulheres em busca de autonomia, escritoras que produziram tanta literatura quanto eles e que criticavam a sociedade da época na mesma intensidade que eles além de, é claro, de criticarem os próprios homens Beat.

A sociedade dos anos 1950 entendia que as mulheres que decidiam sair de casa para viver em comunidades eram rebeldes e sombrias. O fato de elas vestirem roupas pretas intensificou as deduções de que elas eram garotas perdidas e que precisavam ser tratadas. Enquanto isso, os homens que viviam com elas nas comunidades Beat as viam como “silent chicks”, garotas silenciosas que satisfaziam seus desejos, cuidavam deles e da comunidade sem se manifestarem.

Tanto a sociedade quanto os homens Beat estavam errados ao considerarem essas mulheres sombrias e silenciosas. Sua voz e sua participação na Geração Beat foi/é tão grande que elas representaram três ondas nessa geração. As primeiras escritoras Beat questionavam a produção literária tradicional, assim como seus parceiros Beat. As mulheres da Segunda Geração frequentavam a faculdade e criticavam a produção literária focada na opressão e na subordinação das mulheres. Como continuação desse movimento em busca de autonomia, as escritoras da Terceira Geração falavam sobre as lutas das mulheres.

Dessas três ondas surgem trabalhos e produções literárias significativas para a compreensão da participação das mulheres na Geração Beat. Entre essas produções, estão as memórias das escritoras Beat da segunda geração. Nessa pesquisa, entende-se que memórias são textos literários que misturam fatos reais (não-ficção) com fatos imaginários (ficção) de um determinado momento da vida da pessoa em questão, no caso, das mulheres/escritoras Beat, permitindo, assim, uma escrita literária a essas mulheres, pois enquanto elas narravam os acontecimentos reais das suas vidas, elas também criavam histórias.

Assim, como observado no decorrer da análise das memórias de Bonnie, as memórias reinventam o passado ao (re)contarem as histórias das mulheres Beat e recriam o discurso doméstico que envolve ser mãe e estar na estrada, ter desejos e vontade próprias por meio da escrita não linear, lembrando fatos futuros ao mesmo tempo que narram de situações que já aconteceram.

A falta de linearidade nas memórias de Bonnie é observada, também, na narrativa *On the Road* de Jack Kerouac, o que seria uma aproximação dos dois textos. Contudo, em *Troia* não há o mesmo gozo pela estrada, pois há sofrimento e necessidade de autoafirmação, além de (re)escrever as características do discurso doméstico.

A maternidade para as mulheres Beat que estavam na estrada dificultava o gozo da liberdade que a estrada sugeria. As relações sexuais se tornavam restritas porque era necessário cuidar dos filhos. As narrativas das mulheres Beat, como demonstrado em *Troia*, estão repletas de situações cotidianas que envolvem o cuidado de uma criança; trocar fraldas, amamentar, acomodar o bebê são situações que vêm em primeiro lugar na vida de uma mãe Beat como Bonnie.

O sofrimento vivenciado por Bonnie é percebido no decorrer de seu texto principalmente porque ele foi escrito em forma de cartas para discutir a relação complicada que ela e Ray tiveram enquanto estavam no México, mas mais que isso, essas cartas foram a chave para a liberdade e a autonomia que Bonnie tanta buscava e desejava.

Por representar como era ser uma mulher na Geração Beat, há a necessidade de traduzir *Troia. Mexican Memoirs* de Bonnie Bremser, assim como todos os outros textos das escritoras Beat. A partir da leitura de suas obras, é possível compreender que essas mulheres lutaram por seus direitos e por sua voz, já que nos textos masculinos elas são representadas como caladas e submissas.

E, ainda, por criticar a sociedade patriarcal, demonstrar como os homens Beat atribuíam as tarefas domésticas às mulheres e ignoravam sua capacidade literária, por

reconstruir o passado e deslocar a mulher Beat de objeto para sujeito de sua própria história, estudar e analisar *Troia. Mexican Memoirs* se faz necessário, a fim de demonstrar como a estrada das mulheres Beat era influenciada pela maternidade, pela sexualidade, pelos papéis sociais e pelo casamento e como esses temas influenciaram na escrita literária e na vida de Bonnie Bremser/Brenda Frazer.

A maternidade modifica o jeito como as mulheres veem e vivem a estrada. Todas as suas atitudes estão relacionadas ao seus filhos, por exemplo, para ter relações sexuais era necessário encontrar alguém para cuidar da criança. Bonnie demonstra a influência da maternidade na sua vida no México ao relatar a dificuldade em ser uma boa mãe e manter Rachel saudável e ao mesmo tempo procurar clientes. Ela só consegue buscar relações sexuais após deixar sua filha aos cuidados de vizinhos, amigos ou de sua irmã.

A sexualidade de Bonnie é afirmada a partir das cenas de sexo que ela descreve. Para ela, as relações sexuais era uma forma de se conhecer e conquistar sua autonomia na escrita e na vida. Esse processo não foi fácil porque mesmo convivendo com o grupo Beat, a sociedade e os homens que a rodeavam exigiam um comportamento submisso, pois o papel social das mulheres da época era cuidar dos filhos, do marido e da casa.

Por meio de sua escrita, Bonnie alivia seu sofrimento e encontra sua subjetividade. No decorrer do primeiro capítulo/livro de *Troia* é possível sentir a dor, a angústia e a busca por salvação vivenciadas por Bonnie, além de encontrar características da sociedade Beat e da participação das mulheres nessa geração.

Por isso, traduzir o livro de memórias de Bonnie, ou pelo menos iniciar a sua tradução é relevante. No Brasil é possível encontrar apenas a tradução de um dos livros de Diane di Prima – *Memórias de uma Beatnik*, o que dificulta o estudo e as pesquisas sobre a influência das mulheres na Geração Beat, limitando o conhecimento apenas através do olhar masculino.

Contudo, traduzir as obras das escritoras Beat não é um processo fácil. Como observado em *Troia*, é necessário traduzir a oralidade presente no texto de Bonnie. Uma das formas de marcar a oralidade das memórias de Bonnie, foi a exclusão da vogal “a” na preposição “para”, ainda, foi possível marcar a oralidade pela troca da ênclise por próclise. Outras soluções não tão naturais foram encontradas, porém, ainda é necessário realizar outras pesquisas e revisões para que a obra chegue ao público brasileiro de maneira a contribuir nos estudos sobre feminismos e sobre a Geração Beat.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIZELLO, Aline Azeredo. *Caio Fernando de Abreu e Jack Kerouac: diálogos que atravessam as Américas*. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Documento eletrônico disponível na URL: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7420>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

BREMSER, Bonnie [Brenda Frazer]. *Troia: Mexican Memoirs*. Illinois: Dalkey Archive, 2007.

_____. Poets and Odd Fellows. In: CHARTERS, Ann. (ed.) *Beat down to your soul: what was the Beat Generation?* Nova York: Penguin Books, 2001. p. 18-25.

_____. *The Village Scene*. Sudbury: Water Row Press, 2000.

_____. Breaking out of D.C. In: PEABODY, Richard. *A Different Beat: Writing by Women of the Beat Generation*. Londres: High Risk Books, 1997. p. 60-64.

_____. I hear a trane, I hear you. *The unspeakable visions of the individual*. v.10, p.93-98, Califórnia, 1980.

_____. Fowl-play. *Fuck you: a magazine of the arts*. Nova York, v. 1, n.5, dez. 1962. Documento eletrônico disponível na URL: http://ubumexico.centro.org.mx/text/vp/fuck_you_a_magazine_of_the_arts_No5Vol1.pdf. Acesso em 12 de agosto de 2016.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 1996.

CASSADY, Carolyn. *Heartbeat: My Life with Jack and Neal*. Berkeley: Creative Arts Company, 1978.

_____. *Off the Road: Twenty Years with Cassady, Kerouac & Ginsberg*. Londres: Black Spring Press, 2007.

CUNNINGHAM, Katelyn. *From backburner to forefront: critical recollection and commitment to literary community in women beat. memoirs*. 2011. 28f. Tese (Doutorado em Artes) – Faculdade de Artes Liberal & Ciências Sociais, De Paul University, Chicago, 2011. Documento eletrônico disponível na URL: <http://via.library.depaul.edu/etd/99/>. Acesso em 10 de julho de 2015.

DI PRIMA, Diane. *Memoirs of a Beatnik*. Nova York: Penguin Books, 1998.

_____. *Recollections of my Life as a Woman: The New York Years*. Nova York: PenguinBooks, 2001

ENCARNACIÓN-PINEDO, Estíbaliz. Memoir as the reconstruction of history in women of the Beat Generation. In: FORSGREN, Frida; PRINCE, Michael J. (eds.). *Out of the shadows: beat women are not beaten women*. Norway: Portal Books, 2015. p.149-166.

_____. *Beat & Beyond: Memoir, Myth and Visual Arts in Women of the Beat Generation*. 2016. 477 f. Tese – Faculdade de Letras, Universidade de Murcia, Murcia. 2016.

FRIEDMAN, Amy L. I say my new name': women writers of the Beat Generation. In: LEE, Robert A., (ed.). *The Beat Generation Writers*. Londres: Pluto Press, 1996. p.200-216.

GALLAGHER, Sara. *Learning to be mad, in a dream: the Cold War and the birth of the Beat Generation*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Faculdade de Artes e Ciência, Trent University, Canadá, 2014. Documento eletrônico disponível na URL: <http://digitalcollections.trentu.ca/islandora/object/etd%3A222>. Acesso em 01 de agosto de 2016.

GRACE, Nancy M. Snapshots, Sand Paintings, and Celluloid: Formal Considerations in the Life Writing of Women Writers from the Beat Generation. In: GRACE, Nancy M; JOHNSON, Ronna C. (eds). *Girls who Wore Black: Women Writing the Beat Generation*. Nova Jersey: Rutgers, 2002. p. 141-177.

HAVERTY-KEROUAC, Joan. *Nobody's Wife: The Smart Aleck and the King of the Beats*. California: Creative Art Books Company, 2000.

HEMMER, Kurt. The prostitute speaks: Brenda Frazer's Troia: Mexican memoirs. In: LUKIN, Josh; DELANY, Samuel R. *Fifties fictions*. n. 18. Washington: Paradoxa, 2003.

HUNT, Tim. Many drummers, a single dance? In: GRACE, Nancy M; JOHNSON, Ronna C. (eds). *Girls who Wore Black: Women Writing the Beat Generation*. Nova Jersey: Rutgers, 2002. p. 251-260.

JOHNSON, C. Ronna; GRACE, M. Nancy. *Girls who Wore Black: Women Writing the Beat Generation*. New Jersey: Rutgers, 2002.

JOHNSON, C. Ronna. Mapping Women Writers of the Beat Generation. In: GRACE, Nancy M; JOHNSON, Ronna C. (eds). *Breaking the Rule of Cool: Interviewing and Reading Women Beat Writers*. Mississippi: Jackson, 2004. p. 3-42.

JOHNSON, Joyce [Glassman]. *Minor Characters: a Beat Memoir*. Nova York: Penguin Books, 1999.

_____. *Missing Men: a Memoir*. Nova York: Penguin Books, 2005.

JONES, Hettie. *How I Became Hettie Jones*. Nova York: Grove Press, 1990.

KEROUAC-PARKER, Edie. *You'll Be Okay: My Life with Jack Kerouac*. São Francisco: City Lights Books, 2007.

KNIGHT, Brenda. *Women of the Beat Generation: the writers, artists and muses at the heart of a revolution*. São Francisco: Conari Press, 1996.

LEE, Robert A., (ed.). *The Beat Generation Writers*. Londres: Pluto Press, 1996.

MCNEIL, Helen. The Archeology of Gender in the Beat Movement. *The Beat Generation Writers*. (ed) A. Robert Lee. London: Pluto Press, 1996. 178-199.

MLAKAR, Heike. *Merely Being There is Not Enough: Women's Roles in Autobiographical Texts by Female Beat Writers*. Florida: Boca Raton, 2008.

MULHERES DA GERAÇÃO BEAT. *Jornal RelevO*, Curitiba, mar. 2016. Documento eletrônico disponível na URL: https://issuu.com/jornalrelevO/docs/relevO_escritoras_da_gera_o_beat. Acesso em 06 de abril de 2016.

PEABODY, Richard. *A Different Beat: Writing by Women of the Beat Generation*. Londres: High Risk Books, 1997.

RAK, Julie. Are memoirs autobiography? A consideration of genre and public identity. *Genre*. n. XXXVI. Outono/inverno. 2004. p. 305-326, Universidade de Oklahoma. Documento eletrônico disponível na URL: https://www.academia.edu/2381597/Are_Memoirs_Autobiography_A_Consideration_of_Genre_and_Public_Identity. Acesso em 28 de agosto de 2016.

ROSÁRIO, André Telles do. Pé nas Encruzilhadas: Ressonâncias de On the Road na América Latina. In: Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional, 13., 2013, Paraíba. *Anais...* Paraíba: Universidade Estadual de Paraíba, 2013, p. 12. Documento eletrônico disponível na URL: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434328088.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2016.

STEWART, Katie Jennifer. *A kind of singing in me: a critical account of women writers of the beat generation*. Escócia: Universidade de Glasgow, 2007. Documento eletrônico disponível na URL <<http://theses.gla.ac.uk/2805/1/2007stewartphd.pdf>>. Acesso em 10 de setembro de 2014.

_____. A negative score on the happiness list. *Beatdom*. n.16. verão. 2015. p.59-68

WEAVER, Helen. *The Awakener: A Memoir of Kerouac and the Fifties*. São Francisco, Califórnia: City Lights Books, 2009.

WILLER, Claudio. *Geração Beat*. Porto Alegre: L&PM, 2010.